



RC BOLDT

*Isto não é apenas vingança.
É justiça.*

fúria
indomável



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



RC BOLDT

*Isto não é apenas vingança.
É justiça.*

fúria
indomável



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



RC BOLDT

*Isto não é apenas vingança.
É justiça.*

fúria
indomável



Table of contents

1. DEDICATÓRIA
2. NOTA DA AUTORA
3. PRÓLOGO
4. CAPÍTULO 1
5. CAPÍTULO 2
6. CAPÍTULO 3
7. CAPÍTULO 4
8. CAPÍTULO 5
9. CAPÍTULO 6
10. CAPÍTULO 7
11. CAPÍTULO 8
12. CAPÍTULO 9
13. CAPÍTULO 10
14. CAPÍTULO 11
15. CAPÍTULO 12
16. CAPÍTULO 13
17. CAPÍTULO 14
18. CAPÍTULO 15
19. CAPÍTULO 16
20. CAPÍTULO 17
21. CAPÍTULO 18
22. CAPÍTULO 19
23. CAPÍTULO 20
24. CAPÍTULO 21
25. CAPÍTULO 22
26. CAPÍTULO 23
27. CAPÍTULO 24
28. CAPÍTULO 25
29. CAPÍTULO 26
30. CAPÍTULO 27
31. CAPÍTULO 28
32. CAPÍTULO 29
33. CAPÍTULO 30
34. CAPÍTULO 31
35. CAPÍTULO 32
36. CAPÍTULO 33
37. CAPÍTULO 34
38. CAPÍTULO 35
39. CAPÍTULO 36
40. CAPÍTULO 37

41. CAPÍTULO 38
42. CAPÍTULO 39
43. CAPÍTULO 40
44. CAPÍTULO 41
45. CAPÍTULO 42
46. CAPÍTULO 43
47. CAPÍTULO 44
48. CAPÍTULO 45
49. CAPÍTULO 46
50. CAPÍTULO 47
51. CAPÍTULO 48
52. CAPÍTULO 49
53. CAPÍTULO 50
54. CAPÍTULO 51
55. CAPÍTULO 52
56. CAPÍTULO 53
57. CAPÍTULO 54
58. CAPÍTULO 55
59. CAPÍTULO 56
60. CAPÍTULO 57
61. CAPÍTULO 58
62. CAPÍTULO 59
63. CAPÍTULO 60
64. CAPÍTULO 61
65. CAPÍTULO 62
66. CAPÍTULO 63
67. Doze anos depois
68. CAPÍTULO 64
69. SOBRE O AUTOR

Guide

1. Cover
2. Beginning

Copyright © Réserver Editora, 2024

Copyright © RC Boldt 2020

Todos os direitos reservados

Produção Editorial Selo Reserver

Tradução Samantha Silveira

Revisão Grupo Editorial Réserver

Capa: Dri. K. K. Design

Diagramação Grupo Editorial Réserver

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo Acordo Ortográfico da língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações deste original são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre eles.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, locais, eventos e incidentes são frutos da imaginação da autora ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma que seja, sem a permissão expressa por escrito de RC Boldt, exceto para uso de breves citações incluídas em análises críticas e resenhas.

DEDICATÓRIA

Ao Matty, meu maior torcedor. Seu amor e apoio são coisas que nunca tomo como garantidas. (P.S. Eu te amo mais.)

Para A, você foi a minha inspiração para Willow. Que você possa pedir beijos de boa noite por muitos anos. Eu te amo mais do que tudo e um pouco além.

Para o meu pai, se não tivesse me ensinado todas essas habilidades incomuns, eu teria sido uma criança típica, e ambos sabemos que acabaria triste e, ah, chatíssima. Amo você para sempre.

NOTA DA AUTORA

A organização criminosa Máfia Dixie existe de verdade. Surgiu em Biloxi, Mississippi e se expandiu para atuar em grande parte da região sul dos Estados Unidos, é envolvida em atividades criminosas como: tráfico de pessoas, lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e muito mais.

Tomei a liberdade de colocar a Máfia Dixie ocupando partes do litoral da Carolina do Sul para criar uma história mais coesa e realista.

*“Você nunca sabe quanta força tem até que ser forte é sua
única opção.” - Bob Marley*

PRÓLOGO

Morte.

Sufrimento.

Vingança.

Esta não é um história para aqueles de coração mole, críticos, ou quem se recusa a pensar fora da caixa e olhar para a situação como um todo. Àqueles que pensam que tudo é preto no branco. Simples. Concreto.

Não é. Tons de cinza sempre existem.

É mais fácil dizer “eu nunca” quando se está sentado em segurança em casa com as pessoas que você mais ama ao seu lado. Quando a dor não se entrelaçou tão fundo no tecido do seu DNA que jamais será capaz de se libertar dela. É algo impossível. E mesmo se tentasse, você só acabaria num caos de confusão e desgaste.

É fácil dizer que nunca andaria na traiçoeira corda bamba moralista. Mas você quem mergulhou nas profundezas do inferno, cheio de sofrimento pela perda e com raiva da injustiça, e que conseguiu escapar apesar de tantas dificuldades.

Esta história não está escrita em páginas brancas imaculadas com caneta preta. Marcados, dilacerados e ensanguentados, seus capítulos contêm ranhuras profundas infligidas pela traição.

Esta história é sobre uma mulher que teve tudo tirado dela.

E como recuperou tudo.

CAPÍTULO 1

Ela

Presente

OUTUBRO

— Vá se foder, vadia! — Os olhos dele me atacam com ódio puro, e tenho certeza de que está bravo por uma infinidade de razões.

Uma delas pode ser por causa da flecha letal de ponta larga perfurando sua coxa e prendendo-o à cadeira, uma flexa desconfortável, pelo que parece.

Mas o verdadeiro chute na cara é que uma mulher está fazendo tudo isso com ele.

Eu.

— Ora, ora. — Meu tom escorre condescendência. — Isso é jeito de falar com uma dama? Só estou dizendo que a Máfia Dixie deveria pagar mais do que isso. — Com o arco na mão, gesticulo para o interior da casa em que estamos. É tão simples que parece institucional. — Além disso — converso, refletindo. — Acho que esse lugar precisa de um toque feminino. Não acha?

— Vá se foder!

Quando bato a extremidade de aço do arco em seu joelho esquerdo, ele uiva.

— Você deveria ampliar seu repertório de respostas, sério. — Eu o encaro com o um olhar de tristeza exagerada. — Acho que só está me culpando por sua segurança horrenda e patética.

O merda do parceiro dele rosna para mim, dentes e gengivas mostrando a evidência de sua relação monogâmica com mascar tabaco. O sangue escorre da ferida em seu ombro, onde uma flecha o prende no encosto da cadeira.

— Não gostamos dessa merda fedorenta!

Eu o encaro.

— Ah, pelo amor. Talvez eu devesse te dar uma surra com um dicionário.

O imbecil com a flecha fincada na coxa olha para o outro homem.

— Ela disse *horrenda*, não fedorenta, seu burro! — Então ele se vira para mim. — Você não vai se safar dessa. O chefe perceberá que sumimos e mandará homens atrás de você.

Quando minha boca forma um sorriso carregado de pura ameaça, as expressões dos homens mudam em um piscar de olhos.

— Ah, estou contando com isso, rapazes.

Nem sempre fui assim. Vivia uma vida simples. Eu era casada

com um homem maravilhoso e tinha uma linda garotinha.

Meu pai era o típico avô amoroso.

Então, um dia, como num passe de mágica, tudo desapareceu. *Eles* tiraram tudo de mim e quase conseguiram tirar minha vida, também.

Às vezes, eu queria que tivessem conseguido isso. Queria ter morrido junto com eles. Em vez disso, fui deixada para trás, enterrada sob os escombros sufocantes da dor e devastação.

Agora estou extinguindo a vida daqueles que participaram de tirar a minha família de mim.

Está na hora de garantir que a justiça seja feita, finalmente.

CAPÍTULO 2

Caitlin Ashford

SETE ANOS ANTES

Seaside Cove

(Fronteira com Wilmington, Carolina do Norte)

— Estou tão orgulhosa de você. — Estaciono o carro, olhando para garantir que o bolo ainda está intacto no banco do passageiro, e sorrio de volta para minha filha de seis anos, Willow.

Ela sorri.

— Obrigada, mamãe.

Desço do carro antes de ajudá-la a sair do banco de trás.

Alegria e emoção genuínas marcam sua expressão enquanto segura o cartão de cartolina em suas mãozinhas.

— Não vejo a hora de mostrar meu prêmio ao papai e ao vovô!

Contornamos o carro estacionado atrás do Bullard's Gun & Pawn, a loja da nossa família, para entrar pela porta detrás.

Meu avô abriu esta loja depois que voltou da guerra e, eventualmente, passou para o papai.

Depois que se aposentou do Corpo de Fuzileiros Navais, meu pai expandiu a variedade de itens vendidos e os negócios começaram a crescer.

Nunca imaginamos que uma tragédia aconteceria enquanto eu estava na faculdade, mas a menos de um mês da minha formatura, tudo desmoronou quando minha mãe faleceu de aneurisma cerebral.

Meus planos de trabalhar em uma empresa e colocar meu diploma de analista de sistemas em prática foram imediatamente cancelados. Voltando do estado de Apalaches para ajudar o papai, que se recuperava da perda repentina da mamãe, ajudei seu então, braço direito, Deacon Ashford, a cuidar da loja.

Embora Deacon e eu tenhamos estudado juntos, não frequentávamos os mesmos círculos de amizades. Ele era mais quieto naquela época, enquanto eu era líder de torcida e presidente de classe. Desde que eu estava na faculdade, ele passou do garoto bonitinho do ensino médio para um homem bonito em quem meu pai confiava.

Trabalhando lado a lado com ele, vi com meus próprios olhos como Deacon era maravilhoso, e não demorou muito para nos apaixonarmos perdidamente.

— Vovô! — Willow corre pelos fundos da loja até a porta exclusiva de *funcionários*, seus sapatos ecoando carpete de madeira desgastado.

Coloco minha bolsa e chaves atrás de uma das vitrines perto do caixa, vendo a loja sem movimento. Meu pai muda suas feições antes de se afastar de Deacon e virar para Willow. Seu sorriso é largo quando estende os braços para ela.

— Como está minha garota favorita?

Ela abraça a cintura dele, e já começa a mostrar o prêmio de Estudante do Mês.

Solto um pequeno suspiro quando meu marido prende meu olhar e dá um sorriso fraco para mim. Deacon e meu pai, às vezes, batem de frente, e embora nunca dure por muito tempo, é de se esperar quando dois “chefes” estão tentando trabalhar e administrar um negócio juntos. Além do mais, papai morando com a gente significa que ele nunca para de pegar no pé de Deacon.

Meu marido vem até mim e me puxa, dando um beijo. Eu me derreto ao sentir seus lábios nos meus, querendo que o beijo durasse um pouco mais.

Admito que tenho passado por dificuldades no último ano. Não é que eu não ame o Deacon, eu *amo* sim. É só que tem alguma coisa... faltando. Nosso casamento me faz pensar em quando você visita uma casa à venda, uma que é muito bem decorada, mas sem personalidade verdadeira. As paredes não são adornadas com fotos de uma família sorridente e obras de arte pintadas a dedo não estão penduradas na porta da geladeira. Não há um velho cobertor desgastado dobrado e envolto sobre a parte de trás do sofá que não podemos suportar para se livrar, porque ele contém tantas memórias e é perfeitamente macio.

Tenho sentido que o medidor do meu casamento está pendendo precariamente para *E*^[u], e não sei como remediá-lo. Eu entendo que haverá altos e baixos, e depois de estar juntos por nove anos, a ideia de se divorciar de Deacon e atrapalhar a vida de Willow – fazendo-a dividir o tempo entre seus pais – queima meu coração. Mas eu estou me sentindo extremamente desanimada, como uma terceira parte no meu casamento.

— *A Terapia de casal é para pessoas com cônjuges infiéis. Não é para pessoas como nós.*

Foi o que Deacon me disse quando tive coragem de falar com ele sobre isso há alguns meses. Então ele insistiu que eu estava estressada e prometeu me dar mais massagens nas costas e nos pés.

Isso me fez sentir como uma esposa horrível e ingrata porque, por mais que eu o apreciasse oferecendo esses favores, não era o que eu precisava ou queria. Antes que eu pudesse tentar explicar, Willow entrou em nosso quarto em lágrimas por causa de um pesadelo, interrompendo efetivamente nossa conversa.

Nunca mais conversamos de novo.

Eu só quero ser *desejada*. E talvez seja uma fase estranha pela

qual estou passando na vida, ou talvez eu esteja lendo muitos romances e criei expectativas muito altas, mas uma vizinha traiçoeira em meu subconsciente está sussurrando: *E se Deacon não for o amor da minha vida?*

Por mais terrível que pareça, é a razão pela qual continuei a tirar dinheiro do meu trabalho de meio período. *Para o caso de eu fazer o impensável e pedir o divórcio.*

Então, eu continuei limpando os escritórios da empresa de banco de investimento a vinte minutos de distância em Wilmington, o que não é trabalho duro, de forma alguma. Eu tinha começado a trabalhar lá nos fins de semana, quando eu era *júnior* no ensino médio, e eles me pediram para continuar a trabalhar para eles, enquanto eu estava em casa nas férias de verão da faculdade.

Deacon chama isso de “dinheiro divertido” e sempre insistiu que eu o mantivesse separado de nossa conta conjunta, mas eu nunca fui do tipo de gastar dinheiro comigo mesma. No ritmo que estou indo, poderei cobrir o custo de todos os livros da Willow quando ela eventualmente frequentar a faculdade e até mesmo a pós-graduação.

Um bônus de trabalhar na empresa, no entanto, é que às vezes eu uso meu diploma de análise de sistemas de computador para ajudar um dos executivos com um problema. Claro, é segredo, já que eu não deveria estar a par do funcionamento interno de sua rede e outras coisas, mas quando você cresce em uma cidade pequena, todo mundo sabe o negócio de todos. Você sabe quem é confiável e quem é uma cobra na grama, apenas esperando para atacar e trair você. Felizmente, estou entre aqueles que eles consideram dignos de confiança.

Deacon passa os braços pela minha cintura.

— Cash e eu vamos jogar golfe no sábado de manhã em Ocean Isle.

Eu faço uma careta.

— Eu disse que Kenneth me pediu para vir no sábado. E o papai tem planos com o Doc, então preciso que cuide da Willow.

As sobrancelhas de Deacon se franzem.

— Não pode levá-la com você?

Eu arregalo meus olhos em exasperação.

— Deacon. Você sabe que não posso.

Um suspiro escorre de seus lábios, atado com irritação.

— Certo, desculpe. Direi ao Cash que preciso cancelar.

A decepção gira dentro de mim, misturando-se com frustração e tristeza. Suas prioridades se tornaram tão distorcidas ultimamente.

Então, como se eu tivesse simplesmente imaginado o traço de irritação de um momento antes, seus olhos castanhos se prendem aos meus, e o mal brilha em suas profundezas.

— Talvez mais tarde esta noite...

Seus lábios suaves varrem minha bochecha antes de parar na minha orelha enquanto ele murmura roucamente,

— Minha esposa vai me deixar fazer o que quiser com ela.

Eu murmuro um som de aprovação enquanto murcho um pouco por dentro.

— Isso soa tentador. — Porque mesmo que o sexo tenha ficado quente como sempre, ainda há essa desconexão, como se algo tivesse mudado entre nós.

O que há de errado comigo?

Sinto falta dos momentos em que fazíamos amor e seu toque simplesmente parecia diferente. Não eram duas pessoas usando uma a outra para escapar. Era um marido e uma mulher que conheciam os corpos um do outro por dentro e por fora. Mesmo que fosse uma rapidinha enquanto Willow cochilava, ainda havia uma ternura única em cada toque, como se ele saboreasse cada momento comigo.

Deacon se inclina para trás e olha brevemente para onde Willow está falando com papai, detalhando animadamente uma anedota de algo que aconteceu no playground.

— Prontos para mostrar à nossa garota o que temos? — murmuro.

— Com certeza.

Eu bato palmas, e papai e Willow se voltam para nós.

— Então, estivemos conversando, e todos concordamos que você provou ser responsável e ter uma boa cabeça em seus ombros para o nosso presente especial. Especialmente depois de tirar nota máxima em seu boletim e agora receber o prêmio de Aluno do Mês pelo traço de caráter de honestidade.

— Um presente especial? — Os olhos de Willow se arregalam, e ela praticamente salta de pé com excitação — Oh, mamãe! O que é?

Um momento depois, o olhar no rosto de Willow é tudo.

— Um arco e flecha? — Maravilha está gravada em seu rosto enquanto ela olha em volta para nós três — E uma aljava também?

Meu pai assente.

— Este é o tamanho perfeito para você, e podemos praticar mais neste fim de semana.

Papai e seu bom amigo, Doc Hogue, têm trabalhado com ela nos últimos meses, usando meu antigo arco – o mesmo com o qual eu comecei quando tinha a idade dela – e Willow realmente se interessou por isso.

Willow agarra o novo arco como se fosse feito de ouro.

— Muito obrigada!

— Ela não é incrível? — murmuro para Deacon. Memoriando a expressão dela, tão animada e iluminada de felicidade neste momento.

Esta é uma daquelas vezes que eu sei que vou lembrar por muitos anos.

Endireitando-me quando de repente eu percebo o que eu esqueci no carro, eu me viro para o meu marido.

— Esqueci o bolo no carro. Eu já volto.

— Quer que eu pegue para você? — pergunta Deacon.

— Não, está tudo bem. Volto num segundo. — Antes que eu possa dar um passo, Willow se joga na minha cintura, me abraçando com força.

Acaricio seus cabelos sedosos e sorrio para ela, mesmo que seu rosto esteja praticamente enterrado na minha cintura.

— Muito obrigado pelo meu arco e flecha, mamãe. — Sua voz está um pouco abafada.

— De nada, docinho. Que bom que gostou.

Ela finalmente levanta a cabeça e sorri para mim.

— Eu amo você.

— Eu também te amo — Eu me inclino para beijar sua bochecha — mais do que o mundo inteiro e o universo.

Ela sorri ainda mais.

— Eu te amo mais.

Olho para ela brincando.

— Te amo mais — Ela ri e se afasta para abraçar e agradecer Deacon. Eu me aproximo e pego as chaves do meu carro por trás da vitrine, mas não vou longe antes que meu pai me pare e me puxe para o lado, fora do alcance da voz de Deacon e Willow.

Ele abaixa a voz, sua expressão sóbria.

— Eu quero que você seja extremamente cuidadosa e atenta ao seu redor.

Eu estudo o rosto dele, procurando por pistas, mas não vejo nada.

— O que há de errado?

Ele olha para onde Willow está com Deacon à alguns metros de distância, ajudando-a a organizar suas flechas em sua nova aljava.

— Já falei com o Deacon. Eu não queria te preocupar, mas... — Ele esfrega a mão sobre a cabeça careca.

Desconforto me arrepia, e eu me aproximo.

— Me preocupar com o quê?

— Alguns homens têm me incomodado sobre deixá-los... — ele vacila, como se escolhesse suas palavras com cuidado. — Usar nossa loja para alguns dos seus negócios. Disseram que ofereceriam um incentivo se concordássemos. — As feições dele endurecem, sua voz se torna dura — Não é o tipo de negócio que queremos por aqui. Então, eu disse não para eles. De novo. — Ele inspira uma respiração trêmula, olhos azuis agitados de preocupação — Mas desta vez não é

como a última. Eles me disseram que eu me arrependeria de dizer não.

Meu peito parece que um trio de elefantes decidiu morar nele. Um milhão de perguntas vêm à minha mente.

— Mas quem...

Lançando um olhar preocupado para Deacon e Willow antes de centrar seu olhar em mim, ele me leva de volta para trás do balcão. Ele estende a mão e retira o iPad que é estritamente para monitorar o sistema de vigilância por vídeo da loja.

Tocando na tela, ele abre a filmagem de ontem e pressiona *Play* depois de silenciar o volume.

Ele sempre prefere abrir sozinho, é a primeira coisa de faz de manhã, dizendo que gosta do tempo de silêncio. Mas agora, ver os dois homens entrarem na loja enquanto meu pai está sozinho me perturba. Cada um deles usa óculos escuros, não se preocupando em removê-los quando estão dentro.

Um homem usa uma camisa cortada, os buracos do braço esfarrapados, e um boné azul NC State escondendo a cor de seu cabelo curto. Ele tem uma das polainas de pescoço que os homens às vezes usam quando caçam para manter seus pescoços quentes puxados para cobrir a metade inferior do nariz e mascarar grande parte de sua mandíbula.

O outro homem usa um boné semelhante com o NC State bordado e uma camiseta branca que já viu dias melhores, as mangas curtas desgastadas nas bordas. Olho para a tela, notando a tatuagem de uma estrela e algumas linhas espreitando sob sua camisa perto de seu pescoço.

Eles se comportam como se não tivessem nenhuma preocupação no mundo, relaxados e arrogantes enquanto estão no balcão em frente ao meu pai. No entanto, aquele com a polaina no pescoço se posiciona em um ângulo, abaixando-se ligeiramente para que apenas seu perfil possa ser visto. Eu me pergunto se ele está tentando esconder uma característica de marca registrada. Parece estranho que apenas um deles esconda o rosto.

Em um momento, o que está de camiseta fica com raiva e fica na cara do meu pai, mas antes que eu possa ver mais, papai para a filmagem.

Meus olhos se aproximam dos dele, estudando suas feições tensas e agitadas enquanto ele rapidamente desliza o iPad de volta para baixo do balcão. Suspirando, ele olha para mim.

— Apenas... esteja atenta do seu redor. A gente pode conversar depois.

Com uma expressão sombria gravada em seu rosto, ele agarra minha mão, apertando-a rapidamente.

— Por favor, tenha cuidado, garotinha.

— Eu vou — sussurro de volta.

Nuvens de preocupação diminuem ligeiramente de suas feições quando ele olha para Willow e seus lábios se curvam para cima.

— Ela me lembra muito de você.

Meu sorriso está tingido de orgulho e muito amor pela minha doce garota.

— Ela é a melhor. — Então adiciono — Preciso pegar o bolo do carro. Já volto.

Eu me viro, mas algo me faz voltar e dar um beijo rápido na bochecha dele.

— Te amo, pai.

Seus olhos, com aquelas linhas finas se abanando das bordas, suavizam.

— Eu também te amo.

Antes de dar mais de dois passos em direção à porta que leva à parte de trás da loja, as janelas se quebram. Um instante depois, uma súbita cacofonia de flashes e barulho estridente me assalta antes que os tiros se misturem com gritos de meu pai e Deacon.

A dor queima minha cabeça, e quando eu atordoadamente alcanço minha têmpora, algo me atinge, e o impacto me arremessa de volta contra o batente da porta. O piso de linóleo é implacável quando o lado do meu corpo bate nele com tanta força que meus dentes chocam.

Corpo cheio de agonia, meu ombro esquerdo parece ser feito de chumbo. Meu braço é inútil, mas nada pode me impedir de rastejar de volta para onde minha família está agora.

— Willow! — grito, mas minha voz é abafada pelos tiros. Mal consigo me concentrar em meio à camada confusa de fumaça que nos rodeia e ao barulho obscuro.

O som de tiros ecoa, fazendo meus ouvidos zumbirem dolorosamente. Uma fração de fumaça se dissipa, oferecendo-me um vislumbre de um atirador perto do corpo de Willow. Ele vira a cabeça quando um segundo homem se aproxima dele e, através do meu atordoamento abalado, vejo uma tatuagem perto de seu pescoço.

Quando meus olhos se voltam para o outro homem usando uma polaina no pescoço, algo nele me parece familiar. Eu me pergunto se estou vendo coisas, mas assim que me concentro no seu rosto, os homens se viram e desaparecem de vista.

À medida que a fumaça se dissipa ainda mais, um soluço miserável emerge do fundo de mim ao ver o corpo da minha filha deitado tão completamente imóvel, cercado por uma poça de sangue. Seus dedos minúsculos estavam segurando seu novo arco apenas momentos atrás.

— Willow! — Grito novamente, desejando que meu corpo

coopere e me aproxime dela. Enquanto me arrasto centímetro por centímetro, meu único foco é chegar à minha filha, mas uma dor quase debilitante me assola, ameaçando tomar conta de mim.

A loja está dizimada, parecendo como uma zona de guerra com destroços cobrindo cada centímetro. Deacon está a poucos metros de distância de Willow, e quando eu chamo seu nome e não recebo resposta, meu pânico aumenta. Quando meus olhos se fixam em meu pai, assim como meus lábios se separam para dizer seu nome, eu congelo, toda a respiração falhando em meu peito. Porque no centro de sua testa há um buraco.

— *Não!* — Eu grito, minha mente está muito entorpecida para compreender a cena diante de mim. Tremores quebram meu corpo violentamente, o choque se instalando tão profundamente, que meus dentes começam a tremer quando eu desabo no chão de barriga para baixo.

— Não, não, não — não consigo desviar o olhar deles, meu corpo está congelado no lugar. Mesmo que uma parte de mim saiba que não é possível, eu quero que eles se movam. Minha filha vai se sentar, gritar meu nome e me dizer que está bem. Preciso que tudo isso seja um pesadelo do qual eu possa acordar.

Minha visão fica turva um momento antes que a dor me domine e a escuridão me puxe para baixo.

CAPÍTULO 3

Caitlin

Há algo a ser dito para o cérebro humano e sua resiliência. Por sua capacidade de curar e bloquear a dor, seja ela emocional ou física. Para relembra-los detalhes de uma memória que você não revisita há anos.

Para identificar pistas tão chocantes que você questiona tudo. Especialmente sua própria sanidade.

Ao acordar no hospital, sei inerentemente que tudo mudou. Eu sei disso no fundo das minhas vísceras, mesmo antes de abrir os olhos para encontrar dois homens pairando perto da porta do meu quarto, falando em voz baixa.

O cheiro pungente de antisséptico preenche meus sentidos, e eu pisco contra a luz fraca na sala. Meu ombro esquerdo está enfaixado, e todo o meu corpo tem uma rigidez que rivalizava todas as vezes que Deacon tentou me fazer correr com ele de manhã. A lateral da minha cabeça parece tensa, como se a pele tivesse sido esticada ao extremo. Quando levanto a mão direita com cautela para investigar, com cuidado para não romper o IV, encontro um curativo na cabeça.

O homem mais alto de terno entra. Ele aparenta estar na casa dos trinta, mas em boa forma. Cabelos loiros bem aparado em um corte que me faz pensar se ele é ex-militar, seus olhos azuis parecem afiados como se ele não precisasse de muito.

— Tenha cuidado, Sra. Ashford. Tenho certeza de que você está curiosa sobre seus ferimentos. — Ele afasta o paletó de lado para mostrar um distintivo da polícia agarrado em sua cintura.

Dirigindo-se ao homem um pouco mais jovem, de cabelos escuros, com cabelos grisalhos prematuros nas têmporas que parece se encaixar da mesma forma, ele diz:

— Por que você não chama o médico para nós? Ele vai querer saber que ela está acordada. — O homem assente antes de sair e fechar a porta suavemente atrás dele.

— Sou o detetive Warren. Fui designado para o seu caso. — O outro cavalheiro — ele gesticula com a ponta da cabeça em direção à porta fechada — é meu parceiro, o detetive Clairborne. Ele foi o primeiro a chegar ao local.

O detetive me estuda cuidadosamente, e eu faço o mesmo. Estou dolorosamente sozinha, agora, mas é a voz do meu pai que ecoa na minha cabeça, servindo para me acalmar enquanto simultaneamente faz meu coração doer com a perda.

Esteja sempre atenta ao seu redor.

Qualquer coisa pode ser usada como arma.

Nunca ofereça sua confiança facilmente.

O detetive Warren puxa uma cadeira ao lado da minha cama e se senta.

— Você estava péssima quando eles te trouxeram. — Ele encosta os cotovelos nos joelhos, os olhos penetrando nos meus. — Senhora, quero dizer o quanto sinto pela sua perda. — Ele faz uma pausa como se tentasse escolher suas palavras com cuidado. — Suspeitamos que a Máfia Dixie estava por trás do incidente, mas tenho que avisá-la. — Ele olha para a porta fechada antes de abaixar a voz. — Qualquer um que tenha tentado enfrentá-los, testemunhas oculares de algumas de suas operações, não saíram exatamente... ilesos.

Ou seja, eles nunca saíram vivos. Ouvi falar da Máfia Dixie em reportagens aqui e ali. Pelo que me lembro, o Norte mais distante em que estiveram ativos em suas operações foi Tennessee e Geórgia. Vagamente, lembro-me de ouvir algo sobre eles serem suspeitos de atividades ilegais na Carolina do Sul.

— Eles supostamente estão intimidando os empresários para serem uma fachada para seus...negócios.

— Que tipo de negócios?

— Lavagem de dinheiro. Contrabando de drogas. Você escolhe, eles têm os dedos em todas as partes.

A porta se abre, chamando nossa atenção.

— Bem, olha quem está de volta conosco. — Um homem de jaleco entra na sala, seus lábios se curvando em um leve sorriso. Ele agarra a prancheta ao pé da minha cama e a desliza antes de se aproximar de mim, em frente onde o detetive se senta. — Sou o Dr. Humphrey.

Dou um breve aceno de cabeça e instantaneamente me arrependo da ação. Senhor, como dói a minha cabeça. O Dr. Humphrey percebe meu estremecimento e explica:

— Você passou por uma grande provação. — Dirigindo-se ao detetive, ele diz: — Se você puder me dar um momento com minha paciente, por favor.

O detetive Warren assente antes de se levantar.

— Voltarei amanhã, se estiver tudo bem para você, Sra. Ashford.

O Dr. Humphrey lança um olhar severo para o outro homem.

— Ela passou por muita coisa. Ela precisará ser liberada clinicamente antes de ser bombardeada com perguntas e ter mais sofrimento.

— Não, está tudo bem — protesto — Amanhã está bom. — O detetive acena com a cabeça para mim e sai da sala, fechando a porta atrás dele.

O médico examina minhas pupilas e me faz perguntas básicas, como meu nome, idade e em que ano estamos. Ele desliga as luzes e descansa a mão na grade da cama.

— Você teve sorte com aquela bala apenas raspando a lateral da sua cabeça. A outra perfurou seu ombro, mas não atingiu nada crucial. — Seus olhos se enchem de simpatia. — É um alívio vê-la acordada e consciente.

— Doutor... — tento que minha voz não embargue ao perguntar — O que aconteceu com minha família?

Ele evita o olhar, respirando fundo antes de soltá-lo lentamente.

— Pelo que entendi, eles não sofreram. — Seus olhos se ergueram para os meus, e uma parte de mim está satisfeita por alguém em sua posição não estar completamente entorpecido pela morte. — Limpando a garganta, ele diz: — Eles foram anunciados...quando os paramédicos chegaram.

Prendo minha mandíbula com tanta força, pressionando meus lábios finos para conter os gritos angustiados que ameaçavam se libertar, leva um longo momento até que eu consiga forçar as palavras.

— Em quanto tempo posso ser liberada?

O médico considera a minha pergunta.

— Enquanto seus sinais vitais permanecerem estáveis, devemos ser capazes de liberá-la daqui em um ou dois dias. — Ele hesita antes de perguntar: — Você...tem alguém a quem você possa ligar para vir buscá-la?

Minha boca se abre antes que eu a feche, percebendo que as duas pessoas em quem confiaria em um momento como este se foram para sempre. Eu poderia ligar para o melhor amigo de Deacon, mas ele provavelmente está de luto pela perda dele quase tanto quanto eu.

Minha melhor amiga, Sara Jane, está em Los Angeles participando de uma conferência de curadoria de arte de uma semana e de um workshop de marketing.

Ela planejava fazer umas miniférias com isso, e eu sei que ela está ansiosa por isso há algum tempo. Sara Jane está ansiosa para levar sua pequena loja para o próximo nível.

Assim que eu sair daqui e a conferência dela acabar, ligarei para Sara Jane.

Juro enquanto mexo meu lábio inferior nervosamente, sabendo que ela vai ficar com muita raiva por eu não ter ligado antes. Sempre odiei confiar nos outros e sou especialmente terrível em pedir ajuda, principalmente quando exige que a outra pessoa saia do seu caminho por mim. Mas não posso suportar estragar esta oportunidade para ela.

Há uma outra pessoa que eu posso chamar, no entanto.

Olhando para o Dr. Humphrey, respondo:

— Sim.

CAPÍTULO 4

Caitlin

Na manhã seguinte, os detetives visitam meu quarto de hospital mais uma vez. Sentados nas cadeiras perto da minha cama, eles vão direto aos negócios.

Detetive Warren fala primeiro.

— Sra. Ashford, seu pai já mencionou alguma coisa sobre a Máfia Dixie? — Ver suas feições intensas e determinadas me dá uma fração de conforto.

— Alguém se aproximou de você ou do seu marido? — Detetive Clairborne faz a pergunta calmamente, olhos escuros atentos, uma caneta e bloco em mãos.

Eu lentamente balanço a cabeça porque nunca fui abordada, e Deacon certamente não havia mencionado nada para mim.

— Não, senhor. Nada nunca... — paro, de repente bombardeada pela memória da última conversa que tive com meu pai naquela noite.

— *Alguns homens têm me incomodado sobre deixá-los usar nossa loja para alguns de seus negócios.*

— *Eles me disseram que eu me arrependeria de dizer não.*

Depois as imagens de vigilância que ele me mostrou.

— Espere. — Minha voz se enche de urgência. — Meu pai mencionou algo, mas não disse nenhum nome. — Transmito a conversa de volta para eles, certificando-me de informá-los sobre as imagens de vigilância, e os homens trocam um olhar rápido antes de tomar algumas notas.

— Esta filmagem, é possível recuperá-la para ver novamente?

— Sim. Ela também está salvo em um backup na nuvem.

O detetive Warren acena com a cabeça e escreve algo.

— Você pode descrever os homens na filmagem? O máximo de detalhes que você puder fornecer ajudará.

Franzindo a testa, percorro minhas memórias, tentando ignorar o latejar que permanece perto da minha têmpora, bem como a dor dilacerante em meu coração com as cenas daquela noite passando em minha mente. Bato os lábios firmemente contra a angústia que ameaçava me alcançar antes de finalmente conseguir falar e descrever o que vi naquele iPad.

A atenção dos detetives é afiada a laser enquanto se agarram a cada palavra.

— Você se lembra de ter visto alguém na noite do tiroteio? Alguém que você pudesse identificar?

Minha respiração fica instável e fecho os olhos para desejar que

meus pulmões draguem o oxigênio. Como se toda a cena estivesse impressa no interior das minhas pálpebras, falo sem olhar para os homens.

— Eu só vi dois homens. — Meus olhos se abrem como uma revelação ao amanhecer. — Eu acredito que aqueles eram os mesmos homens do vídeo de vigilância. Aqueles que ameaçaram meu pai.

— Havia mais alguma coisa que você notou?

Afundando em minhas memórias daquela noite, sinto meu ritmo cardíaco aumentar à medida que a agonia pulsa através de mim. Tento me concentrar em qualquer vislumbre que tive dos homens em meio aos flashes distrativos de luz, ao som dos tiros e ao clarão do cano de suas armas.

Olho para o detetive Warren, minha boca se separando quando percebo que reconheço as armas que os dois homens tinham. Deus sabe, depois de ser criado por um ex-fuzileiro que me ensinou a respeitar e manusear armas desde cedo, fiquei bastante familiarizada com elas. Especialmente porque vendemos – *vendíamos* – uma variedade de armas na loja.

— Eu acredito que cada um deles tinha uma H&K SP5K. Eles pareciam ter pouco menos de dois metros de altura, mas aquele com a tatuagem no pescoço era um pouco menor do que o outro homem.

O detetive Clairborne faz uma anotação em seu bloco antes de trocar um olhar rápido com seu parceiro. Ele volta sua atenção para mim, seu tom hesitante enquanto pergunta.

— Se tivéssemos uma fila de possíveis suspeitos, você estaria disposta a vir à delegacia e ver se consegue identificar alguém?

— Sim. — Meu tom é resoluto, firme e muito mais confiante do que realmente sinto. Mas se isso é o que é preciso para colocar as pessoas que tiraram minha família de mim atrás das grades, então por Deus, eu farei o que for preciso.

— Entraremos em contato assim que colocarmos as coisas no lugar. — Os dois homens se levantam e o detetive Warren retira seu cartão de visita, estendendo-o para mim. — Se você se lembrar de mais alguma coisa, não hesite em me ligar.

Eu aceito e enrolo meus dedos ao redor do cartão rígido como se pudesse oferecer alguma aparência de conforto.

— Se essa é a única maneira de vê-la hoje em dia, tenho algumas reclamações, mocinha — a voz masculina familiar chama por um momento antes de entrar em cena.

Uma sensação de alívio toma conta de mim ao ver nosso médico de família e amigo de meu pai, Doc Hogue. Com seus cabelos grisalhos escuros servindo como o principal indicador de sua idade, ele ainda está em forma como estava anos atrás, permanecendo ativo surfando e correndo.

— Obrigado por vir, Doc — eu digo suavemente quando ele chega ao meu lado da cama.

Ele dá um tapinha na minha mão gentilmente.

— Eu tenho cuidado de você desde que você era um gafanhoto. Não vejo nenhuma razão para mudar as coisas agora.

Os detetives se afastam do quarto, me deixando sozinha com o Doc. Ele me examina da cabeça aos pés da maneira analítica que os médicos fazem.

— Eu estava aqui mais cedo, mas você ainda estava inconsciente. Peço desculpas por não ter chegado mais cedo, mas eu estava lutando com — ele coloca a mão sobre o estômago e enrugua o nariz — um vírus desagradável do estômago.

— Está se sentindo melhor?

Suas feições relaxam em seu sorriso familiar, o afeto gravado em seu rosto.

— Ah, sim. Muito melhor. — Levantando a outra mão para mostrar a bolsa que está carregando, ele inclina a cabeça para gesticular para ela. — Eu trouxe algumas roupas confortáveis para você se vestir quando eles se prepararem para liberar você. Roupas soltas para que não agravem nenhuma dessas áreas enfaixadas ou raspadas. Pelo que ouvi, você deveria estar indo para casa amanhã.

Eu lacrimejo, lágrimas de gratidão por ele estar aqui e me ajudando a superar isso.

— Muito obrigada.

Ele cuidadosamente coloca a bolsa de roupas ao pé da minha cama, dispensando minhas palavras.

— Não é necessário agradecer, mocinha. Eu sei que se os papéis fossem invertidos, você ou seu... — Ele para, mas eu sei o que ele ia dizer.

Você ou seu pai teriam feito o mesmo.

A angústia entra em sua expressão com a perda de seu amigo antes que ele possa disfarçá-la. Ele tem sido mais como um membro estendido da nossa família do que simplesmente um médico que nos tratou ao longo dos anos e fez meu parto e da Willow.

Doc limpa a garganta.

— Você realmente deveria ter alguém que ficasse com você pelos próximos dias. Para cuidar de você. Eu poderia...

— Eu ficarei bem. — Com sua expressão preocupada, abro os olhos, não querendo entrar em uma discussão. Eu só... quero ficar sozinha. Ter solidão enquanto luto com esta montanha intransponível de dor. Estar aqui neste hospital, com pessoas indo e vindo continuamente, não me concedeu isso.

— Voltar para aquela casa pode ser um pouco mais do que você pode lidar.

Eu dou um sorriso fraco.
— Eu tenho que começar em algum lugar.
Ele solta um longo suspiro.
— Creio que sim.

Meio dia depois...

— Posso ajudar em algo mais? — Doc pergunta assim que eu me abaixo no sofá na tarde seguinte.

— Acho que não. — Então eu olho para ele. — Muito obrigada mesmo.

A preocupação está gravada em seu rosto desgastado.

— Você me liga se precisar de alguma coisa. Não importa que horas, você ouviu?

— Eu irei.

Ele hesita como se tentasse determinar se realmente irá me deixar ou não, e então acena com a cabeça.

— Então está bom. Eu passarei para ver como você está amanhã.

Abro os lábios para protestar, sabendo que ele tem seu próprio consultório cheio de pacientes para se preocupar, mas ele acena em um gesto de dispensa.

— Não faz sentido discutir sobre isso, mocinha. — Ele acena para mim uma última vez. Te vejo pela manhã.

— Obrigada mais uma vez.

Uma vez que ele sai, a casa mantém um silêncio que é quase sufocante enquanto as memórias remanescentes são simultaneamente ensurdecadoras. Intercalada neles está a tristeza dolorosa que senti depois de ser negada permissão para ver os corpos da minha família antes de estarem preparados para cremação. Fui informada de que eles estavam muito feridos e que meu médico recomendou que eu não os visse uma última vez.

Talvez seja mórbido, mas sinto-me roubado das minhas últimas despedidas com eles.

Fechando os olhos, posso ver Willow tão vividamente, com tanta felicidade gravada em seu rosto doce quando assávamos e decorávamos biscoitos de Natal juntas. O som de suas risadas quando eu pontilhei a ponta do nariz dela com cobertura verde.

As inúmeras vezes que eu a fazia cócegas, suas gargalhadas acompanhando, e cada vez que eu parava para permitir que ela recuperasse o fôlego, ela dizia:

— *Mais, mamãe! Mais!*

E meu pai, que sempre insistiu em fazer uma de suas sobremesas, especiais – para os jantares de domingo – torta de pêssego, torta de batata doce ou torta de nozes. Ele não era muito

habilidoso na cozinha, mas aquelas três sobremesas eram perfeitas quando as fazia.

Como se fosse ontem, eu me lembro do olhar em seu rosto quando Deacon e eu dissemos que ele seria avô.

Papai estava com os olhos lacrimejantes, um homem que sempre mantinha suas emoções sob controle desde que eu o conhecia. A única vez que o vi chorar foi quando enterramos a mamãe.

Minhas bochechas ficam molhadas de lágrimas enquanto minha mente cintila nas memórias. Lembro-me da expressão de Deacon quando o fiz rir nos primeiros dias do nosso casamento. Era um olhar que era indescritível, segurando uma infinidade de emoções e não se limitando apenas ao amor e adoração.

Como se fosse pouco, sou assolada pelo tormento sobre meus pensamentos de divórcio. Deveria ter me esforçado mais para consertar as coisas entre nós.

Agora é tarde demais.

Abraçando um dos travesseiros no meu peito, eu deixo cair o queixo enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

O rangido do chão de madeira é o que primeiro me desperta de onde adormeci, enrolada em uma extremidade do sofá com o cobertor puxado sobre mim. Ainda grogue com os efeitos da medicação ansiolítica que tomei, sento-me lentamente, pressionando as palmas das minhas mãos nos olhos que parecem inchados e sensíveis de tanto chorar.

Sons sutis atingem meus ouvidos, mesmo no meu estado adormecido.

Botas. Uma pessoa usando o que soa como botas ou sapatos lisos e duros, a julgar pelo menor clique de cada passo, enquanto o outro deve usar solas mais suaves.

Eu enrijeço, tento acalmar minha respiração enquanto meu coração galopa dentro do meu peito, sentindo inerentemente o perigo. Algo sobre a maneira como os passos aterrissam envia um arrepio estranho pela minha espinha abaixo.

Eu gostaria de não ter sucumbido ao desejo de tomar aquele maldito remédio que o médico me receitou, então eu estaria mais alerta e menos lenta. Pior, eu não tinha deixado uma luz acesa. Há apenas um leve feixe de luar iluminado no chão de madeira perto dos meus pés, espiando além de uma ripa das cortinas venezianas que Willow dobrou quando era pequena.

Um homem sussurra:

— Por que diabos eu tenho que...

Ele é cortado por um grunhido antes que outro homem responda com um silvo irritado.

— Porque você sabe o que está em jogo. O chefe disse isso.

Mesmo que eu acorde meus sentidos para decifrar a proximidade dos homens, eles permanecem letárgicos e entorpecidos.

Algo me instiga a sair do sofá. Eu consigo me levantar, mas só dou dois passos quando meu cabelo é agarrado violentamente por trás, puxando minha cabeça para trás.

Algo afiado pressiona minha garganta, e meu suspiro só faz o homem às minhas costas rir suavemente.

— Ah, sim. Acho que conseguimos sua atenção agora. — Seu murmúrio baixo envia desconforto e medo debilitante percorre meu corpo. Eu tenho a sensação de que ele está tentando disfarçar sua voz mantendo-a baixo. A ponta irregular da faca cava na minha pele, e eu choramingo com a sensação de umidade escorrendo pelo meu pescoço.

— Eu não tenho muito dinheiro — consigo um apelo sussurrado. — Apenas pegue minha bolsa. O que quer que esteja nela, pegue.

Sua resposta é uma risada sinistra.

O segundo homem se aproxima, suas botas ruindo suavemente antes de parar perto do meu lado. Inadvertidamente, começo a virar a cabeça na direção dele, mas paro quando a lâmina cava na minha carne.

— Você *não* vai se encontrar com a polícia amanhã. — O homem que segura a faca na minha garganta sussurra ameaçadoramente.

Minha pele fica úmida com o borrifo de saliva caindo com cada uma de suas palavras, e instintivamente deixo cair meu ombro, tentando me afastar dele. É um movimento que me arrependo um instante depois, quando a faca cava mais na minha pele, e eu estremeço com a pontada de dor.

— Você vai esquecer tudo sobre o que *acha que* viu naquela noite. É melhor ser mais esperta que seus parentes, ou não terá outra chance. Está me ouvindo?

Eu choramingo, e ele evidentemente toma isso como minha aquiescência.

— Só para ter certeza de que você sabe que estamos falando sério... — Algo duro bate na minha cabeça com tanta força que a tontura me assalta e eu caio no chão.

A última coisa que me lembro de ver através da minha visão turva antes de desaparecer no esquecimento são botas de aparência chique no pequeno raio de luar.

CAPÍTULO 5

Caitlin

Passos. O som cumprimenta meus ouvidos, causando uma cacofonia de reverberações através do meu cérebro, e eu gemo em resposta. No ataque de dor, cerro meus dentes com tanta força que minha mandíbula começa a protestar.

Uma voz masculina grita.

— Caitlin? — E por uma fração de segundo, minha mente me prega peças.

— Deacon? — Eu consigo dizer em um sussurro alto. Por favor, que tudo isso seja um pesadelo terrível. *Por favor*. Então, ainda mais alto, repito — Deacon?

À medida que passos pesados se aproximam, eu puxo minhas pálpebras pesadas para abrir apenas para estremecer de dor com o brilho da luz do sol brilhando diretamente através daquela maldita ripa curvada esquecida por Deus nas cortinas. Eu choramingo e movo a mão para a parte de trás da minha cabeça, encontrando um grande caroço que se formou.

— O que, em nome de Deus, aconteceu com você?

Reconhecimento passam por mim. *Não é Deacon*. Meu coração estremece ao lembrar que ele se foi. *Todos se foram*.

Doutor Hogue se abaixa, a roupa farfalhando com o movimento.

— Caitlin, você pode me ouvir?

— Sim — eu digo em um gemido. — Por favor, não fale tão alto. Machuca.

Ele alisa meu cabelo do meu rosto, e eu estremeço ao menor toque contra minha pele.

— Onde está doendo?

Ele inspeciona minhas pupilas antes que seus dedos passem com eficiência sobre minha cabeça e descubram o grande e doloroso caroço. Seu olhar avaliador se estreita no meu pescoço antes de deslizar pelo meu corpo em busca de outros ferimentos.

— Estou bem. Apenas uma dor de cabeça assassina.

A voz de Doc está baixa, mas colorida de raiva.

— Quem fez isso com você? — Ele murmura um palavrão em voz baixa. — Eu não deveria ter te deixado sozinha. — Outro palavrão é dito, então ele pergunta: — Se eu ajudar você a se sentar, você acha que poderia fazer isso?

— Hm... — Eu já estou me preparando para a dor que eu sei que vou enfrentar com o menor dos movimentos.

Doc lentamente me coloca em uma posição sentada no chão. Eu

pisco algumas vezes, tentando me acostumar com a luz. Seu rosto aparece, e leva um momento até que eu possa me concentrar nele.

Preocupação grava suas feições, sobrancelhas cinza escuras unidas ferozmente enquanto seus olhos espiam cada um dos meus, provavelmente avaliando minhas pupilas.

— Você acha que pode ficar de pé?

Expiro lentamente.

— Eu acho que sim.

Ele me ajuda a me levantar e me apoia arrastando-me até o sofá, onde eu cuidadosamente me abaixo e me afundo contra as almofadas.

Doc me estuda, aquela ruga cavernoso entre as sobrancelhas me encarando com preocupação.

— Precisamos chamar a polícia. — Ele pega o celular, mas eu levanto a mão para detê-lo.

— Espera. Eu não posso... — Eu me interrompo, dividida entre o medo e o desejo sempre presente de fazer o que sei que é certo.

Droga. O que diabos está acontecendo?

— Eles me disseram para não fazer isso.

Sua carranca fica mais severa.

— Eles *quem*?

— Não sei. — respiro fundo. — Estava escuro e eles estavam atrás de mim. — Um soluço borbulha, e eu tento sufocá-lo, mas falho. — Eu não sei o que está acontecendo.

Doc segura minha mão na dele.

— Caitlin, precisamos entrar em contato com a polícia. Aqueles detetives disseram para você ligar para eles.

— Eu sei. — Minha voz parece tão fraca e cheia de miséria. — Eu sei — repito em uma expiração.

— Você tem o cartão à mão?

Fecho os olhos, sabendo que essa decisão me assombrará ou me ajudar. E o medo persistente me faz pensar que é o primeiro.

Praticamente consigo ouvir a voz do meu pai na minha cabeça. *Faça a coisa certa, menina.* É por isso que murmuro.

— Está no balcão da cozinha.

Em poucos minutos, uma conversa rápida e baixa ocorre antes que Doc retorne ao meu lado.

— Eles disseram que estão por perto, então estarão aqui em breve.

Ele me entrega uma bolsa de gelo coberta por uma pequena toalha de prato, que aceito com gratidão e pressiono suavemente minha cabeça.

— Quer falar sobre o que aconteceu antes de eles chegarem aqui?

— Eu ouvi alguma coisa. Passos, mas aquela receita que o médico me deu para a ansiedade me deixou um pouco...dopada. — Respiro fundo antes de expirar devagar e continuar. — Eu me levantei do sofá, mas eles me pegaram antes que eu pudesse pegar meu telefone. — Eu gesticulo para o balcão da cozinha, onde o deixei, esquecido em minha névoa de dormência. — Havia dois homens. Um me agarrou pelo cabelo e colocou a faca no meu pescoço, e o outro veio ao meu lado. Eles me disseram que eu deveria esquecer tudo daquela noite e não falar com a polícia.

Sua mandíbula apertada, os lábios se achatando em uma linha fina, as narinas queimando ligeiramente.

— Eles ameaçaram você? — Ele mal pronuncia as palavras.

— Sim.

Ele abaixa a cabeça e esfrega a mão na parte de trás do pescoço, murmurando:

— Droga — debaixo da respiração. Uma vez que ele levanta os olhos para travar os meus, a fúria ardente neles quase me rouba a capacidade de respirar.

— Caitlin, seu pai me fez prometer protegê-la se algo acontecesse. — Ele engole em seco. — Eu com certeza...

A batida na porta me fez recuar em resposta, e Doc fica visivelmente rígido, seus olhos não perdem nada.

Uma voz masculina chama do outro lado da porta,

— Sra. Ashford? São os detetives Warren e Clairborne.

Assim que chamam os paramédicos, os detetives documentam meus ferimentos e eu dou o meu relato do que aconteceu.

Depois que os paramédicos chegam, o Dr. Hogue fica parado de forma protetora enquanto eles me examinam.

A sobancelha do Detetive Warren está enrugada desde que ele e o parceiro chegaram. Ele franze a testa antes de se dirigir a mim.

— Sra. Ashford, você se sente em condições de descer até a delegacia? Temos suspeitos sob custódia e gostaríamos de ver se você pode identificar alguém. — Ele faz uma careta. — Vamos entender se você não estiver se sentindo...

— Não, tudo bem.

— Caitlin! Tem certeza? — Uma expressão preocupada marca as feições de Doc.

Eu começo a acenar com a cabeça, mas instantaneamente me arrependo do movimento e tento mascarar meu estremecimento.

— Tenho certeza. — É a coisa certa a se fazer. — Voltando-me para o detetive Warren, pergunto. — Quando você precisa de mim lá? O homem olha para o relógio.

— Poderíamos ter tudo pronto dentro de uma hora. Se você

precisar de uma carona até lá, pode vir conosco.

Pouco mais de uma hora depois, estou atrás do espelho unidirecional, observando a primeira fila. Os homens entram, olham para o espelho e depois se voltam para um lado antes de se moverem para o outro. Eu não reconheço nenhum deles e mordo de volta o tom de derrota e me preocupo que isso acabará sendo inútil.

Quando eles trazem os indivíduos na segunda fila, a visão do suspeito número três faz meus pulmões pararem, como se todo o oxigênio tivesse sido vaporizado.

O medo e a angústia rivalizam dentro de mim, fazendo com que minhas palavras grudem na minha garganta, e eu luto para forçar a resposta a passar pelos meus lábios.

— Ele. Número três. — Eu me viro para o Detetive Warren. — Você pode pedir para ele puxar a camisa para que eu possa ver aquela tatuagem ao longo do lado inferior direito do pescoço?

Eles ordenam que ele dê um passo à frente, aproximando-o do espelho unidirecional e depois se vira. Ele levanta a mão para puxar o colarinho solto e esticado de sua camisa. No instante em que sua tatuagem no pescoço se torna mais visível, meus joelhos oscilam.

— Foi ele. — Engulo em seco. — Essa é a tatuagem. — Meu coração ameaça bater para fora do meu peito, e eu cerro os punhos ao meu lado, lutando contra o desejo desconhecido de machucar esse homem.

Para fazê-lo sofrer por matar minha família.

— É ele — repito. Deus sabe, seu rosto se repete em minha mente em um loop daquela noite que eu sou incapaz de escapar. Seus lábios foram pressionados em uma linha plana, a mandíbula tensa com concentração enquanto ele segurava a arma.

A terceira fila, quando os suspeitos são instruídos a virar para o lado, é quando eu o reconheço. O outro atirador. Ele tem o mesmo perfil e tipo de corpo que o homem que usou a polaina do pescoço duas vezes, para ameaçar papai na loja e depois novamente na noite do tiroteio.

Não pode ser. *Não pode ser ele.*

Minhas respirações passam por meus lábios entreabertos em fôlegos ásperos, o pânico inundando minhas veias enquanto examino todo o seu corpo, seu rosto, tentando dizer a mim mesma que estou enganado. Que ele não poderia ter sido o homem que abriu fogo contra mim e minha família.

— O que foi? — Detetive Warren pergunta.

Eu luto para arrastar oxigênio para meus pulmões enquanto olho para o suspeito número cinco.

— Número cinco — eu respiro, incapaz de tirar meus olhos do homem. Percebi por que ele usava aquele chapéu e óculos escuros.

Porque ele se posicionou do jeito que se posicionou naquela manhã na loja. Porque o lado que ele se afastou do meu pai tem uma marca registrada que ele provavelmente seria reconhecido.

Sem esses disfarces, e agora que ele está de lado, eu vejo. Uma pequena cicatriz reveladora ao longo do lado do rosto.

Cash Boudroux. Ele é – era – o melhor amigo do Deacon desde o colégio. Eu afundo meus dentes de cima no lábio inferior, as lágrimas inundando meus olhos enquanto me recupero da percepção surpreendente.

Meu marido foi assassinado por um homem que ele conheceu a maior parte de sua vida.

O gosto acobreado e a umidade me alertam para o fato de que meus dentes tiraram sangue.

— Como alguém faz isso? — Minha voz está fraca no início antes de eu chicotear minha cabeça para olhar para os detetives. — Como ele pôde fazer isso com meu marido? Com o seu melhor amigo? — Minhas palavras aumentam em volume, ganhando impulso à medida que o choque e a traição correm através de mim. — Como? — Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas quando exijo, mesmo sabendo que eles não podem me responder. Ninguém poderia.

Exceto ele.

Eu me viro para encarar o homem que tirou minha família de mim.

— Número cinco! É ele — Mais lágrimas caem rapidamente pelo meu rosto, mas eu rapidamente as limpo, ajeitando minha postura. — Eu sei como ele conseguiu aquela cicatriz na têmpora, perto da linha do cabelo.

CAPÍTULO 6

Caitlin

AUDIÊNCIA PRELIMINAR DUAS SEMANAS E MEIA DEPOIS

— Você consegue. — Sara Jane aperta minha mão, oferecendo um sorriso reconfortante. Mas posso dizer que ela está tão nervosa quanto eu.

Ela estava compreensivelmente chateada por eu não ter ligado para ela desde o início. Mas sendo amigas há tanto tempo, ela sabia porque, embora ainda me olhasse com um olhar severo antes de me abraçar com mais força do que nunca.

Concordo com a afirmação dela, mas é indiferente, combinando com a minha falta de confiança. Embora eu esteja bem ciente do risco em seguir em frente com isso, não há nenhuma maneira que eu possa recuar. Independentemente de me colocar em perigo com a Máfia Dixie.

Afinal, por que mais eu tenho que viver? Cada pedaço da minha alma se foi. Meu coração foi destruído.

Entro no tribunal com meu advogado, e nos sentamos. Pela minha visão periférica, noto os outros dois homens com seu advogado a poucos metros de distância à nossa direita. Meu peito se contrai, e eu me concentro na madeira estragada da nossa mesa e tento acalmar minha respiração. Os sopros do ar-condicionado através do respiradouro acima de nós, e arrepios sobem ao longo dos meus braços, fazendo-me desejar ter colocado um cardigã sobre meu vestido de manga curta na altura dos joelhos.

Os detetives me garantiram que, com a ajuda do meu advogado, a audiência preliminar deveria prosseguir sem problemas. Tudo o que preciso fazer é manter-me firme em tudo o que já afirmei nos relatórios.

Este é o meu primeiro erro porque um momento depois de me sentar, meu advogado se inclina para sussurrar.

— O vídeo da loja desapareceu.

Meus olhos ficam impossivelmente arregalados e minha respiração gagueja.

— *O quê?* — Eu assobio em descrença.

— Houve uma falha e também foi apagado da unidade de nuvem.— Ele tenta um sorriso reconfortante, mas só serve para aumentar meu desconforto. — Mas não se preocupe. Ainda temos um caso sólido.

Antes que eu possa responder, somos instruídos a levantar quando o juiz faz sua entrada.

Se eu achava que isso era o pior, eu estava terrivelmente errada.

Rapidamente se torna evidente que o advogado que representa Cash Boudroux e o outro homem chamado Buford Freeman tem uma agenda para a qual não estou preparada.

— Sra. Ashford, você está ciente de quanto espera ganhar com as apólices de seguro de vida de seu pai, marido e filha? — Ele sorri, e parece que milhares de formigas se arrastam por cada centímetro da minha pele. — Certamente, você percebe que, como beneficiário, você será premiada. — Ele levanta uma folha de papel para ler a partir dela — uma soma de aproximadamente setecentos e cinquenta mil. Não é verdade, Sra. Ashford?

Eu separo meus lábios, meus olhos correndo para o meu advogado, que simplesmente acena com a cabeça para eu responder.

— Eu honestamente não sei a quantia exata.

— Ou — o homem continua como se eu nem tivesse respondido — que seu pai recentemente liquidou alguns ativos?

O quê? Totalmente perplexa, olho para o homem que sorri, seus dentes brancos e brilhantes praticamente me cegando.

— Eu não sabia disso. — É verdade. Eu certamente não estava ciente disso.

Que diabos meu pai estava fazendo? Mas não consigo pensar nisso, porque o advogado está em cima de mim.

— Você também receberá o pagamento do seguro pelos danos sofridos na loja de sua família. — Ele passeia pelo espaço que separa seus clientes se sentam e se dirige para mim. — Acho fascinante e terrivelmente conveniente que sua família tenha desaparecido milagrosamente de uma só vez, e você está prestes a receber muito dinheiro. — Com um encolher de ombros, ele oferece em um tom descomprometido — Recém-solteira. Ninguém para amarrá-la. Centenas de milhares de dólares em breve estarão em sua conta bancária. — Ele olha ao redor do tribunal. — Parece um sonho se tornando realidade para mim.

Esmago as palavras entre os dentes cerrados, irritado por ele tentar me pintar assim.

— Eu não matei minha própria família! — Coloco meu dedo indicador acusadoramente onde os dois homens se sentam, relaxados em seus assentos como se não tivessem uma preocupação no mundo. — Eu vi aqueles homens matá-los!

— Agradeço que baixe o tom de voz, Sra. Ashford — repreende o juiz Milton. — Este é o meu tribunal, não Jerry Springer.

Risadas soam por toda parte, e eu faço uma careta. O Juiz Milton é jovem comparado aos seus colegas. Recém-nomeado e com trinta e poucos anos, muitos o consideram atraente, com cabelos loiros

arenosos, olhos castanhos e um corpo em forma.

— Sra. Ashford, você informou aos detetives que primeiro as janelas de vidro da loja de penhores de sua família se quebraram antes que algo fosse jogado dentro. Está certa? — Pergunta o advogado.

— Sim.

— E de acordo com seu depoimento dado à polícia, houve flashes fortes e batidas que imediatamente se seguiu ao estilhaçar das janelas de vidro, correto?

— Sim.

Ele ergue uma fotografia para eu ver, seus olhos correndo para frente e para trás entre mim e o juiz Milton.

— Estes foram encontrados no local. São chamadas granadas de luz, Sra. Ashford. Você está familiarizada com o uso desses dispositivos?

Quando olho para o meu advogado, ele acena discretamente, direcionando-me para responder, e eu tenho que lutar contra o crescente desconforto que se espalha por mim.

— Sim.

— Então, isso significa que você está bem ciente de que as granadas de luz são usadas para desorientar temporariamente com os flashes de luz e o barulho alto?

— Sim, mas...

— E de alguma forma, *de alguma forma*, você conseguiu se concentrar o suficiente para identificar os supostos atiradores?

Minha pele se arrepia quando um ar ameaçador desce sobre mim enquanto respondo:

— Sim, eu fiz.

Ele esfrega os lábios em uma linha firme, balançando a cabeça lentamente, e me parece totalmente condescendente.

— Entendo. Então, dentro da loja, em meio ao barulho alto e aos flashes de luz dessas granadas, você conseguiu avistar dois indivíduos e identificá-los com cem por cento de certeza?

Meu estômago parece que um peso de mil libras despencou até o fundo, enchendo-me de pavor.

— Sim, eu tenho. Eu os vi.

Fixando um sorriso de falso em mim, ele responde.

— Tenho certeza de que é nisso que você acredita, Sra. Ashford. No entanto, o flash nessas granadas pode deixar os indivíduos cegos por alguns segundos. Não só isso, mas seus sons altos podem atormentar um indivíduo com surdez temporária. Acho desafiador acreditar que você conseguiu identificar com clareza e precisão meus clientes, apesar das condições e efeitos causados a você. Além disso, eu...—

— Eu vi esses homens matarem minha família! Eles mataram

minha filha! Minha filha de seis anos! — Eu grito. — Eles atiraram em mim! — Eu empurro meu cabelo para trás para mostrar a área que ainda está vermelha de onde a bala raspou meu couro cabeludo. — *Eles são assassinos!*

A batida do martelo do juiz mal se registra na minha névoa de fúria, e o tom gélido do juiz Milton me interrompe.

— Você vai se comportar de acordo, Sra. Ashford.

A agitação no poço do meu estômago torna-se incessante agora, e a sensação de pressentimento pairando sobre mim é quase sufocante.

Pânico puro flui através das minhas veias, e eu me viro para o juiz.

— Você tem que me ouvir. Esses homens mataram minha família! Eu os vi fazer isso! — Eu me levanto e agarro a madeira grossa que nos separa, quase nos acotovelando em desespero para que ele me ouça. — *Por favor!*

Minha súplica não faz nada para quebrar sua fachada irritada; ele continua me olhando com total desdém.

— Você precisa acreditar em mim! — Estendo a mão sobre a divisão de madeira, minha mão estendida procurando seu braço na esperança de que ele finalmente ouça meus apelos. Que ele vai perceber que estou dizendo a verdade. — Eu os vi! Eu vi...

Ele se esquivava de mim com um movimento tão violento que o tecido de seu manto preto se agita audivelmente.

— Sra. Ashford! — ele troveja. — Talvez o tribunal deva fazer um recesso para que você possa se controlar. — Afastando-se de mim, ele ordena. — Oficial de Justiça! Acompanhe a Sra. Ashford ao seu lugar.

O grande homem uniformizado com uma barriga para rivalizar com o Papai Noel me escolta, de maneira nada gentil, de volta ao meu assento. Desabo na cadeira de madeira bem a tempo de ver meu advogado deslizar uma pasta de arquivo sobre seu bloco de anotações, mas não antes de ter um vislumbre de seu rabisco.

Com a boca semicerrada, Juiz Milton encara meu advogado.

— Sr. Maldeman, por favor, certifique-se de que sua cliente se controle melhor assim que retomarmos.— O juiz se dirige ao tribunal, seu tom autoritário praticamente ecoando enquanto anuncia: — Faremos um recesso de cinco minutos.— Ele bate o martelo com tanta força que meu corpo treme em resposta.

Todos nós nos levantamos, e eu observo com indiferença, a derrota me golpeando. O juiz Milton desce de seu banco e eu o encaro, desejando que isso seja um pesadelo do qual eu vou acordar.

É quando eu ouço.

Os passos do juiz enquanto ele se retira para a porta que leva ao seu gabinete... *Meu deus*. Conheço esses passos. Meus olhos correm

para os pés dele, e não consigo desviar o olhar.

É o exato momento que percebo que perdi. Quando se torna evidente que eu nunca tive uma chance de lutar.

Uma compreensão horrível me surpreende quando meu cérebro repete momentos que de alguma forma haviam sido esquecidos ou dispensados da noite em que fui atacada em minha casa. Lembro-me de ouvir o mesmo clique de cada passo, quando aquelas botas lisas e de sola dura que o homem usava entravam em contato com o chão.

E naquele pequeno raio de luar, a última coisa que vi naquela noite foram botas pretas de couro de crocodilo.

As mesmas botas que o juiz Milton está usando.

— *Você!* — Meu grito soa feroz à medida que surge das minhas profundezas. — *Era você.* Você estava lá naquela noite! Você me atacou. — Um dilúvio de indignação assombrosa inunda minhas veias. — Como você dorme à noite?! Como foi capaz? Eles mataram minha família.

O juiz Milton se vira e seus olhos se estreitam nos meus. Fúria e nojo giram profundamente dentro de mim, e eu solto as palavras.

— Foi você.

Os olhos dele cortaram para o meu advogado, a voz cheia de ameaça.

— Maldeman. Controle sua cliente.— Então ele passa pela porta de madeira, e ela se fecha atrás dele com um baque pesado.

Evito o toque do meu advogado quando ele sussurra.

— Você realmente precisa... — Sua voz desaparece quando meu batimento cardíaco ecoa em meus ouvidos, quase me ensurdecendo. Eu praticamente encaro um buraco na porta pela qual o juiz Milton voltará em breve.

O homem encarregado de garantir que a justiça seja feita é o mesmo homem envolvido com os responsáveis pelo assassinato da minha família. O homem que estava na minha casa na noite do meu ataque.

Quase desmaio no meu assento, minha respiração está difícil e meu advogado se inclina para mim.

— Mantenha a calma. Vai ficar tudo bem. — Muito atordoada, com o choque reverberando através de mim, não me dou ao trabalho de responder.

Assim que o juiz Milton retorna e toma sua posição no banco, sua voz dispara por todo o espaço.

— Não há provas suficientes para exigir que os réus sejam julgados. Declaro que este caso seja arquivado e exijo que a Sra. Ashford seja submetida a uma avaliação psiquiátrica completa.

Inclinando um olhar escuro e sombrio para mim, ele acrescenta:

— Para garantir que ela não permita que suas ‘visões’ a

convençam a acusar qualquer outro cidadão inocente de assassinato.

O oficial de justiça se aproxima de mim.

— Senhora, você precisa vir comigo.

Balanço a cabeça furiosamente.

— *Não. Não* — O pânico me atinge, rangendo profundamente.

Os dedos grossos do oficial de justiça apertam meu braço em um aperto implacável.

— Vamos.

Eu me viro para o meu advogado, mal me agarrando ao meu último fio de esperança de que talvez ele me ajude, mas ele simplesmente balança a cabeça. Quando ele murmura:

— Ganhamos alguns, perdemos alguns.

Meu corpo inteiro cede, caindo no chão, quase arrancando meu ombro direito do lugar onde o oficial de justiça ainda o segura. Minha visão se estreita e todo o barulho desaparece quando o choque toma conta.

Mal tenho consciência o suficiente para registrar que fui escoltada para fora do tribunal.

CAPÍTULO 7

Caitlin

Chegar à conclusão de que você está sozinha no mundo é uma coisa. Ficar sozinha até o ponto em que você não tem ideia de em quem confiar é um cenário totalmente diferente.

Depois que eu fui removida do tribunal, os detetives se aproximam, e eu fui entregue a eles, agora sob sua custódia.

— Sra. Ashford, já que estamos familiarizados com o seu caso, eles pensaram que seria melhor nos designar para acompanhá-la para ver o Doutor Winifried no Novo Centro de Saúde Comportamental de Hanove.

O significado é claro: como esses homens se tornaram rostos familiares para mim enquanto trabalhavam no caso, presume-se que não causarei mais problemas.

É um milagre que eu esteja mantendo até mesmo um fio de sanidade agora. Acho que estou em choque. Eu não respondo porque nada que eu possa dizer faria diferença.

Sei disso com tanta certeza quanto o sol nascerá no leste amanhã.

Detetive Clairborne muda ansiosamente de um pé para o outro.

— O juiz Milton está solicitando que você, uh, se submeta a uma avaliação de saúde mental.

Não posso evitar. Eu o encaro com um olhar frio.

— Acha que sou louca? Que eu inventei tudo isso? Que eu queria minha família morta? — Minha voz falha na última palavra.

Ele balança a cabeça e passa a mão pelos cabelos curtos.

— Não, senhora. Mas quando o juiz ordena algo...

Detetive Clairborne dá de ombros. Por mais que eu queira ficar com raiva dele, não posso culpá-lo ou ao parceiro dele. Isso está fora de suas mãos.

— O importante é que você passe na avaliação disse — diz o detetive Warren.

Eu os encaro com um olhar penetrante.

— E você realmente acha que eles vão me achar competente depois disso?

Os detetives trocam um olhar preocupado antes que o detetive Warren murmure:

— Apenas fique calma e passe na avaliação.

Exceto que sei que se eu pisar naquele hospital, ficarei presa para sempre. Hoje foi uma indicação flagrante de que nada está certo por aqui.

É como se a máscara tivesse sido arrancada deste lugar, como

em O Mágico de Oz, quando a cortina é aberta para revelar a verdade. Agora estou vendo Seaside Cove pelo que realmente é.

Corrupta.

Infectada.

E a Máfia Dixie é responsável.

‘Você está planejando recorrer?’

‘Você matou sua família?’

‘Você os matou pelo dinheiro do seguro?’

A imprensa questiona assim que os detetives me escoltam para fora do tribunal. Eu faço o meu melhor para ignorar suas perguntas acusatórias, mas eles ainda cortam fundo.

Sara Jane corre até mim, sua expressão parcialmente atordoada, parcialmente horrorizada.

— Querida, eu sinto muito...— Ela se afasta, sem saber o que mais dizer, e eu estou no mesmo barco, completamente perdida.

Então os repórteres a cercam. O detetive Warren grita para os oficiais ajudarem com o controle da multidão e empurrá-los de volta.

‘Caitlin confessou a você sobre o plano dela?’

‘Você a ajudou a cometer assassinato?’

Fecho meus olhos por arrependimento por minha melhor amiga estar sendo arrastada para essa bagunça horrível.

— Vá! — Eu assobio. Seu olhar assustado corta para o meu, e eu adiciono. — Por favor. Você não precisa que isso afete seus negócios.

Os lábios de Sara Jane se separam, provavelmente para oferecer um protesto, quando os oficiais chegam e começam a ordenar que todos se afastem.

— Vá — repito. — *Por favor.*

Sua expressão é torturada, e eu vou afastar o desejo de chorar porque eu me recuso a dar a esses repórteres qualquer satisfação de que suas acusações desagradáveis tenham atingido o alvo.

Ela finalmente acena com a cabeça.

— Verei o que posso fazer. Arranje um advogado melhor para você.

— Obrigada.— Eu forço as palavras através de uma garganta apertada.

Sara Jane se afasta, virando-se e correndo pela multidão de pessoas antes de desaparecer de vista.

Os detetives me escoltam até o veículo, e o Doutor Hogue aparece assim que o Detetive Warren abre a porta traseira.

Não posso reprimir o receio que Doc provavelmente já ouviu a

fofoca do que aconteceu dentro daquele tribunal.

Mais mortificante do que isso é a possibilidade de ele acreditar no pior de mim.

Abro a boca para dizer a ele para ir e não se associar a mim, mas seu olhar duro me cala. Como se lesse minha mente, ele faz uma careta.

— Nem pense em fazer o que você fez com Sara Jane. Estou estabelecido o suficiente para não me importar com esses — ele acena com a mão indicando a massa de repórteres — *intrometidos*.

Sem me dar tempo para dar uma resposta, ele se vira para falar com os detetives.

— Perdoem-me, senhores, mas eu queria saber se vocês estariam inclinados a passar em casa para deixar Caitlin pelo menos pegar alguns produtos de higiene pessoal e uma muda de roupa.

Desvio os olhos quando a expressão do Dr. Hogue diz tudo o que ele não diz.

Porque ela vai ficar naquele hospital.

Os detetives hesitam, e um arrepio sinistro desce pela minha espinha com a perspectiva de ser trancado com pacientes mentalmente instáveis.

— Vamos lá, rapazes — repreende Doc em um tom gentil, mas estimulante. — Ela tem sido uma cidadã modelo e cooperativa a cada passo do caminho. Não há razão para não permitirmos isso, não é? — Com um olhar penetrante, ele acrescenta: — Até meus amigos no US Marshals permitem isso em circunstâncias como esta.

Minha coluna fica tensa com a menção do Doc aos amigos dele no escritório dos federais em Raleigh. Odeio que ele se envolva nessa bagunça por minha causa.

Detetive Clairborne exala alto.

— Suponho que podemos fazer isso.— Meus ombros relaxam uma fração de segundo, mesmo quando ele nos mostra uma expressão severa. — Mas precisamos ser rápidos.

Doc concorda imediatamente.

— Com certeza.

Eu levanto meu olhar para os detetives.

— Obrigada.— Minha voz está fraca. Frágil. Derrotada.

— Tudo bem se eu acompanhar Caitlin até a casa? — Doc pergunta. — Para apoio moral, é claro.

O detetive Warren abaixa o queixo em um aceno curto antes de se dirigir a mim.

— Vamos.

Finalmente dou uma olhada para Dr. Hogue, e estou surpreso com a expressão dele. Seus olhos me ajudaram a entender o que ele não está dizendo, mas não tenho ideia do que possa ser.

— Estou indo. Ele corre para onde o seu carro está estacionado.

Dentro de alguns minutos, depois que um borrão de paisagens passar pela minha janela, os detetives entram na garagem. Sento-me, esperando que eles abram minha porta. Mais uma vez, estarei entrando em uma casa que estará dolorosamente vazia e silenciosa.

Será desolado do riso e do amor que uma vez a encheu até a borda. Não haverá uma garotinha gritando meu nome quando eu entrar pela porta da frente, pronta para me abraçar com força.

Meu pai não estará lá para me receber com um sorriso e olhos cheios de orgulho e amor.

Meu marido não estará esperando, seus olhos escuros sorrindo para mim enquanto ele me segura em seus braços.

Ninguém mais me cumprimentará nesta casa.

O detetive Clairborne abre a porta do carro e me ajuda a sair, me estabilizando com seu aperto firme na parte superior do braço. Eles me acompanham até a porta da frente, e o Dr. Hogue a destranca com a chave reserva antes de entrarmos.

Doc me olha com preocupação óbvia.

— Por que você não usa o banheiro e pega seus produtos de higiene e tudo mais?

Inclino a cabeça na direção do meu quarto e banheiro, a incerteza me atormentando enquanto me dirijo aos detetives.

— Eu vou...

O detetive Warren acena com a cabeça quando o celular de seu parceiro toca, o som quebrando a névoa estranha que nos cerca. O detetive Clairborne olha para a tela antes de estremecer e se desculpar e pedir licença para atender a ligação.

Eu ando pelo corredor, prendo a respiração ao entrar no quarto e evito olhar para a cama. Assim que chego ao meu banheiro, fecho a porta atrás de mim e me alivio. Assim que me lavo, coloco minhas mãos no topo da penteadeira e me forço a inspirar profundamente.

A leve batida na porta do banheiro me deixa rígida de pavor. *É hora de encarar os fatos. É isso.*

Lentamente abrindo a porta, encontro Doc parado diante de mim com uma trouxa de roupas enfiada sob um braço e uma mão segurando minhas botas cinza-escuras que papai me comprou no Natal passado. Ele entra, me cercando e fecha a porta.

— Escute-me, Caitlin — ele sussurra, sua expressão feroz e tensa. — Eu tenho a bolsa do seu pai pronta. — Você sabe onde está. Ele sempre disse que havia algumas outras coisas que você precisaria adicionar, e você saberia onde encontrá-las.

Eu olho para ele em choque.

— O que? Não posso...

— *Caitlin.* — Meu nome emerge de seus lábios suavemente, mas

soa tão áspero e desesperado que recuo surpresa. — Você precisa sair daqui enquanto pode. Isso não vai acabar bem... — A preocupação sangra em sua expressão. — Meus dois amigos do Marshals estão de mãos atadas. Não consigo obter evidências que se prendam à Máfia Dixie.— Seu olhar está suplicando, e o medo flui através de mim ao vê-lo. — Não é seguro para você ficar aqui.

Eu nunca testemunhei Doc parecer nada além de confiante e composto. Mas o homem que está diante de mim não é simplesmente um amigo da família preocupado comigo porque o julgamento preliminar deu errado. Este é um homem que pode ler através das paredes. E o que ele vê escrito ali está gravado em suas feições: este lugar será a minha morte. Exceto que não me será concedido uma rápida como foi com a minha família.

— Mas e você? — sussurro.

— Vou ficar bem.— Há um ligeiro aumento na boca dele, mas some num piscar de olhos — Você só se preocupe em sair daqui. Vá para longe.

Meu batimento cardíaco acelera tão rapidamente que espero que ele bata para fora do meu peito enquanto o pânico sangra em minhas veias. Mas quando ele me oferece a roupa e se vira para encostar a parede para me permitir trocar, eu não hesito.

Em vez disso, ao vestir as calças escuras, camisa, um boné preto e botas, minha mente volta a todas as vezes em que pensei que meu pai era louco por ainda insistir que uma *'bolsa de viagem'* era necessária para ficar por aqui *'por precaução'*.

Papai não confiava em muitas pessoas, posso contar com uma mão as que ele confiava, e Deacon e eu seríamos duas delas, mas uma outra pessoa em quem ele confiava implicitamente era Dr. Hogue.

Os dois eram os melhores amigos e, desde a minha infância, lembro-me claramente de me sentar na sala de descanso que papai transformou em um espaço de trabalho que abrigava todo o seu equipamento para fazer balas. Dc, pai, e eu sentávamos e trabalhávamos lado a lado por horas a fio, fazendo munição.

Achava divertido estar perto dos dois homens que não me tratavam como uma criança.

Claro, não era convencional pelos padrões da família comum, e minha mãe às vezes tinha que me subornar para fazer mais *'atividades femininas'* como fazer compras, mas como a única filha de um ex-fuzileiro naval, fazer balas tornou-se o tipo de normal da nossa família. Eu estava encarregada da prensa de recarga, onde eu usava cuidadosamente o equipamento para pressionar a bala para baixo no invólucro. Ensinaaram-me a manusear e a sempre respeitar as armas.

— *Não é como nos filmes, garotinha* — papai me disse severamente. — *Isso pode tirar uma vida em um piscar de olhos. Toda*

ação tem consequências, e você tem que estar preparada para elas.— Suas feições se tornaram ferozes, e eu me lembro que todo o meu corpo se endureceu em resposta à ferocidade de sua expressão. — *Mas quando você está em perigo, você atira para matar. Não hesite. Você esvazia a câmara neles, se for necessário.*

Nunca pensei que me encontraria confiando nessas palavras, cambaleando do desespero absoluto de me desenterrar da bagunça em que me envolvi.

Quando estou vestida, Doc inclina a cabeça em direção à porta do banheiro, e eu aceno com a cabeça enquanto me pergunto como estou concordando com isso. O pânico faz minhas mãos tremerem violentamente enquanto enfio fios de cabelo perdidos atrás das orelhas.

Fugindo da polícia? Isso não sou eu. Mas que escolha eu tenho agora?

Doc abre a porta e entramos em silêncio no meu quarto. Eu espio e sondo o corredor em busca dos detetives, mas só ouço suas vozes abafadas enquanto eles falam. Atravesso o corredor na ponta dos pés, até o quarto do meu pai e abro a porta do armário.

Eu rapidamente pego a bolsa que está no fundo de seu armário. Já conheço seu conteúdo: água, bússola, faca e multiferramenta, alimentos liofilizados, e muito mais, todos compactos e leves, e projetados para emergências e desastres naturais.

O assoalho mais à esquerda. Ele me fez memorizar isso e prometeu não contar a ninguém. Rezo para que o pedaço de madeira estúpido fique em silêncio enquanto enfio minha unha na ranhura que meu pai propositadamente colocou lá e a levanto.

Com cuidado, eu alcanço e pego os itens ali. Estes são um tipo diferente de necessidades: algumas pistolas e cliques adicionais de munição, um celular descartável e dentro de uma bolsa à prova de fogo estão alguns passaportes forjados com pseudônimos diferentes e pilhas grossas de dinheiro, bem amarradas com elástico.

Minhas mãos tremem quando percebo que papai tinha esses passaportes feitos para todos nós. Com a garganta apertada de angústia, me obrigo a deixar os outros para trás e só pegar os que ele fez para mim, enchendo todo o resto dentro da bolsa.

Mas o que realmente me faz tremer é o número de pacotes de dinheiro. Claro, papai sempre disse para ter mil dólares em um saco à prova de fogo, mas isso... isso é muito mais do que ele já mencionou.

O que você estava planejando, pai? Ele sabia que algo assim aconteceria?

Deixando de lado os pensamentos inquietantes, enfio o telefone no bolso de trás e saio do armário. Puxo o boné preto sobre minha cabeça e prendo as alças da mochila de camuflagem preta e azul

escura sobre meus ombros antes de me virar e encontrar Doc esperando na porta, sua expressão tensa.

Ele olha pelo corredor e, vendo que permanece limpo, me leva de volta ao meu quarto. Com cuidado, ele abre a janela que leva ao quintal. Seus olhos se prendem aos meus, e quando coloco minhas mãos no parapeito da janela, suas palavras silenciosas me impedem.

— Uma última coisa que você precisa fazer.

Ansiedade e adrenalina pulsam nas minhas veias.

— O quê?

— Você precisa me socar.— Ele vira a cabeça para o lado e bate com o dedo indicador na mandíbula. — Aqui. Faça valer a pena.

Meus lábios se separam em total descrença, mas antes que eu possa me opor, ele sussurra.

— Você tem que fazer isso. Ganhará tempo e nos manterá seguros. Dessa forma, quando você voltar — sua expressão se torna feroz quando um vinco cavernoso se forma entre suas sobrancelhas — ainda estarei aqui para ajudá-la. — Ele engole em seco. — Eu sempre estarei aqui para você, Caitlin. Prometi ao seu pai que o faria. — Algo em seus olhos muda e mostra uma pitada da suavidade que reconheço. — E eu cumpro minhas promessas.— Rapidamente, ele agarra minha mão, colocando um papel grosso e enfaixado nele antes de recuar e se preparar para o golpe.

Empurrando o que quer que ele tenha me dado no fundo do bolso das calças, eu estremeço quando enrolo os dedos em um punho como o meu pai me ensinou anos atrás. Então eu balanço e me acerto, duro o suficiente para fazê-lo cambalear para trás, antes de me virar para me jogar pela janela.

Corro o mais rápido que posso, a mochila presa a mim, com as palavras do meu pai ecoando na minha mente. *Esteja sempre atenta ao que está ao seu redor.* Saúdo a sua voz, os seus lembretes, porque não só me faz sentir próxima dele, mas também me ajuda a permanecer mais vigilante.

Corra, Caitlin! Corra!

Como se eu tivesse conjurado meu pai em minha mente, me incitando a fugir mais rápido, isso me dá força, enviando uma poderosa onda de adrenalina misturada com desespero para aumentar meu ritmo quando ouço os gritos ecoarem na distância da minha casa.

E nem uma vez me atrevo a olhar para trás.

CAPÍTULO 8

Ela

PRESENTE

OUTUBRO

O sangue não me perturba. Suponho que a parte de mim que poderia ter empalidecido com a visão de um homem com sangue e massa cerebral espalhados ao redor de seu corpo já se foi há muito tempo.

Tinha que ir, para que eu possa realizar meus planos. Para fazê-los pagar.

Abandono os corpos de Buford Freeman e Johnny Chapman garantindo que os outros os encontrarão. Vamos ver se eles são espertos o suficiente para eventualmente fazer a conexão porque Buford foi um dos atiradores naquela noite fatídica.

Johnny foi o advogado que os libertou.

E agora, eles estão mortos.

Assim como a família que tiraram de mim.

Admito que me diverti um pouco com eles antes. Não é como se eles não merecessem. A oportunidade era fácil demais para deixar passar.

Ao sair, passo pela cozinha, mas hesito ao ver o bacon crocante ainda na frigideira. Estendendo minha mão enluvada, arranco uma toalha de papel e pego duas fatias antes de sair de casa.

Com o meu arco guardado em segurança na minha bolsa, eu mastigo o bacon e puxo meu boné de caminhoneiro para baixo sobre os óculos escuros protegendo meus olhos.

Então eu desapareço na área arborizada que cerca a casa, sem ninguém perceber.

Três dias depois

As maravilhas do látex líquido e da aplicação habilidosa de maquiagem são o que me transformam em uma velha enrugada e desgastada. Pernas envoltas em uma calça estreita, um roupão grosso e de aparência de merda pendurado sobre meu corpo, peruca grisalha no lugar com óculos de sol berrantes com armação neon disfarçando meus olhos, empurro o carrinho de compras enferrujado cheio de latas e garrafas descartadas pela calçada na fronteira com a delegacia de polícia.

Sete anos podem afetar uma pessoa. O estresse do trabalho claramente afetou o detetive Warren, que se senta em um dos bancos, comendo um sanduíche no intervalo do almoço com outro homem que não reconheço.

Eles não prestam atenção em mim, não com minha aparência e meu andar instável, em parte graças a um falso mancar. Nem prestam atenção ao homem desmaiado no banco a alguns metros de distância deles, o pacote de jornais sob sua cabeça servindo como um travesseiro improvisado. E certamente não o homem baixo e robusto a cerca de seis metros de distância do outro lado que está envolvido em uma conversa animada com uma lixeira.

A delegacia de polícia de Seaside Cove está situada nos arredores da cidade, ao longo da extremidade oeste, que faz fronteira com a parte mais desagradável de Wilmington. O acompanhamento dessas 'típicas' distrações permite me aproximar o suficiente para ouvir a conversa deles.

— Cinco vítimas em poucos dias? — Warren balança a cabeça. — Simplesmente não faz sentido.

O outro homem faz um som zombeteiro.

— Dizem que eles não estão felizes com isso.

O detetive Warren franze a testa antes de dar outra mordida em seu sanduíche e mastigar pensativo. Falando em torno de sua comida, ele murmura.

— Deve haver uma conexão em algum lugar.

— Provavelmente uma gangue rival ou quem quer que seja, tentando desafiá-los. — murmura o homem.

O detetive balança a cabeça.

— Meu instinto está me dizendo que há mais do que isso. Quem atea fogo em um prédio que a Máfia Dixie usou para transferir armas contrabandeadas? — Ele balança a cabeça novamente com uma carranca profunda.

Tudo o que o outro homem diz em resposta é:

— Hmm.— Mas eu posso ouvir a rejeição nisso.

Aparentemente, o detetive também pode, porque ele estreita os olhos ao homem. Mas quando sua boca se abre, o som de um celular tocando atrasa sua resposta. Ele pega o telefone preso ao cinto e responde.

— Detetive Warren.— Há silêncio enquanto ele ouve a pessoa do outro lado. — Sim, senhor. Nós estaremos lá.— Ele desliza o telefone de volta no clipe ao lado, dobra confusamente a embalagem de papel sobre o sanduíche e a empurra dentro da bolsa antes de se levantar do banco. — A pausa para o almoço acabou, Simms — diz ele ao homem. O chefe precisa de nós na sala de conferências.

À medida que os homens desaparecem de volta para dentro do prédio, empurro minha carroça para longe, colocando mais distância entre a delegacia de polícia e eu.

Preciso me preparar para minha próxima visita.

É hora de ver como o juiz Milton está atualmente.

CAPÍTULO 9

Ela

Uma onda de satisfação maliciosa toma conta de mim enquanto o observo de onde estou no final da mesa da sala de jantar.

Ele não faz ideia de que estou aqui.

Voltando do que era presumivelmente um jogo de golfe empolgante, o juiz Milton caminha pela casa, passando pela porta da sala de jantar a caminho da cozinha.

Evidentemente, estar na folha de pagamento da Máfia Dixie provoca tal sensação de segurança que ele não sente a necessidade de armar seu sistema de segurança doméstica.

Eu tenho uma visão clara, meus ombros baixos com meu aperto no arco enquanto fico de pé com a corda do arco puxada para trás. Imagino que se minha flecha de ponta larga encarnasse minhas emoções, seria impacientemente demorado como o inferno para rasgar esse idiota em pedaços.

Juiz Milton se move de maneira relaxada, tão confiante que chega a ser pomposa. Ele enfia a mão dentro da geladeira para retirar uma garrafa de água. Assim que ele tira a tampa, inclinando-a para os lábios para tomar a bebida, eu solto a flecha.

O grito feminino do juiz é estridente e agudo quando a ponta da flecha de aço perfura a garrafa, prendendo-a à porta da geladeira de aço inoxidável. A água jorra para fora, e ele empurra sua mão ao peito, a boca aberta ao me ver. Eu tiro outra flecha, certifico-me de que minha pegada e postura ainda são precisas antes de inalar profundamente enquanto uma onda de adrenalina pulsa em minhas veias.

— Erro meu. A flecha pegou seus dedos?

Sua cabeça estala, e quando ele me vê, seus olhos se arregalam quando ele embala sua mão ferida, sangue escorrendo de seus dedos.

— O que você quer? — Ele está tentando parecer calmo, mas sua voz vacila. Ele está apavorado.

Exatamente como eu o quero.

Sem tirar os olhos dele, inclino a cabeça para indicar a cadeira próxima.

— Vamos. Sente-se. Vamos conversar um pouco.

Seus olhos disparam para as portas que levam ao pátio.

— Experimente, e garanto que você estará morto antes de dar o primeiro passo.— Eu levanto meu queixo na direção de seus dedos ensanguentados. — Eu estava sendo atenciosa com sua mão.— Endurecendo meu tom, eu ordeno: — Sente-se.

Com movimentos bruscos, ele se dirige para a mesa. Inclino a

cabeça, gesticulando para a cadeira que já empurrei para ele a alguns metros de distância de mim. Ele cai desajeitadamente, fazendo com que as pernas raspem ruidosamente contra o chão de madeira elegante.

— O-o que você quer? —

Eu o estudo por um tempo, deleitando-me com seu desconforto enquanto permaneço em silêncio.

— Não se lembra de mim?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Não.

— Não? Não se lembra da minha voz? Como eu chorei em seu tribunal quando você não cumpriu seu juramento? — Eu levanto minhas sobrancelhas em surpresa simulada. — Bem, então, isso vai ser muito divertido.— Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto. — Para mim. Não tanto para você.

Ele geme como o covarde que é.

— Eu tenho que dizer, Meritíssimo... — solto um triste som de suspiro — Estou desapontada por você não se lembrar de mim. Afinal, você até me visitou uma vez. Na minha casa.

Faço uma pausa e, quando ele fica quieto, eu estralo.

— Você não se lembra da vez em que você estava lá quando eu fui ameaçada e agredida fisicamente na minha sala de estar? Embora eu deva mencionar, meu momento favorito foi quando você decidiu que os homens que assassinaram minha família não precisavam ser julgados, mas que eu deveria passar por uma avaliação psiquiátrica.

Suas feições empalidecem quando o reconhecimento atinge, e o horror sangra em sua expressão.

Dando de ombros, aponto minha flecha para ele.

— Suponho que agora essa avaliação possa ser mais adequada. — Eu solto uma risada cáustica e cantarolo — Tarde demais, no entanto.

— Eu não fiz nada. — Suas palavras de protesto tremem de medo. — Eles me fizeram ir junto naquela noite e me disseram para descartar o caso porque...— Ele para abruptamente, e quando eu o espero, seu silêncio prolongado torna evidente que ele não tinha intenção de terminar sua explicação.

— *Por quê?*

Eu pergunto, fixando-o com um olhar sombrio.

Ele hesita visivelmente.

— Porque... eu disse a eles que queria sair. Que alguns policiais estavam percebendo. Mas eles estavam me chantageando e disseram que eu tinha que ir junto com Jeremiah e te assustar para não falar com a polícia.

Eu estreito meu olhar.

— Chantageando você com o quê?

O juiz empalidece, seu bronzado ficando pálido, e sua boca se achata em recusa de me responder.

Aponto a flecha para a outra mão dele.

— Não quer compartilhar? Que legal. Eu só vou...

— Não! Por favor! — ele grita, o pânico atando cada sílaba. — Eles ameaçaram compartilhar fotos minhas e... — Ele se afasta, sua garganta balançando enquanto engole em seco. — De mim e, uh...

Minha mandíbula fica apertada porque eu já sei. Só quero ouvi-lo dizer isso. Quero que o desgraçado admita.

— De. Quem. — eu digo entredentes, colocando-o como uma demanda em vez de uma pergunta.

Seus ombros tremem e seu queixo cai no peito em derrota enquanto ele murmura.

— De mim e de algumas meninas.

— Ah, realmente. — Nunca tirando os olhos dele, me aproximo de onde ele se senta. — Você finge ser mentor de jovens garotas.

Cada passo que dou é preciso enquanto persigo minha presa, esperando o momento perfeito para atacar.

— Você as elogia. Ganha a confiança delas.— Parando na frente de sua cadeira, eu traço levemente a ponta da flecha ao longo do lado de seu rosto. — Então você pede para elas tomarem uma bebida com você.— Todo o seu corpo fica tenso enquanto eu traço a arma para baixo até o centro de seu peito. — Você as droga e depois as estupra.

Com lentidão exagerada, abaixo a ponta lealmente afiada para pressioná-la contra sua virilha.

— Talvez devesse ter pensado em parar com essa merda por completo. — Instintivamente, ele se move na tentativa de se proteger. — Ah, ah, ah. Você não quer que eu escorregue, quer?

Quando eu adiciono mais pressão, fazendo com que o ponto afiado pressione mais fundo, ele estremece com um gemido alto.

— Mas, em vez disso, você deixa assassinos livres. — Eu pressiono com mais força e não me encolho quando sua carne começa a ceder ao aço. Não sinto nada quando ele grita, o corpo se curvando enquanto se revolta contra a dor.

Este imbecil não merece minha piedade.

— Você decidiu me condenar. Uma mulher inocente.

— O que você quer? — De alguma forma, ele consegue forçar as palavras, cada sílaba tremendo, encharcada de medo e dor palpáveis. Seu peito sobe e desce com respirações cansadas.

— Eu quero minha família de volta. Você não pode fazer isso. Ninguém poderia. O que você pode fazer? Você pode se desculpar por não fazer sua parte. Por deixar criminosos, assassinos, se livrarem.

— S-Sinto muito.

Finjo considerar as desculpas dele.

— Hum. Isso não soou muito sincero.

Ele começa a soluçar.

— Sinto muito. Me desculpe. Por favor não me mate!

Minha voz fica dura, frígida.

— Diga-me como encontrar o líder da Máfia Dixie.

O queixo dele cai no peito.

— Eu não posso. Eles vão me matar.

— Desculpe, mas quem tem uma ponta de flecha apenas esperando para terminar o serviço em suas bolas? — Quando seus olhos se levantam para encontrar os meus, estreito meu olhar. — Podemos fazer isso da maneira mais difícil. — Baixo os olhos para a virilha dele e sorrio. — O que definitivamente não é o caso lá embaixo, é? Ou podemos fazer do jeito mais fácil. E acredite em mim, você não quer do jeito mais difícil.

— O-o que é o jeito difícil?

— Eu empurro — eu empurro a flecha e ele lamenta — Até o fim. Então eu atiro um em cada uma de suas mãos, diretamente nesta mesa. — Seus olhos disparam para o elegante mogno, seu corpo tremendo de medo. — Então acho que vou começar a cortar partes do seu corpo.

Uma ponta da minha boca se eleva.

— E adivinhe qual parte será a primeira a ir? — Outro gemido escapa dele. — Suas orelhas serão as próximas. Então seu nariz. Porque todos deveriam te ver como o monstro que você realmente é. E então eu vou cortar sua língua por todas as mentiras que você contou.

Ignorando a maneira como seus ombros tremem ainda mais, exijo novamente:

— Diga-me como encontrá-lo.

— Eu não sei — ele gagueja. — Eles são... cheios de segredos. Até o segundo em comando. Eu ouvi que ninguém nunca vê seus rostos. Só tenho um número para mandar mensagem. Eles dão um endereço e enviam alguém para encontrá-lo.

— Cadê seu telefone?

— No meu bolso — ele grasna.

— Lentamente puxe-a para fora. Ah. — Eu o encaro com olhos semicerrados. — Não faça nada estúpido.

Ele faz o que lhe mando e segura o telefone na mão ilesa. Eu olho para a tela.

— Senha?

— Zero, nove, um, um.

Oh, a ironia.

— Insira. E puxe as mensagens.

Assim que ele desbloqueia o telefone, seus olhos se erguem para os meus com expectativa.

O sarcasmo escorre da minha voz.

— Você os tem listados como MD?

— Sim.

De jeito nenhum eu posso segurar minha risada zombeteira.

— Pelo amor de Deus — murmuro e olho para as mensagens que ele trocou com MD. — Hmm. Bem, Juiz... É hora de divulgar tudo o que você sabe sobre a Máfia Dixie.

Ele balança a cabeça com movimentos quase violentos.

— Não! Eu não posso! Eles vão me matar se descobrirem que eu disse alguma coisa.

— E o que exatamente você acha que estou planejando fazer com você? — Eu levanto meu ombro meio encolhendo os ombros. — Ou sou eu ou eles. Acontece que eu acho que sou o menor dos dois males.

Minhas palavras pairam entre nós, e observo o homem, outrora alto e poderoso, enquanto sua confiança murcha, dando lugar ao medo sufocante.

A resposta é evidente em seus olhos antes mesmo que ele me dê uma.

Então me acomodo para ouvir cada detalhe que o juiz divulga enquanto o interrogatório. Quando estou satisfeita com a informação que ele me deu, saio.

Uma boa empresa de limpeza cuidará da bagunça, e tenho certeza que a casa encontrará novos proprietários a tempo.

Aquela cadeira de jantar, no entanto, está arruinada.

CAPÍTULO 10

O CAÇADOR

— Dizem que você é a melhor por perto.

Eu não respondo ao elogio. Ao puxa-saco. É o que eu já sei. Foi para isso que trabalhei duro, para construir a base e garantir que a minha reputação me precedesse. Eu me tornei o melhor dos melhores, apenas para ser contatado através de minhas conexões anteriores ou mensagens discretamente na dark web.

Eu sou o Caçador.

De onde estou sentado, cuidadosamente velado nas sombras, olho de volta para o homem sentado a alguns metros de distância, conforme meu pedido habitual.

Não me sento perto de ninguém. Com a parede atrás de mim, um local de reunião deve ter um layout que estou familiarizado. A fraca iluminação em certas áreas deste lugar funciona a meu favor. Planejamento e execução precisos são uma parte diária da minha existência. Caso contrário, eu não estaria vivo.

O homem que chamei de *Capanga Um* visivelmente se irrita com minha falta de resposta. Sua expressão fica tensa, mas ele continua.

— Nós temos esse problema. Alguns dos nossos caras estão sendo mortos, mas não temos ideia de quem está fazendo isso.

Alguém está tentando sangrar a reivindicação da Máfia Dixie aqui, hein? Muito interessante. Especialmente porque não ouvi ninguém dizer uma palavra sobre isso. Claro, esses idiotas são um grupo notoriamente restrito, mas o fato de terem conseguido manter isso em silêncio é impressionante.

O mais interessante é que quem está por trás disso tudo tem bolas grandes o suficiente e os meios para realizá-lo. Este trabalho pode ser a oportunidade que eu estava esperando.

Antes que o *Capanga Dois* diga uma única palavra, já sei que ele é um maldito fogo na lixeira. É meu trabalho, meu sustento, estudar as pessoas. Aprender seus costumes e o que os motiva. E este não me parece nem um pouco inteligente.

O que significa que a lealdade dele é o que o mantém na folha de pagamento.

— Ninguém confessou isso — declara *Capanga Dois*. — Ninguém se gabou disso nem nada. — Ele bufa antes de levantar o queixo com orgulho. — Idiotas. Eu estaria dizendo a todos aqueles filhos da puta que fiz isso se fosse eu.

Ignorando-o, dirijo-me ao seu parceiro.

— E você quer que eu descubra quem é o responsável. — Eu

não digo isso como uma pergunta.

Estou apenas confirmando o que eles estão me pedindo.

— Sim. — Então Capanga Um corre para prosseguir — O chefe quer que você nos dê a prova. Então vamos começar a partir daí.

Minha voz fica tensa de irritação. Porque eu não sou um maldito investigador ou o intermediário. Eu não trabalho assim.

Sou um assassino contratado. Eu caço minha presa e a elimino.

Estudo os homens cuidadosamente por um tempo.

— E você não tem ideia de quem pode estar por trás disso?

Os lábios de *Capanga Dois* se curvam em um sorriso desafiador.

— O que importa? Você está sendo pago para descobrir essa merda.

Eu reprimo o desejo de saltar sobre esta maldita mesa e esmagar sua traqueia sob meu aperto. Com os olhos fixos nos dele, eu deixo meus pensamentos sangrarem em minha expressão e assisto enquanto ele perde a bravata, mudando nervosamente sob meu olhar.

Com tom frio e firme, eu digo.

— Importa. Porque meu preço depende disso. — Meu olhar voa entre os dois imbecis. — Meu tempo e meu... — Eu me afasto, os cantos da minha boca se levantando levemente em um sorriso malicioso. — *Trabalho é dinheiro.*

— Você será pago. — *Capanga Um* diz. — O chefe disse para te dar isso. — Ele se levanta da cadeira e retira um pedaço de papel do bolso de trás.

— Deslize-o pela mesa — ordeno calmamente. Ele me oferece um olhar estranho, mas segue minhas instruções.

O documento inclui detalhes, escritos em código, dos valores de pagamento a serem entregues em criptomoeda, conforme solicitado.

Após a aceitação do trabalho, receberei um adiantamento de sessenta por cento, juntamente com quaisquer pistas e informações que possam ter, e o restante da minha taxa será depositado assim que o trabalho for concluído.

Evidências de descobertas são necessárias.

Eu quase sorri para essa linha. Que bom que duvidaram da minha habilidade quando claramente esgotaram todas as outras opções.

Porque eu sou o melhor, ou sou chamado em primeiro, por aqueles que me conhecem bem e com quem estabeleci uma relação de trabalho, ou por último.

Esta última é claramente a categoria em que a Máfia Dixie se insere. Eles preferem limpar as próprias bagunças, mantendo seu círculo apertado.

Juntando meus dedos, eu bato as pontas deles juntos.

Uma vez, Duas vezes.

Dirigindo-se aos homens, eu digo.

— Vocês podem ir agora.

Capanga Dois hesita.

— Mas você vai...

O outro homem o agarra pelo colarinho da camisa e o puxa para fora do assento.

— Vamos.

Ele leva seu amigo imbecil em direção à saída, mas se vira para me dar uma última olhada. Eu olho para trás, sabendo que ele não pode ver meu rosto ou decifrar minha expressão nas sombras.

Uma vez que eles se vão, eu fujo para a noite. A escuridão é minha amiga, e as sombras, meus salvadores.

É hora de caçar.

Ao longo dos anos, eu me tornei cauterizado por dentro. Não tenho estado emocional além de raiva quando alguém me irrita ou tenta me matar. Qualquer coisa a mais é inconsequente. Desnecessário.

Quando mato, não sinto nada. Sem remorso. Sem medo.

Sem culpa. Nada.

Eles me chamam de Caçador porque é o que eu faço melhor. Eu posso encontrar qualquer um, independentemente de quão escondido eles possam estar. Eu descubro o que os motiva, quaisquer que sejam suas fraquezas e pontos fortes, e os estudo.

Nos arredores desta cidade, eu garanti espaço no que era anteriormente uma pequena loja transformada em um apartamento tipo loft. Menos de mil metros quadrados, ele foi abandonado depois de sofrer danos causados por inundações, indicados pela mancha na linha de água ao longo das paredes externas de concreto.

Esta parte de Wilmington, onde fica Seaside Cove, é perfeita. Baixa renda e altas taxas de criminalidade com pessoas que odeiam delatores eliminam quaisquer preocupações de vizinhos intrometidos próximos relatando atividades suspeitas.

Pelo que descobri quando investiguei a espelunca, estou rodeado de prostitutas, traficantes, viciados ou simplesmente famílias a tentar o seu melhor para sobreviver. Se alguém notou que estou aqui, não mostrou interesse. Então, novamente, suponho que uma parte da razão para isso pode ser devido ao meu novo e intimidante colega de quarto.

O filho da puta acabou de se levantar e decidiu se mudar, apesar de meus esforços repetidos para impedi-lo de fazer isso. Discuti e o tranquei lá fora várias vezes. Ameacei esfolá-lo vivo, não que eu realmente o fizesse, mas não importava. Não é como se ele se

importasse com o que eu faço ou digo.

Lançando um olhar para onde ele está esparramado no pé da minha cama, em cima da minha jaqueta, nada menos, eu olho para ele com um murmuro.

— Idiota.

Ele levanta a cabeça, inclina para o lado, e eu juro que ele me dá os olhos de cachorrinho que são sua marca registrada.

A maldita coisa apareceu do nada, sem coleira e precisando muito de um banho e uma refeição. Pelo menos agora ele está limpo e seu pelo preto não está emaranhado por qualquer porcaria que ele rolou dentro. Embora suas malditas costelas ainda sejam muito proeminentes para o meu gosto.

Não que eu vá ficar com ele. Eu não tenho nenhum tipo de apego, mesmo que ele pareça compartilhar minha aversão às pessoas, a julgar por seu rosnado letal sempre que alguém caminha pela calçada na frente. Mas eu deveria levá-lo a um veterinário para ver se ele tem um chip ou algo assim. Alguém lá fora deve estar sentindo falta dele.

— Você poderia pelo menos evitar amassar minha roupa.

Com um suspiro que soa muito mais humano do que eu esperaria, ele se move de volta para a cama para se deitar no meio. Seguro, longe da minha jaqueta.

Eu franzo a testa e forço um.

— Obrigado.

Ele faz um som resmungão e acomoda a cabeça nas patas dianteiras para me ver trabalhar.

Meu laptop fica na mesa com os arquivos criptografados que a Máfia Dixie me enviou em exibição, as poucas informações e fotos oferecem pouco para continuar. Nenhuma impressão digital foi encontrada nas cenas. Nem nos cartuchos de bala ou flechas. *Flechas. Que tipo de palhaço usa flechas para derrubar membros de uma organização criminoso como a Máfia Dixie?* Quem está por trás disso é bom, mas eu sou melhor. Eu tenho que ser. Por mais razões do que só pelo bem da minha reputação.

Preciso investigar as gangues locais, especificamente a Nação do Sangue, uma das gangues mais notoriamente violentas que assolam a cidade de Wilmington. Eles têm mais a ganhar do que qualquer outra gangue desorganizada na área.

Mesmo que algo no meu instinto me diga que estou latindo para a árvore errada, tenho que ser minucioso. Por isso decidi invadir o sistema de arquivos eletrônicos da polícia para procurar casos relacionados com a Máfia Dixie.

Dentro de alguns minutos, fiz algumas anotações no meu bloco de notas, mas algo parece estranho. Bato a tampa da caneta no bloco e

olho para a tela. Da minha visão periférica, o cachorro pula da cama e vem até onde estou sentado.

Eu olho para trás e arqueio uma sobrancelha. Ele se aproxima da minha mesa e fareja meu papel, onde anotei sobre a investigação dos casos do juiz Milton. Mesmo achando que é um tiro no escuro, devo investigar, já que o juiz esteve ligado a casos contra a Máfia Dixie várias vezes.

Com um sorriso sem graça, espio o cachorro.

— O que? Você tem uma queda por juízes? — Com um suspiro, estou prestes a descartá-lo quando algo me impede. — E se realmente houver uma conexão com um dos casos do juiz? — Eu reflito antes de me voltar para o cachorro, olhando-o contemplativamente. — Se houver, acho que te devo um nome por sua ajuda, hein?

Ele dá um breve latido. Então percebi que estava falando com um cachorro.

Puta merda.

CAPÍTULO 11

O CAÇADOR

Sento-me no canto da sala de estar, envolto em sombras, usando-as a meu favor. O som revelador de uma chave destrancando a porta cumprimenta meus ouvidos antes que os passos pesados do homem sinalizem sua entrada na pequena casa.

Ele fecha e tranca a porta atrás de si e pendura as chaves no gancho perto de onde uma jaqueta está pendurada. Da vista que me dão daqui, vejo, com uma arma na mão, preparado.

Ele passa pela porta da sala de estar e, uma fração de segundo depois de começar a desabotoar a parte de cima da camisa abotoada, ele congela, finalmente sentindo que não está sozinho. Tensão, consciência e medo são praticamente palpáveis, irradiando dele em ondas.

É quase imperceptível, mas eu tenho feito isso por tempo suficiente para reconhecê-lo.

— Não.

Meu comando é simultaneamente acompanhado pelo rosnado ameaçador de um cão, e sua mão para no ar, a centímetros de distância da arma guardada em seu quadril.

— Sente-se, detetive.

— Jesus Cristo! — Ele olha para mim como se isso lhe permitisse ver meu rosto sombreado melhor do que os três metros que nos separam.

— Sente-se — repito.

O rosto beliscando de irritação, ele estreita os olhos na arma que aponte para ele.

— Isso é mesmo necessário?

— Você, de todas as pessoas, deve saber que não é sábio correr riscos.

Uma carranca margeia seu rosto, descontente com minha resposta, mas ele se abaixa na cadeira mais próxima a ele sem arrancar os olhos de mim. Apoiando as mãos nos braços da cadeira, ele me encara com cautela.

— Relaxe. — Os cantos da minha boca se inclinam em leve diversão. — Eu só estou aqui para conversar. — mantenho a arma apontada para ele porque não cheguei tão longe nesse negócio confiando facilmente, mesmo com a nossa história.

Ele lança um olhar desconfortável para o cão.

— O que há com o cachorro?

— Não gosta de cães, Warren? — Eu coloco uma palma nas costas de Kujo, um único golpe de sua pele em um comando

silencioso, dizendo-lhe para relaxar.

Sim, dei-lhe um nome desde que a parada no veterinário foi infrutífera. Sem chip, sem casa. Pelo menos ele é livre de pulgas e vermes. A única informação que ganhei, além de um bom atestado de saúde, é que ele é um vira-lata mistura de pit bull e boxer.

Ele encara.

— Desde quando você gosta?

Alertar qualquer um, até mesmo Warren, para o fato de que eu tenho um apego é perigoso, então eu troco de assunto.

— Adorei o que você fez com o lugar. — Meu comentário sem tom o fez estreitar os olhos. O sarcasmo subjacente é óbvio, especialmente enquanto nos sentamos na casa sem graça e sem decoração.

— Minha namorada se mudou. Levou a maioria das decorações dela com ela — ele murmura. — Disse que eu já era casado com meu emprego.— Com feições tensas, olhos para baixo, ele faz uma pausa antes de soltar um suspiro. — O que é isso?

— O que você sabe sobre as operações da Máfia Dixie por aqui?

Ele faz um som desdenhoso, balançando a cabeça.

— Faz apenas oito anos que eles se mudaram para esta área. Wilmington provou ser muito mais difícil para eles invadirem. Graças a Deus por causa do afluxo de famílias e jovens profissionais que resistiram a eles, mas eles ainda montaram acampamento aqui. Estar na costa e ter o porto para facilitar o acesso... — Ele segue com um olhar pontiagudo porque, sim, eu sei o que ele está dizendo. O contrabando é mais fácil quando você tem pelo menos algum controle sobre o porto.

— Você já sabe que eles subiram a costa leste das Carolinas quando começaram a receber muita atenção de suas operações na Costa do Golfo, e até mesmo os caras que estavam sendo pagos ficaram nervosos.

— Há rumores de que Boyd se tornou mais reservado. Se escondeu e não mostrará o rosto a ninguém, nem o seu segundo em comando. — Ele inclina a mão, com a palma para cima. — Pode ser, ele é apenas paranoico pra caralho.

Eu ouvi alguns sussurros sobre isso, mas não dei muita credibilidade a eles, já que nada foi provado. Quando o chefe de uma organização criminosa acalma as coisas, pode significar uma infinidade de coisas. Eles poderiam estar supervisionando novos projetos. Mas ouvir isso de Warren também.... Algo nisso não se encaixa.

Warren encolhe os ombros.

— É tudo o que sei. — Sua voz cai de desgosto. — Além do óbvio, é claro. Sendo assim, você não pode confiar em ninguém.

Eu o olho fixamente.

— Foi isso que aconteceu com Clairborne?

Já sei sobre o ex-parceiro dele, mas é um teste para ver se Warren ainda está limpo.

A mandíbula dele fica tensa. Ele olha para a parede onde uma moldura solitária está em uma prateleira, uma fotografia de muito tempo atrás, quando ele se formou na academia.

— O filho da mãe estava mergulhando duas vezes. Trabalhando com a Máfia Dixie enquanto fazia um show para o departamento. Maldito traidor.— Suas narinas se dilatam e seu peito sobe quando a raiva se apodera. — Então ele foi promovido.

— Para chefe — termino por ele.

Ele grita a palavra.

— Sim.

— O que você sabe sobre seus... problemas recentes com os negócios?

Ele franze a testa.

— Eu sei que eles perderam alguns de seus homens. Eu estava repassando isso hoje à noite.— Inclinando-se para frente, ele apoia os cotovelos nos joelhos, usando uma expressão perturbada. Sua hesitação desperta minha curiosidade e me incomoda.

— O que você descobriu?

Ele balança a cabeça, soltando uma risada que é tudo menos divertida.

— Você não acreditaria.

— Veremos.

Passando a mão pela cabeça, ele agarra a nuca em indecisão óbvia.

— Olha, há tanta merda retorcida com esses idiotas de gangue. Eles têm muitas pessoas no bolso, virando a cabeça para o outro lado. — Seus olhos penetraram em mim. — Sem desrespeito, cara, mas essa merda parece ser maior e... pode ser mais do que uma pessoa pode lidar.

Eu esmago meus lábios em uma linha.

— Você já deveria saber que eu posso lidar com isso.

Seus olhos cortaram para os meus, estreitando-se especulativamente em mim.

— Para quem você está trabalhando atualmente?

Meu tom fica gelado.

— Não é da sua conta.

Ele franze a testa antes de responder devagar, como se escolhesse cuidadosamente suas palavras.

— Se você está planejando deixar corpos por toda a cidade, é...

Eu bufo zombeteiramente.

— Parece que alguém chegou antes de mim. — Inclinando a cabeça para o lado, eu o estudo por um momento. — Você sabe de alguma coisa.

Sua boca se achata em uma linha firme.

— Eu poderia torturar você — eu provoco com um sorriso malicioso.

O detetive murmura um palavão baixinho e me lança um olhar mortal.

— Pare de ser tão idiota. — Soltando um longo suspiro, ele se esquivava — Olha... eu estava revisando os arquivos dos caras que supostamente — ele infunde sarcasmo na última palavra — tinham laços com a Máfia Dixie. Os que foram encontrados mortos recentemente. Uma testemunha mencionou ter visto um homem alto e magro, provavelmente no final da adolescência, nos primeiros vinte anos, a julgar pelo tipo de corpo, na cena do crime.

Interessante.

— Mas você não acredita nisso?

Hesitando, ele esfrega a mão ao longo da mandíbula e encara Kujo, que continua a desnudar os dentes para o detetive.

— Outra testemunha estava convencida de que era uma mulher. Mesma constituição. Alta, magra, pequena. Vestida de preto com o rosto coberto. Mas essa testemunha supostamente teve um vislumbre de lado e jurou que a pessoa tinha seios pequenos.

— Seios — repito desconfiado. — Você está me dizendo que uma testemunha acha que viu uma mulher no local onde vários membros da Máfia Dixie foram assassinados?

Ele dá de ombros.

— Eles descreveram um suspeito semelhante na cena do crime e, nas duas vezes, notaram que a pessoa tinha algum tipo de bolsa preta e magra amarrada nas costas.

Isso faz sentido. Se a principal arma usada é um arco e flecha, eles precisam de uma maneira de transportá-los.

Notei que ele não mencionou nada sobre flechas sendo usadas nas cenas, mas não levo para o lado pessoal. Estamos em lados diferentes. Mas ainda tenho a sensação de que há algo mais que Warren não está revelando. Algo está corrompendo-o.

Então, eu espero ele fale. O silêncio tende a fazer as pessoas quererem preenchê-lo.

Ele não decepciona.

— Olha cara... Eu tenho uma teoria, mas nada que a apoie. Então, vai soar...

— Me fale.

Com um estremecimento, ele começa, seu tom hesitante.

— Eu pesquisei um pouco. Esses corpos começaram a aparecer

em outubro. — Ele hesita novamente antes de seguir em frente. — Mesmo período de tempo de um caso em que trabalhei há sete anos. Uma família foi morta a tiros em uma loja de penhores. Rhett Bullard, sua neta, genro e filha foram baleados. Todos morreram, exceto a filha de Bullard, Caitlin. E ela identificou dois dos atiradores em um reconhecimento.

O desgosto grava-se em suas feições, e ele libera uma longa e alta explosão de ar.

— Eu estava lá para o julgamento preliminar. Foi uma brincadeira, cara. Foi quando percebi que esses idiotas estavam entrincheirados neste lugar.

— O que aconteceu?

— O juiz considerou as provas insuficientes. Caitlin não lidou bem com isso, e ele exigiu que ela passasse por uma avaliação psicológica. — Ele liga os dedos, os cotovelos apoiados nos joelhos e olha para o chão. — Nos disseram para acompanhá-la até a unidade comportamental. — Ele hesita. — Então o Dr. Hogue nos parou no carro. — Eu registro a ligeira mudança no tom de voz de Warren.

— Quem é ele?

Warren levanta o olhar para encontrar o meu.

— Ele é uma boa pessoa. Está por aqui há algum tempo. Faz muitos cuidados voluntários para famílias de baixa renda em sua clínica bem na fronteira de Seaside e Wilmington. — Um vinco se forma entre suas sobrancelhas. — Provavelmente o único que a Máfia Dixie não conseguiu enganar desde que ele é supostamente amigo do US Marshals. Engraçado, eles não foram contaminados. — Sua boca se contorce irrisoriamente. Ainda.

— O que aconteceu quando o médico te parou? —

— Ele nos pediu para fazer uma parada na casa de Caitlin e deixá-la trocar de roupa, pegar xampu e outras coisas. — Ele aperta os lábios. — Sabia que ela não seria liberada daquela unidade comportamental a menos que fosse para trancá-la em um hospício em algum lugar e ela seria deixada com um maldito vestido de hospital e algumas meias, na melhor das hipóteses.

— Então, dirigimos até lá e deixamos ela ter um momento para pegar suas coisas. — Seu rosto escurece. — Clairborne saiu para atender uma ligação, e eu fui deixado na casa com ela e o Doutor. Eu senti como se minhas mãos estivessem amarradas, cara. Eu sabia que não estava certo, mas não pude provar nada. — Ele levanta um ombro impotente. — Quando ouvi o médico gritar do quarto dos fundos, fui correndo. Encontrei-o no chão, segurando sua mandíbula. A janela estava escancarada e eu sabia que ela havia fugido.

Nós nos sentamos em silêncio enquanto eu reflito sobre a história dele.

— E o que você fez?

— Eu liguei. Chamei paramédicos para Doutor, é claro. — estreitando os olhos, sua mandíbula se aperta visivelmente. — Então Clairborne insistiu em pegar o carro e sair para tentar rastreá-la enquanto eu ficava com o médico.

Warren olha para os dedos ligados.

— Eu não juntei as peças até mais tarde. Quando meu parceiro começou a usar roupas caras e de repente teve um Escalade em vez daquele velho carro de merda dele. — Sua carranca se aprofunda. — Quando ele começou a olhar para o outro lado quando coisas ruins aconteceram. Quando pessoas boas foram mortas.

— De volta para a mulher. — Eu o estudo. — Ela já foi encontrada?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Então ela sumiu. Nenhum sinal dela apareceu. — Com uma careta, ele levanta um ombro com um encolher de ombros fraco. — Mas, cara, eu me pergunto se é ela.

— Você acha que ela voltou por vingança?

Voz desvanecendo em um suspiro, ele balança a cabeça.

— Eu não tenho ideia, porra. O que eu sei é que seria uma maldita missão suicida. Uma pessoa enfrentando todos eles? *Merda*. — Olhando para mim com força, ele continua. — Olha, não estou dizendo que tolero vigilantes nas ruas, mas aquela mulher perdeu tudo. Ela nunca conseguiu justiça para sua família.

Depois de uma batida de silêncio, com a voz baixa, sua expressão parece resignada e preocupada.

— Mas se for realmente ela, não acho que ela terminará até que todos estejam mortos.

CAPÍTULO 12

O CAÇADOR

UMA SEMANA DEPOIS

A noite está estranhamente silenciosa enquanto espero em frente ao prédio, examinando a estrutura com Kujo ao meu lado. Seu pelo preto se misturando com a noite escura, cortesia da lua nova.

— Por que ele está olhando para mim, cara? Eu não fiz nada para ele. Ele vai me morder? Não gosto de cachorros. Você pode fazê-lo parar de me encarar?

Jesus Cristo.

Descobri um drogado à espreita no lugar e perguntei-lhe se tinha visto alguma coisa. Evidentemente, este local é o mais novo local improvisado para as operações da Máfia Dixie, mas é desprovido de ação. Ninguém está de prontidão para vigiá-lo.

Nada. Uma sensação de mau presságio bate em mim.

Ignorando a paranoia e o discurso rápido do drogado, pergunto.

— Você viu alguém por aqui?

— Sim, sim. Eu vi um cara. Ele era alto. Meio gângster. Estava todo de preto. Seu cachorro ainda está me encarando, cara. Pode fazê-lo parar? O cara que eu vi entrou, e houve muitos tiros, e então ele saiu. Seu cachorro está prestes a me devorar, não está?

— Você disse que o cara era alto e gângster? — Hum. Semelhante a como Warren mencionou das alegações das testemunhas. — O que mais viu?

— Seu cachorro vai me comer? Por que...

— Ele não vai te comer.

— Acho que ele está pensando nisso. Como se ele quisesse comer meus músculos da perna. Eu assisti algo na TV sobre isso, eu acho, e...

— O que mais viu? — Meu tom é dominante, e de alguma forma o tira de sua linha de pensamento.

— Eu estava naquela lixeira ali — ele aponta para onde se senta perto do lado do prédio de tijolos sob uma luz de segurança mal brilhante afixada ao lado do tijolo — para ver naquela janela. O cara usava algo no rosto. Não conseguia ver nada além de olhos. No início, ele usou esse arco e flecha legal. Como o Robin Hood. Ficava chicoteando flechas de sua bolsa super-rápido. Exceto que ele não tinha a flecha em chamas como naquele filme, sabe? Isso foi legal. Era como o arco do meu tio. Aquele que eu penhorei. Sabia que era especial e não deveria ter penhorado. — Seus olhos se voltam para Kujo. — Eu gostaria de tê-lo agora, porque eu poderia usá-lo quando seu cão tentar me comer.

— Seu tio tinha um arco especial? O que havia de especial nisso?

Sua atenção permanece focada em Kujo.

— Eu poderia usar agora. Sim, eu poderia usá-lo para impedi-lo de me atacar.

— O que havia de tão especial no arco do seu tio? — Digo mais alto para tentar fazê-lo sair dessa e me responder.

Seus olhos dispararam para mim e ele faz uma careta.

— Não precisa gritar. Não gosto que gritem. Talvez você também me ataque. — *Cristo*.

— O arco. Que tipo de arco seu tio tinha?

— Era um arco dobrável. Realmente legal e todo preto. Disse que era tática. Por favor, não deixe seu cachorro me comer.

— Notou mais alguma coisa?

— Seu cachorro ainda está me encarando, cara. Faça-o parar de encarar. Ele está me assustando.

Estalo os dedos na frente do rosto dele.

— Havia mais alguma coisa que você notou sobre o cara que viu aqui?

Ele faz uma careta novamente.

— O cara parecia uma garota quando grunhiu. Acho que ele se machucou porque estava segurando o lado dele.

Entrego uma nota de vinte dólares para ele.

— Vá pegar um pouco de comida. — Assim que ele pega, eu fecho a frente da jaqueta dele e fico na cara dele, meu tom duro, letal. — E se eu ouvir que você o usou para comprar sua próxima dose, não apenas meu cachorro atacará você, mas eu também. Entendeu?

Ele acena com a cabeça tantas vezes, que eu meio que espero que a cabeça dele se desprenda. Eu o empurro e ele foge.

Eu queria verificar o quão seguras suas operações realmente eram, mas agora vejo que cheguei tarde demais..., mas bem na hora.

Isso é confirmado quando entramos no prédio.

O cheiro pungente de sangue derramado e mijo me assalta enquanto escaneio a variedade de corpos espalhados no chão de concreto em meio a inúmeras cápsulas de bala, e vejo que não estou muito atrás da ação. Estimo que demorará cinco minutos até ouvir sirenes a gritar com a polícia a caminho.

O dinheiro está misteriosamente ausente desta vez. Nada foi incendiado, ao contrário do último ataque.

Eu inspeciono os corpos, sabendo que preciso sair rapidamente antes que mais alguém tropece nesta cena. Uma combinação de flechas e uma arma foram usadas, assim como o viciado alegou.

Tiro uma foto rápida do que é visível do eixo da flecha embutido no peito de uma vítima para poder investigar. O que quer

que sejam, são cruéis e fortes o suficiente para atravessar ossos e outros tecidos do corpo.

Nunca vi ninguém usá-los para matar antes. É intrigante encontrar alguém que as use em grande número como este.

Com a mão enluvada, pego uma caixa e a inspeciono, colocando-a no bolso interno do meu casaco antes de prosseguir para examinar os últimos corpos.

Analisando a cena, murmuro para mim mesmo

— Então, você ficou sem flechas porque não planejou bem o suficiente ou estava em menor número. — Olhando para uma vítima com um buraco de bala no centro da testa, estreito os olhos. — Mas você veio preparado com os meios necessários para ainda fazer o trabalho.

Continuo examinando os corpos, quase duas dúzias deles.

— Mas por que escolher uma flecha em vez de uma arma? — Cada vítima compartilha uma semelhança, todos foram baleados com uma flecha onde perfurariam um órgão vital: o coração, o estômago, os pulmões ou o cérebro.

Isso é pessoal. Quem quer que esteja por trás disso, está zangado o suficiente para fazer o esforço e o tempo para levar a cabo as mortes das suas vítimas de uma forma brutal.

Ainda não estou convencido pelas reflexões do detetive Warren. Preciso de mais do que uma teoria de uma mulher que se tornou vigilante.

Eu olho para o cachorro.

— Hora de ir.

Ele imediatamente se levanta e corre até mim, e saímos do prédio sem sermos notados.

Quando ainda não encontro nada com a gangue da Nação do Sangue, a frustração me faz perseguir o que espero que seja outro beco sem saída. Mas a curiosidade e a pontada no estômago me dizem que vale a pena investigar.

Investigar a história de Rhett Bullard e da família Ashford provou ser tedioso. Nada salta dos arquivos policiais que eu ‘peguei emprestado’ invadindo seu sistema.

— Aonde você foi? — reflito em silêncio, olhando para as fotografias de Caitlin Ashford.

Meu olhar se fixa em uma das fotos capturadas por um repórter de jornal. O cabelo castanho escuro de Caitlin é puxado para trás em um simples rabo de cavalo enquanto ela caminha em direção às portas do pequeno tribunal.

Ela é alta para uma mulher; magra, mas não frágil. Seu cabelo castanho cai um pouco além do comprimento do queixo e sua beleza

simples brilha. Não há dúvida de que Caitlin Ashford era uma mulher atraente. Isso é evidente mesmo debaixo de seus traços tensos capturados aqui.

Seus olhos são o que eu continuo voltando, no entanto.

Eles são ricos em emoção. A dor é quase tão palpável quanto o medo. É o rosto de uma mulher que faria justiça com as próprias mãos?

Inclinando-me para trás na minha cadeira, clico na janela para retornar aos documentos do pré-julgamento e bato com o polegar na borda do meu laptop.

— Que porra de confusão — murmuro. Esses documentos são uma merda. Uma pessoa comum pode não ser capaz de vê-lo, mas eu sei o suficiente para confirmar a Máfia Dixie encheu os bolsos de muitas pessoas. Isso fede pra caralho. O que é pior é sua explosão delirante documentada dirigida ao juiz.

‘Foi você! — Ela berrou. — Você estava lá naquela noite!

Você me atacou! Como você dorme à noite?! Como foi capaz?

Eles mataram minha família.’

O pré-julgamento foi indeferido, e o juiz recomendou que Ashford passasse por uma avaliação psiquiátrica antes de permitir sua liberação, porque ele a considerou *‘uma ameaça aos cidadãos e a si mesma.’*

Esfrego a mão no meu rosto e ao longo da minha mandíbula, eu luto para suprimir o que esta história tem agitado em mim.

— Porra — murmuro, diminuindo o desejo de revisitar meu passado.

Caitlin Ashford perdeu a família naquela noite, e desapareceu sem deixar vestígios. Devo considerar que ela decidiu, sete anos depois, na data dos assassinatos da família, aparecer de novo?

Olhando para as fotografias dela de arquivos policiais e relatórios de jornais, eu a estudo. Ela parece uma mulher comum. Como qualquer esposa ou mãe. Ela não se parece em nada com uma aspirante a assassina.

É possível que ela tenha mudado durante o desaparecimento?

Ela se transformou em uma assassina?

Só tem uma maneira de descobrir...

Eu preciso ver por mim mesmo, e isso requer mais escavação.

Se ela realmente está de volta, então aposto que ela não será capaz de resistir a parar para ver velhos amigos.

Parece que primeiro preciso fazer uma visita ao Dr. Hogue.

CAPÍTULO 13

Ela

— *Porra!*

Eu cerro meus dentes com tanta força contra a dor do grampo de metal apertando minha pele fechada que meus molares começam a doer.

Preciso me apressar. Eu já estou aqui há muito tempo, mas que se foda, se aquele maldito uísque não tivesse sido necessário para ajudar com a dor antes de eu começar a me reparar.

Não estou bêbada porque não posso arriscar ficar intoxicada, mas já bebi o suficiente para pelo menos aliviar a tensão. O suficiente para manter meu aperto firme no grampeador.

São momentos como este em que sinto falta dos velhos tempos. Momentos em que eu não tinha que me preocupar com as probabilidades não estarem a meu favor.

Havia vinte e dois deles esta noite. Vinte e dois-para-um não são boas chances. Embora eu tivesse a vantagem da maior parte, o elemento surpresa trabalhando a meu favor, um idiota havia dado um chute na minha coxa. A força de sua bota de biqueira de aço quase me fez cair de joelhos.

Porra, foi tão doloroso que minha visão ficou turva. Perdi o controle da minha faca e lutamos por ela, mas ele conseguiu me deixar com um corte feio ao longo do meu lado direito no vazio onde meu colete à prova de balas se juntava.

Respiro fundo, tentando me preparar psicologicamente para os grampos restantes. Dói pra caralho, mas tem que ser feito.

Quando pressiono o gatilho da pistola de grampos novamente, quase arranco sangue mordendo meus lábios, reprimindo um gemido alto de dor enquanto o metal aperta minha ferida firmemente. Depois de mais algumas respirações trêmulas, eu perfuro quatro grampos adicionais antes de meus dedos soltarem a arma, deixando-a cair para onde estava caída na cadeira em uma das salas de exame da clínica.

— *Porra.* — Tento afastar a náusea induzida pela dor porque preciso ficar de olho no prêmio.

Estou tão perto de chegar até eles. Sem mencionar que, quando fiquei esperando, ouvindo e avaliando antes de atacar, ouvi os homens falando sobre seu chefe e seu segundo em comando nunca mais mostrarem seus rostos.

— *Ouvi um boato de que um incêndio ou algo assim os desfigurou — disse um dos homens.*

Esse detalhe definitivamente despertou meu interesse.

Com um chiado dolorido, pego o grampeador sabendo que

preciso terminar isso. Eu me preparo para os próximos grampos e cerro os dentes contra o lamento que tenta escapar.

— *Droga.*

A maldição murmurada me fez virar a cabeça para olhar para a pessoa de pé na porta aberta, a arma agarrada na minha outra mão e apontada diretamente para ele.

Ele me dispensa com desdém, como se eu fosse um inseto irritante.

— Abaixе essa maldita coisa e deixe-me olhar para você.

— *Não.*— Com a arma ainda apontada para ele, eu o encaro. — Eu vou sair daqui em um minuto.

Ele me encara antes de fazer uma careta.

— Abaixе a maldita arma.

Eu não me mexo. E odeio isso, mas não sei se ele mudou em sete anos. Claro, meu dever de casa indicava que não, mas não posso arriscar.

Não antes de eu terminar.

A dor transparece em sua expressão e torce uma faca invisível em meu peito. Lentamente, ele levanta as mãos.

— Eu não sou uma ameaça.— Então seus olhos ficam enevoados, sua voz baixando para um sussurro quebrado. — Senti sua falta, Caitlin.

Eu respiro fundo com a dor brotando dentro de mim, mas não abaixo minha arma.

— Se você me entregar a eles, juro que vou te matar. — Eu seguro os olhos dele enquanto faço a promessa. Estou falando sério. Iria me matar, mas se ele me trair, não posso permitir que ele viva. Não se ele estiver na cama com esses idiotas.

— Concordo.— Olhando para o grampeador na minha outra mão, ele levanta o queixo, gesticulando para ele. — Agora, você vai me deixar te consertar, ou você insiste em fazer um trabalho de merda?

Nossos olhares se mantêm por um longo tempo antes que eu abaixе minha arma com um breve aceno de cabeça.

— Obrigado.

Doutor Hogue não hesita em sua abordagem, apenas parando quando está na minha frente. Suas feições suavizam. Quando seus dedos roçam a ferida, eu assobio, mas consigo ficar parada.

— Em nome de Deus, em que você se meteu, mocinha? — ele murmura.

— Do lado errado de uma faca.— Eu levanto meu olhar para estudá-lo enquanto ele cuida do meu ferimento. — Sinto muito, mas eu precisava usar seu...

— Silêncio. — Sua repreensão é severa, mas também há o afeto

familiar nela. Os olhos azuis correm para os meus brevemente antes de se concentrar em limpar melhor minha ferida. — Você é família!

Engulo em seco o pedaço de emoção desconhecida que me agride. Eu não me deixei sentir nada além de raiva por tanto tempo que... a afeição é estranha para mim agora.

É melhor assim.

Eu me recomponho contra isso e mudo de assunto.

— O dinheiro está na sua mesa. Para cobrir o que eu precisava.

A gaze e o antisséptico. O grampeador.

O úísque que ele guarda trancado na gaveta de baixo de sua mesa em seu escritório.

Ele lança um olhar penetrante para mim antes de inserir uma agulha algumas vezes para entorpecer a área ao redor da minha lesão, então ele pega o grampeador.

— Você sabe que eu poderia ter feito um trabalho melhor de costurar você do que com essa coisa.

Eu permaneço em silêncio porque eu não... não o quero envolvido.

Recuso-me a arriscar o único homem em quem confiei implicitamente. O homem que me ajudou a escapar anos atrás.

— Eu raramente passo por aqui depois do expediente. Mas esta noite, por algum motivo, algo me disse para verificar as coisas. — Pequenas linhas se espalham pelos cantos de seus olhos, e a sugestão familiar de um sorriso faz meu coração disparar no meu peito.

Uma vez que ele termina e fixa o curativo no lugar, seus olhos permanecem na área.

— Gostaria que você tivesse me deixado limpar toda a ferida. Para ter a certeza...

Eu me troco, mal segurando um estremecimento com a dor, e deslizo para fora da mesa.

— Você ajudou muito. Não permitirei que você arrisque sua vida mais do que isso.

Ele solta um suspiro e arranca o papel da cadeira de exame, grande parte vermelha do meu sangue. Descartando-o e a agulha nos receptáculos designados, ele lava as mãos na pia próxima. Uma vez que ele as seca, ele me encara, sua expressão enviando espinhos de desconforto viajando pela minha espinha.

— Preciso ir. Obrigada.— Eu me viro, mas ele me impede.

— Caitlin, por favor.

Faço uma pausa, mas não me viro. Não posso.

— Caitlin Ashford morreu há sete anos, Doc. Você seria inteligente em se lembrar disso.

É verdade. Digo isso como um lembrete para mim e para ele.

— Apenas... me prometa que você terá cuidado.

Uma parte de mim quer rir na cara dele. Cuidado? Estou sozinha caçando todos os membros da Máfia Dixie que posso encontrar e matando-os.

Não há reuniões de pais, brigas de cócegas com minha filha, noites de encontro com meu marido ou jantares com minha família aos domingos.

Agora sou uma assassina.

Arrependimento me esmaga, e eu me enrijeço contra o ataque antes de responder calmamente.

— Não posso prometer isso.

Quando passo pela porta, suas palavras suaves seguem tão fracamente atrás de mim que não tenho certeza se são para eu ouvir.

— Que Deus te proteja.

Saio da clínica pelos fundos sem dizer uma palavra.

Porque Deus precisa se sentar à margem para isso.

CAPÍTULO 14

O CAÇADOR

A PRIMEIRA VISITA

A pequena clínica médica está praticamente às escuras, com exceção de seu consultório, sua mesa espalhada com arquivos de pacientes. Evidentemente, ele é contra a era digital com sua prática. Atrás de sua cadeira há uma grande estante de livros transbordando de revistas médicas, mas o que chama minha atenção é uma das fotos emolduradas na extrema direita. Eu reconheço instantaneamente a mulher capturada nele.

Caitlin Ashford.

Nele, ela parece muito diferente das fotos que eu examinei recentemente.

Aqui, ela segura uma garotinha no colo que compartilha seu sorriso e olhos, e ambas irradiam tanta felicidade, tanta vida, que tenho que desviar meus olhos da foto.

Atravessando a clínica, com a arma na mão, dirijo-me em direção aos sons vindos de uma das salas de exame no final do corredor curto.

— Já passou do horário, mas se houver algo em que eu possa ajudá-lo, eu ficaria mais do que feliz em ajudar. — O velho oferece isso antes de se virar para o lado onde estou na porta, olhando-o atentamente para avaliar se ele parece ter alguma arma.

Apesar de estar na casa dos cinquenta, tenho a sensação de que este homem não deve ser subestimado.

Olhos azuis abaixam para minha arma antes de voltar para encontrar meu olhar

— Em que posso ajudá-lo, filho?

— Um pouco tarde para limpeza depois de um paciente. Especialmente quando você fechou há três horas.

Ele segura meu olhar com firmeza.

— Você me parece do tipo que reconhece um perfeccionista quando vê um. — Gesticulando para a sala de exames, ele acrescenta: — Às vezes, minha equipe coloca as coisas onde eu não as quero.

Meus olhos passam por ele, pousando no grampeador.

— Alguém veio com uma lesão grave, Doutor?

Com a voz ainda mantendo a qualidade agradável, seu olhar fica um pouco mais frio. As bordas de sua boca aparecem em um sorriso parcial.

— Agora, filho. Não tenho certeza de onde você vem, mas por aqui, nos apresentamos antes de fazer um monte de perguntas.

— Achei que minha arma era uma apresentação suficiente.

— Concordo em responder o melhor que puder, mas preciso que você responda a uma pergunta primeiro.

— Você não está realmente em posição de negociar, Doutor.

Os olhos azuis ficam gelados.

— Depende se você quer informações ou não.

Olhamos um para o outro, nenhum de nós disposto a se virar primeiro.

Ainda segurando meus olhos, ele oferece.

— Vamos sentar e conversar no meu escritório?

— Aqui está bom.

Com um leve suspiro, o velho se afunda na cadeira de escritório, apoiando as palmas das mãos nos joelhos. Sento-me na cadeira mais próxima da porta, sem tirar os olhos dele.

Ele desvia o olhar para a porta, e há algo melancólico em seus olhos.

— Eu vivi uma boa vida, então se você está planejando me matar, faça isso.

O velho é corajoso, admito.

— Eu preciso de algumas respostas primeiro. — faço uma pausa. — O que você pode me dizer sobre Caitlin Ashford?

Esses olhos azuis se voltam para os meus, mas um momento passa antes que ele responda.

— Eu presumo que se você veio me procurar, você já sabe minha relação com ela.

— Eu prefiro ouvir o que você tem a dizer.

Ele me estuda brevemente.

— Eu conhecia o pai dela. Bom homem. Fiz o parto de Caitlin e a ensinei algumas coisas. — Seus olhos assumem um olhar distante. — Ela sempre foi tão feliz. E então eu fiz o parto da filha dela, Willow. — Suas feições nublam enquanto ele evita seu olhar, sua voz ficando grossa. — Ela era uma criança linda, como sua mãe.

— Eu li o que aconteceu no dia em que ela desapareceu. Ela te deu um soco. Dominou você e escapou.

Ele assente.

— Você sabe o que aconteceu com ela depois disso?

Sua testa franze, e ele parece perturbado e dominado pela tristeza.

— Eu acredito que Caitlin morreu.

Eu estreito meus olhos, tentando dissecar suas palavras e expressão, e ainda... tudo parece que ele está dizendo a verdade.

— Por que você está me perguntando isso?

Sou cuidadoso com minhas frases.

— Porque houve algumas... perturbações dentro da Máfia Dixie. Ele franze as sobrancelhas.

— Perturbações?

Eu evito esclarecer e, em vez disso, pergunto:

— Então, você não acha que Caitlin voltaria para se vingar?

Ele respira fundo antes de balançar a cabeça lentamente.

— Não. Acredito que Caitlin morreu há sete anos. — Sua expressão é de remorso. — Tem que ser outra pessoa que está atrás de vingança. — A maneira como ele diz isso, em um murmúrio baixo, faz parecer que ele está falando sozinho.

Ainda parece que ele não está me dizendo algo, mas não consigo identificar.

— Um aviso, meu jovem. — A maneira como o médico me encara me deixa desconfortável, não de uma forma fisicamente ameaçadora, mas mais como se ele estivesse me oferecendo um vislumbre de uma premonição. — Nem tudo é o que parece por aqui. Há sempre mais por trás da história do que você espera.

CAPÍTULO 15

Ela

Ele é uma criatura de hábitos, e isso só torna as coisas mais fáceis para mim.

Eu observo enquanto ele percorre rapidamente os degraus que levam da delegacia até a calçada onde um caminhão de comida está estacionado, claramente arrecadando dinheiro se a entrada e saída de inúmeros funcionários for uma indicação.

O detetive Warren paga, depois fica de lado enquanto espera o pedido do almoço ser chamado. Eu o estudo através do pequeno monóculo de onde me deito ao acaso esparramada em um dos bancos do outro lado da rua, e meus olhos avistam um pequeno corte ao longo do lado esquerdo de sua mandíbula.

Graças ao último vagabundo que reivindicou este lugar, deito-me em jornais acolchoados vestida com um poncho verde escuro enorme, o capuz cobrindo minha cabeça. Com meu ar projetado de derrota e sujeira, eu facilmente me misturo com os outros nas proximidades.

Assim que o detetive recebe seu pedido, espero até que ele se dirija para as escadas que levam de volta ao prédio antes de fazer a ligação.

Empilhando cuidadosamente seu café para viagem em cima de seu recipiente para retirada de isopor, ele olha para a tela e para um instante antes de responder.

— Detetive Warren.

— Olá, detetive. Eu estava querendo te ligar... — O aplicativo gratuito de distorção de voz está fazendo seu trabalho, felizmente.

— Quem é? — Ele imediatamente olha em volta, procurando a visão de qualquer um que se destaque.

— Você sabe o que está acontecendo com a Máfia Dixie nos dias atualmente?

Há um endurecimento sutil de seus ombros.

— Quem diabos é você?

— Você tem trabalhado duro, mas nada está preso, hein? — É uma pergunta retórica, então não paro para ele responder. — Bem, e aquele dinheiro sujo que desapareceu na outra noite? Encontrou o caminho para uma boa causa. O Exército da Salvação e o Centro para Crianças Abusadas e Negligenciadas. — Minha voz endurece. — Essas organizações farão justiça a esse dinheiro sujo de sangue.

Warren balança a cabeça.

— Você não pode simplesmente sair por aí matando pessoas. — À medida que ele ganha impulso, seu tom fica mais firme. — Não é

assim que funciona.

Eu o observo mesmo que ele não possa me ver.

— É assim que as coisas funcionam agora, detetive. Quando o sistema de justiça falha, outra pessoa precisa intervir.

— Você não pode

— Ei, detetive? — Interrompo de repente. Porque aí está a minha deixa: o guincho indutor de estremecimento dos freios do ônibus da cidade enquanto ele chega à parada programada na frente da delegacia. — Tenha cuidado ao fazer a barba da próxima vez. Seria uma pena cortar mais aquele rosto bonito. — O ônibus bloqueia minha visão do detetive quando termino a ligação, depois descasco o poncho e o escondo sob o maço grosso de jornais antes de me afastar.

Estou fora de vista antes do ônibus partir.

CAPÍTULO 16

Ela

— ...disse que algo aconteceu no antigo armazém na Market, perto da Seventeenth Street.

— Eu ouvi isso. Eles estão dizendo que houve um ataque.

— Espero que não seja outro grupo tentando assumir o controle.

As mulheres que falam em voz baixa do lado de fora do pequeno café continuam descendo a calçada, suas vozes desaparecendo enquanto se dirigem na direção oposta.

Inicialmente, parei do lado de fora da entrada do café por causa da conversa, mas agora noto a placa no quadro-negro exibida ao lado das portas com os dizeres: **Viva uma grande história. A vida é muito curta para desistir antes DO FIM.**

As palavras geram um desejo tão feroz que pressiono meus dedos no centro do meu peito para tentar aliviar a dor lá.

Viva uma grande história. Viva uma grande história.

As palavras se repetem em um loop na minha cabeça. *Estou vivendo uma grande história?*

Eu bufo com escárnio. Suponho que depende da perspectiva.

Enquanto continuo descendo a calçada, ainda estou atormentada por uma dor irritante enquanto minha ferida cicatriza. Todos ao meu redor veem uma mulher mais velha, graças novamente ao trabalho de látex líquido e maquiagem pesada e à ajuda de uma peruca.

Meu cabelo grisalho está penteado em um corte de cabelo elegante, e eu estou vestida com roupas simples calças pretas, blusa e jaqueta na mesma cor para afastar as temperaturas mais frias, já que está na casa dos cinquenta. Meus sapatos são simples solas pretas de suporte, e óculos escuros protegem meus olhos.

Aproximando-me da área em particular, eu guerreio comigo mesma.

Talvez tenha sido um erro.

Eu diminuo a velocidade assim que vejo as janelas perfeitas, aquelas que uma vez foram quebradas por balas. O sinal acima da entrada não é diferente, e é preciso cada grama de autocontrole para não chegar e agarrá-lo. Porque não é verdade.

Não é mais o Bullard's Gun & Pawn, droga. Meu pai não está atrás do balcão, conversando com os clientes sobre munições ou com caçadores ávidos sobre tomar MREs em sua próxima viagem de caça. Deacon não está mostrando aos clientes equipamentos refletivos ou rifles de caça.

A pequena loja de penhores que fazia fronteira com nossa loja

se foi, agora eles ampliaram a área da loja de penhores, e as vitrines da loja abrangem toda a frente ao longo da calçada.

Mas eu sei o que eles fizeram com o espaço extra atrás das exposições de mercadorias.

Eu não deveria, mas alcanço a porta de qualquer maneira e entro enquanto o pequeno toque eletrônico soa, me anunciando. Ninguém me cumprimenta. Os dois homens no balcão, um com uma tatuagem da bandeira confederada estampada na lateral do pescoço, estão em profunda discussão com outro homem, cujos ombros têm um quilômetro de largura e que não parece ser um cliente, simplesmente pela vibração de autoridade perigosa que ele emite.

Eu deslizo meus óculos de sol para descansar em cima da minha cabeça com cuidado e examino os corredores, olhando casualmente o interior da loja. Algumas câmeras estão colocadas por toda parte, mas eu não vejo uma ao alcance da caixa registradora na extremidade da vitrine, mais próxima da parede traseira, onde uma porta está marcada apenas para funcionários. Meus olhos se dirigem para aquela porta que leva aos fundos da loja, onde o escritório do meu pai ficava. Levava à entrada dos fundos, Willow, e eu passamos por lá naquela noite há muito tempo.

Minha garganta aperta dolorosamente, e eu vou afastando as emoções que só irão me deixar fraca.

Na minha visão periférica, vejo o movimento. Um jovem adolescente caminha até o caixa para pagar uma jaqueta de acampamento, e eu observo discretamente enquanto o homem com a tatuagem no pescoço se afasta para chamá-lo.

Jeremiah, de acordo com o nome bordado em sua camiseta da loja Bullard 's Gun & Pawn, se aproxima do caixa perto da parede traseira da loja. Ele aceita o dinheiro do garoto e lhe dá um recibo e algumas moedas em troca.

O que acontece a seguir é tão sutil e rápido, muito parecido com um truque de mágica. O garoto se vira e sai com sua jaqueta nova enquanto Jeremiah discretamente retira dinheiro do caixa antes de fechar a gaveta, colocando rapidamente o dinheiro no bolso da frente.

O homem com os ombros largos se vira e passa pela porta *Apenas para Funcionários*. Não vejo muita coisa antes que ele feche a porta atrás dele, mas não importa. Eu já sei o que está lá atrás.

Eu casualmente redireciono minha atenção para as mercadorias no corredor atual em que estou. Passos se aproximam, e eu me preparo.

— Posso ajudá-la em alguma coisa, senhora?

Colocando uma expressão agradável no meu rosto, me viro para encarar o homem e o pego olhando para a minha bunda. A bile sobe na minha garganta pelo jeito que ele me olha lascivamente. A maneira

como ele não se apressa em me olhar nos olhos, combinada com o leve sorriso puxando seus lábios, me faz querer terminar meu jogo agora e fazer o que precisa ser feito. Mas não. Isso tornará minha vingança mais doce porque esse homem tem uma tatuagem no pescoço com a Máfia Dixie inscrita no detalhe da tinta.

— Meu marido gosta de caçar, então eu estava procurando algumas facas novas para ele.

— Devo dizer, seu marido é um homem de sorte por ter uma esposa que viria aqui voluntariamente à procura de facas de caça.— Seu tom condescendente me atinge. — A maioria das esposas odeia o hobby que tira seus homens delas.— Ele inclina a cabeça de lado. — O que ele normalmente caça?

— Coisas grandes, principalmente.

Uma pitada de confusão se aproxima de seu rosto.

— Como veado?

— Hum, como isso.— Eu aponto para o estande de facas, desviando rapidamente sua atenção da minha resposta. — Talvez você possa me ajudar a escolher?

— Seria um prazer. Ele me leva até as caixas de vidro fechadas. — Agora, isso é o que recomendamos...

Ele explica alguns, e eu peço para ver uma ainda guardado no estojo que ele não me mostrou. Assim que ele o coloca na superfície do vidro, eu sei que é única.

— Acho que gosto mais desta.— Eu chamo a atenção de Jeremias e me prendo com um meio sorriso inocente. — Para meu marido.— Minha atenção retorna à ponta afiada e elegante da faca. Pegando o Ka-Bar Becker, admiro-a, girando-a devagar, com cuidado.

Colocando-a de volta no topo de vidro, traço uma ponta do dedo ao longo do lado plano da lâmina antirreflexo revestida a pó, projetada para cortar materiais pesados.

— Perfeito para esfolar o animal. — Eu pego Jeremiah olhando para mim com um olhar indecifrável e ofereço um sorriso. — Vou ficar com essa.

— Ótimo. Cartão ou dinheiro?

— Dinheiro

Seus olhos se iluminam, e tenho a sensação de que sei o porquê. Porque ele planeja roubar de novo.

Hmm, eu me pergunto se ele desvia suas operações de lavagem de dinheiro, também.

Ele me entrega meu troco e recibo antes de oferecer a faca com segurança em sua embalagem.

— Tenho certeza de que seu marido ficará impressionado com isso. — Seus olhos viajam pelo comprimento do meu corpo, e eu cerro os dentes para manter meu sorriso educado no lugar. — Volte

novamente e me veja.

Com um simples aceno de cabeça, me viro e vou em direção à saída da loja. A cada passo que dou, sinto seus olhos entediados atrás de mim.

Que poético, penso cinicamente. Você acabou de convidar a pessoa que planeja te matar.

Porque ele foi o quarto homem naquela noite. Aquele que dirigiu o carro da fuga. O que o torna tão responsável pelos assassinatos da minha família como os outros.

Ele vai pagar.

Com sangue.

CAPÍTULO 17

Ela

— Ei, mamãe, adivinha?

Willow sorri para mim, os olhos brilhando de felicidade descarada, a boca pequena se abrindo em um sorriso largo e despreocupado.

— O que foi, querida?

— Eu te amo.

— Ah, docinho! Eu a pego e a seguro com força, sufocando suas bochechas com tantos beijos, e suas risadas me fazem sorrir ainda mais. Quando eu a coloco no chão e digo: — Eu também te amo — ela se afasta quando uma névoa espessa entra.

O pânico passa por mim quando a perco de vista.

— Willow! Willow! — Eu corro para frente, tentando encontrá-la, incapaz de ver qualquer coisa através da névoa.

Quando finalmente clareia, vejo Willow deitada no chão, o sangue se acumulando sob seu pequeno corpo, os olhos sem visão me encarando.

— Willow! Não! — Eu grito, tentando alcançá-la, mas alguma força invisível me impede de tocá-la.

Eu pulo na cama, suor escorrendo de mim, meu peito arfando com respirações irregulares. A pior parte desses pesadelos é que eles também são reais. Não é como assistir a um filme de terror e simplesmente ter uma imaginação hiperativa quando adormece.

É com esses pesadelos que tenho que conviver. Mas eu não posso me ressentir totalmente deles, já que eles também servem como uma lembrança do que eu preciso fazer.

Minha família merece que seus assassinos – e cada pessoa ligada a eles – paguem o preço final.

Balançando as pernas sobre a cama, coloco os pés no chão e suspiro. Eu pego meu cabelo em um rabo de cavalo e uso o elástico de cabelo preso ao redor do meu pulso para prendê-lo. Alcanço uma calça esportiva preta, uma camisa de manga comprida que absorve a umidade e um moletom de capuz preto, prendo uma faca embainhada no tornozelo. Então eu calço meus tênis e saio silenciosamente da casa.

Ouvi dizer que você não pode fugir do seu passado. Não significa que não vou continuar tentando. Correr se tornou algo crucial para mim. Começou durante meu treinamento inicial.

— Um corpo em movimento é um alvo mais difícil. Seu corpo é uma arma letal. Uma arma letal nunca pode ser lenta.

Kru Namsaknoi me fez correr mais do que nunca na vida. No começo, eu odiei. Então ele me disse que correr era apenas uma

ferramenta.

— Quando você corre, o que você acha?

— Eu odeio tanto — eu gemi.

Ele deu um aceno conciso de cabeça.

— Você faz isso errado. Na sua cabeça, enquanto corre, pense. — *Ele bateu na lateral de sua têmpora para enfatizar. — Pense em tudo o que você odeia. Faça o que você adora. O que você quer fazer Então — ele colocou dois dedos no centro do meu peito — sinta aqui.*

Use o ódio, o amor, a emoção brotando dentro de mim para alimentar minha força. Era o que ele estava dizendo.

Às vezes, me pergunto se algum dia ficarei sem ódio. Parece ter se fundido na medula dos meus ossos, infundida em cada molécula do meu ser.

A rua pavimentada é tranquila, e eu uso o ódio para me alimentar a cada passo. Com o capuz na cabeça, calças compridas e tênis pretos, sei que pareço um homem alto e magro. Minha falta de curvas funciona a meu favor.

Uma vez que eu alcanço o que eu estimo ser aproximadamente dez quilômetros, eu desacelero o meu ritmo para uma leve caminhada. O suor que se acumula na base da minha coluna fica frio quando uma rajada de vento passa. O tempo está ficando muito mais frio, mas é a minha vantagem. Ninguém pensa duas vezes sobre um homem usando um moletom grosso com capuz, empacotado contra o frio. Ninguém pensa em procurar marcas reveladoras através de roupas indicando armas escondidas.

Enquanto vou para a antiga casa que estou alugando, diminuo ainda mais o ritmo, me garantindo e vasculhando a área observando qualquer um à espreita.

A casa está situada entre um posto de gasolina abandonado e um prédio de habitação subsidiado pelo governo. Barras nas janelas das casas, um ‘acessório’ comum por aqui, são um bônus porque significa menos rotas possíveis de entrada.

Quando eu apareci com o dinheiro em minhas mãos como um pagamento adiantado para seis meses de aluguel e aparência inofensiva, o neto que herdou a casa tinha praticamente empurrado a chave em minha mão, muito mais ansioso para alugar o lugar imóvel do que se preocupar em executar uma verificação de antecedentes.

Satisfeita quando não detecto nada suspeito em minha casa, estou quase na metade do caminho do prédio degradado quando vozes altas chamam minha atenção. A realidade brutal sobre a merda de habitação subsidiada aqui é que ela deveria ter sido condenada há muito tempo, mas ninguém presta atenção à condição do prédio enquanto o aluguel estiver sendo pago.

Policiais também não gostam de se preocupar com este lugar

porque é um aborrecimento e uma tonelada de papelada para nada. Eles sabem que essas pessoas simplesmente pagarão a fiança e voltarão a fazer qualquer merda que estivessem fazendo.

Com as paredes e portas finas como papel do prédio, não há como alguém em um raio de uma milha não ter ouvido a discussão, e isso me irrita muito. Os gritos parecem estar vindo da unidade 5. Tawnya mora aqui e trabalha em tempo integral na Cut & Curl. Boa moça. Terrível gosto para homens, evidentemente.

— *Você é uma puta de merda, sabia disso? Você tem trocado mensagens com ele enquanto você está comigo! Sua filha da puta! — O som de algo batendo contra uma superfície dura é seguido por um grito feminino que enrijecem todas as fibras do meu corpo.*

— *Sim, o que você acha disso? — Um tapa alto e um suspiro colorido de dor vêm a seguir.*

Porra. Eu paio do lado de fora da porta deles, hesitando até ouvi-la chorar, o som tão derrotado que faz minhas entranhas murcharem.

— *Sinto muito. Eu juro que não fiz nada de errado. Ele só queria agendar um corte de cabelo.*

Ela está se desculpando. Merda. Meus dedos se curvam em punhos apertados quando a raiva toma conta, pulsando em minhas veias como heroína para um viciado. Parando em frente da porta, bato o punho nela em duas batidas fortes.

A pisada vem a seguir, e eu espero ser confrontado com um homem adulto que está tendo uma birra completa antes mesmo de abrir a porta.

— Que porra você quer? — Ele zomba de mim, olhando para meu capuz e minha calça comprida sem forma com desgosto.

Espreito por ele, procurando por Tawnya. No instante em que a encontro encolhida no canto da sala de estar, com uma combinação de medo e derrota gravada em seu rosto enquanto ela segura o pulso no peito, sei o que preciso fazer.

Fixando meus olhos nele, adoto um tom casual.

— Estou procurando um babaca que bate em mulheres. — Meus olhos se arregalam com a falsa inocência. — Alguma ideia de onde eu possa encontrar um?

Ele imediatamente dá um passo à frente, me intimidando, mas está no nível dos olhos comigo, e posso dizer que isso o incomoda. Muito.

O cara não gosta de ficar cara a cara com alguém da sua altura.

Sua respiração fede, e quando ele rosna para mim, cuspe voa com cada maldita sílaba.

— Cuide da sua vida.

— Seus assuntos estão tão alto que saiu pela porta da frente.—

Ofereço um sorriso falso. — Foi quando se tornou meu negócio também.

— Escute, idiota... — Sua resposta é interrompida quando eu o surpreendo com um golpe de palma em seu nariz, e o som de quebra de osso do impacto da palma da minha mão é ridiculamente satisfatório.

O golpe inesperado o faz cambalear para trás, as mãos voando para o rosto enquanto o sangue escorre de seu nariz quebrado. Entro e fecho a porta atrás de mim. Batendo um joelho entre as pernas com força suficiente para que seus joelhos se dobrem, mandando-o para o chão, eu o agarro pelos dreadlocks. Eu o forço a olhar para mim, sacudindo a cabeça para trás e colocando meu pé sobre a virilha.

— Você me ouviu, filho da puta. — Faço uma pausa, aumentando meu aperto em seu cabelo. — Você vai deixar este lugar e nunca mais vai aparecer.

Se seus olhos pudessem atirar fogo, isso aconteceria agora.

Seu olhar transborda de raiva, e mesmo com o sangue jorrando de seu nariz, ele ainda consegue me irritar.

— O que diabos você vai fazer sobre isso?

Parece que esse filho da puta quer me testar.

Eu o soco em seu nariz quebrado, e ele uiva de dor.

Puxando o Ka-Bar de sua bainha, traço a ponta ao longo da frente de seu pescoço antes de pressioná-lo contra a base de sua garganta, apenas o suficiente para tirar um pouco de sangue. Ele empalidece, ficando branco como giz.

— Vou cortar a porra da sua garganta. Então eu vou cortar a porra das suas bolas. — Eu me inclino para mais perto. — E isso é apenas o começo. Estamos entendidos?

Com tanto medo de acenar com a cabeça por medo de fazer com que minha faca caísse mais fundo em sua garganta, ele responde com um rápido “Uh-huh”.

Eu franzo a testa severamente.

— O que foi isso? Agora, certamente, você foi criado com boas maneiras ao falar com uma dama.

Ele luta para murmurar.

— Sim, senhora.

Meu sorriso se ilumina.

— Bem melhor. — Eu lentamente me afasto. — Adeus, idiota.

Seus olhos nunca se desviam dos meus quando ele se levanta. Ele olha para mim como se estivesse vendo o anticristo em carne e osso.

Talvez seja isso que sou hoje em dia, mas este anticristo não vai ficar parada enquanto alguém é espancada sem motivo.

Levanto a faca, semicerrando os olhos para ele e sorrio.

— Lembre-se, você não quer que eu use isso em você no futuro.
— Ele faz uma careta enquanto se afasta para a porta. — Eu gostaria muito.

Com um resmungo quase inaudível de algo que soa como. ‘Maldita louca’ ele sai correndo do apartamento, batendo a porta atrás dele.

Eu deslizo a faca de volta na bainha antes de me dirigir à mulher sem me virar.

— Não é a primeira vez que ele te machuca, é?

Há uma pausa de milissegundos.

— Não.

— Está quebrado?

— Acho que sim.

— Você deveria ir ao pronto-socorro.

Tawnya exala alto antes de murmurar.

— Meu seguro é uma merda.

Foda.

— Você conhece a clínica na South Fifteenth com a Igreja?

— Sim?

— Eles devem ser capazes de ajudá-la lá. Se você puder fazer isso de manhã, logo que eles abrirem. Coloque gelo e coloque um pouco de ibuprofeno até lá.

— Mas... eu não recebo até...

— O médico faz muito trabalho voluntário. Às vezes, as pessoas o pagam no comércio com coisas como vales-presente ou trocas de óleo. Coisas assim. — Eu passo em direção à porta. Já fiquei muito tempo, falei demais. — Vá vê-lo se quiser que esse pulso fique bom novamente.

— Por que você fez isso? — Sua pergunta, feita com uma mistura de espanto e confusão, me faz endurecer imediatamente porque presumo que ela esteja brava comigo por enfiar meu nariz onde não pertence.

Colocando a mão na maçaneta, paro.

— Há um ditado que diz que o mal prevalece quando as pessoas boas não fazem nada. — Então eu recuo porque a última coisa que eu quero fazer é me pintar como algum tipo de santo. — As pessoas não devem ficar paradas e não ajudar.

Abrindo a porta com um puxão, passo por ela quando ela fala.

— Como posso retribuir?

— Não deixando que esse, ou qualquer outro idiota, faça essa merda nunca mais.

Fechando a porta atrás de mim, saio correndo, grata pela cobertura da escuridão, e fujo para minha casa.

CAPÍTULO 18

Ela

VISITANDO UM VELHO AMIGO

Foi muito fácil colocar o carro abandonado que eu descobri para funcionar novamente.

Graças a ele.

Deacon sempre gostou de mexer em carros. Ele continuou a fazer isso quando a economia local atingiu um período difícil um ano em particular, e a loja não estava trazendo tanta renda. Ele consertava transmissões, carburadores, trocava filtros, qualquer coisa embaixo do capô.

A memória me bombardeia como a mais forte rajada de vento porque aconteceu quando nosso casamento estava vivo e próspero.

O sol está baixo, lançando o céu em uma maravilhosa variedade de tons de laranja, vermelho e dourado. Dentro da garagem, as mãos de Deacon estão apoiadas em cada lado do capô aberto, apoiado no veículo enquanto ele o estuda, parecendo perdido em pensamentos.

— Ei, meu bem. Ainda trabalhando duro?

Ele se vira e, no instante em que seus olhos escuros se fixam aos meus, sua boca se curva em um sorriso.

— Essa maldita coisa está me deixando triste. — Ele está trabalhando no carro de Billy Spears há algumas horas. A pintura desbotada não é muito para se olhar, mas está em boa forma.

Eu me aproximei dele, e ele pegou um pano, limpando as mãos antes de se virar para mim. Eu me aproximo e descanso as palmas das mãos na camisa de algodão macia e bem gasta que cobre seu peito duro.

Ele levanta as mãos com uma careta.

— Eu preciso me limpar.

Levantando-me sob os dedos dos pés, falo contra seus lábios entre beijos leves

— Eu gosto quando você me deixa suja. — Mais alguns beijos. — E papai não voltará com Willow por pelo menos mais uma hora. — Eu o apoio contra o veículo.

Com a boca contra a minha, ele murmura.

— Humm. Você tem alguma ideia de como gastar essa hora?

Com outro beijo suave nos lábios, me afasto com um sorriso e vou até o lado da garagem para apertar o botão para fechar a porta automática da garagem. O sorriso de Deacon fica mais largo, seus olhos escurecendo de excitação enquanto ele me observa se aproximar

dele.

Meus dedos encontram seu jeans assim que a porta da garagem se fecha, e eu rapidamente desabotoo e abro o zíper antes de mergulhar sob o jeans e os boxers para envolver minha mão em torno de seu comprimento endurecido. Sua respiração aguda envia uma onda de umidade se acumulando entre minhas coxas.

— *Caitlin.*

A maneira como ele diz meu nome me dá tanto poder quanto o amor que brilha em seus olhos. Quando me ajoelho e o pego na boca, ele me para, com cuidado, me guiando gentilmente um passo para trás.

Ele fecha o capô antes de me girar e me colocar na superfície lisa, se colocando entre minhas pernas. A boca dele bate na minha em um beijo cheio de fome e paixão, e eu me agarro a ele, com as mãos fechadas no algodão de sua camisa.

— Não tenho certeza se Billy aprovaria isso. — Minha voz está sem fôlego e irregular enquanto ele segue beijos ao longo da lateral do meu pescoço. Quando a mão dele desliza por uma das minhas coxas nuas, empurrando a bainha do meu simples vestido de verão para fora do caminho para mergulhar sob minha calcinha e descobrir onde estou molhada e latejando por ele, não consigo conter um leve gemido de necessidade.

— Billy não vai saber o que estou prestes a fazer com você em seu capô. — Ele se inclina para trás uma fração, e seus olhos brilham com calor sexual e intenção que tem minha respiração se alojando na minha garganta com antecipação. Sua ponta de dedo calejada traça minha entrada e meu pico de mamilos. As bordas de sua boca se inclinam ligeiramente.

— O que você vai fazer?

Deacon se inclina e dá um beijo quente ao lado da minha garganta antes de responder, sua voz um estrondo baixo e rouco que me faz estremecer.

— Eu planejo fazer minha esposa gozar em toda a minha língua enquanto ela está neste capô. — Outro beijo molhado e quente na minha garganta antes que ele adicione: — E depois em todo o meu pau. — Ele pressiona o dedo grosso dentro de mim, e eu me agarro a ele, meu corpo arqueando instintivamente.

— Deacon — eu choramingo.

— Você é tão linda — ele murmura contra minha pele enquanto deixa um rastro de beijos na minha clavícula. Seu dedo entra e sai de mim em um ritmo lento e agonizante que me faz balançar os quadris.

Quando ele me coloca mais para trás, usando a outra mão para puxar minha calcinha para o lado e abaixar a cabeça para colocar a

boca em mim, eu estendo as palmas das mãos no capô. Meus olhos se fecham quando ele me ama com seus lábios e língua, me deixando louca de necessidade.

Ele seguiu seus planos. Mal nos vestimos a tempo do meu pai voltar com a Willow a reboque.

A noite estava cheia de olhares maliciosos entre meu marido e eu até que os outros foram para a cama. Então Deacon adorou meu corpo mais uma vez em nossa cama.

Mentalmente, afasto as memórias e me concentro em sair pela saída correta para Southport. Não venho aqui desde que voltei, e mesmo sabendo que é arriscado, preciso vê-la.

Preciso saber se ela está bem, para vê-la com meus próprios olhos, pelo menos uma vez.

Quando encontro uma vaga de estacionamento ao longo de uma das ruas laterais da Howe Street, fico atenta a qualquer coisa fora do comum. Se alguém me pegar, vai acabar investigando Doc e Sara Jane. Doc pode cuidar de si mesmo, mas Sara Jane é a pessoa com quem eu sempre me preocupei mais.

É por isso que eu fiquei de olho ela. Principalmente no começo, logo depois que saí.

Ela foi atropelada pela imprensa e evitada por outros empresários locais depois que eu desapareci. Eles a acusaram de ‘ajudar uma assassina a escapar’ e ela passou por críticas tão pesadas que começou a receber ameaças de morte. Sua casa e loja foram vandalizadas várias vezes. Foi horrível testemunhar isso do outro lado do mundo. Então, eu sabia que precisava fazer alguma coisa.

Pedi a alguém que facilitasse o contrato de aluguel da loja no centro de Southport para Sara Jane para o novo local de sua galeria. Naquela pequena cidade, com o turismo crescendo exponencialmente a cada ano, ninguém se importaria o suficiente com os rumores que a atormentavam em Seaside Cove. O dono de uma galeria de arte sofisticada na rua principal que atravessa o centro de Southport seria uma atração suficiente, sem falar no dom de Sara Jane de encontrar e exibir a arte mais eclética e bela.

O pagamento do aluguel por um ano adiantado tinha sido o incentivo para a empresa de gestão de propriedade para colocar uma pressa nas coisas. Eu enviei a papelada para ela com as informações do contrato de aluguel e as chaves da galeria com uma simples nota.

Sua nova galeria fica na 8413 South Howe Street, em Southport. O contrato de Locação está em anexo.

Então eu não pude resistir em acrescentar:

Sempre esteja sempre atenta ao seu redor.

Eu queria que ela soubesse que era legítimo. Que era de mim,

mesmo que eu não pudesse dizer de uma vez. Sara Jane conhecia bem meu pai e estava recebendo esse lembrete em particular toda vez que saía de nossa casa durante nossos anos de ensino médio.

— *Sempre esteja ciente de seu entorno, Sara Jane — ele a lembraria.*

— *Sim, senhor — ela responderia com um sorriso.*

Ela nunca revirou os olhos ou ficou exasperada ao ouvi-lo dizer a mesma coisa inúmeras vezes. Ela sabia, assim como eu, que ele dizia isso porque se importava. Mesmo que ela não fosse parente de sangue, ele ainda estava preocupado com a segurança dela.

Com o passar dos anos e nós ficando mais velhas, Sara Jane gostava de dizer isso para meu pai. Olhando para trás, acho que era a maneira deles expressarem o afeto um pelo outro.

Minha melhor amiga, que nunca teve um pai próprio, amou o meu. Um homem que havia passado tão discreta e delicadamente por suas defesas iniciais para mostrar exatamente o que era ter um pai.

E ela ficou devastada ao meu lado quando o perdemos.

Respirando fundo o ar fresco, aliso meus cabelos grisalhos e entro na galeria, o pequeno sino tilintando soando como eu.

— Eu já estou indo!

Assim que ouço a voz dela, cerro os punhos com a vontade esmagadora de correr em direção a ela e envolvê-la em meus braços.

Para abraçá-la e dizer que sinto falta dela.

Para dizer a ela o quanto sua amizade significava para mim.

O ditado sobre como a vida é curta, então passe o máximo de tempo valorizando aqueles que você ama e diga-lhes como você se sente é verdade. A parte triste é que a maioria das pessoas repassará essa citação ou clicará no botão *curtir* nas mídias sociais e nunca seguirá com a mensagem real.

No fundo, a parte lógica de mim sabe que Sara Jane percebeu que eu a apreciava e a amava e estava grata por sua amizade. Mas com certeza nunca disse o suficiente ou a abracei o suficiente.

E, caramba, eu me arrependo disso até a medula dos meus ossos.

— Posso ajudá-la a encontrar algo em particular?

Com meu chapéu de pajem puxado para baixo sobre meus cabelos grisalhos, meu nariz protético e queixo no lugar, e lentes de contato azuis, eu lanço-lhe o mais rápido dos olhares antes de retornar minha atenção para uma bela pintura a óleo que adornam a parede diante de nós.

Retrata o farol de Caswell Beach.

Educando minha voz a soar mais rouca, respondo.

— É maravilhosa. — E é a verdade, mas também me dá uma desculpa para não olhar para ela. Receio que se o fizer, ela será capaz

de ver além dos meus disfarces.

— É de um artista local que mora em Caswell Beach. — Ela faz uma pausa. — Você é daqui ou é de fora da cidade?

— Apenas visitando. — Analiso atentamente as próximas exhibições.

— Bem, se você precisar de alguma coisa ou tiver alguma dúvida, eu sou Sara Jane, então apenas dê um pequeno grito.

— Muito obrigada.

— Sim, senhora.

Seus saltos batem em um som rápido e agudo enquanto ela se afasta, e a cada *clique, clique, clique* que eles fazem contra o piso de ladrilhos lustrosos, eu desejo chamá-la de volta. Para dizer, sou eu!

Mas não faço.

Não posso.

A galeria é tranquila, além do som moderado da música tocando ao fundo, e eu sou atualmente a única cliente.

— Você é a dona desta galeria? — Eu falo por cima do ombro.

— Sim, senhora. Por, hum... um pouco menos de sete anos agora.

— É um lugar adorável. — *Eu amo o que você fez com ele. É exatamente o que você queria.*

— Obrigada. — Orgulho e apreço marcam seu tom.

A campainha sobre a porta sinaliza a chegada de outro cliente, e quando olho, vejo o rosto de Sara Jane se iluminando, seu sorriso de felicidade absoluta. Virando-me para ver a quem se dirige, observo como um homem atraente se aproxima do balcão e se inclina sobre ele para beijá-la como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes.

— Senti sua falta, linda. — Seu murmúrio baixo é sutil, mas ouço a nota de afeto em seu tom e vejo a adoração inegável gravada em seus traços.

— Também senti sua falta. — O sorriso dela é íntimo e exclusivo para ele, e sinto que estou me intrometendo em algum momento privado que não devo testemunhar.

Ela tem alguém em sua vida, e ela está apaixonada. Por mais feliz que isso me faça, ao mesmo tempo me deixa decoração partido e triste porque não estou envolvida nisso. Não era em mim que ela confiava quando o conheceu ou depois do primeiro encontro. Ela não divulgou os detalhes do primeiro beijo.

Por mais egoísta que seja, me ressinto por não fazer mais parte da vida dela. Que eu não sou a melhor amiga que ela desabafa ou detalha sobre ‘as coisas mais doces que ele faz’.

Percebo, bem aqui na linda galeria que minha melhor amiga criou e floresceu, que eu preciso deixar ir. É tarde demais.

Não posso ser a melhor amiga dela enquanto a coloco em

perigo. Não posso continuar me segurando ao passado. Ela seguiu em frente e encontrou a felicidade.

Está na hora.

Enquanto eu faço o meu caminho para a saída, meus olhos ardem enquanto eu luto contra as lágrimas que ameaçam transbordar e meu coração se aperta de dor. Costumávamos nos encaixar, mas agora nossas peças pertencem a diferentes quebra-cabeças. O meu ainda pertence a um quebra-cabeça inacabado sem vida e cor. Não retrata um pôr-do-sol ou um paraíso tropical.

Não há nada de alegre nisso.

Mas a dela... A dela é uma verdadeira obra de arte, digna de ser exibida ao longo destas paredes. Digno de ser comprado para enfeitar a casa de alguém.

— Adeus, Sara Jane — sussurro enquanto coloco a mão na porta e a abro.

— Obrigado por ter passado por aqui — ela grita.

Aceno sem olhar para trás porque tenho medo de acabar correndo até ela e revelando minha identidade. Vou perturbar a vida maravilhosa que ela fez para si mesma. Vai ser manchada novamente por mim e minha bagagem, assim como foi há sete anos.

Então, eu me forço a ir embora.

CAPÍTULO 19

O CAÇADOR

A SEGUNDA VISITA

Uma placa com o nome **Art in Bloom** gravado em cores pastéis está pendurada sob o toldo da pitoresca loja no centro de Southport.

Pelo que li anteriormente, Sara Jane Tillman é dona desta galeria de arte que ‘apresenta o trabalho dos artistas locais em uma grande variedade de médiuns’.

Parecia um lugar chique apenas pelo site, e não decepciona em pessoa nem um pouco.

Quando entro na galeria, um pequeno sino toca para alertar minha presença, e uma mulher dá um pequeno aceno do balcão na parte de trás, oferecendo-me um sorriso caloroso antes de retornar à sua conversa, o telefone apoiado entre a bochecha e o ombro enquanto escreve algo em um bloco de notas.

Eu me ocupo olhando em volta. Esta loja fica na Howe Street e, como fica na rua principal, dividindo a pequena área do centro da cidade, em um lugar privilegiado para os compradores, o aluguel é de cerca de dois mil.

A mulher Tillman não tinha esse dinheiro há quase sete anos. Mas agora... Eu examino a galeria, e suas peças impressionantes confirmam minha teoria. Esta mulher tinha potencial, mas precisava de um investidor para começar as coisas.

Não consegui rastrear o dinheiro até ninguém, mas tenho um palpite, um pressentimento, mais ou menos, de que veio de sua ‘falecida’ melhor amiga.

Um homem alto com cabelo pretos se aproxima de mim.

— Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa enquanto Sara Jane está ao telefone? — Ele oferece a mão com um sorriso fácil. — Eu sou Logan.

— Prazer em te conhecer.— Aperto a mão dele antes de acenar com a cabeça para a pintura em particular na parede que chamou minha atenção.

— Vocês só apresentam artistas locais?

— Sim, bem... Na verdade, não é minha galeria. — Um sorriso oculto se espalha por seu rosto. — Sara Jane é minha namorada, então eu acabo ajudando muito.

— Ah. — Eu dou a ele um olhar de solidariedade, eu sei como é. — Não precisa dizer mais nada.

Ele ri, e eu continuo observando a obra de arte em exibição. Além das pinturas, há esculturas, alguns mosaicos de vitrais e cerâmicas.

— Ela também exibe seu trabalho aqui?

Eu olho para Logan e ele faz uma careta.

— Ela odeia fazer isso. Acha que é um tipo estranho de nepotismo já que é a loja dela. Mas tem um aqui...

Quando ouço Tillman terminar a ligação, me viro com a intenção de me aproximar do balcão, mas algo me impede de fazer isso.

Uma pintura fica abaixo do nível dos olhos como se a pessoa que a colocou lá não quisesse que ela chamasse atenção. Fios de pinceladas coloridas criam uma imagem intrigante e atraente. É provável que uma pessoa comum, sem conhecimento da conexão de Tillman com Seaside Cove e Caitlin Ashford, não reconheça nenhuma semelhança.

— *Mas tem um...*

Logan havia dito isso apenas um momento antes.

Esse é o dela. Ela imortalizou a melhor amiga de uma forma que faz com que o espectador praticamente sinta a impotência e a tristeza.

Caitlin Ashford olha para a escuridão, cabelos escuros se espalhando por seus ombros. Com rugas profundas entre as sobrancelhas e os dentes superiores afundando levemente em seu lábio inferior de preocupação, seus olhos castanhos estão cheios de lágrimas. O que está escondido e tão sutil que me faz inclinar para mais perto são as figuras sombreadas finamente detalhadas em suas pupilas: duas são altas e uma é muito mais baixa.

Seu pai, marido e filha.

— Isso, uh, não está à venda. — A voz suave e feminina me tira do meu estudo de intenção da pintura. Quando me viro, os olhos de Tillman estão assombrados, e ela os arranca de seu trabalho que adorna a parede da galeria. Seu sorriso é forçado e parece quase quebradiço. — Desculpe, mas essa é especial, então é uma exibição para a loja e não está disponível para compra.

— Entendido. — Oferecendo brevemente outro olhar para a pintura, pergunto casualmente. — Esta mulher é sua parente? Uma amiga?

Sua expressão fica cautelosa.

— Ela era minha melhor amiga.

Era. No passado. Eu estremeço antes de oferecer simpatia.

— Sinto muito pela sua perda.

Ela engole em seco antes de dar um breve aceno de cabeça.

— Obrigada. — Seu tom é abafado e ela limpa a garganta. — Posso ajudá-lo com algo?

— Não, estou apenas vendo.

— Bem — ela força um sorriso mais brilhante — nos avise se

você tiver alguma dúvida ou precisar de alguma coisa.

— Obrigado. Irei.

Ela e Logan se afastaram silenciosamente, me deixando olhar para o quadro.

Não há como confundir a beleza dessa mulher, mesmo em meio às emoções artisticamente exibidas em seu rosto.

Ela era minha melhor amiga.

É evidente que Sara Jane Tillman não entrou em contato com Caitlin Ashford e acredita que ela está morta.

Então, por que diabos minhas entranhas estão revirando e me dizendo que ela está errada?

CAPÍTULO 20

Ela

O vento forte de novembro chicoteia o conjunto labiríntico de lajes de pedra que me cercam. Traço as pontas dos dedos sobre a parte gravada da pedra, tremores ameaçando tomar conta de mim.

Willow Memphis Ashford ***Amada filha e neta***

— Você não deveria enterrar seu filho. — Eu mal sufoco as palavras, olhando para a pedra, incapaz de me concentrar através das lágrimas não derramadas. — Eu daria qualquer coisa para trocar de lugar com você, querida.

Caindo de joelhos na grama fria, planto as palmas das mãos contra a lápide dela.

— Sinto tanto a sua falta. Sua voz doce. Sua risada. A maneira como você me mandava beijos. Como você sempre pedia abraços.

Minha voz falha e engulo em seco antes de soltar um longo suspiro antes de sussurrar:

— Eu te amo, Willow. — Fechando os olhos, encosto minha testa na pedra fria e desejo que algum tipo de milagre a traga de volta para mim.

Ninguém nunca pensa que tudo o que ama e preza terminará tão abruptamente. Se eu pudesse voltar, arriscaria acordá-la assim que a colocasse na cama à noite, só para ganhar mais um abraço e um beijo. Eu me aconchegaria mais, faria mais cócegas nela só para ouvir aquelas risadinhas e nem imaginaria gemer interiormente ao ver sua 300ª pirueta. Porque nada é garantido. Nenhum momento nos foi prometido.

A garotinha que cresceu dentro de mim, que instintivamente reconheceu minha voz quando nasceu e parou de chorar quando falei as palavras ‘Olá, minha doce garota’ nunca mais me ouvirá dizer o quanto eu a amo.

Nunca poderei reiterar mais uma vez como sinto muito por ter levantado a voz e perdido a paciência quando ela manchou de marcador o sofá, mesmo depois que eu a avisei para não usá-los em qualquer lugar, exceto na mesa.

Nunca terei outra chance de dizer a ela o quão incrível ela é. Que ela é meu coração e alma. Que muitas vezes eu apenas olhava para ela e pensava: eu amo essa garota de uma forma impossível.

Espero que ela saiba o quanto era amada. Como meu coração jaz em meu peito em pedaços irregulares, e eu não tenho certeza de como ele ainda está batendo. Eu daria minha vida para segurá-la em

meus braços novamente.

Não posso orar ou implorar a Deus ou deuses, porque eu parei de acreditar em um poder superior no dia em que minha família foi arrancada de mim. No dia em que vi o corpo da minha filha ser retalhado com balas. No momento em que assisti a um tribunal e os próprios indivíduos encarregados de garantir que a justiça fosse feita, falharam em fazê-lo de propósito. No momento em que tive que me transformar em outra pessoa, em uma assassina, para corrigir os erros dos outros.

Finalmente, eu me arrasto e fico na frente da lápide de Deacon.

Eu aliso a palma da mão sobre o topo da pedra enquanto meus olhos traçam o nome dele. A determinação feroz está enfiada na minha voz quando murmuro.

— Vou fazê-los pagar. — Então eu me movo para as lápides correspondentes, lado a lado, minha mãe e meu pai.

Se eu pudesse voltar e ter mais tempo de pai e filha, onde nos sentássemos e tomássemos café e conversássemos sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Ele sempre conseguia digerir algumas palavras de sabedoria em cada conversa.

A mais leve desculpa de um sorriso irônico puxa as bordas da minha boca.

— Bem, pai, você ficaria orgulhoso por eu ter prestado atenção em tudo o que você disse e me ensinou. — Ficando séria, eu olho para onde meu pai está enterrado, ajustando minha postura enquanto sussurro minha promessa. — Vou consertar as coisas. Como você faria se estivesse aqui.

E então estaremos todos juntos novamente.

Eu não digo isso em voz alta, mas sempre foi o meu plano. Quando isso acabar, será o meu fim.

Já passei muito tempo sem eles.

CAPÍTULO 21

Ela

Este é o bar mais merda daqui. Aquele em que as brigas começam e as pessoas começam a jogar apostas em dinheiro no centro de uma mesa, em vez de pessoas correndo para separar a briga.

É um em que apenas três cervejas estão dispobíveis, Bud, PBR e Coors. Onde o licor é uma merda, a menos que você seja importante e só então, eles vão pegar no armário trancado embaixo do balcão para pegar as coisas de qualidade.

É o bar onde as pessoas podem entrar e nunca sair.

Onde as mulheres que estão desesperadas e famintas usam seus corpos para pagar por comida ou aquelas que simplesmente transam para conseguir a próxima dose. Onde as mulheres, com sorte, se encontram afogando suas mágoas em um lugar que sabem que ninguém as reconhecerá. São coelhinhos fracos, no pior lugar possível.

Um covil repleto de lobos ansiosos para devorá-las.

Este bar é onde os homens maus se reúnem para jogar merda, onde se sentem relaxados o suficiente para se acomodar e tomar alguns drinques.

Aqui é onde alguns dos bastardos da Máfia Dixie vem, o que significa que é onde eu preciso estar. Mas não antes de me preparar.

— Não você por aqui. Você é nova?

Eu mal lancei um olhar para o homem com uma cerveja rançosa e velha antes de devolver minha atenção deliberadamente abandonada ao meu copo cheio de dois dedos de uísque sentado no topo da barra pegajosa. Agarrando minha bebida como se fosse uma tábua de salvação, mantenho meus ombros caídos, como se o peso do mundo pressionasse para baixo sobre eles.

Eu já trouxe um lobo à minha porta, mas estou esperando o maior e pior deles chegar. Ele muitas vezes ataca os náufragos do juiz Milton, depois que o homem ‘estimado’ as descarta, uma vez que ele as considera não mais brilhantes e jovens, e outras garotas problemáticas e vulneráveis. Eles as puxam assumindo uma fachada carinhosa, apenas para estuprá-las brutalmente.

Ele está de olho em mim nos últimos vinte minutos. Estou sentada neste banco no outro lado do bar, a parede espelhada me concedendo uma observação fácil.

Eu sei o que eles veem. Uma jovem, magra, que não consegue esconder seus seios grandes no vestido de suéter simples e justo com mangas de três quartos de comprimento. A gola é alta o suficiente para disfarçar a maior parte do meu pescoço, e meu cabelo longo, liso

e loiro, fica pendurado em uma cortina grossa além dos meus ombros.

O hematoma na minha bochecha mal disfarçado pela maquiagem é evidente para todos verem, assim como meu lábio rachado. Meus olhos azuis são acentuados com o toque descuidado da sombra azul escura que apliquei. As botas pretas que passam pelos meus joelhos destacam as minhas meias esfarrapadas que já viram dias melhores e deixam um espaço de seis polegadas entre a parte superior das botas e a bainha do meu vestido.

Tudo o que eles veem é fabricado. O cabelo, o hematoma, o lábio rachado, a cor dos olhos, os seios e a juventude. Antes dessa vida, eu nunca soube como era fácil se transformar, ser um camaleão humano, ser o que você precisava ser no momento. Uma queda de postura e um mancar podem ter mais efeito no quadro geral do que as pessoas comuns podem perceber.

É da natureza humana julgar alguém superficialmente. Para não olhar mais fundo do que as aparências. Embora alguns possam se ofender com isso, eu agradeço. Isso me ajuda a me esconder à vista de todos.

O homem muda de tática.

— O que uma coisa bonita como você está fazendo aqui?

Encolho os ombros sem olhar para ele e respondo com um tom ligeiramente arrastado, dando a ele a ideia de que estou embriagada.

— Só precisava de uma bebida. Foi um dia infernal.

Eu o sinto se aproximar enquanto ele gesticula para o meu rosto.

— Tentando se afastar de quem fez isso com você?

Abaixo a cabeça o suficiente para que meu cabelo mudasse e caísse para agir como uma barreira, cortando sua visão dos meus ferimentos.

Com um longo suspiro cheio de desespero, acrescento suavemente.

— Preciso encontrar um lugar para morar. E um emprego.

— Querida, se é ajuda que você está procurando, então você está no lugar certo. — Ele traça as pontas dos dedos ao longo das costas da minha mão, sujeira e fuligem endurecida sob suas unhas, e eu estremeço em recolhimento. Claro, ele interpreta isso como interesse, e quando arrepios sobem na esteira de seu toque, ele ri sombriamente.

— Ahh, talvez você só precise do homem certo para mostrar como as coisas são feitas.

Quando seus dedos apertam minha parte superior do braço com força, solto propositalmente um suspiro, encolhendo de seu toque.

Ele me puxa para mais perto e fala contra meu ouvido.

— Isso. Aposto que essa boceta ainda é jovem e apertada, não

é?

Solto um gemido patético.

— Por favor, não me machuque.

O aperto dele confirma minha avaliação. Ele se diverte por ser bruto e machucar mulheres. Se tudo isso não é motivo suficiente para estripá-lo, sua afinidade adicional pela pornografia infantil com certeza é.

Meus dedos coçam para pegar minhas facas e estripar esses malditos bastardos e garantir que eles nunca mais coloquem seus olhos ou mãos imundas em outra mulher. Resistir à tentação é um desafio, e uma parte da minha mente retorna ao meu treinamento inicial.

Paciência. Há momentos em que é necessário esperar que seu oponente se mova. Para criar uma ilusão de que você tem medo de agir. Sua confiança também pode ser sua maior fraqueza. É quando você ataca.

Kru Namsaknoi me ensinou bem, ensinando-me muito mais do que Muay Thai. Ele me ensinou lições que eu sabia que ajudariam a me guiar mesmo nos momentos mais desafiadores, me instruiu sobre como compartimentar meus pensamentos e emoções para me tornar o que sou agora.

Uma assassina.

O que ele não expandiu foi preenchido por seu velho amigo, Noam, que me treinou em Krav Maga.

A força mais importante e crucial está aqui dentro — Kru bate um dedo no centro do meu peito antes de levantá-lo para pressioná-lo contra minha testa — e aqui.

A jornada de Wilmington para a Tailândia foi uma experiência angustiante, mas me levou a dois homens que tomaram uma mulher desconhecida sob suas asas.

Cada homem me acolheu e se tornou meu instrutor, embora já estivessem aposentados há muito tempo. Eles me deram um lugar seguro para ficar e me mostraram como pegar peixes das maneiras mais rudimentares, como preparar alimentos estranhos a mim e preencheram um buraco dentro de mim de maneiras que eu não pensava ser possível.

— Billy. — A voz se aproxima, soando muito suave para disfarçar o perigo escondido por baixo. — Agora, você está assustando a pobre garota.

Billy solta meu braço quando o outro homem se aproxima. Antes que ele se apresente, eu já sei o que ele vai dizer.

— Eu sou Rex. E você é...? — Este homem tem um jeito astuto, como se estivesse se esforçando para deixar uma pessoa à vontade.

Exceto que ele não está fazendo isso por razões altruístas. Não, é muito mais nefasto do que isso.

Quando dou uma olhada em Rex, meus dentes mordiscando meu lábio inferior em aparente nervosismo, seus olhos ficam mais brilhantes com intenção e excitação enquanto ele me oferece sua mão.

Com meus movimentos hesitantes, coloco minha palma na dele. É preciso toda a contenção para não recuar ao tocar no homem que foi meu advogado no julgamento preliminar.

O maldito homem que falhou comigo. Que falhou em fazer com que a justiça fosse feita.

O homem que falhou com minha família.

— Eu sou Lizzy.

Fechando os dedos em volta da minha palma, ele a levanta para dar um beijo no topo da minha mão. Seus olhos nunca se desviam dos meus, e sou grata por minha habilidade em aplicar látex líquido, especialmente porque agora está sobre cada uma das minhas pontas dos dedos para garantir que nenhuma impressão digital possa ser rastreada até mim.

— É um prazer conhecê-la, Lizzy. — Ele levanta a cabeça, seu olhar viajando sobre meu corpo, avaliando.

Bastardo sujo!

— Por que não vamos para os fundos, onde é mais fácil conversar?

A parte de trás do bar também abriga alguns quartos pequenos, todos usados para fins ilegais e muitas vezes vis. Descobri isso quando entrei furtivamente pelos fundos enquanto quase ninguém estava por perto. Eu plantei uma pequena escuta USB ativada por voz em cada um dos quartos dos fundos. Isso me ajudou a rastrear quando eles estão planejando preparar remessas em seus locais de lavagem de dinheiro.

As lonas de plástico estão prontas sob as cadeiras em dois dos outros quartos, enquanto este tem uma cama com equipamento de vídeo pronto para gravar o estupro para maior prazer de visualização.

De olhos arregalados, eu expiro um ‘tudo bem’ sem fôlego, e ele me ajuda a descer do banquinho, me estabilizando quando eu balanço. A satisfação brilha em seus olhos com o meu aparente estado de embriaguez, e ele me guia em direção ao corredor escuro que leva à parte de trás do bar. Não perco o levantar do queixo, silenciosamente direcionando Billy para nos seguir.

— Não devemos ser incomodados — Rex grita, alto o suficiente para ser ouvido por cima da música que soa do jukebox.

A antecipação percorre minhas veias, alimentando minha intenção.

Assim que ele me guia para dentro do quarto sujo, ele oferece um sorriso que tenho certeza que deve ser consolador. Mas isso falha porque eu o vejo pelo que ele é: o Grande Lobo Mau vestido de avó. E

eu sou o Chapeuzinho Vermelho dele. Ele está lambendo suas costeletas, esperando seu tempo antes de me devorar.

Billy fecha a porta atrás dele e se inclina contra ela, segurando meu copo de uísque na mão. Eu dou um passo nervoso para longe de Rex, olhando para a cama com cautela.

Com os olhos arregalados, olho para Rex antes de lançar um olhar desconfortável para Billy.

— Não há razão para ter medo. — A voz de Rex é baixa e calma, mas não sinto falta do tom de aço atrás dela. Dando um passo em minha direção, ele acena com a mão para Billy, e o homem se aproxima com a bebida.

Uma bebida que eu apostaria minha vida que foi drogada.

Rex agarra o copo e o oferece a mim com um impulso nada sutil.

— Beba, e você se sentirá melhor. Eu posso te ajudar, Lizzy. — Sua voz cai um decibel enquanto ele pronuncia o comando mal disfarçado. — Mas você precisará me dar algo em troca.

Aqueles olhos escuros perfuraram os meus, esperando com antecipação brilhando nas profundezas. Com um meio sorriso tímido, em vez de aceitar o copo, vacilo para o lado antes de recuperar o equilíbrio com uma risada.

— Opa.

— Porque você não relaxa. — Rex oferece. — Fique mais confortável, tire algumas dessas roupas e faremos você se sentir melhor.

Com um tom recatado, olho para os homens e lentamente alcanço a bainha do meu vestido.

— Eu quero que você me faça sentir... muito melhor. — Subo o tecido, centímetro por centímetro, medindo a reação deles.

— É isso. — Rex encoraja, seus olhos fixos em mim enquanto eu lentamente revelo mais carne nua. Billy acena casualmente com um botão no dispositivo empoleirado em um tripé a alguns metros de distância, supondo que eu não perceba ou me importe. Mas eu já planejei isso. Meu rosto está virado o suficiente para que não fique visível.

Oh, eu quero que eles tenham isso em vídeo. Anseio pelo momento em que o resto deles vão assistir. Quando me testemunharem a matar dois dos seus melhores homens.

No instante em que minhas pontas dos dedos roçam sobre as bainhas presas em torno de minhas coxas, paro como se estivesse sendo tímido com elas.

— Ah, sim — Billy murmura, já segurando sua ereção através de suas calças.

— Não pare por aí. — As palavras de Rex são ditas com uma

pitada de ameaça, mesmo enquanto seus olhos brilham de luxúria.

Enquanto avalio cuidadosamente a posição de cada homem, a distância entre eles e eu enquanto seguro minhas armas, minha boca forma um pequeno sorriso tímido.

— Mas a antecipação pode ser excitante.

Assim que as palavras saem dos meus lábios, eu me mexo, batendo nos homens na garganta com minhas estrelas. Os pontos perfuram suas traqueias, e eles tropeçam para trás, agarrando suas gargantas e cortando as mãos no processo enquanto o sangue escorre da ferida.

Retirando minha faca de onde está escondida com segurança em sua bainha dentro da minha bota esquerda, faço um trabalho rápido para eviscerá-los, observando enquanto a vida sangra de seus rostos. Ao fundo, a jukebox toca *I Love This Bar* de Toby Keith, e os clientes cantam tão alto que as paredes parecem vibrar.

— Isso é por todas as outras. A inocência que você roubou. — Eu torço a faca no abdômen de Rex antes de me inclinar sobre seu corpo, levando meus lábios ao ouvido dele e sussurrando para que apenas ele ouça. — Isso é pela minha família. — Assim que eu termino com eles, eu passo para a câmera que está gravando. De pé ao lado dele, eu o giro para que a visão inclua os dois corpos.

Com um sussurro de ‘Você será o próximo’ pressiono o botão para encerrar a gravação e saio furtivamente pela saída dos fundos.

CAPÍTULO 22

O CAÇADOR

— Você não está cumprindo sua parte do acordo. — O homem rosna como se fosse uma ameaça.

Calmo e controlado como sempre, falo ao telefone.

— Você me pediu para descobrir quem está por trás disso. Então é nisso que estou trabalhando.

— Já se passaram três semanas, e perdemos mais homens! Por que diabos você está...

— E aí, cara. Temos algumas notícias — a voz de um homem interrompe, soando como se estivesse em um interfone, e a urgência no tom do homem desperta minha curiosidade.

E aí, cara...

A maneira casual como ele se dirigiu ao homem que me contatou confirma o que eu suspeitava: este nem é o segundo em comando. Ainda estou falando com outro maldito laçao.

Guardo essa informação para mais tarde, mas planejo revisitar porque os líderes da Máfia Dixie estão se escondendo hoje em dia. É estranho e contrasta com a forma como eles operaram em anos anteriores.

— O que é isso? O homem ao telefone murmura de irritação.

— Billy e Rex foram encontrados na parte de trás do Salty Crab.

— E aí? — A exasperação colore o tom do homem. — Você interrompeu para me dizer que meus homens pararam para tomar uma bebida em um bar?!

O outro homem praticamente gagueja sob a intensidade do discurso.

— Quero dizer que eles encontraram os dois corpos nas costas. Eles entraram em um dos quartos, e nos perguntamos por que estavam demorando tanto...

O silêncio grosso saúda a explicação, e eu já estou me levantando da minha mesa, pronto para sair e dar uma olhada por mim mesmo.

— Diga aos seus homens para deixarem a sala intocada — eu ordeno. — Eu preciso dar uma olhada primeiro. — Sem esperar por uma resposta, termino a chamada e assobio para Kujo, e ele se aproxima.

É hora de descobrir o que está acontecendo com essa merda de situação. Mais curioso é o fato de que alguns outros membros estavam no bar, mas estes dois, Billy e Rex... eram conhecidos por terem uma afinidade por estupro e tinham liderado o tráfico de seres humanos para a Máfia Dixie.

Esses dois merdas foram mortos, e não é algo pelo qual eu esteja de coração partido.

Eu adoraria ter feito isso sozinho, mas enfrentar a Dixie Mafia assim é pedir pra morrer. *Porra, quem fez isso tem bolas de aço.*

Ou são burros para caralho.

Em breve, eu vou descobrir.

Mas que merda é essa?

Eu olho para a imagem pausada na câmera. Uma maldita mulher.

— Você deve estar de brincadeira.

Minha mente está girando porque está claro que ela sabia que a câmera estava gravando. Eu posso dizer pela forma como ela se posiciona, a forma como seu cabelo se curva para proteger seu rosto de vista.

Eu estudo a filmagem, esperando por um milissegundo onde ela se vira para mostrar pelo menos um perfil lateral.

Mas isso nunca acontece. Ela é boa. Ela é *muito* boa.

Sua embriaguez fingida, a maneira sensual como ela levantou o vestido sob as pernas longas, como sua voz abafada disse *‘Mas a antecipação pode ser excitante’* e a maneira precisa que jogou aquelas estrelas ninjas me deixou intrigado.

Eu não via ninguém usando estrelas desde que eu estava no Japão anos atrás.

Repetindo a filmagem, estudo sua graça natural, e a facilidade em seus movimentos me diz que ela está familiarizada com a matança.

Quando ela remove o que eu presumi ser outra arma de sua bota esquerda, eu me inclino mais perto na tentativa de determinar o que é, mas as sombras combinadas com a forma como ela inclina seu corpo e a maneira como seu cabelo cai para frente me impedem de fazê-lo.

Um momento depois, observo enquanto ela o usa com a mesma habilidade que as estrelas ninjas, seus movimentos confiantes enquanto corta seus corpos.

Uma faca. *Interessante.*

Quase inaudível enquanto ela faz um rápido trabalho de estripar os homens, sua voz é baixa, rouca quando ela murmura: *‘Isso é por todas as outras. A inocência que você roubou’.*

Antes de acabar com eles, ela abaixa o rosto para sussurrar algo para eles que é inaudível, seu cabelo a mascarando como uma cortina completa. Ainda escondida pelo ângulo e pelas sombras, ela devolve a arma para o interior de sua bota. Em seguida, ela afasta as estrelas de arremesso mais uma vez antes de caminhar em direção à câmera. Ajustando o ângulo para mostrar aos homens eviscerados, ela sussurra

‘Você será o próximo’.

Eu endureço minha mandíbula e removo a câmera do tripé, enfiando-a no bolso interno da minha jaqueta. Saindo da sala, aceno com a cabeça para os homens parados no corredor, esperando com expectativa.

— Diga ao seu chefe que isso será resolvido em breve.

CAPÍTULO 23

Ela

MAIS TARDE NAQUELA NOITE...

A libertação da matança é estranha. Provoca reações estranhas e conflitantes de mim, especialmente quando removo indivíduos que atacam vítimas inocentes.

Alívio. Orgulho. Satisfação. Culpa.

O último não é que eu me arrependa de matá-los. De jeito nenhum. São nos momentos fracos da noite em que me permito imaginar o que minha família pensaria se voltassem para mim de alguma forma. Willow se afastaria de mim com medo?

Ela pensaria que eu era um monstro agora, mesmo que eu esteja vingando-os derrubando o mesmo grupo responsável por suas mortes? Mesmo quando estou impedindo que mais alguém se torne vítima?

Da melhor maneira que posso, deixo a culpa de lado e aprecio as três emoções anteriores enquanto caminho pelas portas do pequeno bar do outro lado da cidade. É o tipo de bar onde todos costumavam brincar que é tão escuro, com uma iluminação tão fraca, que você pensaria estaria atordoada com a luz do dia. Mas a cerveja deles é decente, e ninguém tende a incomodar ninguém aqui.

Com cuidado para ficar no personagem, eu ando lentamente em direção à mesa na parte traseira do bar onde as sombras parecem mais grossas. Mesmo estando aqui por um momento de inatividade, não posso arriscar que alguém me reconheça.

Um leve coxear afeta minha caminhada, e felizmente, não é de uma lesão legítima, mas para dissuadir qualquer pessoa que veja as imagens de vídeo de segurança. Hoje em dia, a maneira como uma pessoa anda é uma marca registrada e pode ser usada como uma ferramenta de rastreamento de vigilância.

O que significa que preciso tomar precauções extras o tempo todo.

Com extensões de cabelo castanho caramelo, as pontas passam pelos meus ombros. Um boné NC State é puxado para baixo por cima dele, e meu rosto agora possui um nariz ligeiramente mais largo, bochechas mais redondas e lábios de aparência mais cheia graças à magia da maquiagem e látex líquido. As lentes de contato de cor verde atrás de óculos com aro de arame não me parecem nada com a mulher que deixou dois corpos do outro lado da cidade.

Vestida com jeans simples, um suéter grosso de gola alta sobre meus seios não mais realçados e envolta em um casaco preto grosso para afastar as temperaturas frias e os ventos ainda mais frios, me

aproximo da minha mesa preferida, pronta para me sentar na cadeira contra a parede que me oferece uma visão de todo o bar.

Só que percebo tarde demais que o assento foi reivindicado por um homem. Eu giro em meus calcanhares para recuar assim que ele fala.

— Há muito espaço aqui se você quiser se juntar a mim.

O som de sua voz envia uma sensação estranha de excitação através de mim. Tem uma qualidade rouca, e o som salta sobre minha pele, deixando a sensação de uma carícia em seu rastro.

— Não, obrigada. — Há outros lugares para sentar, mas nenhum deles oferece a mesma qualidade que esta mesa em particular.

— Por favor?

Eu paro, olhando para ele com curiosidade, desejando que as sombras diminuíssem totalmente para me conceder uma visão mais clara do homem.

Ele gesticula para a mesa vazia com três cadeiras disponíveis, e percebo que suas mãos estão calejadas, em contraste com a camisa preta de botão cara e bem cortada que molda seu peito largo sob a jaqueta de couro aberta na mesma cor.

Suas roupas se misturam com o interior escuro do bar.

Puxado para baixo sobre sua cabeça está um gorro de aparência elegante que parece ser caxemira, caro e combina com seu traje. O que eu sei é que ele não se encaixa aqui, e por uma fração de segundo, eu me pergunto se ele é um deles. Mentalmente, vasculho meu cérebro com todas as pesquisas que fiz, mas não me lembro de ninguém trabalhando para a Máfia Dixie que se encaixa na descrição desse homem.

Ainda assim, eu seria estúpida se ignorasse a excitação conflitante e a sensação de mau presságio me espancando.

— Junte-se a mim? — ele oferece novamente. — É uma mesa grande, e eu certamente não me importo de compartilhá-la. — Há uma breve pausa antes que ele acrescente. — Não é sempre que tenho companhia.

Algo em sua voz me faz ceder, e eu escolho a cadeira ao lado dele, aquela que me oferece a segunda melhor vista deste lugar.

— De alguma forma, acho difícil acreditar que você esteja sem companhia.

Por pouco, apenas por pouco, sou capaz de conter um titubear em resposta ao que escorregou dos meus lábios. Parecia... Sedutor. *Que diabos?*

Eu não faço isso. Nunca.

— Eu acho igualmente difícil acreditar que você também está sozinha. — Sua voz é suave como veludo, mas não sai como

predatória. Ele se move, e seus olhos deslizam sobre mim. É como seda, andando por aí e me envolvendo em uma carícia sensual.

— Você fala muito bem.

— Estou apenas dizendo o que eu penso. — Ele levanta uma garrafa de Sweetwater IPA para os lábios, e mesmo na luz fraca, o peso de seu olhar se agarra a mim. Dando um pequeno gole, ele engole. — Eu normalmente não convido pessoas para se juntarem a mim. — Ele diz isso claramente, mas há uma pitada de surpresa em seu tom, como se ele tivesse se assustado ao me estender o convite.

Desvio meus olhos para examinar nosso entorno.

— Nem eu.

— Já esteve aqui antes?

— Uma ou duas vezes. — Eu me viro para ele.

Ele não me pressiona mais, mas continua a me estudar, e é tão enervante quanto emocionante.

Uma garçonete mais velha, de aparência atormentada, que parece preferir fazer qualquer coisa além de trabalhar aqui, caminha até a mesa.

— O que posso fazer por vocês?

— Eu quero a Wilmington Tropical Ale, por favor.

Ele recusa outra cerveja, e a garçonete nos deixa com a velocidade de uma tartaruga em seu leito de morte.

— Ela certamente está entusiasmada por estar trabalhando aqui.

Uma risada ressoa com o sarcasmo inesperado e eu imediatamente a reprimo. Não posso me dar ao luxo de ter traços reconhecíveis em público. É muito arriscado.

— Não se envergonhe por sua risada. — Inclinando-se para frente, ele apoia os antebraços na mesa, passando pela área sombreada mais escura, me concedendo uma visão melhor de seu rosto. Minha respiração trava com a visão enquanto uma mistura caótica de desconforto e intriga se desenrola dentro de mim.

Magro e musculoso, com um corpo de nadador, ele exala uma força mesmo sob as camadas de roupas que é inegável. Suas maçãs do rosto são esculpidas, lábios com o equilíbrio perfeito de não muito exuberante e não muito fino, e uma mandíbula quadrada tão afiada que coço para traçar minhas pontas dos dedos ao longo dela. Mas são os olhos dele que me surpreendem.

As profundezas desses olhos escuros parecem ter sofrido mil mortes. Se eu não soubesse, juraria que indícios de dor angustiada estão espalhados por toda parte. Essa angústia me chama como uma espécie de alma gêmea. Como uma sereia, me enlaçando em sua poderosa magia.

— Sua risada é linda — ele me diz. — Tem uma... —

Interrompendo brevemente, como se procurasse a palavra certa, ele continua — qualidade que é despreocupada — Uma expressão melancólica cruza seu rosto, mas se foi em um instante, fazendo-me questionar se eu a vi.

— Obrigada.

Ele simplesmente acena com a cabeça, e algo gira dentro do meu peito, como se meu corpo tentasse me lembrar do órgão lá. Eu me pergunto se ele sente a tensão estranha crepitando no ar entre nós. É como se de alguma forma ele tivesse me enredado em uma teia de necessidade, enviando luxúria pulsando em minhas veias. As sensações são tão desconhecidas e enviam uma estranha fissura de desconforto ondulando através de mim.

Ele toma outro gole de cerveja no momento em que a garçonete volta com a minha. Uma vez que ela nos deixa, ele estende a garrafa com expectativa para eu tilintar a minha contra ela. Com um levantar de queixo, como se para gesticular para mim, ele murmura.

— Para companheiros inesperados.

Eu brindo minha cerveja na dele e tomo um gole, grata pelo líquido fresco aliviando minha garganta seca. Este homem me perturba da maneira mais enervante, mas não quero chamar mais atenção para mim me movendo para beber minha cerveja sozinha.

Algo nele me diz que ele não se oporia a expressar sua desaprovação.

Meus olhos continuam gravitando para ele como se houvesse uma corda invisível me puxando para ele. Há uma qualidade de avaliação em seu olhar, e ele alterna entre uma pesquisa casual desse bar e me estudar. Nenhum dos dois parece nefasto, mas é perturbador mesmo assim.

Eu me pergunto se ele está catalogando cada cliente do bar e seu nível de ameaça como eu faço. Ou estimar o tempo que pode levar para chegar à saída mais próxima, a dos fundos, depois da entrada da cozinha, se algo acontecer.

Ou tentando determinar se sou uma ameaça.

— Eu te deixo nervosa?

— Não. — *Sim. Mas provavelmente não do jeito que você está pensando.* É por causa do magnetismo intrigante que ele possui.

As bordas da boca dele sobem a menor fração.

— Isso é bom.

Procuo distraidamente o rótulo da minha cerveja, não levando em conta o acúmulo de condensação na base. A garrafa desliza do meu aperto. Eu tento endireitá-la, mas estou tão fora de mim por ele que eu acabo batendo, fazendo-a balançar.

Sua mão dispara com velocidade relâmpago, os dedos se fechando sobre os meus ao redor da garrafa, endireitando-a antes que

derrame. O toque de suas pontas de dedos calejadas me faz respirar fundo antes que ele se afaste.

— Cuidado com essas garrafas fugitivas.

Estou sem palavras, tão abalada por seu toque. *Já se passaram sete anos. Isso é tudo.* Repito isso internamente enquanto atribuo mais foco em beber minha cerveja do que o necessário, desesperada pela distração.

Sete anos sem sexo. Sete anos com a única concentração e determinação em matar os responsáveis por arruinar minha vida. E isso é tudo. Por alguma razão, meus hormônios estúpidos decidiram acordar no momento mais inconveniente.

É a única explicação para o meu corpo brilhando para a vida a partir de um sono profundo forçado pelo luto e pela mágoa. A única razão pela qual ele faz meu pulso disparar. Quando seus olhos caem, como se tentasse ver através do tecido da minha gola alta para medir meu pulso, me pergunto se ele sente minha reação a ele.

Eu observo seus movimentos, nenhuma aliança à vista, nem uma linha de bronzado reveladora. A confiança escorre dele, mas não de uma maneira desagradável. Ele simplesmente se move com propósito, o rosto uma máscara de concentração como se estivesse preparado para qualquer coisa que pudesse surgir em seu caminho.

Uma conexão ferozmente inegável, mas estranha, me atrai até ele, e não tenho certeza do que fazer com isso. É como se todas as moléculas do meu corpo estivessem bem cientes dele. Como se ele possuísse uma força magnética, me atraindo.

O que eu sei é que foi um erro me entregar ao ato aparentemente simples de compartilhar uma mesa e algumas palavras.

Porque com este homem, parece perigoso. Ele é muito atraente, me atraindo como uma mariposa para uma chama.

Eu viro minha cerveja e tomo alguns grandes goles antes de colocar a garrafa na mesa.

— Tenho que ir. — Evitando seus olhos e o peso inconfundível de sua observação, retiro algum dinheiro do bolso da minha calça.

— Permita-me. Por favor.

— Não — digo rapidamente antes de oferecer um sorriso breve, mas educado, e coloco o dinheiro na mesa. — Mas, obrigada.

Ele me estuda antes de acenar com a cabeça e seus olhos passam por mim. Momentaneamente distraído por quem acabou de entrar no bar, sua atenção não voltada para mim, observo seus movimentos. Sua mão esquerda abaixa para descansar casualmente perto de seu quadril esquerdo, o que pareceria uma maneira casual para uma pessoa comum.

Mas não é. Essa simples ação é reveladora.

Ele está armado e evidentemente prefere a mão esquerda. Isso

não é novidade, já que o estado permite que os cidadãos carreguem armas escondidas com uma licença e o fato de que a porra da Máfia Dixie está correndo solta nas proximidades. Mas a sensação, o pressentimento de que esse homem representa mais perigo para mim, me dá um formigamento na espinha. Isso serve como uma indicação de que eu preciso ir.

Eu empurro minha cadeira para trás para me levantar.

— Obrigada pela companhia esta noite.

Ele segue o exemplo e fica de pé, agradavelmente mais alto do que eu. Eu me permito um breve olhar para todo o comprimento de seu corpo. Ele não decepçiona, isso é certo. Ele exala energia bruta por baixo da roupa. Uma jaqueta combinando com a cor de sua calça preta que emoldura uma cintura fina e molda as coxas firmes, complementa o resto dele.

Se ele me segurasse em seus braços, eu me sentiria mais segura do que nunca.

O pensamento é surpreendente tanto em sua verdade quanto em seu surgimento repentino.

Quando seus olhos capturam os meus, meu coração treme violentamente no meu peito, e eu arrasto um suspiro trêmulo para recuperar a compostura, desejando afastar minha estranha reação a esse homem.

Ele estende a mão.

— Gostei de conversar com você...

Sua pausa me diz que ele finalmente está me perguntando o que havia sido um acordo tácito entre dois estranhos. Sem nomes. Um simples, descomplicado e anônimo.

Não posso oferecer a este homem meu nome ou ter pensamentos românticos sobre ele. Esse não é mais o tipo de vida que eu tenho.

Não há espaço para atração. Eu não posso me dar a este luxo.

Então, eu simplesmente aperto a mão dele.

— Eu também gostei.

Seu aperto calejado envia arrepios pelo meu corpo, e uma parte de mim fica instantaneamente despojada quando ele solta minha mão.

— Tenha uma boa noite.

Eu me viro e saio, ainda mantendo aquele mancar fraco que eu tinha quando entrei, e secretamente olho em volta para ver quem poderia ter atraído o olhar do homem. Vejo apenas um homem, e preciso de todo o meu controle para não começar a correr.

O detetive Warren senta-se no bar, não me poupando um olhar, felizmente. Ele está conversando com o barman com aparente familiaridade.

A cada passo, enquanto eu me repreendo internamente para

manter a calma, o peso da atenção do homem se agarra a mim. O calor de seu olhar brilha diretamente em mim.

Enquanto o calor se instala em mim, eu luto contra o desejo de me perguntar o que poderia ter sido se as circunstâncias fossem diferentes. Se eu pudesse voltar e ver onde as coisas poderia chegar.

Se eu não estivesse no caminho para o inferno sem salvação à vista.

CAPÍTULO 24

O CAÇADOR

Estive estudando as filmagens, mas estou distraído. *Fodido.*

Distraído. E isso me irrita porque isso é mortal no meu trabalho.

No entanto, não consigo tirá-la da minha mente, a mulher no bar na outra noite. Algo nela me cativou. Mas logo depois veio o desconforto, como se ela estivesse escondendo algo, e tenho a sensação de que não era apenas o nome dela.

A parte fodida de tudo isso foi minha decepção quando ela se recusou a me dizer o nome dela, porque eu, com certeza, não teria dado o meu.

Não é como se eu tivesse um de verdade.

Ela era linda de uma forma discreta, e eu queria saber que tipo de lesão ela teve que lhe deu aquele mancar.

Pergunto-me se seu cabelo era tão macio quanto parecia ou como seus olhos se arregalariam se eu a beijasse... ou mais.

Ela me fez pensar o que diabos plantou aquela tristeza em seus olhos verdes.

Ela me fez sentir coisas que eu não tenho porque sentir ou querer.

Então Warren veio farejando ao redor do bar como um maldito cão de caça. Felizmente, ele me ignorou e eu retribuí. A última coisa que preciso é de alguém nos conectando.

Minha mente volta para o bar e o som do riso da mulher. Isso fez seu rosto se iluminar e, por uma fração de segundo, ela não parecia que o peso do mundo estava em seus ombros.

— Merda! — Eu me afasto da minha mesa e Kujo levanta a cabeça, inclinando-a para o lado como se perguntasse: Qual é o seu problema?

Foda-se se eu sei.

Preciso colocar minha cabeça no lugar e tirar essa mulher da minha mente.

Eu me sento ao lado dele e coço atrás das orelhas do jeito que ele gosta.

— Foi mal, cara. Só estou tentando entender as coisas.

Com um suspiro, eu me endireito e ando, forçando-me a me concentrar no trabalho e rever mentalmente tudo o que observei até agora.

No vídeo, a voz da mulher, a qualidade rouca parecia quase... forçada. Como se ela estivesse tentando disfarçar.

Mas a antecipação pode ser excitante.

É como se eu estivesse mentalmente paralisado porque sinto que algo está bem na minha frente, mas não consigo entender. *Foda*. Preciso sair daqui. Talvez um pouco de ar fresco me faça bem e me ajude a recuperar o foco.

— Quer dar uma volta?

Assim que ele ouve a palavra mágica, os ouvidos de Kujo se animam, e ele fica nos meus pés, sentando-se e esperando pacientemente por mim.

— Vamos nessa. — Abro a porta e tranco cuidadosamente atrás de mim enquanto saímos para o ar noturno.

CAPÍTULO 25

Ela

Termino de avaliar o último local para onde a Máfia Dixie moveu suas operações. Eles parecem ter aumentado o número de caras de vigia, mas eu matei alguns de seus melhores homens, então os que eles têm agora não são uma preocupação séria.

O que me atormenta é porque os líderes são tão reservados.

O que há com eles escondendo suas identidades? Eles nunca costumavam fazer isso, então por que agora? Eles realmente ficaram desfigurados em algum acidente?

Eles não foram a nenhum de seus locais depois para supervisionar as coisas até onde posso dizer. Mas tudo bem, porque tenho assuntos pendentes com um certo homem. Cash Boudroux. O bastardo traidor que desempenhou um papel na morte de seu melhor amigo.

É irônico que Cash agora é responsável por supervisionar a embalagem das armas contrabandeadas... na parte de trás do Bullard's Gun & Pawn. No lugar onde ele esteve inúmeras vezes para visitar meu marido.

A traição tem um gosto tão rançoso na minha língua, que quase me faz arder. Deacon não sabia que seu melhor amigo se tornaria um assassino. Que ele seria responsável por matar nossa filha.

— Em breve — sussurro de onde estou nas sombras, a metros de distância da loja. Homens alinham-se o exterior do prédio, misturando-se com a noite como deveriam. Eles estão vigilantes porque estão no limite.

Por minha causa.

Mas eles não percebem que o melhor ainda está por vir. Eles não começaram a sentir nem uma fração da minha fúria.

Minhas palavras são sussurradas, quase inaudíveis, antes que o vento forte as afaste.

— Em breve, você pagará com sua vida.

As palavras são mais do que uma ameaça.

Eles são uma promessa.

CONTINUE CORRENDO

Apenas continue correndo.

O estrondo de vozes elevadas do lado de fora de um prédio decadente de três andares me deixa desconfortável. Mas o pior não é isso.

É a visão do jovem sentado na frente da varanda fria de concreto, encolhido em si mesmo como se desejasse poder desaparecer

magicamente. Ele parece ter provavelmente onze ou doze anos de idade, e sua cabeça se ergue ao som de meus passos fracos na rua à sua frente.

O menino olha para mim, e mesmo que ele não tenha uma visão desimpedida do meu rosto, o peso de seu olhar e sua expressão perdida me atraem.

Merda.

Gradualmente, eu diminuo meu ritmo até parar, ainda a alguns metros de distância dele.

— Passou da hora de dormir, não é? — Eu tento manter minha voz baixa, quieta.

Ele franze o rosto como se tivesse cheirado algo podre, olhando para mim em meu equipamento preto da cabeça aos pés, meu capuz puxado sobre minha cabeça.

— O que, você é o ceifador sinistro da hora de dormir ou algo assim?

Eu respiro fundo. A parte do ceifador está muito perto.

— Algo assim.

O volume das vozes dentro aumenta, e desta vez, a voz de uma mulher se junta aos dois homens.

— Qual é o problema deles? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— O namorado da minha mãe e o irmão estão sendo estúpidos de novo.— Deixando cair o queixo no peito, ele murmura — Odeio isso aqui.

— Eles sempre são assim? —

— Sim. Gostaria que minha mãe e eu pudéssemos nos mudar, mas ela disse que não ganha dinheiro suficiente por conta própria. — Outro encolher de ombros abatido.

— Eles ficam violentos com você?

— Não. Mas eles são barulhentos e quebram coisas às vezes quando bebem e ficam com raiva.

Nós ficamos em silêncio, e eu percebo que a discussão interna acabou.

— Acho que as coisas se acalmaram. Você deveria descansar um pouco.

— Sim. — Ele solta um suspiro antes de se levantar e se virar para o prédio.

— Rua Oleander com a North Eighth. É uma merda e pequeno, mas a unidade três está disponível. Se sua mãe bater na unidade cinco e chamar por Tawnya, ela está procurando ajuda em seu salão.

O garoto se vira e olha para mim como se eu tivesse jorrado algo em latim.

— Só não traga esses dois idiotas. — Enfio as mãos nos bolsos e

começo a recuar. — E não conte a ninguém sobre mim — aviso, meu tom ficando muito mais frio. — Sob nenhuma circunstância você deve contar a alguém sobre mim.

Seus olhos estão tão arregalados que os brancos brilham ao luar.

— Não vou. Prometo.

Eu aceno com a cabeça e me viro, indo embora. Eu só me afasto alguns metros quando ele chama.

— Eu sou Javoris.—

Vacilo antes de me falar por cima do ombro.

— Eu sou o ceifador sinistro da hora de dormir. — Depois de uma breve pausa, acrescento: — Durma um pouco, Javoris.

O tom de diversão do menino.

— Boa noite, Ceifadora.

O que diabos eu estou fazendo aqui?

Esta pergunta corre em um *loop* em minha mente, porque eu não tenho tempo para esta merda. Isso não faz parte do plano.

No entanto, ainda me encontro abrindo a porta do bar que entrei alguns dias antes e entrando.

Eu vasculhei o lugar por ele. Quando eu não tiver nada, seria uma mentira descarada se eu dissesse que a ausência dele não causou decepção em mim. Todo o desejo de relaxar com uma bebida na mão desaparece, e eu decido voltar para fora da porta e ir para casa. Ir a um bar só para ver um homem é a prova de que estou sendo uma idiota. Eu, uma assassina. Que diabos eu digo se ele perguntar o que faço no meu tempo livre?

Oh, você sabe, eu persigo membros da Máfia Dixie para poder matá-los a sangue frio porque eles assassinaram minha família.

Ou, se ele quiser me conhecer, não posso dizer meu nome verdadeiro. Não posso arriscar que ele me entregue às autoridades porque não há garantia de que eu escaparia como da última vez. Então tudo pelo que trabalhei tanto, todo o treinamento que passei, seria inútil.

Aquele homem parecia... bem, um homem. Um que tem sua merda sob controle.

Claro, ele tem um ar que me faz acreditar que qualquer ralé que tentar brigar com ele acabará perdendo, e muito.

Ele exala poder. Autoridade. Controle. Mas há outra qualidade nele que acho intrigante: um traço inconfundivelmente convincente de algum tipo de parentesco entre nós.

Antes que eu possa me virar para fugir do bar e deixar essa loucura para trás, a porta se abre. Uma brisa gelada entra, despenteando meu cabelo, e sou grata pelas extensões que oferecem

mais proteção contra o ar frio.

Assim que a pessoa entra, eu sinto. Os formigamento da consciência que se estendem como a carícia mais delicada e tentadora de dedos ao longo do meu corpo.

É ele.

Eu sinto sua aproximação, e ele se dirige a mim por trás.

— Procurando por alguém? — Sua voz profunda dança sobre minha pele, e traz uma combinação incomum de desejo, luxúria e medo pulsando em minhas veias.

Oh, Meu Deus. Não posso fazer isso.

Eu viro e passo por ele.

— Preciso ir.

Atravessando a porta, dou a volta na esquina do bar e escapo para o beco estreito, apoiando as mãos na superfície de tijolos ásperos. *O que há de errado comigo?*

Sinto a aproximação dele antes mesmo de falar.

— Está tudo bem? — Há um fio de cautela em sua voz, como se ele fosse cauteloso comigo por alguma razão.

— Tudo bem — *Vá embora. Por favor. Apenas vá embora.*

Caso contrário, vou ceder a essa estranha atração.

Ao contrário da minha súplica interior, seus passos soam na calçada cheia de lixo, o som de folhas e embalagens de comida velhas sob as solas de seus sapatos. Ele para perto de onde meus olhos estão fixos no chão, e eu noto que seus sapatos são pretos, muito parecidos com os meus.

Ele está vestido da mesma forma da última vez e, enquanto lentamente arrasto meu olhar para cima em seu corpo, observo suas calças bem ajustadas e a camisa de botão que espreita por baixo de uma jaqueta de couro preta. Esse mesmo gorro está na cabeça dele.

Um raio de luar se projeta sobre nós, e eu me encontro desejando mais luz para que eu pudesse absorver totalmente o homem diante de mim. Mas essa seria a espada de dois gumes mais letal, porque então ele seria capaz de ver tudo de mim, e com isso vêm muitos riscos. A visão que me foi dada é daquela mandíbula afiada e um nariz um pouco torto.

— Eu não posso! — As palavras sussurradas me pegam desprevenida, e leva um momento para perceber que vieram de mim.

Merda. Merda, merda, merda.

Com os olhos se estreitando ligeiramente, ele separa os pés e eu reconheço pelo que é. Ele está se preparando, e se eu não estivesse envolvida nesse conflito interno, isso poderia me fazer rir. Porque não sou uma ameaça para ele. É exatamente o contrário.

Ele é o único que representa a maior ameaça para mim, mesmo que ele não perceba. Mesmo que ele não tenha feito nada. Somente a

sua presença, pela masculinidade flagrante e aquele laço estranhamente invisível que parece me levar até ele.

— Não pode fazer o quê?

As palavras explodem de mim em um surto. Não tenho certeza se conseguiria parar se tentasse. Abaixo as mãos do tijolo.

— Você! Eu! Não posso fazer isso! Eu não sou essa pessoa. Eu nem deveria estar aqui, procurando por você!

Minha voz desaparece como se minha explosão a esgotasse, e meu tom fica cansado.

— Eu não sou assim. Quero dizer, basta olhar para mim, pelo amor de Deus. — Eu gesticulo para mim mesma, para o meu traje, que contrasta tão distintamente com sua roupa bem montada. Meu jeans, rasgado nos joelhos, botas pretas, uma camisa de gola alta preta enorme embaixo do meu casaco, e um chapéu de caminhoneiro cobrindo grande parte do meu cabelo, com meus contatos de cor verde atrás de óculos com aro metálico.

Ele poderia facilmente entrar em um restaurante cinco estrelas, do tipo com toalhas de mesa de linho e guardanapos, enquanto eu seria bem-vinda no restaurante de fast food de merda na estrada, aquele que mal passa nas inspeções de saúde.

O silêncio é a única coisa que saúda minha explosão, e eu me contorço internamente. Sua expressão é indecifrável, o olhar fixo em mim com uma intensidade feroz; é como se ele estivesse tentando espiar dentro do meu cérebro para me entender melhor.

Boa sorte com isso.

Eu mal me entendo quando se trata desse homem.

— Que pessoa?

Olho para ela confusa.

— O quê?

Ele se aproxima, e mesmo esse pequeno movimento aparece como se fosse feito com precisão, cuidadosamente calculado.

— Você disse que não é essa pessoa.— Com uma breve pausa, ele inclina a cabeça ligeiramente. — Que pessoa é essa?

Engulo em seco.

— Do tipo que quer... fazer coisas.

Seus olhos me mantêm em cativeiro enquanto ele se aproxima, eliminando a distância entre nós. Quase cara a cara, ele não me toca, mas eu estou hiper ciente de tudo. A maneira como seus dedos flexionam como se ele quisesse estender a mão para mim e o ligeiro tique em sua mandíbula como se estivesse se restringindo. Uma brisa atravessa o beco, e eu pego uma pitada de seu cheiro limpo e viril.

Ele me coloca contra o tijolo, e se fosse outra pessoa, eu já teria o colocado no chão. Exceto que com ele, não me sinto ameaçada. Tudo o que sinto é excitação se expandindo rapidamente dentro de

mim.

Minha boca se abre, a respiração falhando no meu peito, quando ele estende a mão, os olhos nunca deixando os meus, para lentamente virar meu chapéu para trás. Com a aba não mais representando um obstáculo, ele abaixa a cabeça, nossos narizes roçando levemente, nossa respiração se misturando no ar noturno.

— Coisas como o quê? — Ele não faz mais nada; ele simplesmente permanece, nossos lábios tão próximos, mas aparentemente a um milhão de quilômetros de distância. — Desta forma?

Uma vida que está precariamente em jogo, quando você vive cada dia entendendo os riscos que você corre pode terminar tudo em um piscar de olhos, muda a perspectiva de uma pessoa.

Caitlin Ashford nunca viria procurar um estranho bonito em um bar. Ela nunca teria tido nenhuma ideia sobre tocá-lo ou deixá-lo tocá-la.

Mas a cada dia que passa, a cada ataque que faço à Máfia Dixie, minha patética desculpa de vida se aproxima do fim.

Neste momento, porém, eu estou presa pelo ataque de desejo do toque de um homem que me faz sentir segura. Desejada.

Um homem que poderia ser capaz de aliviar a tristeza que se esculpiu tão profundamente em cada fibra do meu ser.

Um que não me vê como a assassina que me tornei, mas como uma mulher.

Isso não vai, não pode, ir a lugar nenhum. Eu sei disso. E talvez seja isso que me mova. Talvez seja o que me faz fechar a distância e fundir minha boca com a dele.

No instante em que nossos lábios se encontram, uma onda de eletricidade percorre minhas veias. Suas mãos se movem para a minha cabeça, tirando meu chapéu, jogando-o no chão antes que ele assuma o controle do beijo. Ele rouba o fôlego dos meus pulmões enquanto nossas línguas guerreiam com cada golpe decadente, seu beijo me enchendo de calor.

Com grandes palmas embalando minha cabeça, ele me prende contra o prédio com seu corpo firme, implacável em seu beijo que envia um raio de luxúria direto ao meu núcleo. Agarrando as lapelas de sua jaqueta, o couro amanteigado macio sob minhas pontas dos dedos, eu o puxo ainda mais para perto.

Uma torrente de sensações me bombardeia, e eu percebo que isso não é apenas um beijo. Ele está me cercando.

Este é um beijo que é abrangente, e se eu ainda tivesse uma alma, ela seria roubada neste momento.

Uma realidade surpreendente me impressiona: este é o meu primeiro beijo em mais de sete anos. A última pessoa cujos lábios

tocaram os meus foi o Deacon. No entanto, o beijo deste homem marca minha carne, incitando emoções desenfreadas pulsando através de mim, eletrizando cada parte do meu ser.

Nossa respiração difícil ecoa dentro do beco silencioso, e quando ele inclina minha cabeça para aprofundar o beijo, não consigo resistir a mergulhar minhas mãos sob sua jaqueta aberta. Ele é tão duro sob minhas palmas, um corpo como granito, e eu anseio por não ter nada entre nós, por nenhuma roupa para proibir nossos corpos de se tocar.

Quando minhas mãos escorrem pelo peito largo até o cinto, a arma com coldre faz meus movimentos falharem brevemente. Pergunto-me se ele é um dos cidadãos mais corajosos preocupados com a sua própria segurança e dispostos a defender a sua posição contra grupos como a Máfia Dixie.

Eu posso ver isso nele. A bravura. A falta de vontade de ficar parado e deixar valentões crescidos, assassinos, ladrões atropelarem este lugar.

Mesmo que minhas pontas dos dedos mal roçam o coldre, ele fica imóvel ao toque, e sua mão se move com tanta velocidade, seus dedos apertando meu pulso, que eu tiro minha boca dele em um rápido suspiro de surpresa.

Nossos olhos se fecham e minhas palavras sussurradas são sinceras.

— Eu não ia fazer isso.

Com as feições desenhadas, ele segura meu olhar com firmeza, como se tentasse determinar a verdade em minhas palavras. Finalmente, as linhas tensas entre suas sobranceiras diminuem uma fração, e um canto de seus lábios se levanta em um sorriso quase inexpressivo.

— O que você estava procurando?

Uma gargalhada me escapa, e eu desvio meu olhar, um súbito constrangimento correndo sobre mim.

Com o aperto no meu pulso que ele ainda não soltou, ele guia minha mão até ele, achatando minha palma onde ele está incrivelmente duro. Minha cabeça se levanta quando meus lábios se abrem.

— Sim — ele diz em um tom grave. — Você fez isso!

Não consigo resistir a curvar meus dedos em torno dele através de suas calças, moldando minha mão em torno de sua espessa excitação.

E quando ele solta um ‘Foda-se gutural, a excitação corre pelas minhas veias como fogo.

Sua boca encontra a fração de pele entre o topo do gola alta e abaixo do meu lóbulo da orelha, e eu inclino minha cabeça contra o

tijolo implacável nas minhas costas para permitir um melhor acesso. Quando ele belisca minha pele sensível antes de acalmá-la com a língua, eu seguro uma mão no tecido de sua camisa.

Eu o acaricio através de suas calças antes de desabotoá-las para alcançar dentro e agarrar seu comprimento rígido mal contido pela cueca boxer. Sua mandíbula fica tensa e ele balança em meu toque.

Seu pau fica ainda mais grosso sob o tecido, e aqueles dedos segurando meus quadris tornam-se quase punitivos.

— *Foda-se, sim,* — ele sussurra um segundo antes de seus dedos se moverem para minha calça jeans, desabotoando-a com uma urgência que me deixa cada vez mais molhada, a dor em meu núcleo incessante agora.

Ficando mais frenética com a necessidade, eu puxo a camisa dele de onde está dobrada e deslizo as mãos por baixo para tocar seu abdômen firme. Ele respira fundo quando faço contato e encosta a testa no meu ombro, nossa respiração combinada agitada e áspera.

Eu não tenho certeza do que me instiga, mas confesso em um sussurro irregular.

— Eu sei que é clichê como o inferno, mas eu nunca fiz isso antes.

Quando ele levanta a cabeça, não consigo conter um estremecimento, esperando uma resposta zombeteira. Mas esses olhos brilham de luxúria, flutuando sobre meus traços em uma carícia aquecida sem nenhuma hesitação ou desconfiança aparente visível. Em vez disso, há uma pista do que parece ser compreensão. Se ele fosse outra pessoa, eu poderia pensar que ele nunca fez isso também. Mas um homem como ele.... Não há como isso ser possível.

Ele desliza lentamente meu jeans para baixo em meus quadris, mergulhando a mão dentro da minha calcinha para alcançar entre minhas pernas. O tempo todo, seu olhar nunca se desviou do meu. Quando ele arrasta um dedo pelas minhas dobras, reunindo a suavidade ali, ele me observa enquanto enfia um dedo para dentro. O som do meu suspiro tem suas narinas queimando enquanto sua outra mão flexiona seu aperto no meu quadril.

— Você está bem com isso? — Ele solta as palavras roucas como se fosse preciso um grande esforço para falar.

Oh, foda

No instante em que a palma da mão dele roça por cima do meu clitóris, meu corpo treme em resposta, tão hipersensível.

— Sim — eu respiro. Estendo a mão para ele novamente, e quando eu curvo meus dedos sobre onde ele se esforça sob suas cuecas boxer, o comprimento rígido me deixa ansiosa para tê-lo afundado dentro de mim. A espessura de seu pênis seria incrível, me alongando, mas não sei se posso fazer mais do que isso.

Isso não sou eu. Eu não deixo estranhos me tocarem em um maldito beco. No entanto, de alguma forma, ele me faz esquecer todas as minhas dúvidas. Quando ele adiciona um segundo dedo e empurra para dentro e para fora de mim, a palma da mão moendo contra o meu clitóris, eu mordo um gemido.

Em resposta, sua boca bate na minha, nossos dentes tilintando, mas nenhum de nós se importa. Eu desajeitadamente o acaricio através de sua cueca boxer enquanto minha língua treina com a dele. O beijo está molhado e bagunçado, exatamente o que eu quero e preciso.

Minha boceta aperta em torno de seus dedos como bobinas de prazer mais apertadas dentro de mim. Seu pênis engrossa em meu aperto, e a sensação dele, a maneira como ele geme contra meus lábios enquanto enfia os dedos profundamente, me empurra para mais perto da borda. Quando ele engancha os dedos dentro de mim, perco toda a aparência de controle enquanto estremecimentos destroem meu corpo. Meus músculos internos espasmaram, e eu monto seus dedos através das ondas da minha liberação até que eles diminuam, e ele eventualmente se afasta de mim.

Meu peito se eleva e sua boca se abre enquanto ele luta com sua própria respiração. Nós olhamos um para o outro, e eu sou incapaz de arrancar meus olhos até uma rajada de vento amargamente frio passar, me batendo com a consciência de como estou exposta. E em um beco, pelo amor de Deus.

Que diabos eu estou pensando? Merda, merda, *merda*. Sinos de alarme ensurdecedores soam dentro da minha cabeça.

Eu me afasto dele, liberando meu aperto em seu pau duro como o inferno, e corro para puxar minha calça jeans de volta e apertá-la.

— Isso foi... — Balanço a cabeça, tentando parcialmente afastar a névoa da luxúria que entupia minha linha de pensamento.

Muito errado. Eu só gozei nos dedos de um estranho.

E, sim, foi quente pra caralho, mas não posso fazer isso. Um sentimento conflitante de autopreservação e traição batalham. Deixar alguém próximo a mim de alguma forma, especialmente assim, é muito perigoso.

O tumulto se espalha por mim como um incêndio. Evitando o contato visual, solto um suspiro silencioso de alívio quando ele se afasta para fechar as calças. Eu rapidamente pego meu chapéu do chão.

— Preciso ir. Sinto muito — eu gesticulo descontroladamente para ele sem olhá-lo — sobre não... Sim.

Merda.

Estou fugindo daqui, deixando o cara com um pau duro e provavelmente um enorme caso de bolas azuis.

Mas eu preciso ir.

Chego à esquina do prédio antes que a voz dele me pare. Pela maneira como ele hesita e pigarreia, posso dizer que esse encontro também o desconcertou.

— Vou ver você de novo?

Sem me virar, respondo, mas não sei o que me faz dizer isso.

— Acho que teremos que esperar para ver. — Então eu desapareço na noite.

A fim de tentar erradicar esse lapso em meu julgamento, meu passo em falso na manutenção de minha vigilância, sinto uma necessidade motriz de mergulhar de cabeça de volta em minha missão. Meus planos.

Estou tão perto, e não posso permitir que nada ou ninguém me descarrilhe agora.

CAPÍTULO 26

O CAÇADOR

Esfregando a mão na mandíbula, tento me recompor. *Cristo*, estou mais duro do que nunca, e fiz tudo o que pude para não gozar em minhas malditas calças quando sua boceta teve um espasmo em meus dedos.

Em um maldito beco, nada menos. O que diabos eu estava pensando?

Ainda não consigo me arrepender. Estava quente pra caralho, mesmo que não fosse nem um pouco elegante, transando com ela em um beco escuro enquanto ela tinha a mão no meu pau. A maneira como ela veio em meus dedos, a maneira como ela me beijou de volta como se estivesse tão presa na necessidade desesperada de mais do meu toque quanto eu estava para senti-la se desintegrar...

Foda.

Então eu tive que ir e estragar tudo perguntando a ela quando eu a novamente. Droga. Eu senti que ela estava nervosa desde o início. Talvez isso seja parte do que me atrai nela.

Quando ela colocou as mãos em mim e se aproximou do meu coldre, tudo dentro de mim congelou. Porque por uma fração de segundo, eu me perguntei se o universo estava brincando comigo de novo.

Queria saber se ela estava brincando comigo.

Eu não ia fazer isso.

Havia sinceridade em seu tom enquanto ela olhava para mim por trás daqueles óculos fofos como se quisesse que eu acreditasse nela.

E eu acreditei. Algo na maneira como ela disse isso, a maneira como ela me olhou nos olhos me obrigou a acreditar que era a verdade.

Respirando profundamente, olho ao redor do beco tentando descobrir o que diabos está me deixando nervoso. Algo incomoda minha mente como se eu estivesse perdendo um detalhe crucial.

Ou talvez seja o fato de que todo esse encontro com ela, com uma mulher cujo nome eu nem sei...me deixou tão fora de mim.

— Foda-se — murmuro. Passando a mão na frente da minha camisa por baixo da minha jaqueta e garantindo que ela esteja dobrada para dentro, encaro o beco na direção em que ela desapareceu.

Faz tanto tempo que nem me lembro da última vez que uma mulher teve meu pau tão duro. E meu interesse por ela não estava restrito a abaixo da cintura.

Esfrego a mão na mandíbula antes de puxar meu gorro com segurança e partir para casa.

Recomponha-se, imbecil.

Assim que entro pela porta, Kujo me cumprimenta, e me lembro mais uma vez que o deixei aqui depois da nossa caminhada para procurar uma mulher anônima em um bar.

Acariciando a cabeça do jeito que ele gosta, eu digo.

— Desculpe, cara. Eu fiz algo que não deveria ter feito. — Eu faço uma careta e meus olhos pousam na minha mesa, me concentrando nos arquivos ao lado do laptop que servem como um lembrete claro de que preciso manter minha cabeça no jogo. — Eu preciso me concentrar no trabalho e fazer as coisas.

Alguns minutos depois, depois que Kujo fez seu negócio e volta para dentro por causa do frio, eu olho para a minha virilha e sei que não tem como isso acontecer tão cedo.

Entrando no banheiro, eu ligo o chuveiro e tiro a roupa rapidamente antes de pisar sob o jato. A água quente acalma meus músculos, mas meu maldito pau insiste que eu tome uma atitude.

Sabonete corporal na palma da minha mão, enrolo os dedos em volta do meu comprimento e deslizo para cima e para baixo em longos traços, revestindo meu pau com uma espuma escorregadia. Apertando a base, deslizo a mão ao longo da minha ereção antes de dar um puxão forte na cabeça. Minhas bolas se apertam, e eu apoio minha outra palma contra a parede do chuveiro, deixando meus olhos fecharem.

Minha mente volta para a mulher do bar. A maneira como seus olhos brilhavam de confusão e desejo naquele beco. Como os lábios dela eram macios e quão gostosa ela era quando nos beijamos.

A luxúria se espalha pela minha espinha em um calor ardente quando agarro meu eixo dolorido. Meu pau fica pesado e dou outro puxão na cabeça, meus quadris se sacudindo em resposta. Meus golpes ficam mais firmes quando me lembro de como sua boceta se sentia confortável em torno dos meus dedos. *Droga, o pequeno som que ela fez no momento em que passou pelos meus dedos, mergulhando-os em sua doce umidade...*

Nunca quis tanto estar dentro de uma mulher na minha vida.

Trago meus dedos para baixo sobre minhas bolas e corro a ponta do meu polegar ao longo da costura, minha respiração ficando superficial enquanto minhas costas se arqueiam. A ideia de afundar dentro de sua boceta apertada, de fazê-la implorar para que eu lhe desse mais, implorando para que meu pau a enchesse, endureceu ainda mais meu pau. Eu o seguro com mais força, acariciando mais rápido enquanto meus quadris balançam, minha ereção pulsando.

Estou tão perto.

Imaginar como ela enrolaria suas longas pernas em volta dos meus quadris, me incentivando a fodê-la com mais força, arqueando em cada impulso, faz formigamentos se espalharem na base da minha espinha. *Jesus, porra.* Eu grito entre respirações duras. Eu trabalho meu punho ao longo do meu comprimento em longas bombas, desejando estar profundamente dentro dela.

Um gemido é arrancado da minha garganta enquanto meu abdômen se contrai, a cabeça do meu pau ficando mais sensível a cada deslizamento da minha palma ao longo do comprimento. Eu daria tudo para empurrar dentro de sua doce boceta e senti-la agarrada a mim enquanto a fazia gozar ainda mais forte do que em meus dedos.

Imagino como são os seios dela. Um punhado perfeito com mamilos rosados como seus lábios, eu apertaria minha boca em torno deles, chupando as pontas duras até ela gemer, deixando escapar pequenos suspiros como ela fazia no beco. Sua boceta se contrairia ao redor do meu pau, e eu chuparia seus seios enquanto a fodia bem e profundamente até que ela gozasse. Seus músculos internos estrangulariam meu pau, me cobrindo com seus sucos doces e me deixando no limite.

Meus músculos se agarram um instante antes que eu estremeça, bombeando meu pau em golpes longos e firmes, e eu venho com tanta força que quase perco a capacidade de respirar. Peito arfando enquanto arrasto oxigênio para meus pulmões, eu pisco meus olhos e olho para o ralo do chuveiro, observando enquanto a água lava minha liberação.

Não consigo esquecer a sensação de que não será tão fácil apagar a evidência do impacto que a mulher teve em mim.

Acomodando-me na cadeira, olho para a tela do meu laptop, estudando o conteúdo dos arquivos que ‘peguei emprestado’ da polícia que contêm até mesmo o menor dos links para a Máfia Dixie. Eu não coloco muito peso na teoria de Warren da mulher Ashford voltando para se vingar. Simplesmente não parece provável.

A pessoa por trás desses ataques é bem treinada o suficiente para enfrentar um punhado de homens e deixá-los para morrer.

Alguém que sabe lidar com armas e que mata com confiança.

É alguém de dentro? Alguém da Máfia Dixie que está esperando antes de decidir assumir o controle da organização? Eles estão contratando outros para fazer os golpes, como a mulher?

Eu clico nos arquivos, novamente, e sei que vou ter uma noite longa. Mas não me importo. Eu vou chegar ao fundo disso e eliminá-los.

Porque eles estão no meu caminho, também.

CAPÍTULO 27

Ela

A água quente cai sobre minha pele, praticamente me queimando no chuveiro, e eu aprecio à sensação de ardência que ela traz. Apoiando minhas mãos contra a parede, fecho os olhos contra a enxurrada de emoções trazidas da noite.

Do beco. Dele.

Inclino minha testa contra o azulejo frio, a água caindo em cascata sobre meu corpo, e deixo minha mente vagar agora que é seguro.

Agora que estou sozinha e não vulnerável.

Uma parte de mim está grata por aquela rajada de vento que me fez recobrar os sentidos esta noite no beco. Se não tivesse me sacudido da névoa da luxúria, eu teria deixado ele me foder contra aquele prédio de tijolos.

Outra parte de mim, no entanto, ressentia-se de que eu parei as coisas e não segui em frente. Que eu o deixei com um pau tão impressionantemente duro depois de sentir o prazer que ele de bom grado e habilmente deu.

Um pequeno gemido me escapa quando penso em como seus dedos eram bons dentro de mim. Como ele apertou a palma da mão contra o meu clitóris com pressão suficiente. Como meus músculos internos apertaram seus dedos enquanto eu cavalgava minha liberação.

Meus dedos se curvam contra o azulejo duro com a lembrança de como ele se sentia bem em meu aperto. Se eu tivesse sido descarada o suficiente esta noite, eu teria deslizado minha mão sob o tecido de sua cueca boxer para guiá-lo para a minha entrada e tomar seu comprimento duro dentro de mim. Ele me prenderia contra o tijolo enquanto dirigia em golpes profundos e completos.

Uma respiração intensa passa pelos meus lábios quando percebo que movi a mão da parede para tocar meu clitóris, circulando-o e puxando-o e brincando intermitentemente entre o polegar e o dedo indicador.

Eu nem sei o nome dele.

Mas meu corpo não se importa. Ele substitui a tentativa da minha mente de florescer vergonha dentro de mim agora que a caixa de Pandora foi aberta. Nunca pensei em um homem desde a morte da minha família. Mas agora, por alguma razão insana, esse homem é pura tentação chamando meu corpo para o dele.

A dor entre minhas coxas é incessante e a necessidade, o desejo irresistível de ser preenchida, não por qualquer um, mas por ele, é

inegável, mas alarmante.

Arrepios percorrem meu corpo enquanto minha mente imagina que ele está aqui comigo neste chuveiro; seu corpo firme e magro e musculoso contra minhas costas e uma grande palma da mão agarrando meu quadril como ele havia feito antes. Sua outra mão segura meu peito, seu polegar brincando com meu mamilo enquanto seu pau surge profundamente dentro de mim.

Eu arqueio em seu toque, instigando-o, e seus dentes mordem o ponto sensível do lado do meu pescoço logo abaixo da minha orelha.

A maneira decadente como seu comprimento pulsante me faz me esticar ao redor dele e o aperto possessivo que ele tem em mim só me deixam mais molhada, e seu gemido rouco ao ver como eu cubro seu pau com minha astúcia ronca através de mim, incendiando minhas terminações nervosas.

Segurando-me com firmeza enquanto ele empurra mais fundo, ele se enterra dentro de mim e se acalma. Choramingo quando ele se recusa a se mover, seus dedos se movendo para brincar com meu clitóris.

— *Uma boceta tão gananciosa* — ele repreende com uma voz rouca. Suas palavras fazem meus músculos internos se contraírem, e ele geme antes de retirar quase todo o seu comprimento antes de voltar para dentro, seus impulsos ficando mais selvagens e mais desenfreados.

O ataque de tortura que ele inflige ao meu clitóris sensível nunca diminui, e a necessidade ardente me chama enquanto ele me manda ao limite. Meu orgasmo me atravessa, meu corpo se esticando enquanto eu desmorono por um momento antes que ele enrijeça com um gemido baixo, derramando dentro de mim. Calafrios patinam ao longo da minha espinha enquanto minha respiração irregular se acalma lentamente.

A água quente diminui, deixando-a morna, e eu abro meus olhos para olhar para o azulejo de chuveiro azul pegajoso, uma borda superior lascada. E estou diante do inegável conhecimento de que algo perigoso mudou dentro de mim esta noite.

Como se isso não fosse assustador o suficiente, uma estranha sensação de mau pressentimento acompanhou isso.

CAPÍTULO 28

Ela

ALGUNS DIAS DEPOIS

Sou uma gulosa por punição... ou tenho um desejo de morte. É uma questão de saber qual deles pode realmente ser o caso.

Se este bar já não estivesse em uma parte ruim da cidade, eu poderia parecer suspeita. Do outro lado da rua, fico em um local sombreado, de costas para o grande carvalho a alguns metros de distância da calçada que já vi dias muito melhores. O concreto é crivado de rachaduras e levantado em algumas áreas como se um mini terremoto o tivesse perturbado.

Uma parte de mim quer voltar para dentro e ver se ele está lá. Algo no fundo de mim sente a necessidade de pedir desculpas por deixá-lo alto e seco.

Minha mente agora está uma bagunça complicada porque, eu? Desculpar-me? Eu sou uma assassina que está preocupada com um homem pensando que eu sou uma espécie de provocadora. Mas só porque ele nunca me pareceu um idiota. Ele parecia quase... legal. Bom, mas misterioso, ainda exalando um ar de perigo.

O mesmo estranho enigmático que conseguiu chegar tão fundo e acordou meu corpo tanto com sua presença quanto com seu toque.

Respiro fundo; o ar gelado da noite faz minhas narinas se sentirem como se pudessem congelar por inalá-la. Meu batimento cardíaco dispara quando olho para a esquerda da frente do bar para o beco onde deixei aquele homem...

O vento passa por mim de repente, batendo no meu rosto, mas não é a única razão para os calafrios correndo pela minha espinha. Sinto alguém por perto, se aproximando no escuro. Instintivamente, pego minha arma embainhada, meus dedos posicionados sobre ela enquanto examino cuidadosamente meus arredores. Porque eu não tenho um ataque planejado para esta noite, eu só estou carregando minha faca.

Um homem dá um passo à frente, emergindo da massa de sombras que parecem se curvar protetoramente ao seu redor, e reconheço sua constituição, a maneira como ele se comporta. Uma vez que ele para a alguns metros de distância, na quantidade escassa de luz da rua cintilante ao longe, noto uma pitada de surpresa em suas feições.

— Nos encontramos de novo.

Sua voz profunda e ligeiramente rouca dança sobre minha pele, aqueles olhos nunca deixando os meus. Não posso deixar de me perguntar o que ele vê... como ele me vê. Se ele detectar alguma coisa,

que eu não seja uma boa pessoa como já fui. Eu me pergunto se ele sente o que eu me tornei.

Respiro fundo antes de forçar as palavras.

— Eu queria me desculpar pela outra noite e... — Estremeço de repente, pega de surpresa por algo pressionando contra meu joelho. Quando olho para baixo, fico surpresa ao encontrar um cachorro com pelo tão escuro quanto à meia-noite olhando para mim. Minha cabeça se levanta quando pergunto ao homem: — Ele é seu?

Ele não olha para mim. Na verdade, ele parece confuso com a aparência do cão. Mas então ele me confunde ainda mais quando responde lentamente.

— Ele é meu. — Quando franzo a testa, ele finalmente encontra meus olhos, e algo indecifrável brilha nas profundezas. — Ele não é normalmente — ele olha para o cachorro mais uma vez — amigável.

— Ele... morde?

Uma sugestão quase imperceptível de um sorriso aparece em uma das bordas de seus lábios.

— Só se ele não gostar de você. Mas parece que você fez um amigo. — Ele levanta o queixo, gesticulando para onde o cão cutuca minha perna com a cabeça, silenciosamente me incitando a acariciá-lo.

— Você se importa se eu acariciá-lo? — pergunto com cautela.

— Fique à vontade.

Lentamente, estendo minha mão para o cachorro.

— Olá, gracinha.

— O nome dele é Kujo.

Murmuro baixinho para Kujo. Ele cutuca minha palma aberta com a cabeça, o rabo abanando quando eu o mimo acariciando sua pelagem sedosa.

— Você é um menino doce. Sim, você é!

Eu levanto meu olhar para o homem.

— Há quanto tempo você o tem?

— Não muito tempo.—

Eu murmuro palavras mais doces para o cachorro até que finalmente o homem pergunta.

— Pelo que você estava tentando se desculpar antes de Kujo interromper?

Ah. Merda. *Aquilo*. Eu me endireito e retomo minhas desculpas.

— Pela outra noite. — Estremeço. — Quando eu te deixei... você sabe. Eu queria que você soubesse que não era minha intenção ou...

Droga, estou estragando tudo. Pior ainda, seu olhar intenso nunca se desvia do meu.

— Você não precisa se desculpar por nada — ele finalmente

diz. Uma breve pausa de silêncio paira entre nós. — Exceto por ter ido embora antes de saber seu nome.

Aí está. É exatamente o que eu estava tentando evitar.

Ganhando tempo, eu digo.

— Você primeiro.

— Hunter. — Sua resposta vem tão prontamente, tão ansiosamente, que me pega de surpresa.

Hunter. De alguma forma, o nome combina bem com ele. Ele parece um caçador habilidoso, da maneira que esses olhos afiados sempre parecem estudar seu entorno, nunca dando uma sugestão de perder os mínimos detalhes. Ele inclina a cabeça para o lado, lembrando-me silenciosamente de que eu não retribuí.

Eu pressiono meus lábios finos, imaginando se vou me arrepender disso.

— Cate.

Embora eu nunca tivesse encurtado Caitlin ou recebido um apelido, algo dentro de mim me incentiva a permanecer fiel a isso.

Os olhos de Hunter procuram minhas feições, e eu me pergunto se ele está tentando determinar se estou dizendo a verdade.

— Com um C ou um K?

C.

— Com um K.

Algo brilha em seu olhar, e eu me pergunto se ele detecta minha mentira.

Não, é mais provável que seja minha paranoia.

— Prazer em te conhecer, Kate.

Uma gargalhada me escapa.

— O prazer é todo meu, se a outra noite servir de referência. — Meus olhos se abrem mais assim que as palavras se libertam. — *Putá merda.* — Sinto muito. Isso foi...

— Engraçado. — Os cantos de sua boca se inclinam uma fração, e um profundo anseio bate em mim para testemunhar um sorriso completo dele. Para ver se seus olhos vão enrugar nos cantos.

Uma forte rajada de vento nos atinge e ele examina a área.

— Eu preciso levar esse cara para casa.

Aceno.

— Certo. — Mas eu recuo um passo. — Eu deveria...

— Quer se juntar a nós para uma bebida?

Com os olhos arregalados, olho para Hunter e não consigo me livrar da sensação de que ele está surpreso com a oferta. Seus lábios se pressionam em uma linha fina antes que ele acene para Kujo.

— Obviamente, esse cara só vai receber água.

Inclino a cabeça para o lado, me encontrando mais hipnotizada por esse homem misterioso.

— Foi uma piada?

Há uma qualidade estranha em seu olhar agora.

— Você topa?

Incomodada por seus olhos penetrantes e avaliadores, eu enfio minhas mãos nos bolsos do meu casaco, certa de deslizar uma mão pela abertura que fiz no tecido interno, permitindo-me alcançar minha arma embainhada. Quando minhas pontas dos dedos roçam sobre ele, o simples contato me acalma, me fazendo sentir segura.

Os olhos de Hunter se dirigem para onde minhas mãos estão escondidas sob o tecido, e eu sou bombardeado com a sensação de que ele sente o que estou fazendo, o que é impossível.

Você topa?

A pergunta dele me incomoda porque sei que se eu for com ele, significa embarcar em algo totalmente diferente do que tem sido minha missão. No entanto, não posso negar o ataque do desejo de aproveitar este momento e não ter medo. Para realmente me entregar enquanto estou entrincheirada nesta patética desculpa de vida.

Sentir algo além de indiferença oca porque algo sobre Hunter me chama.

— Eu vou.

CAPÍTULO 29

Hunter

Que porra estou fazendo?

Convidei uma estranha para vir para casa comigo. Não importa que eu tenha enterrado meus dedos dentro da boceta dela algumas noites atrás. Ela ainda é alguém que eu não conheço.

Alguém que eu não investiguei.

Ela ficou nervosa quando pedi para ela vir comigo.

Eu soube assim que ela enfiou as mãos nos bolsos.

Algo sobre a maneira como ela fez que me deu a impressão de que eu a deixava desconfortável, o que me irrita pra caralho, mesmo que, se ela realmente me conhecesse, sua inquietação seria completamente justificada.

Eu sou um homem que mata para ganhar a vida, tenha uma carreira, e eu sou o melhor que existe. Eu com certeza não cheguei a esse ponto deixando ninguém me irritar.

Mas não posso negar a atração que sinto por ela e que nunca senti por nenhuma outra mulher. Se fosse tangível de alguma forma, imagino que estalaria no ar entre nós como uma carga elétrica de alta tensão.

Não demora muito para voltarmos para minha casa. Não ficamos de conversa fiada ao longo do caminho, mas de alguma forma não é nada estranho.

Quando chegamos à minha porta, eu hesito.

— Eu não estava planejando isso, então se você não se importa de esperar enquanto eu limpo algumas coisas... — Eu avalio a reação dela, parcialmente para ver se ela escolhe fugir e usar isso como uma saída.

Foda-se se cada parte de mim não está implorando para que ela não o faça. Eu admito, mas ficaria muito desapontado.

— Sem problemas.

Meus ombros relaxam, me impressionando com a percepção de que eu estava tenso, me preparando para que ela saísse.

Correndo para dentro e fechando a porta atrás de nós, a deixo na entrada e rapidamente passo até minha mesa onde minhas anotações estão. Não é como se houvesse alguma coisa que causaria confusão se uma pessoa comum visse, esse tipo de merda é armazenado eletronicamente e várias senhas são usadas para garantir que apenas eu possa acessá-la. O arquivo principal que eu imprimi é o da mulher Ashford que desapareceu após o tiroteio, e mesmo isso não contém nada secreto. Bem... supondo que alguém possa invadir o banco de dados do departamento de polícia, é claro.

Não querendo fazer Kate esperar mais do que o necessário, eu enfio o arquivo embaixo do laptop fechado. Mesmo que ela seja uma bisbilhoteira, ela provavelmente vai assumir que eu sou um detetive particular ou algo assim.

Aproximando-me de onde ela permanece parada, agora com a jaqueta nas mãos, inclino a cabeça, gesticulando para que ela me siga e se aventure mais para dentro. Quando ela passa por mim, meu corpo inteiro fica tenso quando sou atacado por como é certo tê-la no meu espaço.

Ela é uma mulher que eu nem conheço, mas sinto como se a conhecesse em um nível mais profundo. E não só porque eu a fiz gozar em um beco. É algo que eu zombaria se mais alguém tivesse mencionado. Mas enfrentá-lo de frente me faz cambalear porque não há como dúvidas.

Há um estranho senso de familiaridade sobre ela. Como se já tivéssemos nos cruzado antes, embora eu saiba que não.

Observando-a enquanto Kujo cutuca sua perna para que ela o acaricie mais uma vez, fico atordoado com as ações do meu cão. Este é o mesmo maldito cão que tenho treinado para ataque, aquele cuja maldade não conhece limites e que causou tantos danos à primeira manga de mordida que tive que comprar uma substituta.

O cão que não mostrou nenhum interesse ou afinidade por outro humano desde que ele apareceu na minha porta.

— Quer uma cerveja?

A jaqueta dela está perto da minha, agora pendurada em uma das cadeiras. Kate se senta no chão, acariciando Kujo, que colocou a cabeça em sua coxa.

— Estou bem por enquanto, obrigada.

Ela retorna sua atenção para o meu cachorro, murmurando para ele em um tom suave. Vou até a geladeira e pego uma cerveja, torcendo a tampa com o abridor.

O estrondo do riso de Kate ricocheteia em mim, agindo como pontas de dedos macias na ponta dos pés ao longo da minha espinha. Sua risada parece quase enferrujada, como se tivesse se tornado estranha para ela.

Eu me aproximo de onde posso observar melhor os dois e me inclino contra a parede. Balançando o gargalo da cerveja na ponta dos dedos, observo enquanto Kate brinca no chão com Kujo, sua diversão inequivocamente desarmando e espalhando uma sensação de leveza pelo local.

Ainda me fode a cabeça como ele imediatamente se aproximou dela. Ele nunca faz essa merda com ninguém. Inferno, o maldito cão rosna para as crianças, pelo amor de Deus, como se ele estivesse prestes a comê-los como um lanche. Ele odeia todo mundo, menos a

mim.

E agora, ao que parece, Kate.

Tomo um longo gole da minha cerveja e a estudo enquanto Kujo se deita no chão e enfia a cabeça sob a bainha da camisa dela. Eu posso dizer no instante em que o nariz frio e molhado dele faz contato com a pele dela por sua risada surpresa.

O que fez Kujo confiar nela?

— Kujo. — Minha voz é severa e delicada. Ele imediatamente se senta, as orelhas em pé. — Vá se deitar! — Eu empurro meu queixo na direção de sua cama de pelúcia de cachorro no canto do outro lado da sala. Lentamente subindo, ele faz beicinho como só ele consegue.

Kate dá uma risadinha.

— Tadinho. — Ela se senta, puxando o suéter no lugar. Seu cabelo está levemente bagunçado, mas não diminui sua aparência. Olhando para mim de onde ela está sentada no tapete, ela lança um olhar ao redor do lugar, e eu sei o que ela vai dizer antes mesmo que as palavras se espalhem.

— Você realmente fez muito com este lugar.

Estreito os olhos para ela.

— Espertinha. — Então eu tomo um gole da minha cerveja para mascarar o meu divertimento. — Não vou ficar aqui por muito tempo, então faz sentido não ficar muito apegado a isso.

Mesmo atrás dos óculos, esses olhos verdes brilham de compreensão.

— Entendi. — Suas palavras são tão suaves que tenho que me esforçar para ouvi-las.

— Eu diria que poderíamos assistir a um filme, mas...

— Mas você não tem uma TV — ela termina para mim.

Agradeço por ela não abordar o assunto e sugerir que vejamos algo no meu laptop.

— Posso ser sincera com você? — A pergunta de Kate me pega desprevenido. Ela mexe nas bordas do tapete desgastado da área, cortesia das unhas de Kujo que sempre parecem precisar ser aparadas, e tenho a sensação de que ela está evitando meus olhos de propósito.

Cada músculo do meu corpo fica tenso quando meus instintos imediatamente entram em alerta máximo, e eu cuidadosamente coloco minha cerveja no pequeno balcão. Meus dedos formigam, preparando-se para sacar minha arma.]

— Claro. — Minha voz é enganosamente calma.

Kate exala lentamente.

— Eu não me importaria de... beijar você de novo. — Seus olhos se fecham com os meus, e a incerteza à espreita nas profundezas tem a tensão rapidamente se dissipando de mim.

Eu seguro o olhar dela.

— É tudo o que você quer?

Eu preciso saber, e não porque eu vou ficar chateado se tivermos apenas um replay da outra noite. Estava quente pra caralho tê-la se desfazendo nos meus dedos. Quero saber até onde ela vê isso indo, para não empurrá-la inadvertidamente além de seu nível de conforto.

Eu posso ser um monte de coisas, mas o que eu não sou, nem nunca fui, é um idiota desrespeitoso quando se trata de mulheres.

Kate se levanta do chão. A vulnerabilidade a encobre e, quando ela fala, suas palavras são entregues em um tom delicado e silencioso.

— Eu não faço nada disso há muito tempo.

— Eu estou bem com apenas beijos. — Eu silenciosamente imploro que ela acredite em mim.

Ela se aproxima, parando na minha frente e, droga, adoro que ela seja alta. Cerca de dois centímetros mais baixa do que meus um e oitenta. Lembro-me de como nos encaixamos perfeitamente naquela noite no beco.

Seu olhar está procurando, mas não tenho certeza do que ela está procurando. Colocando a palma da mão contra a parede dura do meu peito, ela sussurra.

— Eu gostaria de começar com beijos e continuar daí. — Os olhos verdes me mantêm cativo quando ela acrescenta — Porque eu nunca consegui terminar o que comecei na outra noite.

Meus dedos cercam seu pulso com uma rapidez que a pega desprevenida, e seus olhos se arregalam. Puxando seu corpo com o meu, deslizo minha outra mão para a parte de trás de sua cabeça e direciono seus lábios para os meus.

— Então vamos começar agora.

CAPÍTULO 30

Kate

Então vamos começar agora.

Assim que ele diz essas palavras naquele tom rouco dele, sua boca se funde à minha em um beijo escaldante que envergonha os da outra noite. É como se ele estivesse se segurando, e agora eu fico com tudo dele.

Coloco meus braços ao redor do pescoço dele e deslizo as pontas dos dedos sob o tecido macio de seu gorro apenas para congelar ao descobrir uma pele lisa. Recuando uma fração, encontro seus olhos escuros me observando atentamente.

— Desapontada?

Eu gentilmente o removo da cabeça dele e o jogo em uma cadeira próxima, meus olhos o bebendo enquanto eu deslizo as pontas dos dedos ao longo de sua cabeça.

— Você raspa?

— Sim.

Minha boca se curva para cima porque ele parece quase infantil, me observando do jeito que ele faz. Como se ele estivesse preocupado que eu mudasse de ideia baseado na falta de cabelo dele. Inclino-me para frente e falo contra seus lábios.

— Acho que isso significa que não preciso me preocupar com você dando dicas de estilo, hein?

É pequeno, quase inaudível, e eu sinto isso em vez de ouvi-lo, mas Hunter realmente ri. Sorrindo contra a boca dele, eu puxo o lábio inferior dele entre os dentes e puxo suavemente antes de soltá-lo e acariciá-lo com a língua.

De repente, sou erguida e instintivamente envolvo minhas pernas em volta da cintura dele enquanto ele nos leva até o quarto, onde há uma cama de casal sem cabeceira. Simples e sem frescuras, como todo o resto.

Não vou ficar aqui por muito tempo, então faz sentido não ficar muito apegado a isso.

Não o pressionei por mais, porque não posso retribuir. Não posso me dar ao luxo de divulgar mais nada sobre mim. Não só seria um grande risco para mim, mas também poderia colocá-lo em perigo.

Esta noite, Só por esta noite me permitirei entregar-me ao homem que fez meu corpo se sentir vivo pela primeira vez em anos.

Ele para ao lado da cama e me põe de pé.

Suas mãos se movem para a bainha do meu suéter de gola alta, mas permanecem, uma pergunta não dita na não ação. Em resposta, levanto meus braços e ele levanta o tecido para cima e sobre minha

cabeca, jogando-o no chão. Meu sutiã logo se segue, e eu congelo quando uma de suas mãos desliza ao longo do lado do meu pescoço, onde uma parte da minha tatuagem se estende.

— É linda. — Sua voz é baixa e sedosa. Sincera. A apreciação é evidente na maneira como seus olhos lentamente traçam sobre minha pele pintada. — Eu nunca vi uma assim antes — ele murmura, seus olhos escuros se erguendo para os meus, perguntas transbordando nas profundezas.

Eu engulo em seco porque, na verdade, eu queria cobrir a área onde eu tinha sido baleada anos atrás. Para ter algo bonito mascarando a deterioração da minha carne. As pétalas de flores, tons vibrantes de vermelho e roxo, se espalharam ao longo da curva do meu pescoço e ombro, por cima do que serviu como um lembrete feio do dia em que todo o meu mundo implodiu, e eu perdi tudo o que eu já amei.

Como se detectasse meu desconforto, ele desvia o olhar da minha tatuagem, os olhos flutuando sobre meus seios com mais apreço do que eu esperava, já que eu sempre tive seios pequenos. Por uma fração de segundo, eu me encolho interiormente porque ele provavelmente está acostumado com mulheres com seios muito maiores e...

— Não. — A entrega curta e letal da palavra tem meus olhos se voltando para os dele. — Você é perfeita pra caralho.

Suas mãos grandes seguram meus seios, e eu instintivamente me arqueio, pressionando meus mamilos em suas palmas. Aqueles olhos escuros se agitam com calor, e ele roça os polegares sobre cada pico endurecido.

— Perfeita para caralho. — Suas palavras são graves quando ele passa a ponta dos dedos calejados. É como se ele estivesse se dirigindo a si mesmo quando acrescenta em um tom mais suave — Melhor do que eu imaginava.

Então, seus olhos se desviam para se concentrar na única área que não posso permitir que ele me pergunte.

Tensa, eu aperto meus dedos com força, mal contendo um tremor que ameaça destruir meu corpo quando ele deixa cair uma mão para alisar um dedo sobre a minha ferida recentemente curada que Doc me ajudou a consertar. Seus olhos se fixam nos meus, e a curiosidade gira nas profundezas.

— Parece que doeu.

— Sim — eu consigo dizer suavemente. Desviando meu olhar para os lábios dele, cubro a mão dele com a minha, desesperada para que isso não seja seu único foco, e a guio para se juntar à outra palma ainda segurando meu peito.

Seus olhos voltam para a cicatriz ao longo do meu lado, suas

feições nublando ligeiramente, e eu fico tensa.

— Estou muito puto com o que causou isso.

Por favor, não pergunte. Por favor. Apenas me beije e me ajude a esquecer.

Felizmente, ele ouve meu apelo interno, abaixando a cabeça e capturando meus lábios em um beijo tão terno que minha respiração se aloja no meu peito. O polegar e o indicador dele puxam meus mamilos com a quantidade exata de pressão que tem umidade se acumulando entre minhas coxas.

Quando a boca de Hunter percorre minha bochecha e ao longo da coluna do meu pescoço que leva aos meus seios, eu fecho o tecido de sua camisa. Uma dor esmagadora irradia entre minhas coxas, e eu preciso desesperadamente de sua boca em mim.

— Hunter — eu sussurro, incapaz de traduzir a fome carnal impressionante que estou experimentando em palavras. Uma necessidade frenética percorre meu corpo, deixando-me desesperada por mais de seu toque.

Ele fala contra a inclinação superior do meu peito.

— Eu sei.

Seu hálito quente sopra contra minha pele segundos antes de ele capturar um mamilo entre seus lábios macios, sugando-o profundamente nos confins quentes e úmidos de sua boca. Eu suspiro seu nome, puxando impacientemente sua camisa. Quando ele solta meu mamilo para balançar a língua contra o pico endurecido, isso envia uma onda de umidade para o meu núcleo. Meus dedos se atrapalham com os botões da camisa dele antes de desistir e cair nas calças.

Com um som descontente, ele se inclina para trás de mim.

— Espera. — Endireitando-se, ele solta o cinto antes de remover o coldre escondido em seu quadril. Colocando-o na pequena mesa ao lado da cama que contém apenas um bloco de papel e uma caneta, ele então remove outra arma de coldre da parte de trás de seu cinto.

Uma vez que estão sobre a mesa, seus dedos se movem com uma velocidade impressionantemente ágil ao longo da frente da camisa abotoada, e uma vez que ele solta os botões em seus pulsos e parte o tecido para revelar sua parte superior do corpo, fico sem palavras.

Minhas palmas ficam entre nós, a centímetros de tocar seu torso nu, mas eu me contenho por causa do que vejo. Não porque estou horrorizada, mas porque talvez, apenas talvez, este homem saiba como é sentir uma agonia indescritível.

— Não é bonito, eu sei. — As palavras de Hunter parecem forçadas.

Seus olhos escuros seguram os meus, procurando, e espero que ele não detecte nada perto de pena, porque não é isso que é.

Ele é um homem cujo corpo passou pelo inferno. Cheio de ferimentos de bala e outras cicatrizes dolorosas, seu corpo é uma prova do que ele suportou.

Acima de tudo, não me atrevo a perguntar que tipo de vida ele levou para deixar seu corpo devastado com os resquícios de provações que enfrentou.

Assim como ele me concedeu um alívio de explicar minha cicatriz, eu lhe ofereço o mesmo em troca.

Ergo os olhos para os dele devagar.

— Posso... — Mordo o lábio inferior nervosamente. — Te tocar?

Quando ele não responde, enrolo os dedos nas palmas das mãos, prontos para soltá-los ao meu lado. Suas mãos saem para agarrar meus pulsos, os olhos segurando os meus cativos enquanto ele lentamente coloca minhas palmas contra sua carne maltratada. Assim que minhas mãos pousam sobre seus peitorais duros, a palma da mão roçando sobre um mamilo que parece uma faca arrastada pela aréola, arranhando um caminho irregular na pele, seus olhos se fecham.

Aproveito o momento para suavizar as palmas das mãos gentilmente, com cuidado, ao longo dos cortes e curvas de sua pele, ao longo dos entalhes de velhas feridas, mas meu olhar é atraído para seu rosto. Agora, com os olhos fechados, tenho a oportunidade de olhar, traçar seus traços na luz suave do quarto. Sou capaz de estudar a maneira tensa como ele se segura, o aperto de sua mandíbula e a espessura de seus lábios enquanto ele parece se preparar para o que vier a seguir.

Com as palmas das mãos nunca interrompendo o contato com seu torso, levanto os dedos dos pés e pressiono minha boca na dele. Suas mãos instantaneamente emolduram meu rosto, e ele inclina minha cabeça, aprofundando o beijo.

Quando sua boca se move para beijos de penas ao longo da minha linha da mandíbula, eu alcanço suas calças, mas ele me para, apertando meus pulsos em seu abraço. Ele afasta uma fração, os olhos brilhando de luxúria.

Sua voz é rouca, baixa e tem um tom de autodepreciação quando ele admite.

— Mal aguentando aqui. Se você colocar suas mãos em mim agora...

Soltando-me seu aperto, ele dá um passo para trás, descartando suas calças e trabalhando para abaixar sua cueca boxer, meias e sapatos. Meu corpo já doendo de ser privado de seu toque, eu rapidamente removo minhas botas antes de tirar o resto da minha

roupa de uma só vez. Meu corpo está em chamas por esse homem, e não suporto nada que me impeça do que está por vir.

Deixando minhas roupas em um amontoado, deposito meus óculos na mesa de cabeceira ao lado de suas armas. As palmas das mãos de Hunter seguram levemente meus quadris para me guiar de volta para a cama. Suavizando em cima de mim, ele apoia os antebraços em ambos os lados da minha cabeça, e sua expressão envia algo estranho deslizando profundamente dentro de uma fenda há muito esquecida do meu coração.

— Kate. — É apenas uma palavra simples, uma versão abreviada do meu nome, ainda que tenha uma riqueza de significado. Ele está pedindo minha permissão. Embora eu possa ter perdido completamente a cabeça para me permitir um alívio de minhas próprias regras, eu o quero. Eu o quero dentro de mim, me libertando, mesmo que seja por pouco tempo.

Eu não respondo. Em vez disso, coloco a mão entre nós e agarro corajosamente seu pau, arrastando a cabeça larga através de minhas dobras molhadas. Seus ombros ficam tensos, seus olhos se fecham brevemente, e está claro o poder que tenho sobre ele. Quando eu uso a cabeça larga para empurrar minhas dobras para o lado e circular meu clitóris, meu suspiro se mistura com sua forte inspiração.

— *Foda*, Kate. — Seus olhos se abrem e a luxúria aquecida nas profundezas quase me chama. Mas há algo mais lá que me dá uma pausa.

Hesitação.

Continuo com meus movimentos, seu pau pairando bem na minha entrada.

— Qual é o problema?

Cada músculo do corpo dele enrijece. Ele é casado! Ou noivo. Isso é o que ele está prestes a me dizer. *Droga, eu sabia que isso era um erro.*

— Eu não tenho camisinha.

Meus lábios se abrem, só para se fechar. Isso... não era o que eu esperava.

Suas sobrancelhas se franzem, um vinco feroz se formando entre elas.

— O que você achou que eu ia dizer? —

— Nada. — Eu digo a palavra rapidamente.

Parte da ferocidade diminui de suas feições.

— Você é uma mentirosa de merda.

Não posso deixar de pensar, *Deus, espero que não.*

— Estou limpo, e posso te mostrar o...

— Eu também — eu digo correndo. — Eu uso DIU, mas eu não estive com ninguém em... — Eu me afasto, desviando meu olhar, antes

de terminar em um sussurro enquanto um rubor se espalha por minhas bochechas. — Anos.

E, para ser honesta, não importa se ele está limpo ou não. Não estou delirando o suficiente para acreditar que sobreviverei ao fim da minha missão assim que estiver tudo dito e feito. Estive preparada para a morte o tempo todo.

Mas isso, bem aqui, com Hunter é minha única indulgência.

Um de seus dedos empurra meu queixo para cima, me incitando a encontrar seus olhos.

— Eu também.

Um sorriso sem humor puxa meus lábios, uma pitada de tristeza abrindo caminho em minhas palavras.

— Somos uma espécie de anomalia, você sabe.

— Sim — ele sussurra. Abaixando a cabeça, ele dá um beijo nos meus lábios que é muito mais macio do que eu esperava. — Mas acho que estou começando a gostar de anomalias.

A tensão diminui do meu corpo, e quando ele guia a cabeça de seu pau para a minha entrada, cutucando sempre tão suavemente dentro da fração mais barata antes de recuar, algo arrasta as palavras suavemente faladas de mim.

— Por favor, não me machuque.

Quase me contorço quando elas saem, penduradas desajeitadamente entre nós, mas não posso negar a razão por trás delas. Há algo perturbando meu subconsciente que me diz que Hunter tem a capacidade de me machucar. Não fisicamente, embora seu corpo seja a prova de que ele se mantém em boa forma, mas emocionalmente.

Essa conexão que me atraiu até ele desde o início parece ficar exponencialmente mais forte a cada minuto, e é tão aterrorizante quanto inegável.

Felizmente, ele interpreta minhas palavras literalmente.

— Eu nunca machucaria você. — Ele dá um beijo gentil em meus lábios. Quando eu belisco em seu lábio inferior e um leve arrepio rola através dele, isso me estimula, e eu aprovo o beijo. A forma como a língua dele procura a minha causa arrepios decadentes por todo o meu corpo. Eu abro minhas pernas em encorajamento silencioso e envolvo meus dedos em torno da espessura de sua excitação.

Sua mão envolve a minha enquanto guiamos seu pênis para dentro, minha respiração se transformando em ofegos ásperos. Centímetro por centímetro, sua espessura afunda, e eu respiro fundo com a sensação de sua carne nua empurrando para dentro, enviando um arrepio ondulando através de mim. Seus olhos se levantam de onde ele estava observando nossas mãos, observando enquanto ele se

afasta mais, e ele congela.

— Eu te machuquei?

— Não. — Minha resposta sem fôlego não é muito convincente, então estendi a outra mão para traçar as pontas dos dedos ao longo de sua mandíbula. — É tão bom que me tirou o fôlego.

Ele me estuda por um tempo, os olhos examinando meus traços antes que sua expressão se suavize e uma presunção quase juvenil entre.

— Sim?

Aceno.

— Ah, sim.

— Então, talvez eu deva fazer isso? — Ele aprofunda mais, sua expressão se contraindo, a mandíbula ficando tensa quando ele assume o controle. — Observe-nos. — Ele espera até que eu abaixe meus olhos para onde estamos unidos.

Ele ainda não está dentro de mim, mas nossas mãos ainda estão juntas, enroladas em torno da base de seu eixo grosso. Algo sobre isso envia outra onda de excitação diretamente para o meu núcleo.

Seus olhos se fecharam brevemente e ele parece estar com dor.

— *Kate*.

— O que eu devo fazer? —

Ele exala lentamente antes de me dizer com olhos enublados.

— Você ficou tão molhada naquele momento. — Os tiques na mandíbula. — Eu não posso esperar para afundar todo o caminho dentro de você, mas eu não quero te machucar.

Eu renuncio ao meu aperto nele para segurar sua bunda firme em vez disso, incitando-o mais profundamente.

— *Por favor*. Preciso que você me foda, Hunter.

Suas narinas se dilatam uma fração de segundo antes que ele pegue minha boca em um beijo quase punitivo. Então ele pressiona mais fundo, me esticando até que esteja totalmente posicionado.

Separando meus lábios dos dele, sibilo.

— Você precisa se mover.

— Eu não quero te machucar. — A maneira como ele força as palavras a sair me mostra que ele mal está se controlando.

— Hunter. — Ele olha para mim em questão um segundo antes de eu prender minha perna em volta dele e empurrar minhas palmas contra seu peito, guiando-o de costas comigo montado nele.

Seus olhos brilham com calor, e um leve lampejo de outra coisa permanece nas profundezas, mas desaparece um segundo antes que seus dedos cravarem em minha carne, agarrando meus quadris. Olhar escuro traçando sobre meus seios e através do meu estômago plano, ele para onde eu estou espalhada com seu eixo duro enterrado dentro de mim.

— Não quero que se contenha. — Meus olhos imploram para ele ceder. Para me deixar ir e me dar o que eu quero, o que eu preciso dele.

Seus dedos me seguram com mais força antes de ele rolar os quadris em um impulso para cima. As veias ao longo da lateral de seu pescoço se esticam, e algumas veias grossas se destacam em seus braços enquanto ele me segura com força. Com as palmas das mãos espalmadas contra seu peito, eu mal contive meu gemido com cada uma de suas estocadas.

— Você também não pode se conter. — Sua voz rouca soa como se estivesse sendo arrancada dele.

Me apoiando com as mãos, começo a me esforçar sobre ele. Seus dedos me apertam enquanto ele me guia, trabalhando em conjunto para me perfurar com estocadas para cima cada vez que eu afundo de volta.

— Droga, Kate. Você está tão molhada. — Sua voz é cheia de desejo, olhos fixos onde estamos unidos. — Olhe para essa boceta gananciosa, pegando meu pau assim. — Suas últimas palavras são ditas com uma voz sufocada como se ele mal mantivesse o controle.

Meus mamilos se apertam com suas palavras, e eu viro meus olhos para baixo para travar na visão dele tão escorregadio de mim. A visão de onde ele me penetra com seu comprimento espesso faz com que mais umidade escorra de mim. Seu gemido baixo me diz que ele sentiu isso.

Quando ele belisca meu clitóris entre o polegar e o dedo, solto um suspiro alto, meus mamilos endurecendo em pontos mais apertados.

Os olhos escuros de Hunter prendem os meus enquanto ele brinca com meu clitóris antes de usar o polegar para aplicar a quantidade perfeita de pressão e circulá-la. Cada vez que minha respiração entra na minha garganta, suas narinas se inflamam, os olhos brilhando com calor derretido, as cordas em seu pescoço aparecendo mais tensas.

Seus quadris balançam, os músculos de seus bíceps flexionando enquanto ele dirige para cima, tão grossos e duros dentro de mim. Olhos com as pálpebras pesadas seguram meu olhar enquanto ele resmunga.

— Você é boa pra caralho. — Outros dois impulsos profundos para cima. — Sua boceta me envolveu tão apertado.

Eu me seguro ao redor dele em resposta, e seu pau treme antes que eu o sinta engrossar dentro de mim. Isso, combinado com seu polegar trabalhando firmemente meu clitóris, me faz tombar e quebrar.

Sua outra mão se move para a parte de trás da minha cabeça,

guiando minha boca até a dele em um beijo que é igualmente devorador e devastador, seus quadris se levantando, me excitando enquanto sinto espasmos em torno de seu comprimento duro. Nossas bocas se fundem, o beijo se tornando desesperado e necessitado antes de ele me rolar de costas e entrar e sair de mim em estocadas profundas e possessivas até que todo o seu corpo endurece, ficando imóvel. Ele interrompe nosso beijo para enterrar seu rosto no meu pescoço, expelindo um gemido baixo antes que o calor líquido me preencha.

Peito subindo e descendo com respirações cansadas, eu traço as curvas de músculo e pelas cicatrizes ao longo de seus ombros e costas e fecho os olhos contra o ataque de emoção que bate em mim. Eu poderia dizer que isso era eu precisando de toque humano depois de ficar sem por tanto tempo. Eu poderia dizer que é simplesmente uma questão de liberação. Eu poderia dizer que qualquer homem teria bastado esta noite.

Eu poderia. Mas eu estaria mentindo.

Porque há um leve sussurro nas profundezas da minha mente que me diz que Hunter mudará as coisas para mim.

Irrevogavelmente.

CAPÍTULO 31

Hunter

Quando eu alivio meu peso dela, uma estranha sensação de perda me atormenta.

Droga, o que tem essa mulher que me obriga a mantê-la o mais perto possível?

É enervante como o inferno.

Deitando de costas, eu olho para o teto enquanto minha respiração se acalma gradualmente. Eu posso praticamente sentir a ansiedade dela crescendo de onde ela está ao meu lado. O silêncio que paira entre nós como uma nuvem de tempestade escura é quase sufocante.

Ela está prestes a se levantar e sair, eu sinto isso. Somos tão parecidos neste caso, cada um de nós andando em terras estrangeiras. Eu deveria encorajá-la a ir.

Merda, eu deveria me levantar agora, colocar minhas roupas e dar a ela uma desculpa de que preciso passear com Kujo. Essa é a escolha mais inteligente porque nada pode sair disso.

Nada pode sair disso.

Viro a cabeça no travesseiro para encará-la. Ela está olhando para o teto, um vinco severo entre as sobrancelhas. Quando ela limpa a garganta, sei que está se preparando para oferecer a resposta que precisamos.

— É, uhm... — Sua voz mal é um estalo audível de som, e meus olhos são atraídos para sua boca e a maneira como forma cada palavra. — Tenho que ir.

— Sim. — É como se eu tivesse enfiado a mão para arrancar a única sílaba da minha garganta. Doloroso pra caralho.

Ela dá um pequeno aceno de cabeça, e quando ela desloca a menor fração para sair da cama, a exigência passa pelos meus lábios.

— Espere.

A cabeça dela gira para me olhar de surpresa, e, sim, a urgência no meu tom é definitivamente um pouco exagerada.

Merda.

Eu arrasto a mão ao longo do meu queixo, guerreando internamente comigo mesmo. Eu já fiz algo colossalmente estúpido. Mas é só uma noite, então por que não aproveitar ao máximo antes de nos despedirmos de verdade?

No fundo, eu sei que é um monte de besteira rivalizando com o tamanho do Monte Kilimanjaro, mas é só por esta noite. *Só. Esta noite.*

— Fique aqui. — Minha voz fica rouca quando digo — Por favor.

É algo que não faço há muito tempo, pedir a uma mulher que ficasse.

Seus olhos verdes me estudam, as sobrancelhas franzidas, e sou atingindo com a percepção surpreendente de que, pela primeira vez, desejo confessar tudo a ela. Para dizer a ela o que eu realmente sou... quem eu realmente sou. Mas eu não posso. Definitivamente não quando sua expressão se suaviza em uma que parece quase... afetuosa. Porque eu sei os fatos.

Monstros como eu não ficam com mulheres como ela.

— Tem certeza? A vulnerabilidade e a dúvida em seu tom me fazem alcançá-la, segurando o lado do rosto antes de me inclinar e dar um leve beijo em seus lábios.

— Tenho certeza. — Dando outro beijo, murmuro contra sua boca. — Ainda há muito que não conseguimos fazer.

Interrompendo o beijo, agarro minha camisa do chão antes de me acomodar entre as pernas dela. Gentilmente, eu a limpo com o tecido macio antes de jogá-lo de lado. Afastando a parte superior das coxas mais distante, eu me deleito com a maneira como sua respiração trava, a maneira como seu pulso vibra em sua garganta sob a tinta de sua tatuagem quando eu coloco suas pernas sobre meus ombros.

Abaixo a cabeça e deslizo minha língua ao longo de suas dobras.

Arqueando o corpo, ela segura os lençóis quando eu conduzo minha língua profundamente dentro dela enquanto eu manuseio seu clitóris em círculos. O gosto dela na minha língua envia uma onda de excitação direto para o meu pau.

Seus quadris se movem levemente, como se ela estivesse se contendo.

Quando eu me afasto, um gemido carente cai de seus lábios, e isso envia satisfação correndo através de mim. Eu gentilmente roço meus dentes sobre seu clitóris e seu corpo treme em resposta.

— Kate — eu sussurro contra sua boceta, esperando que seus olhos se abram e encontrem os meus. — Não se segure. — É uma ordem, e ambos sabemos disso. — Eu quero que você foda meu rosto com sua boceta. — Arrepios surgem em sua pele e ela estremece. — Você entendeu? — Eu levanto uma sobrancelha em desafio, e sua boca se abre, a língua saindo para molhar o lábio inferior antes que ela acene rapidamente.

Traço um dedo ao longo de suas dobras molhadas e o coloco profundamente, com os dedos fundos. A vibração de seus músculos internos me faz gemer e, sem interromper o contato visual, abaixo o rosto para capturar seu clitóris entre os lábios, sugando suavemente e depois sacudindo-o com a língua.

Seus olhos brilham enquanto ela me observa, seu olhar treinado

em cada lambida, cada beijo, cada movimento lânguido do meu dedo dentro e fora de sua doce boceta. Ela solta um som de decepção quando eu retiro meu dedo, mas logo se transforma em um suspiro quando eu o substituo por minha língua, fundindo minha boca sobre ela e usando meu polegar para brincar com seu clitóris inchado.

Algo em meus olhos deve lembrá-la de minhas exigências porque ela inclina a cabeça de volta para o travesseiro, os olhos fechados, e se curva ao meu toque, pressionando contra meu rosto para perseguir sua liberação.

Conduzindo minha língua para dentro e para fora de sua boceta, sugando suavemente seus lábios externos, rolo seu clitóris entre o polegar e o dedo antes de puxá-lo suavemente. O corpo de Kate fica tenso e ela me pede para pressionar minha língua mais fundo dentro de seu calor escorregadio. Seus quadris arqueiam antes que seus movimentos se tornem agitados, mais frenéticos com a necessidade à medida que ela se aproxima de sua liberação.

— *Hunter.*

A maneira como ela diz meu nome, carente e sem fôlego, faz meu pau doer para estar dentro dela novamente.

Mas não agora. Isso é o que eu estava morrendo de vontade de fazer desde a outra noite. Ter ela cavalcando na minha cara e língua como está. Sentir sua boceta ficar mais apertada quanto mais ela se aproxima de gozar.

Pressionando meu polegar para baixo com um pouco mais pressão, eu circulo seu clitóris duas vezes antes de beliscá-lo levemente e dar-lhe um forte puxão. Ela enrijece um segundo antes de soltar um grito agudo, e um estremecimento poderoso percorre seu corpo enquanto sua liberação ondula através dela.

Uma vez que suas coxas caem, eu tiro minha língua dela, dando um leve beijo em sua boceta e no interior de cada coxa antes de desabar de volta na cama ao lado dela.

É estranho, já que meu pau está saudando o mundo, mas não pode ser evitado, já que acabei de comer a boceta mais doce que já tive. Quando passo a língua pelo lábio inferior, o sabor persistente dela me deixa tão selvagem que meu pau se masturba e eu mordo de volta um gemido.

Maldição.

Eu enrolo minha mão com força na base do meu pau em uma tentativa de obter algum controle sobre minha libido.

— Você está bem aí?

A pergunta suavemente falada, enrolada com uma pitada de malícia, me fez virar para olhar para ela. Mesmo antes disso, ela me impressionou com sua beleza discreta, mas agora... Com o cabelo bagunçado e aqueles olhos de pálpebra pesada, ela parece bem fodida,

e isso envia uma onda de orgulho masculino inundando-me.

— Sim. — Estarei melhor do que bem se ela continuar me olhando assim.

Olhos verdes caem para o meu pau antes de se concentrar em mim, seu olhar escurecendo rapidamente.

— Hunter? — Sua voz é rouca e, sem quebrar o contato visual, ela se move em minha direção, soltando um beijo suave diretamente sobre meu osso do quadril. Sua respiração lava minha pele e meu pau se contrai.

— Sim? — Eu grito quando ela dá outro beijo mais perto da minha virilha, a meros centímetros de onde estou morrendo de vontade de que ela coloque a boca em seguida.

Ela paira, os lábios a menor fração da ponta do meu pau. Olhos brilhando de luxúria, ela sussurra as palavras que eu disse a ela apenas alguns momentos atrás.

— Não se contenha.

Então ela me leva profundamente para dentro de sua boca quente.

CAPÍTULO 32

Kate

Acordo lentamente, primeiro observando a sensação da minha pele contra os lençóis. O perfume masculino e limpo de Hunter agarra-se ao algodão, misturando-se com o aroma revelador do sexo.

Então percebo que estou na cama sozinha. Piscando, abro os olhos, ajustando-me à luz que flui através das cortinas da janela, me sento com um solavanco alarmante por ter dormido até tarde. Enquanto eu verifico a hora no meu relógio, o desânimo se instala profundamente. Oito horas da manhã. *Merda*. Não me lembro da última vez que dormi até tão tarde. Eu ainda tenho trabalho a fazer. Tanta pesquisa. Vigilância. Planejamento.

Pulando da cama, corro para vestir minhas roupas e botas.

Depois de colocar meus óculos, saio do quarto com hesitação, tentando ouvir qualquer som de sua voz ou movimento, mas tudo está silencioso. Não há sinal dele ou do Kujo, então presumo que tenham ido dar uma volta.

Vendo minha jaqueta onde ela está intacta desde a noite passada, a puxo e verifico rapidamente se minha faca embainhada ainda está dentro de um dos bolsos internos escondidos.

Ao ver sua escrivaninha improvisada ao lado da sala de estar, não posso deixar de sorrir para a configuração rudimentar. Viro-me para ir à cozinha tomar um copo de água, mas algo na mesa chama minha atenção. Há um arquivo embaixo do laptop fechado com apenas as três primeiras letras visivelmente rabiscadas em negrito, escrita masculina. **ASH**.

Fico imóvel, lutando com minha curiosidade. Não é certo vasculhar os pertences de alguém; é uma traição por si só. No entanto, algo me obriga a dar uma olhada na casa dele mais uma vez para garantir que ainda estou sozinha antes de me aproximar do laptop.

Quando eu cuidadosamente levanto para ver o resto do rótulo do arquivo, meu coração literalmente pula uma batida.

ASHFORD, C.

Com muito mais controle do que sinto, abaixei o laptop exatamente como estava e me afasto dele, olhando para a estação de trabalho improvisada com cautela, como se houvesse uma chance de explodir se eu me movesse muito apressadamente. Todo o meu corpo pulsa de adrenalina e vergonha.

O que eu fiz? Cometi o maior erro e coloquei tudo em risco?

Meu estômago balança com a perspectiva de falhar com minha família.

Olho para a mesa novamente. Quem é Hunter? Ele não opera

como um policial, mesmo disfarçado. As armas dele não são as típicas da polícia. Ele evidentemente prefere H&K P30Ls. E seu corpo... querido Deus, seu pobre corpo estava tão cheio de feridas... Freneticamente, eu olho ao redor da casa dele novamente.

Não tem nada de aconchegante. Ele disse que não planejava ficar por aqui por muito tempo.

Uma percepção emergente bate em mim quando minha mente analisa os fatos.

Ele está aqui a trabalho.

Ele se porta como alguém que é uma força a ser reconhecida. Perigoso. Mortal.

— Puta merda — eu expiro. Meu coração bate erráticamente dentro do meu peito em um estalo rápido enquanto minha mente conecta os pontos.

Hunter. O nome dele é *Caçador*.

Porra, porra, porra!

Ele é o Caçador de quem todos falam na Dark Web.

Ele é um assassino contratado, o melhor e mais notório que existe.

E ele está me procurando.

Preciso sair daqui rápido, mas não posso deixá-lo saber que estou atrás dele.

Merda.

Mesmo que eu tenha extensões de cabelo, óculos, látex líquido e maquiagem no lugar, o último não está em boa forma devido à noite passada, ele é um assassino que foi contratado para me encontrar.

É só uma questão de tempo até ele descobrir.

Pior ainda é o fato inegável de que não tenho chance de derrotar o melhor assassino contratado do jogo.

Foda.

Fecho os olhos e balanço a cabeça com minha estupidez absoluta. Respirando fundo antes de soltá-lo lentamente, eu me dou um discurso mental estimulante.

Mantenha a calma.

Saia já daqui. Certifique-se de não ser seguida.

Depois, a voz do meu pai aparece.

Sempre esteja atenta ao seu redor.

Avanço em direção à porta, mal resistindo ao desejo de correr, quando de repente ela se abre. Kujo entra trotando, o rabo balançando alegremente, com Hunter logo atrás dele.

Merda.

— Ei. — Minha voz traidora treme, e sei que ele a detecta.

— Ei — diz ele, com uma voz profunda.

— Eu, uh, deveria ir. Está tarde. — Eu o olho cautelosamente,

meu corpo inteiro no limite, imaginando se ele sabe quem eu sou mesmo por trás dos disfarces.

Se ele me enganou esse tempo todo.

Depois de um instante, ele se afasta. As linhas sustentam sua boca, se aprofundando enquanto ele me observa atravessar a porta.

— Espere.

Eu congelo no lugar, cada molécula do meu corpo em alerta, mas a qualidade crua do tom dele serve para acalmar meu desconforto. Ele se aproxima, a frente para as minhas costas, o calor do corpo me aquecendo.

Mergulhando o queixo, ele espana os lábios ao longo da concha da minha orelha.

Suas palavras sussurradas soam ásperas, quase como se tivessem sido arrancadas dele contra sua vontade.

— Obrigado por ontem à noite.

Só posso acenar com a cabeça antes de me afastar, andando o mais rápido que posso sem ser muito óbvio que estou desesperada para fugir dele.

Peço ao universo que me conceda um pouco de tempo antes que ele venha atrás de mim. Porque tenho certeza que preciso planejar para quando a merda bater no ventilador.

E agora que ele está na minha cola, isso acontecerá.

CAPÍTULO 33

Hunter

Olho para a porta fechada, Kate já se foi há muito tempo, e uma sensação inquietante se agita dentro de mim. Toda a merda do dia seguinte é para os pássaros. Foi tão embaraçoso. Eu deveria tê-la deixado sair sem dizer nada.

Obrigado por ontem à noite.

Eu agradeci a ela, pelo amor de Deus.

Agradeci a ela como se fosse seu trabalho me foder ontem à noite.

Inclinando a cabeça contra a porta, bato-a contra a superfície dura com um gemido. É exatamente por isso que não faço esse tipo de merda. Matando idiotas, sou ótimo nisso. Não me obriga a socializar com os outros.

Kujo se senta ao lado da porta e dá um pequeno gemido.

Quando eu olho para ele, ele bate na porta uma vez como se dissesse: Vá buscá-la e traga-a de volta.

— Não posso, amigo. Era óbvio que ela mal podia esperar para nos abandonar. — E tudo bem, porque nunca fizemos nenhuma promessa um ao outro.

O aperto no centro do meu peito ao pensar em não a encontrar de novo me irrita, então eu ignoro.

Arrastando a mão pelo rosto, solto um suspiro, tentando me reagrupar mentalmente. Então tiro meu gorro, enfiando-o no bolso do meu casaco antes de removê-lo e jogá-lo sobre a cadeira.

Eu preciso me concentrar. Fui contratado para descobrir quem está por trás desses ataques, e estou determinado a descobrir. Não posso me dar ao luxo de estragar tudo agora, e certamente não por causa de uma mulher. Não posso deixar Kate me distrair quando estou tão perto do meu objetivo.

E eu sei que estou perto. Eu posso sentir isso!

Logo terei meu alvo na mira.

CAPÍTULO 34

Kate

ALGUMAS NOITES DEPOIS

A placa da Bullard's Gun & Pawn está apagada, já que está fechada hoje, e o último estoque de armas foi despachado, então ninguém está de guarda.

Mas alguém ainda está trabalhando duro lá atrás. E por trabalho duro, quero dizer Jeremiah está trabalhando uma garota sobre seu pau.

A distração me permite plantar os bugs ativados por voz antes de focar no meu alvo.

— Sim, baby. *Foda*, sim.

Quase todos os impulsos são pontuados por isso, e isso me faz pensar se esse é todo o vocabulário dele durante o sexo. Se assim for, ele deve realmente praticar a abstinência e poupar qualquer parceiro em potencial da tarefa de ter que ouvir essa merda.

Minha voz é monótona, interrompo com.

— O tempo acabou. — Eles se afastam, e a garota grita ao ver a flecha que aponte para eles. — Afaste-se da garota e, pelo amor de Deus, levante suas malditas calças. — Eu faço uma careta. — Ninguém deveria ser submetido a isso.

Seu lábio superior se curva para mim, e ele tem a audácia de tentar pegar a arma sentada a alguns metros de distância na mesa em que ele estava fodendo a garota. Eu solto a flecha, a cabeça larga lançando sua mão estendida, e ele uiva de dor.

Eu arqueio as sobrancelhas.

— Agora, isso foi muito mais impressionante do que seu comentário mundano momentos atrás. — Fazendo uma careta para ele, eu tiro outra flecha da bolsa amarrada às minhas costas e comando. — Puxe suas calças para cima. Agora.

Jeremiah luta para refazer as calças com uma mão enquanto segura a mão ferida no peito, a flecha rasgando seu caminho através da palma da mão.

Preparada com a próxima flecha puxada para trás, me dirijo à garota apressadamente puxando suas roupas de volta ao lugar.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

Eu levanto minha flecha, e seus olhos se arregalam quando ela vê que estou mirando em sua cabeça.

— Tente de novo.

Ela geme.

— Dezesete...

Inclino a cabeça, gesticulando para Jeremias.

— Isso é o melhor que você pode fazer por si mesma? Sêrio? — Ela choraminga de novo. Estreitando os olhos, abaixo a voz. — Vou te contar uma coisa. Se você for até a clínica na 15ª com a Church e pedir o médico lá, ele precisa de ajuda em seu escritório. Não é muito extenuante, mas é um trabalho legítimo. Horas sólidas. Sua alma e moral lhe agradecerão.— Eu me aproximo dela e assobio: — Mas se eu descobrir que você ainda está fazendo essa merda, eu vou atrás de você. — Faço uma pausa para deixar que isso se instale antes de fixá-la com um olhar duro. — E você não vai gostar.

A garota balança a cabeça rápido.

— Sim, senhora.

— Agora, saia daqui. —Eu levanto meu queixo, gesticulando para o chão onde a carteira de Jeremiah caiu do bolso do jeans. — Mas primeiro, pegue o que ele lhe deve, mais uma gorjeta.

A garota faz o que foi mandado e praticamente corre pela saída nos fundos.

Voltando-me para Jeremiah, gesticulo com a flecha para a cadeira dobrável de metal nas proximidades.

— Sente-se.

Ele cai nele, ainda embalando a mão sangrenta, os olhos brilhando de fúria.

— Quem diabos é você? — Sua risada é desagradável e frágil enquanto ele levanta o queixo para minha bala clava mascarando meu rosto e mostrando apenas meus olhos. — Você está tentando se vestir como uma aberração ou algo assim?

Ignoro ele.

— O negócio é o seguinte. Você me diz a verdade, e eu posso deixar você viver. Entendeu?

Ele grunhe. Eu tomo isso como um sim.

— Cerca de sete anos, um homem chamado Rhett Bullard era dono deste lugar.

— Sim, eu sei tudo sobre ele.

— Ah, é? — Inclino a cabeça para o lado, curiosa para ouvir a resposta dele. — O que aconteceu com ele?

Seus olhos se iluminam com o que só pode ser descrito como alegria maligna.

— Fizemos dele e de sua família um exemplo porque ele não concordou com o nosso plano. — Um sorriso se espalha em seu rosto. — Este lugar foi muito bem baleado.

— E você teve algo a ver com tudo isso?

Jeremiah levanta o queixo.

— Porra, isso aí! Eu incendiei o lugar. Atirei em cada um deles. — Sua expressão muda de orgulho para uma de irritação. — Exceto

que a vadia sobreviveu e tentou nos entregar.

Eu aceno a cabeça lentamente.

— Interessante. Agradeço suas respostas, Jeremiah. — Levantando a flecha, eu aponto diretamente para sua testa, e seu comportamento arrogante se quebra instantaneamente.

Ele gagueja.

— Mas você disse que se eu respondesse, você me deixaria viver!

Eu finjo remorso.

— Oops. Eu menti. — Eu solto a primeira flecha antes de enviar mais duas, cada uma dirigindo através de sua carne para se alojar em seu crânio. — Isso é pela minha família.— Eu atiro no peito dele. — E isso é por mim.

Caminhando até a mesa, puxo meu Ka-Bar e entalho duas palavras profundamente na superfície de madeira. É uma mensagem que Cash Boudroux reconhecerá.

Você é o próximo.

CAPÍTULO 35

Kate

Voltando da minha corrida noturna, noto Javoris sentado na frente da unidade no edifício de habitação subsidiado de que lhe falei.

Preocupada, pergunto calmamente.

— O que há de errado?

Eu esqueço o quão silenciosamente eu me movo porque o menino pula, claramente assustado com a minha aproximação repentina.

— Algum problema? — Eu exijo, preocupada que sua mãe esteja em perigo mesmo que eu não ouça nenhuma voz alta.

— Não, não — ele gagueja. — Você quase me matou de susto.

Eu franzo a testa, examinando nossos arredores, mas não vejo ameaças.

— Por que você está aqui?

Ele dá de ombros.

— Apenas hábito, eu acho.

— As coisas estão melhores?

— Ah, sim. — Sua voz muda instantaneamente. — Minha mãe adora porque ela tem um ótimo horário, e a Srta. Tawnya é muito legal.

Fico em silêncio porque sei que há algo que ele não está dizendo. Algo o incomoda.

— Qual é o problema?

Ele suspira.

— Eu usei o dinheiro que economizei fazendo algumas tarefas para os vizinhos para ajudar a mamãe, e comemos pizza de um bom lugar quando nos mudamos.

— Arturo 's?

Seu rosto se ilumina, parcialmente iluminado pela luz da rua solitária e pelo raio de luz da lua crescente.

— Sim. — Então é como se a luz fosse apagada. — Mas agora eu não tenho nada guardado para comprar algo para ela no Natal. — Ele deixa cair o queixo no peito. — Além disso, ela disse que provavelmente não poderíamos comprar presentes, então...

Foda.

— O que você estava querendo?

Ele encolhe os ombros novamente e murmura.

— Não importa.

— E a sua mãe?

— Ela precisa de sapatos novos. Melhores que durem mais tempo.

Aguardo uma momento antes de cutucar novamente, suavemente.

— E você?

Ele suspira.

— Uma mochila nova. E uma jaqueta. E eu estava meio que querendo... — Eu espero ele dizer, mas ele apenas murmura,

— Deixa pra lá. É estúpido.

— Me fale.

Ele murmura sua resposta tão suavemente que me esforço para ouvi-lo.

— Eu estava querendo um arco e flecha. Eu sempre pensei que seria legal, porque quando eu era pequeno, mamãe costumava ler para mim a história do Robin Hood.

Um punho invisível alcança dentro de mim com um aperto de mão ao redor do meu coração enquanto uma memória me bombardeia, a cena se desenrolando diante dos meus olhos.

— *Olha, mamãe! — Willow posa com seu arco e flecha de brinquedo. Sou uma guerreira. Vou proteger você, papai e vovô!*

Meu coração se torce, a dor se agitando tão profundamente que quase me levanto tentando puxar oxigênio para meus pulmões enquanto me força a voltar para o presente.

— Um arco e flecha, hein? Você gosta de tiro ao alvo?

Javoris levanta um ombro em meio encolher de ombros.

— Parece muito legal.

— Hmm. Há uma clínica para onde o ônibus do metrô vai. Centro Médico Cape Fear. O médico de lá é um velho fuzileiro, mas dizem nas ruas que ele também tem amplo conhecimento sobre tiro com arco. — Espero que o menino levante a cabeça, e sua expressão de esperança é um bálsamo calmante para o meu coração magoado. — Aposto que ele te levaria para debaixo da asa e te mostraria os arcos.

Ele acena com a cabeça como se estivesse armazenando mentalmente a informação. Dou um passo, me afastando, determinada a ir para casa quando a pergunta dele me pega desprevenido.

— E quanto a você?

Eu paro, mas não olho atrás.

— O que tem eu?

— O que você quer de Natal?

Vingança.

Minha família.

Para que isso finalmente acabe.

Mas eu não digo nada disso. Em vez disso, eu me afasto.

— Boa noite, Javoris.

Suas palavras suaves seguem atrás de mim.

— Boa noite, Ceifadora.

CAPÍTULO 36

Hunter

— Que porra é essa de arco e flecha? — Eu murmuro, arrastando a mão sobre minha cabeça em frustração. — E quem é a mulher que eles contrataram para fazer o ataque no bar?

Eu fiz tudo, vasculhei todos os arquivos que encontrei, e ainda vim de mãos vazias.

Eu me levanto da cadeira e começo a andar. Kujo apenas me observa, seus olhos me seguindo, mas sua cabeça permanece apoiada em suas patas dianteiras.

— Que merda! — A agitação enche minhas veias. — Quem usa um arco e flechas para derrubar uma maldita organização criminosa? — Finalmente solto um suspiro. Pelo amor de Deus, minha concentração é uma merda, e eu sei por quê.

Por causa dela. Kate.

Droga, preciso tirá-la da minha cabeça e me concentrar

Não chegarei a lugar nenhum se continuar a deixá-la me distrair.

Essa pessoa está trabalhando sozinha? Ele está tentando derrubar a Máfia Dixie para assumir e administrar sua própria organização criminosa?

Afundando na minha cadeira com um suspiro, forço minha mente a limpar e me concentrar no trabalho.

Preciso estar um passo à frente da próxima vez. Estudarei os golpes feitos até agora e mapearei os alvos que ele provavelmente planeja eliminar a seguir.

Quando nos cruzarmos de novo, ele vai se arrepender.

CAPÍTULO 37

Kate

Passar pela vigilância externa era brincadeira de criança, considerando que conheço o lugar como a palma da minha mão. Passei grande parte da minha infância na loja depois da escola e ajudando com pequenas tarefas aqui e ali durante os verões antes de ter idade suficiente para administrar o caixa e contar corretamente o dinheiro.

Eles estão paranoicos depois que deixei Jeremiah para eles e, felizmente, não detectaram as escutas ativadas por voz que plantei. Agora há um grande número de homens em guarda enquanto preparam os carregamentos de armas na parte de trás da loja de penhores. A única vantagem é que esses homens claramente não são treinados militarmente. Eles são simplesmente músculos contratados capazes de dar um soco e puxar um gatilho.

Mesmo assim, não tenho dúvidas de que posso enfrentá-los. Mesmo que alguns dos homens pareçam estar sozinhos mantendo os fabricantes de esteróides no mercado, a julgar pelo volume maciço de seu físico.

— Não julgue seu oponente por suas características físicas — a voz de Kru ecoa em minha mente. — Qualquer um, não importa o quão grande, tem fraquezas. Sua tarefa é se concentrar neles e executar cuidadosamente o ataque.

Inspirando profundamente, aponto minha arma e puxo o gatilho, retirando a fonte de alimentação da loja. O silenciador na minha arma me permite desativar o gerador reserva silenciosamente.

Assim que a energia cai, deixando o prédio envolto em escuridão, os gritos dos homens seguem. Talvez a escassa quantidade de luar pelas janelas superiores não seja satisfatória para suas operações.

— Fiquem alertas!

Sim, boa sorte com isso, rapazes.

Estou prestes a entrar em um depósito escuro com um grande número de homens armados. Uma vez que meus olhos se ajustam à escuridão geral, sei que minha visão ainda não será cem por cento precisa, então preciso recorrer ao meu treinamento de anos atrás.

— O que está fazendo? — O pânico na minha voz é evidente quando Kru cuidadosamente segura a venda. O tecido não permite que nem um grama de luz o permeie.

— Temos a tendência de confiar em nossa visão. Torna-se uma fraqueza. Quando você não pode confiar nisso, você perde a confiança. — Ele pausa. — O que você sente agora?

— Estou nervosa.

— Sim. Você não aprendeu a confiar em seus outros sentidos. Para abraçá-los. Eles ajudarão você a sobreviver. Agora, inspire profundamente e expire lentamente. Imagine que você está deixando de lado seu medo do desconhecido.

Eu faço o que ele diz, e meus músculos perdem uma fração de sua tensão.

— Agora concentre-se no que você sente. A menor mudança no ar quando algo se move.— Sua voz agora soa como se estivesse vindo de trás de mim. — Quando os pequenos pelos do seu corpo estiverem em pé, não os ignore. Seus sentidos estão lhe dizendo algo importante. Nunca os ignore.

Eu aceno com a cabeça enquanto me concentro silenciosamente no que está ao meu redor e no que posso sentir e ouvir.

— Você está enfrentando um oponente que não pode ver. Você pode se defender?

Assim que ele diz sua última palavra, o ar muda, alertando-me para o movimento, e eu instintivamente bloqueio o golpe com a mão. Sem qualquer pausa, ele avança, e eu me igualo a ele, desviando e esquivando antes de avançar sobre ele.

Mesmo que ele seja muito mais velho, ele ainda é ágil e furtivo como o inferno. Quando eu fico muito convencida e tomo um balanço, ele me manda para o chão varrendo meus pés debaixo de mim e rapidamente me restringe.

— Nunca assuma que você é a melhor. Há sempre alguém lá fora que é mais forte, mais sábio e mais furtivo do que você.

Ele me solta e eu me levanto.

— Então, como posso vencer contra eles?

— A pessoa com mais motivação e habilidade vencerá. — Ainda com os olhos vendados, sinto sua aproximação antes que ele toque no centro do meu peito. O homem constantemente faz isso para enfatizar a necessidade de ter minha força motriz vinda de dentro. — Se a sua motivação é profunda, até os ossos, então você tem uma vantagem.

Não tenho certeza se Kru entendeu para o que eu estava treinando. Ele nunca me perguntou diretamente, mas não havia como negar que o homem era astuto. E uma parte de mim quer desesperadamente deixá-lo orgulhoso, mostrando-lhe que seu treinamento valeu a pena.

Que ainda estou ouvindo as lições dele.

Endireitando minha coluna e me preparando para a batalha à frente, puxo a flecha para trás, meu polegar roçando minha mandíbula, pronta para atacar. Cada movimento será executado com precisão cuidadosa. O menor erro pode me custar tudo. Porque se eu morrer, vai ser tudo em vão. Eu terei falhado com eles.

Isso não é aceitável.

Se Cash acha que eu não posso chegar até ele com esses caras guardando o lugar, ele terá um rude despertar.

Concentrando-me nos sons que me cercam, isso me permite avaliar os guardas rapidamente. Eles são inexperientes e nervosos; suas respirações pesadas alcançam meus ouvidos quando eu invado o prédio, atirando a primeira flecha. Ela perfura a garganta de um homem, os sons de tropeço misturados com gorgolejo, e os outros começam a disparar suas armas sem rumo.

Eu fico agachada porque eles não esperam isso, e isso funciona a meu favor. Eles não apenas esperam que eu vá diretamente contra eles, mas também assumem que eu empregaria o método usual de ataque. Com base em minhas lições, mantenho a respiração uniforme e me concentro no meu entorno. Aos meus inimigos.

Depois de eliminar o primeiro grupo de homens e esgotar meu suprimento de flechas, eu rapidamente tiro minhas duas armas de seus coldres e atiro nos homens restantes.

Os homens avançam em minha direção antes que eu me abaixe e deslize de joelhos para me abaixar atrás de uma grande prateleira cheia de MREs da loja. Na minha diagonal há um pequeno recanto ao lado do armário de armazenamento, e isso desencadeia uma memória, florescendo em minha mente enquanto eu atirava no próximo punhado de homens.

Quando eu era jovem, costumava brincar aqui com minhas bonecas enquanto meus pais trabalhavam na frente da loja. Foi o meu próprio espaço especial onde eu criei um mundo imaginário para minhas bonecas.

Outra memória se aproxima de Willow se escondendo lá quando tínhamos que trabalhar e ela estava fora da escola. Eu a pegava fingindo ser uma princesa guerreira, espionando o inimigo e se preparando para resgatar o príncipe.

Use suas emoções para levá-la à ação. Deixe-as ser seu combustível, sua motivação. Mas nunca, nunca deixe que elas a ceguem de sua missão.

As palavras de Kru servem como um lembrete necessário. Estou travando uma guerra contra os monstros que roubaram minha família de mim. Tenho que manter o foco.

Depois de recarregar rapidamente, miro com cuidado e atiro nos dois homens mais próximos. O baque de seus corpos caindo no chão duro me diz que minha mira foi certa: golpe direto em suas testas.

Assobios estáticos sobre os walkie-talkies que os homens usam. Eu cuidadosamente arranco um braço e puxo um do clipe do cinto do idiota morto mais próximo.

— *Atualização de status agora!*

Não resisto a um sorriso ao som daquela voz masculina. É ansioso e inseguro, e quase tudo o que eu desejo ouvir nele. Exceto que uma qualidade não é forte o suficiente para ser evidente: o medo.

E eu me recuso a me contentar com qualquer coisa menos do que o medo arrepiante dele.

Aperto o botão do dispositivo que confisquei. Minha voz é baixa, silenciosa, mas dura e cheia de promessas ameaçadoras.

— Estou indo atrás de você.

Uma risada maníaca borbulha dentro de mim com a qualidade nefasta de minhas palavras sussurradas enquanto elas ecoam pelos alto-falantes dos dispositivos ligados aos homens já mortos ou que se aproximam rapidamente da porta da morte, mas eu a calo.

— Quem quer que você seja, você tem um desejo de morte. Não tem como você sair daqui vivo. — Suas ameaças só servem para me alimentar ainda mais. — Você vai morrer esta noite.—

Estreito os olhos e abaixo o walkie-talkie calmamente, murmurando para mim mesma.

— Você deve verificar novamente sua Bola Mágica, idiota.

Ouvindo atentamente, eu sintonizo cada som, independentemente de quão inconsequente possa parecer, porque isso me ajuda a determinar sua localização. Uma respiração difícil de dolorosa atinge meus ouvidos, mas não é ele. São de uma das minhas vítimas.

Aí está, a sugestão de passos a cerca de seis metros de distância. Fico abaixada e espero, ouvindo cada movimento. Quando ele vira a esquina do corredor, aproximando-se desta prateleira, eu puxo o gatilho duas vezes antes de saltar pelo chão de joelhos e me proteger atrás de outra prateleira cheia de equipamentos táticos.

O baque do corpo envia uma onda de satisfação dedilhando minhas veias porque ele era o guarda final. Agora é só Cash e eu.

— Mostre-se, idiota! Pelo menos tenha a decência de me deixar ver quem está tentando me matar!

Levanto-me lentamente, ainda atrás da prateleira, preparando-me para o que vem a seguir. Pegando as duas armas, eu espero, e ele não decepciona. Ele dispara sua arma, mas seu objetivo é focado no corredor em frente a mim e eu sou grata por isso.

Com o clique revelador sinalizando sua falta de munição, ele xinga e joga a arma para baixo, o metal patinando pelo chão. Corro pelo canto do corredor, desviando para um raio de luar lançado pelas janelas e disparo contra ele. Uma das minhas armas emperra, mas eu consigo acertá-lo no centro do peito dele.

Seu corpo recua do golpe, e sua boca fica boquiaberta enquanto ele suspira fundo, e percebo que ele está usando um colete à prova de balas.

Então ele me pega de surpresa quando saca outra arma e dispara contra mim enquanto eu disparo simultaneamente mais duas vezes em seu ombro.

Determinação sombria ata sua voz, misturando-se com dor enquanto ele olha meu rosto coberto de balaclava nojentamente.

— Com muito medo de mostrar seu rosto, hein? Que maldita boceta.

Sua bala me atinge logo abaixo do meu peito esquerdo, meu colete à prova de balas felizmente interrompendo sua penetração. Meu corpo cambaleia para trás como uma boneca de pano enquanto eu puxo o gatilho reflexivamente e o bato na parte superior do ombro perto do pescoço. Seu corpo estremece com o golpe, o sangue instantaneamente florescendo no local.

Ele prende a mão sobre a ferida enquanto inúmeros palavrões caem de seus lábios.

Mesmo com a dor agonizante correndo através de mim, eu cambaleio de volta para as prateleiras de armazenamento de metal, lutando para levar oxigênio para os meus pulmões. Cash dispara outro tiro e abre um caminho diretamente através da carne da parte superior e externa do meu ombro, deixada desprotegida pelo meu colete. A ardente picada de pólvora me assalta, minha pele sentindo como se tivesse sido incendiada, seguida pela sensação instantânea de umidade.

Olho para o bastardo que traiu meu marido. O homem que matou minha família e quase conseguiu me matar. Apontando para sua testa, eu ranjo as palavras entre os dentes cerrados, o desgosto me inundando com a mera visão dele.

— Acabou para você, Cash.

Antes de puxar o gatilho, com mais velocidade do que eu esperaria de alguém que foi baleado no pescoço, ele dispara, cada bala me atingindo selvagememente enquanto esvazia o clipe. À medida que meu colete absorve o impacto, a força faz meu corpo bater de volta contra as prateleiras e eu oscilo, minha visão ficando turva pela dor antes de me arrastar pela esquina e me proteger.

Sirenes soam à distância, e eu o ouço proferir um palavrão antes que ele grite.

— Você está morto, está me ouvindo?! — Então seus passos pesados recuam na outra direção enquanto ele se dirige para a saída.

Hum.

As sirenes o fizeram correr? Eu me pergunto se talvez haja alguns bons policiais na delegacia depois de tudo. Talvez Warren não seja o único.

Com a mão trêmula, pego a alça de velcro do meu colete e puxo para liberar o ajuste confortável. *Foda!* Eu deixei minhas

emoções tomarem conta de mim e perdi meu foco, e agora estou em apuros.

Assim que permito alguma folga no colete, uso a mão para alcançar o interior ao longo do peito, precisando de evidências físicas de que nenhuma das balas o perfurou. O único golpe ruim é aquele no topo do meu ombro, mas eu deveria ser capaz de me consertar em casa. Sabendo que eu preciso sair daqui rápido, eu reaperto o velcro e morder um gemido na agonia que percorre através de mim, mesmo no mais sutil dos movimentos.

Não posso ser descoberta cercada por dezenas de cadáveres.

Droga, eu tenho que sair daqui.

Aproveitando minhas últimas reservas de força, corro para a janela lateral pela qual sei que posso escalar. Será uma desgraça me levantar, já que fica a apenas um metro e oitenta e cada movimento do meu corpo lesionado já me fez quase desmaiar.

Felizmente, a janela fica de frente para o pequeno beco que separa a loja do próximo prédio, e está mais escuro lá fora desde que eu apaguei todas as luzes de segurança próximas.

Apressadamente, viro as fechaduras da janela, mas empurrar a maldita coisa para cima exige mais esforço do que o previsto.

— Filho da puta! — Eu assobio. — Abra, porra!

Uma vez que finalmente deslizo o suficiente para abrir, eu me levanto, o som das sirenes se aproximando me empurra para me mover mais rápido, e eu tenho que morder um gemido quando empurro meu ombro depois de me arrastar.

Preciso sair daqui agora. Cada segundo que estou aqui aumenta a probabilidade de ser interceptada pela polícia.

Eu caio, rolando com o impacto como eu fui treinada para fazer, e cada movimento faz com que a dor lance através de mim tão bruscamente que eu tenho que respirar através da náusea. Levantando-me, eu me afasto, o ar frio servindo como um choque muito necessário para me estimular à ação. Correndo pelo beco ao lado, eu não me permito relaxar até que eu tenha voltado para a casa segura.

Enfaixar um ferimento de bala no seu próprio ombro é ridículo. Mesmo que não tenha sido um tiro certo, ainda assim me afetou. Não parece bonito, mas agradeço por não ter cortado nenhuma artéria. Minha principal preocupação é qualquer repercussão do impacto das balas atingindo meu colete. Tenho certeza de que minhas costelas estão machucadas, então preciso ficar alerta para sinais de lesões internas como resultado dos golpes que levei no peito.

Olhando para o meu reflexo no espelho do banheiro, estremeço com a visão que enfrento, mas não tenho energia para fazer muito

mais do que remover minhas lentes de contato verdes. Irei remover o látex líquido e maquiagem e mudar minha camisa ensanguentada mais tarde. Por enquanto, preciso tratar da ferida no meu ombro.

Usando uma tesoura para cortar a gola do pescoço da camisa, observo até que o tecido ceda o suficiente para me permitir limpar e enfaixar meu ombro com a maior segurança possível com uma mão. Uma pequena parte de mim anseia por pedir ajuda ao Doc, mas não posso. É muito arriscado, especialmente agora que Hunter está atrás de mim.

Vou para a cozinha e jogo um pouco de ibuprofeno antes de me abaixar cautelosamente na cadeira da pequena mesa da sala de jantar. Minhas armas estão colocadas diante de mim para serem limpas. Preciso consertar a maldita mola do pino de disparo da arma que errou antes, mas, felizmente, é uma solução relativamente fácil.

Uma vez que eu enfrentei essa tarefa e limpei tudo, garantindo que minhas armas fossem lubrificadas de acordo, eu caio de volta na minha cadeira enquanto um cobertor grosso de exaustão se instala sobre mim.

Arrastando-me em uma respiração superficial, estremeço quando até mesmo o menor aumento e queda do meu peito empurra minhas costelas doloridas e ombro ferido. A dor ainda irradia, e as pílulas mal fizeram efeito, mas não posso me dar ao luxo de tomar nada mais forte e não permanecer semiconsciente do meu entorno.

Preciso carregar mais munição nos cliques e recarregar minhas armas, mas o cansaço me atormenta. Desejando que a fadiga e a dor diminuíssem, digo a mim mesma que vou fechar os olhos momentaneamente antes de me reagrupar.

CAPÍTULO 38

Hunter

— Acho que é hora de fazer outra visita a Warren. — Eu olho para minhas anotações antes de empurrar a cadeira e me levantar.

Tudo o que eu descobri está me levando em uma direção que me confunde. A lógica grita que estou completamente errado, mas meu instinto está me dizendo que estou no caminho certo. Independentemente disso, sei que preciso seguir em frente.

Warren pode ter alguma informação a oferecer sobre a mulher Ashford que não é encontrada em um arquivo da polícia. Isso significa que preciso ir para a delegacia, já que ele ainda está de plantão.

Minutos depois, assim que cheguei perto do estacionamento da delegacia, o rádio ligado a um patrulheiro caminhando em direção a sua viatura de repente explodiu de tagarelice.

— *Código dez e noventa e seis na loja Bullard 's Gun & Pawn...*

Os pelos dos meus braços ficam em pé com a menção de tiros na loja de penhores, servindo como um indicador gritante de que eu preciso ir lá e dar uma olhada. Ver o que eu posso colher no local.

A Kingsman Street fica a poucos quarteirões da loja de penhores, com apenas um poste de luz no final da rua. Caminhando ao longo da calçada escura, os lampejos do luar espreitando das nuvens em mudança, pego movimento na minha periferia entre as casas degradadas.

Eu não posso acreditar no que vejo.

Vestido de preto, alto e magro, ele se encaixa na descrição das outras testemunhas. Eu sigo com cuidado enquanto percorremos mais alguns quarteirões e observo o suspeito cambalear até uma casa pequena e pitoresca que parece pertencer à avó de alguém.

Quando o suspeito olha em volta, estendendo a mão para se firmar antes de tropeçar dentro, eu sei que acertei uma maldita mina de ouro. Sozinho e ferido não são uma boa mistura.

Para ele.

Eu sorrio enquanto me viro, correndo rápido de volta para casa para pegar meu equipamento.

Para mim, será a porra do Nirvana.

CAPÍTULO 39

Kate

Estou chocada acordada por um tapa brutalmente duro no meu rosto. Meu corpo inteiro se contorce em resposta, provocando uma dor tão excruciante que me rouba todo o fôlego.

— Ah, que bom que você se juntou a mim.

Lutando contra a névoa da dor, a sensação nebulosa em meu cérebro desaparece, no momento em que reconheço duas coisas, uma muito mais aterrorizante do que a outra.

Um, reconheço essa voz, e dois, estou amarrada à cadeira em que estava sentada com tiras prendendo meus braços e pernas. Ele não me concedeu nenhuma misericórdia com as amarras; meus braços são puxados tão tensos, a posição causa dor no ombro e nas costelas machucadas para me atacar impiedosamente.

Uma vez que levanto meu olhar, mal contenho um encolhimento com a maneira como ele olha para mim. Ele me empala com seu olhar ameaçador enquanto a fúria escorre dele em ondas grossas e opressoras.

— Para quem está trabalhando?

Levo um momento para registrar sua pergunta.

— O quê?

O que diabos ele está falando?

Para quem estou trabalhando?

— Você me ouviu. — Seu tom de aço me choca como se alguém tivesse levado a mais grosseira lixa para minha carne ferida. — Quem te contratou para acabar com a Máfia Dixie?

Praticamente gritando as palavras, eu luto contra meu cérebro lento.

— Ninguém me contratou, idiota.

Ele me dá um tapa no rosto, e o movimento brusco me faz gritar de dor. Eu sou bombardeada por um gosto metálico repentino e a subsequente sensação de umidade pingando do meu lábio.

— Para quem você está trabalhando? — ele grita.

Agarrando-me com suas garras afiadas, a raiva se apodera totalmente e eu explodo, mesmo que o barulho envie uma dor intensa pelo meu crânio.

— Eu não trabalho para ninguém!

Ele aperta a mandíbula com força, os olhos se estreitando quando ele chega no meu rosto, os lábios se curvando em um sorriso de escárnio.

— Você é uma maldita mentirosa! Você me fodeu pensando, o quê? Que você tem uma maldita buceta dourada tão boa que eu

ignoraria o que você está fazendo por aqui?

Instintivamente, puxo minhas restrições, sobrecarregado com o desejo de atacar, mas a dor abrasadora nos movimentos me golpeia.

Fixando um olhar nele, eu luto contra a náusea que ameaça me ultrapassar e grito.

— Foda-se. Você.

CAPÍTULO 40

Hunter

— Por que você veio me procurar naquele bar? — Minhas palavras são duras e frias.

Eu quero respostas. *Agora*.

Devia ter percebido melhor. Eu deveria ter esperado que isso acontecesse, para ser traído como da última vez. Maldita seja por me fazer sentir algo por uma mulher pela primeira vez em anos.

E é tudo às minhas custas.

Ela faz uma careta para mim.

— Eu já te disse. — Então, entre os dentes cerrados, como se ela estivesse lutando contra a dor, ela acrescenta: — Eu nunca fiz nada assim.

Inclinando-me para mais perto, meu olhar duro, meu tom letal, eu enrolo minhas mãos em punhos apertados.

— Você sabia quem eu era, não sabia? É por isso que você veio atrás de mim.

Seus olhos caem em minhas mãos cerradas e ela endurece como se estivesse se preparando para os golpes. E eu deveria. Devia arrancar a verdade dela. No entanto, algo me impede; a ideia de fazer isso tem bile subindo na parte de trás da minha garganta. Meu cérebro está em guerra com aquele maldito órgão no meu peito que me incita a cuidar dela e tratar de seus ferimentos.

— Eu não sabia quem você era até aquela manhã. — Sua respiração é irregular, como se cada sílaba e cada respiração fossem agonizantes para produzir. — Não até eu ver o arquivo na sua mesa. — Seus olhos se fecham, traços marcados pela dor.

Eu quero tanto acreditar nela, mas parece muita coincidência.

Apertando o queixo em um aperto punitivo, eu a forço a olhar para mim. Cada uma das minhas palavras é concisa e exigente.

— Para. Quem. Você. Está. Trabalhando?

Desespero e derrota se misturam em sua voz.

— Eu não trabalho para ninguém!

Não digo uma palavra porque não acredito nas mentiras dela. Deixei meus sentimentos por ela dominarem todas as regras pelas quais vivi.

Seu peito se ergue e seus olhos ficam um pouco desfocados, mas ela ainda consegue soltar:

— Eles mataram minha família. — Eu a encaro enquanto suas palavras permanecem entre nós, e suas respirações ficam ainda mais irregulares quando ela acrescenta — Minha filha, eles atiraram nela. Bem na minha frente.

Ela é uma ótima atriz ou... *Foda*. Eu não sei o que diabos pensar agora.

Lágrimas escorrem por suas bochechas, escorrendo de sua mandíbula.

— Aqueles bastardos que fizeram isso precisam morrer, Hunter. Cada. Um. Deles. — Ela fecha os olhos antes de sussurrar — Eu não sabia quem você era até o arquivo. Aquele com meu nome nele.

Enraizado no local, não consigo tirar os olhos dela.

Mas que merda é essa?

Sua cabeça se inclina para frente enquanto seu corpo fica mole.

Eles mataram minha família.

Suas palavras, que pareciam ter sido arrancadas de algum lugar dentro dela, ecoam em minha mente. Mas é o que ela disse um momento atrás que envia ondas de choque reverberando através de mim.

Eu não sabia quem você era até o arquivo. Aquele com meu nome nele.

O único arquivo que eu tinha naquela noite era sobre Caitlin Ashford.

Puta. Foda. Merda.

Cabeça caída, seu queixo quase toca seu peito, e eu estendo a mão para a frente para verificar seu pulso. Está lá e estável. Agarrando a bainha inferior da camisa dela, levanto-a lentamente enquanto uma voz estranhamente sinistra dentro da minha cabeça sussurra que já sei o que vou encontrar.

Aquela mesma cicatriz que notei na noite em que passamos juntos.

Mesmo assim, eu sabia que tinha sido uma ferida relativamente nova. Vendo isso agora, em meio aos graves hematomas das balas que seu colete havia parado, me fez deixar cair a camisa dela como se tivesse queimado meus malditos dedos. Eu cambaleio para trás, olhando para ela com descrença e confusão.

Tudo vem piscando de volta em fogo rápido.

— *...o cara era alto e desajeitado...*

— *...um homem alto e magro...*—

— *... teve um vislumbre dele de lado e jurou que a pessoa tinha seios pequenos.*

Alto, como um metro e setenta e cinco.

Seios pequenos. Os mesmos em que eu tinha minhas mãos e boca há poucos dias.

O cara parecia uma garota quando grunhiu. Acho que ele se machucou porque estava segurando o lado dele.

Uma estranha sensação de conhecimento nos recônditos da minha mente havia sido desencadeada quando eu inicialmente notei

sua cicatriz, mas a afastei. Porque tudo sobre essa mulher me desequilibrrou e me intrigou como ninguém. Ela mexe com algo profundo dentro de mim que está adormecido há anos.

Esfrego as palmas das mãos contra os olhos, me recuperando dos fatos inegáveis. Kate é a maldita Caitlin Ashford.

Porra.

Eu nunca estive em uma posição como esta antes. Não há nenhuma maneira no inferno que eu teria subido nas fileiras para me tornar o melhor assassino contratado se eu fosse tão facilmente enganado. Mas essa mulher... o efeito dela em mim é como nenhum outro.

Eu nunca fui levado assim antes.

Maldição!

Eu cerro meus punhos com tanta força que minhas unhas cravam nas palmas das mãos enquanto sou esbofeteado com a realidade de que perdi as pistas. Tudo porque Kate me fez pensar com meu pau.

Eu expiro uma respiração que eu não tinha percebido que estava segurando e alisando o cabelo para trás de seu rosto, catalogando as diferenças. Deslizando a ponta do meu dedo ao longo da ponte do nariz, na bochecha e no queixo, percebo que ela usou látex líquido e truques com maquiagem. Está claro agora que ela é hábil em aplicá-los.

As lentes mudaram seus olhos de marrom para verde, e esses disfarces combinados a ajudaram a me tornar cego para o que estava bem na minha frente todo esse maldito tempo.

Corpo inteiro rígido, músculos enrolados com uma mistura de apreensão e agitação, levanto a bainha de sua camisa mais uma vez.

— Merda, mulher.

Meus olhos deslizam sobre seu rosto novamente, e uma sensação de admiração toma conta da minha mente. Eu me pergunto como diabos ela conseguiu sair de lá depois de ser baleada tantas vezes. Mesmo com o colete da mais alta qualidade, ainda dói como um filho da puta ser baleado uma vez, muito menos mais do que meia dúzia de vezes. Sem mencionar que aposto que ela tem as costelas machucadas por causa desses golpes.

Deixando a camisa cair dos meus dedos, olho para a forma manca dela. Ela ainda é tão bonita quanto era naquelas fotos de sete anos atrás. Exceto agora, ela possui uma estranha qualidade de maldade que mascara a angústia.

Eles mataram minha família.

Eu não sabia quem você era até o arquivo. Aquele com meu nome nele.

Eu posso detectar uma mentirosa a uma milha de distância, e

eu sei com cada fibra do meu ser que ela estava me dizendo a verdade. E quando isso se instala, junto com ele vem a percepção de que esta mulher tem, sozinha, enfrentado a porra da Máfia Dixie.

Outros tentaram dismantelar a organização criminosa, mas isso resultou em serem torturados antes de finalmente receberem uma bala na cabeça. No entanto, mesmo assim, ninguém tinha bolas ou tinha sido louco o suficiente para ir sozinho.

— O que diabos vou fazer com você? — Minhas palavras silenciosas parecem ecoar por toda a pequena casa. Eu me forço a dar um passo para longe dela.

Ela é uma maldita complicação, e uma complicação enorme.

Passando a mão pela minha mandíbula, luto internamente com o instinto protetor que me atinge com intensidade impressionante.

Enquanto eu me ressinto de como esse desenvolvimento, como essa mulher, me deixou fora dos trilhos, eu sei o que preciso fazer.

Mesmo que desafie todas as regras pelas quais vivi durante anos.

CAPÍTULO 41

Kate

Enfio Willow em sua cama com seu edredom de unicórnio puxado até o queixo enquanto ela aconchega seu unicórnio de pelúcia gigante.

— Estou pronta para beijos de bons sonhos, mamãe.

Seu cabelo castanho claro se espalha pelo travesseiro, e ela fecha os olhos na expectativa de nossa rotina noturna.

Inclino-me para a frente, dando um beijo leve em uma pálpebra.

— O mais doce dos sonhos. — Faço o mesmo na outro. — O mais doce dos sonhos. — Então eu dou um beijo na testa dela. — Bons sonhos, minha doce garotinha.

Assim que me inclino para trás, seus olhos se abrem e ela sorri.

— Posso ter uma doce bênção de sonhos também?

— Claro.

Suavizo as pontas dos dedos sobre a testa dela e digo suavemente.

— Apenas pensamentos e sonhos gentis, amorosos e felizes, adoram insetos.

— Obrigada mamãe.

Ela retira os braços de debaixo das cobertas e os estende para um abraço.

Eu a seguro com força e depois dou um beijo em sua bochecha e sussurro.

— Eu te amo tanto.

— Eu também te amo, mamãe.

De repente, sou impotente para uma sucção invisível que me atrai de volta, nos separando.

Eu alcanço Willow, gritando seu nome.

Tudo gira em um turbilhão vertiginoso, e então eu me vejo pairando acima da loja de penhores, de alguma forma suspensa no ar, e vejo como uma cena familiar se desenrola.

Quando os tiros soam, percebo que estou sendo forçada a testemunhar esse horror mais uma vez.

Várias balas perfuram o corpo de Willow, e o impacto impulsiona seu pequeno corpo para trás antes de cair no chão, o arco arremessado de seu aperto e deslizando pelo chão de fábrica.

— *Nãoo!*

Eu grito, tentando correr em direção a ela, mas todo o meu corpo parece que está fixo no lugar com cimento, mantendo-me enraizado no local.

Eu assisto com terror enquanto os corpos de meu pai e Deacon sacodem quando balas entram em sua carne.

Eles caem no chão, corpos tremendo enquanto a vida sangra deles.

Rosto encharcado de lágrimas, grito por ajuda inúmeras vezes, fazendo com que minha voz fique rouca.

Eu luto para me mover, desesperado para me libertar de qualquer força que esteja restringindo meu corpo.

Eu preciso salvá-los.

O pânico começa a me sufocar.

— Não! *Por favor!* Alguém, *por favor me ajude!*

Minha filha está lá, sangue saturando o chão duro que a rodeia.

Uma voz masculina irrompe e me diz para ficar calma e que eu vou ficar bem, mas eu ignoro. Estou muito fixada na minha filha, que está deitada sozinha sem mim para segurá-la.

O homem não entende. Minha doce garota está morrendo, e eu não posso chegar até ela. Não posso ir até ela e dizer que a amo.

Ela precisa saber o quanto eu a amo. Ela precisa me ouvir dizer isso mais uma vez.

— Shhh. Ela sabe. Eu prometo, ela sabe — a voz masculina murmura, seu tom implorando como se ele estivesse disposto a acreditar.

Mas eu não acredito. Eu não posso.

Fui roubada daquele momento final com minha filha, e por mais irracional que seja, simplesmente esperar que ela saiba o quanto eu a amo não basta.

Algo peludo e úmido cutuca meu braço, e a voz do homem murmura palavras indecifráveis para mim antes que eu deixe a escuridão me dominar mais uma vez.

CAPÍTULO 42

Hunter

Desde que a levei para a cama, continuo monitorando sua respiração, garantindo que ela permaneça normal e nada mude para indicar uma lesão interna. Ela ainda não acordou, mesmo depois de algumas horas. Suspeito que ela esteja esgotada e a exaustão tomou conta.

Eu odiei deixá-la para fazer uma corrida rápida para pegar Kujo e obter alguns suprimentos e mais remédios da minha casa, mas era necessário depois de verificar seu estoque e ver que ela não tinha os antibióticos que eu sinto que ela precisa como uma garantia.

Agarrando os músculos tensos na parte de trás do meu pescoço, olho para ela enquanto o desconforto se espalha por mim. Enquanto eu estava na minha casa, algo me fez dar uma olhada nas fotos da cena do crime da loja de penhores mais uma vez.

Eu examinei cada um, rapidamente os descartando, ansioso para voltar para ela. Mas uma pequena voz no fundo da minha mente me incentivou a olhar para uma foto em particular mais uma vez, e foi aí que eu notei.

A poucos metros da garotinha, quase escondida pelos escombros de detritos, vidro e sangue, havia um pequeno arco.

Filho da puta.

Estava bem na minha frente o tempo todo. Kate está colocando seu próprio selo nesses hits em memória de sua filha.

Então percebi por que eu tinha uma suspeita de que Dr. Hogue não estava revelando tudo quando o visitei em sua clínica.

Eu acredito que Caitlin morreu a sete anos atrás.

Eu entendo agora, por que ele expressou do jeito que ele fez. Ela não é a mesma esposa e filha amorosa. Não há sorrisos despreocupados ou felicidade gravada em seus traços como nas fotografias no escritório do médico. A mulher que ela é agora está a mundos de distância daquela, de Caitlin Ashford.

Sua raiva e tristeza a envolvem como uma armadura corporal, grossa e poderosa, garantindo que ela não seja suscetível a nada que possa colocá-la em perigo. Eu reconheço porque é muito parecido com a armadura que eu uso.

Do tipo que uso desde o dia em que fui traído e deixado para morrer.

Kujo cutuca minha outra mão com o nariz, me trazendo de volta ao presente. Ele tem mantido vigília na cabeceira da Kate desde que chegou aqui.

Eu o acaricio, e ele dá um pequeno gemido antes de voltar para

observá-la.

— Ela vai ficar bem, amigo. Ela só precisa descansar.

Seus cabelos escuros se espalham contra o travesseiro, a maior parte agora livre de seu rabo de cavalo, e quanto mais estudo suas feições, mais noto as pronunciadas olheiras sob seus olhos.

O universo deve realmente gostar de brincar comigo, porque não há outra desculpa para como Kate, ou Caitlin, suponho, e eu cruzar o mesmo caminho. Faz sentido agora, porém, porque eu sinto — sentia — atração por ela.

Cada um de nós é assombrado pelo seu passado. Estamos lutando por vingança e fazendo isso com o conhecimento de que o custo final pode ser nossas vidas.

Balanço a cabeça, beliscando a ponte do nariz e solto um suspiro. Cuidadosamente, eu dou a ela uma injeção de antibióticos em sua coxa para ajudar a prevenir a infecção em sua ferida no ombro.

Assim que eu retiro a agulha e a deposito no recipiente portátil de objetos cortantes na mesa de cabeceira, ela solta um som de tal angústia que tem todos os músculos do meu corpo congelando no lugar.

Um momento depois, ela começa a se debater, evidentemente presa em algumas memórias perturbadoras, e eu subo na cama, usando o peso das minhas pernas para conter as dela, e seguro cuidadosamente a parte superior dos braços para evitar que ela cause danos à ferida.

— *Nãoo!* — ela grita, a única palavra cheia de tanta dor, age como um punho de ferro me socando no ar.

— Não! *Por favor!* Alguém, por favor, me ajude!

— Vai ficar tudo bem. Você tá segura. — Eu tento acalmá-la, na esperança de tirá-la das memórias. — Agora você está em segurança!

Ela grita repetidamente, e o puro desespero em sua voz provoca uma dor estranha dentro de mim. Suas feições se torcem em agonia, os cílios molhados pelas lágrimas escorrendo por seu rosto, e eu fico impressionado com uma sensação impressionante de desamparo. Não faço ideia de como ajudar essa mulher que perdeu tanto.

— Ela não sabe que eu a amo! — Um soluço soa como se tivesse sido violentamente arrancado dela. — Eu nunca contei a ela.

A angústia incapacitante em sua voz me corta, me obrigando a fazer algo completamente fora do personagem. Eu pressiono meus lábios em seu queixo que está escorregadio de suas lágrimas e murmúrios,

— Shhh. Ela sabe. Eu prometo, ela sabe.

Kujo apoia as patas dianteiras na cama, e eu endureço por medo de que ele a machuque inadvertidamente, mas ele apenas move a cabeça para cutucar o braço dela com o nariz e dá um pequeno

gemido.

Ela luta um pouco mais antes de finalmente cair contra o colchão, e eu espero por uma instante para garantir que ela não esteja mais presa no meio de suas próprias memórias. Então eu cuidadosamente me afasto dela e da cama, observando-a atentamente antes de agarrar as amarras no caso de ela experimentar outro episódio.

Confirmando que ela não causou mais danos ao ferimento, prendo as amarras em volta dos pulsos e tornozelos dela, prendendo-a à cama. Kujo se desloca momentaneamente para me permitir trabalhar ao redor dele antes de se instalar ao lado dela, seus olhos azuis preocupados se fixaram nela.

Com a cabeça apoiada nas patas, ele a vigia. Eu acaricio o pelo ao longo de suas costas.

— Sim — sussurro, minha garganta ficando extraordinariamente apertada enquanto a estudo. — Eu sinto a mesma coisa.

Isso torna isso ainda mais uma bagunça colossal, já que estou sob contrato para trazer a pessoa por trás dos assassinatos da Máfia Dixie, e isso por si só é uma maldita sentença de morte.

Soltando um suspiro lento, suavizo gentilmente o cabelo dela do rosto.

— Descanse. Você está segura agora.

CAPÍTULO 43

Hunter

— Tire essas malditas amarras de cima de mim!

Com as palavras berradas, eu olho para Kujo, que se senta ao lado de sua tigela, esperando pacientemente que eu lhe dê o jantar. Ignorando a explosão na outra sala, esvazio a quantidade medida de comida em sua tigela, as peças escorrendo contra o aço inoxidável.

A hostilidade enche seu tom quando ela murmura.

— Foda-se. *Idiota*.

Selando o saco de comida de cachorro e colocando-o de lado, me aventuro para o quarto e paro na porta. Com meu ombro encostado no batente da porta, olho para ela especulativamente. A cor dela está muito melhor agora que ela descansou um pouco. Droga, ela está dormindo há quase quatorze horas.

— Eu tive que colocá-los porque você teve outro episódio quando estava dormindo. — Envolvi um pano onde a amarrei para evitar ferimentos adicionais. Eu odiava mantê-la contida, mas não podia deixá-la se machucar mais enquanto dormia.

Sua mandíbula fica visivelmente tensa, e seu olhar varre meu rosto antes de correr pela sala como se estivesse procurando algo. No instante em que seus olhos se voltam para o recipiente de objetos cortantes antes de se deslocar para as seringas cheias de antibióticos e outras com sedativos, seu corpo fica totalmente imóvel.

Seu olhar retorna para mim, suas narinas queimando.

— Que diabos você me deu?

Eu levanto a mão.

— Calma. Eu só lhe dei outra dose de antibióticos.

Ela parece cautelosa como o inferno, seus olhos disparando como se ela estivesse tentando inventar uma fuga, mesmo quando contida. Então seu olhar se fixa em mim com um olhar tão frígido que é praticamente glacial.

— Por que você não me matou antes?

Eu evito responder porque é assim que eu tenho operado todos esses anos, para o inferno com qualquer acordo que eu tenho com a porra da Máfia Dixie.

Exceto que eu nunca encontrei ninguém como ela antes, nem nunca me encontrei em uma situação como esta.

Na minha falta de resposta, ela muda de marcha.

— O que você está planejando fazer comigo?

Eu levanto um ombro uma fração.

— Conseguir que você seja curada primeiro é a principal prioridade.

Ela olha para mim, a desconfiança rolando em ondas grossas.

— Então, você cura as pessoas agora antes de matá-las? Este é apenas mais um dos seus métodos de tortura?

— As restrições eram para evitar que você se machucasse quando começasse a ficar agitada.

Parecendo refletir sobre minha resposta, ela me olha especulativamente.

— E o que diabos estou vestindo?

— Uma camisa.

Exasperação reveste suas feições, e ela achata os lábios como se tentasse manter a paciência.

— Quero dizer, o que eu estou vestindo, como em, onde está a minha camisa?

— Eu tive que lhe dar um banho de esponja e mudar sua bandagem. — Apoiando a mão no lado oposto do batente da porta, dou um leve encolher de ombros. — Imaginei que você não gostaria de ficar naquela em que estava. Estava ensanguentada e suja. Muito risco de infecção para a sua ferida. Eu coloquei você em algo com mais espaço para se mover. — Faço uma pausa e a vejo se irritar com inquietação. — Uma das minhas camisas.

Ela parece que não sabe o que fazer com essa informação e apenas olha para mim por um tempo. Então seus olhos brilham com raiva para mim.

— Então, de repente você ficou preocupado com o que eu estava vestindo e se eu estava devidamente banhada depois que você me amarrou a uma cadeira e me deu um tapa? — Sarcasmo pesado recobre seu tom.

— Eu não estava realmente dando um tapa em você.

Kate parece estar rangendo os dentes.

— Eu estava indo devagar com você, se você quer saber.

— Aham. — A incredulidade sangra pela voz dela, e eu sufoco o desejo de sorrir. Brincadeiras com ela são estranhamente satisfatórias e quase... divertidas.

Seu queixo se levanta, e eu reconheço isso como uma tentativa de fingir confiança quando ela está desconfortável como o inferno.

— Você não deveria ter se incomodado em mudar minhas roupas.

Continuando a observá-la com curiosidade, inclino a cabeça para o lado.

— Eu não vejo qual é o grande problema de eu mudar suas roupas. Corrija-me se eu estiver errado, mas nós fizemos sexo e eu vi seu corpo nu, certo?

Ela me corrige com um olhar escuro.

— Não é essa a questão. Eu só acho difícil acreditar que você

está de repente preocupado comigo e com o meu bem-estar depois que você me amarrou na maldita cadeira.

Saúdo suas palavras com silêncio e espero para ver se ela tentará preenchê-las, mas ela me surpreende quando não o faz. Ela simplesmente me espera.

— Precisamos conversar primeiro e determinar para onde vamos a partir daqui.

— Fale primeiro — ela repete lentamente como se me entendesse mal. Seus dedos se flexionam como se ela estivesse cheia de agitação, e eu sei por quê.

É porque eu nunca fui conhecido por falar com minhas vítimas antes de matá-las.

Seus olhos correm pela sala, provavelmente avaliando cada lugar onde ela está escondendo uma arma. A arma no suporte magnético sob a estrutura da cama de metal está mais próxima. Uma vez que ela está fora das amarras, ela seria inteligente para ir para isso primeiro. Depois, há uma montada ao longo do lado da cômoda que fica de frente para a parede.

E essas são apenas as armas neste quarto.

— Sim. Fale.

Suas sobrancelhas franzem, os olhos se estreitando em desconfiança.

— Isso é algum tipo de truque?

— Sem truques. — Mantenho minha voz baixa e calma enquanto me aproximo da cama e desprendo suavemente a primeira contenção em torno de seu tornozelo esquerdo.

Uma vez livre das amarras restantes, ela se estica cautelosamente antes de se sentar lentamente na posição vertical, puxando a bainha inferior da grande camisa de algodão que envolve seu corpo.

A visão da minha camiseta cobrindo seu corpo nu incita um tumulto de emoções desconhecidas dentro de mim. Possessividade. Luxúria.

Necessidade. Proteção. E tudo isso é perigoso pra caralho. Não posso deixar que as emoções me governem.

Eu sinto o momento em que ela planeja ir para ele. Na verdade, eu teria ficado desapontado se ela não tivesse.

Em um flash de movimento, ela escorrega do colchão e agarra a arma escondida debaixo da cama, apontando-a para mim.

Suas pernas estão trêmulas, mas ela me surpreende com seu objetivo firme, os braços estendidos, embora eu saiba que o movimento e a posição são dolorosos para o ombro direito. É evidente por suas feições tensas e as linhas entre parênteses de sua boca, que pressiona em uma linha firme e fina.

— Que porra de jogo você está jogando? — ela exige.

Calmamente, mantenho o olhar dela.

— Não estou jogando nenhum jogo.

Seus olhos e tom exalam irritação, mas a vulnerabilidade ultrapassa sua expressão.

— Por que você ainda não me matou?

— Porque seu objetivo final é semelhante ao meu. — Levanto o queixo, gesticulando para a arma ainda apontada para mim. — Sejamos honestos. Você realmente acha que eu deixaria uma arma carregada para você encontrar?

Ela fica imediatamente quieta, e o pânico sangra em sua expressão. No último minuto, ela muda sua mira por uma fração e puxa o gatilho, o clique sinistro de uma arma sem munição ecoando dentro da pequena sala.

Avanço sobre ela, meus dedos apertando sua cintura, guiando-a de volta contra a parede para garantir que ela não se machuque mais. Tremores visíveis percorrem seu corpo, suas narinas se abrindo e os lábios se separando enquanto sua respiração sai dura. A arma cai de seu punho, caindo no chão, e ela me encara como se esperasse que eu fizesse o meu pior.

Seu medo é tão palpável quanto seu desamparo. Ela não está acostumada a ser vencida, e eu posso lamentar. Eu quero que ela veja a verdade nos meus olhos. Que não tenho intenção de matá-la.

Não há como matar a mulher que me faz sentir coisas que não sinto há anos.

— Volte para a cama para que possamos conversar.

Seus olhos examinam minhas feições, seu peito subindo e descendo com respirações rápidas e ansiosas, e a necessidade de tentar deixá-la à vontade passa por mim. Devagar, cautelosamente, solto um pulso e pego o rosto dela. No instante em que minha palma segura sua bochecha, ela se encolhe. Cerro os dentes contra o agulhão da rejeição, mesmo que sua reação seja justificada.

Minha voz fica abafada quando repito.

— Precisamos conversar, e você precisa ter calma. Volte para a cama, Kate. — Então eu sou compelido a colocar uma palavra que me parece estranha contra os meus lábios, um que eu tão raramente uso. Baixando minha voz para pouco acima de um sussurro, acrescento: — Por favor.

Algo indecifrável brilha em seus olhos, e uma ousadia toma conta de mim enquanto espero por sua resposta.

Quando ela oferece um aceno quase perceptível, alívio corre através de mim, e eu me viro para ajudá-la a voltar para a cama. Uma vez que ela está apoiada em travesseiros e puxa o edredom sobre ela, eu me acalmo ao pé da cama.

Kate se agita com a borda do edredom por uma instante antes de levantar os olhos para os meus, inquieta alinhando seu rosto.

— Então. Sobre o que falamos?

Eu chamo por Kujo, e quando ele entra trotando, eu dou um tapinha no lugar ao meu lado, perto dos pés de Kate, e ele sobe e se acomoda. Avalio sua reação, satisfeito quando seus olhos se suavizam e a maneira rígida como ela se mantém diminui uma fração.

— Que tal começarmos com como você desapareceu?

CAPÍTULO 44

Caitlin/Kate

MAIS DE SETE ANOS ATRÁS

Vá para as docas ao anoitecer. Os clandestinos sem documentos viajam nos contêineres de carga. São dois mil para a passagem. Eles vão tentar cobrar mais. Não desista. Mantenha a cabeça baixa e modifique sua aparência.

A nota de Doc tinha sido concisa e seu significado claro, o dinheiro bem amarrado era a quantidade exata que eu precisaria para a passagem. Pela primeira vez na minha vida, eu estava grata pela minha falta de curvas e seios pequenos.

O tempo que passei dentro daquele contêiner foi um dos mais difíceis que já suportei. Foi-me fornecido um balde para eu usar o banheiro, uma caixa com água engarrafada e uma pequena caixa cheia de maçãs e cenouras. Minha principal graça salvadora era que eu estava sozinha, e achei irônico que eu estava usando isso como uma passagem para fora deste país, enquanto inúmeros outros a usavam para entrar.

As condições na enorme caixa de metal eram imundas, mas eu consegui, grata por ter minha mochila cheia de suprimentos. O interior do contêiner era gelado e, quando os mares ficaram agitados, o odor se tornava cada vez mais forte quando meu balde tombou no canto na extremidade oposta, espalhando minha urina e fezes.

Parei de tentar acompanhar os dias, escolhendo deixar minha mente vagar pelos pensamentos de onde eu poderia acabar. Medo e esperança lutavam dentro de mim, cada um competindo para aguentar toda a jornada.

Primeiro atracamos em Antuérpia, na Bélgica. Quando a porta se abriu, eu mal tive a chance de pegar meu primeiro suspiro de ar fresco antes que um homem acenasse para mim impaciente, assobiando para que eu me apressasse e saísse.

Eu quase tive que correr para acompanhá-lo enquanto ele me empurrava para um novo contêiner. Eu perguntei a ele onde este levaria, e ele olhou para mim, sua irritação óbvia, mas me respondeu. A próxima parada será no Iêmen. Então minha parada final seria o Porto de Bangkok, Tailândia.

Parecia demorar uma eternidade, mas eu sabia que não podia deixar a solidão ou as condições adversas me desgastarem. Tive que elaborar um plano. Uma vez que eu desembarcasse na Tailândia, eu precisaria aprender os caminhos do país, a fim de obter as informações que eu precisava.

Eventualmente, encontrei um refúgio em Talat Chaiya. Precisei caminhar a pé e pegar carona intermitentemente antes de chegar ao meu destino. Foi aqui que encontrei meu instrutor que era quase tão teimoso quanto eu.

Ele não queria me aceitar como estudante. Aproveitando minhas habilidades mais rudimentares de falar Pak Thai, ele me ignorou por semanas. Mas eu nunca desisti. Ele tinha sido o homem que os moradores locais recomendaram; eles não conseguiram sufocar a reverência em suas vozes com a menção de seu nome.

Precisava que ele me ensinasse. Precisava do melhor dos melhores.

Esta era a única saída.

Talvez eu o tenha desgastado com minha aparição implacável em sua porta dia e noite. Ou talvez tenha sido quando eu o ajudei a consertar sua cerca ou cuidei de seu jardim. Minha firme recusa em aceitar não como resposta acabou por ser o truque.

No último dia – o dia em que ele me libertou do meu treinamento, dizendo que eu estava pronta – foi quando ele confessou o que mudou sua mente.

Sua voz fortemente acentuada era lenta e constante, e não porque o inglês não fosse seu idioma principal. Foi porque Kru Namsaknoi faz tudo com precisão. Cada movimento foi bem planejado e realizado com propósito.

— Seus olhos mudaram minha mente.

Estávamos jantando juntos depois do meu treinamento final, e eu me virei para ele surpresa. Normalmente, ele ficava em silêncio durante as refeições. Ele era um homem de poucas palavras, mas eu respeitava isso. Eu o respeitava. Ele se tornou como outro pai para mim.

Seu olhar escuro penetrou no meu como se ele estivesse olhando para as profundezas da minha alma.

— Seus olhos me disseram que você precisava de mim. Que você precisava desfazer o dano no fundo e permitir-se curar o que estava quebrado. E você não poderia realizar essa tarefa sem a minha ajuda.

Minha garganta de repente ficou apertada, e eu resisti a vontade de me mexer devido ao desconforto.

Essa foi uma das minhas lições. Nunca permita que suas emoções se tornem visíveis. Você deve parecer como uma lousa em branco.

— Seu tempo acabou comigo. — Ele se levantou de onde estávamos sentados. — Eu farei com que você encontre o caminho para o seu próximo instrutor. — Ele me entregou o pacote grosso de dinheiro que eu inicialmente lhe dera como pagamento, e eu olhei

para ele, estupefata.

— Mas esse é o meu pagamento para você. Por todo o seu tempo. Por me ensinar. — Eu não movi meus braços para aceitar o dinheiro.

— Eu não aceito pagamento. E não deixe isso para mim quando você for. — Ele deixou o dinheiro no meu colo e se virou.

Claro, eu deixei o pagamento para ele. Minha teimosia exigia isso. Tecnicamente, eu atendi à sua exigência e não deixei todo o dinheiro.

Eu tinha deixado para ele tudo menos uma pequena nota que eu tinha removido.

De manhã, quando eu estava me preparando para sair, sei que o peguei desprevenido quando o abracei com força. Ele permaneceu imóvel, com o corpo rígido, com uma expressão impassível no rosto, mas seus olhos o entregaram. Conheci esse homem durante os anos em que treinei com ele.

Ele estaria sozinho novamente, voltando a cuidar de seu amplo jardim e pescar na costa. Praticando seu treinamento sozinho porque era assim que ele preferia.

Mas ele sentiria minha falta. Assim como eu sentiria falta dele.

Esse foi o fim dos meus quase quatro anos de treinamento em Muay Thai, onde também aperfeiçoei minhas habilidades de tiro com arco e flecha. Kru me enviou para a cidade de Rishon LeTsiyon, em Israel, onde, nos anos seguintes, seu amigo próximo se tornou meu instrutor de Krav Maga e armas.

Nunca imaginei que minha graça salvadora viria na forma de dois homens improváveis em partes completamente diferentes do mundo. Mas tanto na Tailândia quanto em Israel, descobri que eu era feita de coisas mais duras. O treinamento que passei alimentou minha raiva, minha dor e minha missão.

Isso me permitiu renascer. Quando Caitlin Ashford deixou de existir.

A cada dia, eu ficava mais forte, aprendia mais e dominava habilidades que nunca imaginei ser possível. Mas eu não estava treinando para uma pequena luta em colchonetes macios em alguma academia. Eu estava treinando para voltar ao mundo que deixei e fazer chover vingança.

Nos anos desde que deixei a única casa que já conheci, aperfeiçoei minhas habilidades de pontaria e tiro com arco e aprendi combate corpo-a-corpo. Mas o conhecimento – ou lições – que realmente viria a calhar foram os que eu nunca teria esperado.

Vídeos do YouTube instruindo os espectadores sobre aplicações de maquiagem, no uso de látex líquido para disfarçar imperfeições, cria-las ou ajudar em aplicações protéticas, bem como os prós e

contras de usar perucas.

Procurei na dark web, pesquisando tudo o que eu precisava saber sobre a Máfia Dixie enquanto observava conversas sobre assassinatos por encomenda. Foi assim que eu inicialmente soube sobre O Caçador, mas ele não tinha relações com a Máfia Dixie pelo que eu podia dizer.

Depois de elaborar um plano para meu retorno, com meus novos passaportes falsificados em mãos, embarquei em um voo de volta para os EUA, consegui um lugar para ficar e comecei a estocar minhas armas, fazendo vigilância e determinando quem eu eliminaria primeiro.

Demorei quase sete anos, mas finalmente estava pronta.

CAPÍTULO 45

Hunter

Com a voz pouco acima de um sussurro, os olhos de Kate se erguem, travando nos meus.

— Depois daquela primeira morte, eu sabia que não era mais Caitlin Ashford. Eu não acho que seja possível para mim voltar a ser ela. — Uma sombra passa sobre suas feições, e seu olhar muda. — Antes daquela noite, eu nunca tinha quebrado nenhuma lei. Eu certamente nunca considereei que seria alguém que fugiria da polícia. — com a voz cada vez mais fraca, ela acrescenta suavemente — Nunca pensei que acabaria assim.

Tormento preenche suas feições.

— Eu sabia que precisava colocar o máximo de distância entre mim e este lugar, mas eu não tinha ideia do que estava acontecendo.

Não posso deixar de olhar para ela com admiração porque ela se transformou em algum tipo de princesa guerreira, matando a sujeira humana. Com um maldito arco e flechas, nada menos. Sem perceber, eu me pego murmurando.

— Você é feroz. Como Katniss.

Seu olhar surpreso se concentra em mim.

— De Jogos Vorazes?

Aceno.

— Sim. — Uma sensação desconhecida de diversão tem meus lábios curvados. — Ela era uma durona com arco e flecha também.

Nossas histórias compartilham uma inegável semelhança nos caminhos que escolhemos. Mas uma coisa ainda permanece no fundo da minha mente, e eu tenho que admitir que eu nunca teria expressado isso antes de conhecê-la. Eu nunca poderia me dar ao luxo de ter minhas emoções passando por minhas defesas. Sou obrigado a perguntar a ela, mesmo sabendo o que a pergunta aparentemente simples revelará sobre mim.

— O que realmente fez você vir me procurar naquela noite?

Kate desvia o olhar, olhando para onde ela agarra o edredom, com a boca apertada antes de responder.

— Eu só queria ver... — Um pequeno suspiro cai de seus lábios. — Se você ainda me fazia sentir da mesma maneira.

Depois de uma breve pausa, pergunto.

— De que maneira?

Seus dentes superiores afundam em seu lábio inferior enquanto ela luta visivelmente para saber como responder. Minhas mãos se apertam instintivamente contra o desejo de estender a mão e aliviar o lábio para longe do aperto dos dentes.

— Me fez sentir como se eu fosse desejada.

Gentilmente abrindo os dedos onde ela agarra o edredom, eu os entrelaço com os meus. O contato envia uma consciência aguda através do meu corpo e acalma a parte de mim que está continuamente em turbulência.

Os olhos de Kate se enchem de agitação, e me entristece quando sua voz estala.

— Mesmo que eu tenha considerado o divórcio, mesmo que eu não estivesse mais apaixonada por ele, uma pequena parte de mim se pergunta se eu traí Deacon de alguma forma. — Seus olhos se fecham antes que ela termine em um sussurro. — Querendo você. Estando com você.

— Você não traiu ninguém. Você não planejou que isso acontecesse e eu também não. — Eu quero que ela olhe para mim, e quando seus olhos encontrarem os meus, a confusão sombria em sua expressão incita cada molécula em meu corpo a envolvê-la em meus braços. Uma necessidade profunda e motivadora que não consigo explicar me faz falar antes de perceber.

— Você é a primeira mulher com quem baixei a guarda em anos. — Uma borda dos meus lábios se inclina para cima. — E, sim, minha guarda não estava completamente baixa, mas eu ainda... —

— Abriu-se para mim — ela termina suavemente. — Como eu fiz com você.

Voltando minha atenção para a mão que estou segurando, observo meu polegar bater ao longo de sua pele delicada.

— Nós dois queremos derrubar a Máfia Dixie. Nossas razões podem ser diferentes, mas nosso objetivo final é o mesmo. — Seus dedos apertam o meu, e meus olhos se erguem para os dela. — Juntos podemos

Ela me estuda, a casa silenciosa, o ronco sutil de Kujo enquanto ele se deita enrolado na cama, é o único som no quarto.

— Eu não vou concordar com nada antes de ter minhas respostas.

— O que você está procurando?

— Quem é você realmente? — O olhar dela paira sobre minhas feições. — E o que fez você escolher esta vida? — Ela aperta a mão na minha, ansiosa. — Você sabe tudo sobre mim, mas eu não sei nada sobre você.

— Você já sabe quem eu sou. Que sou chamado de Caçador. Mas o que me levou a isso... — Gentilmente, eu roço meu polegar ao longo de sua mão, a vulnerabilidade tentando abrir caminho enquanto confesso. — Eu costumava ser Andrew McNair.

Meu tom se torna distante, como se eu estivesse narrando a história de outra pessoa e não a minha.

— Eu cresci com um fundo fiduciário, mas nunca o toquei enquanto crescia ou mesmo durante a minha escolaridade, nunca quis nada com isso, com esse tipo de vida. Eu sabia que queria trabalhar para o FBI desde o início. Sempre foi meu objetivo. — Faço uma pausa. — E com uma família que nunca foi unida eles nem imaginaram — os cantos da minha boca se erguem — quando me juntei ao escritório, cimentei meu lugar como a ovelha negra.

— Depois que me tornei um agente, fui designado para a divisão de crime organizado e encarregado de investigar rumores em torno da Máfia Dixie. Disseram que eles pretendiam espalhar suas operações na Carolina do Sul e se estabelecer lá, já que estavam sob muita vigilância nos outros locais que mantinham.

— Naquela época, eu conheci Kayla e... ela era tudo o que eu poderia ter pedido. Compreendia a minha agenda e como eu era apaixonado pelo meu trabalho. Pedi-a em casamento e, cerca de seis meses depois, ela descobriu que estava grávida.

Eu estendo a mão para trás para segurar os músculos tensos na parte de trás do meu pescoço.

— Descobri mais tarde que ela havia sido plantada na minha vida pela Máfia Dixie.

Os lábios de Kate ficam horrorizados, os olhos se arregalando. Mas continuo, desviando meu olhar para encarar sem enxergar realmente a parede.

— Um informante concordou em se apresentar. Ela era uma das empregadas que trabalhavam na casa de Boyd, o líder da Máfia Dixie, em Charleston. Hayden Carter era o nome dela. Ela estava se encontrando comigo, oferecendo o máximo de informações possível sem se colocar em muito perigo. Ela estava com medo por sua vida, e era compreensível, considerando a situação em que ela estava.

— Uma noite, recebi um telefonema de Hayden e ela parecia aterrorizada. Disse que encontrou algo grande, mas estava com muito medo de falar ao telefone. Ela me pediu para encontrá-la imediatamente em um armazém à beira-mar, mas para ir sozinho.

O desgosto corre pelas minhas veias com a memória.

— Sua voz até vacilou como se ela estivesse prestes a desmoronar. — Faço que não com a cabeça. — Eu tinha aquela sensação doentia no fundo do meu estômago, mas eu a ignorei porque de jeito nenhum eu queria colocar em perigo uma informante deixando-a em perigo. Especialmente se eles tivessem informações cruciais.

Os dedos de Kate apertam os meus como se ela sentisse o tumulto dentro de mim.

— Quando cheguei lá, fui completamente pego de surpresa pela aparência dela. Hayden sempre foi dolorosamente tímida, o cabelo

puxado para trás em um coque apertado e usava roupas simples e baratas. Em vez disso, seu cabelo parecia que ela tinha vindo de um salão de beleza. Crescendo com uma mãe que amava moda, eu reconheci que seu terninho era de estilista caro.

— Ela tinha minha noiva algemada a uma cadeira e uma arma pressionada contra sua cabeça. Eu posso ter sido um novato e nunca estive nesse tipo de situação, mas eu não me arrependo de desistir de minhas armas. Eu teria levado um tiro por Kayla novamente, mesmo sabendo o que ela fez.

Franzindo a testa, continuo.

— Eu não fui treinado como sou agora. Eu era tão ingênuo e idealista, pensando que eu poderia mudar a porra do mundo.

Estalo os dedos antes de ficar em silêncio.

— Ela me traiu. De alguma forma, Boyd conseguiu esconder o fato de que ele tinha uma filha. Tudo o que nossas informações indicavam era que ele tinha um filho. Um filho. É isso. Então, eu estou lá, completamente perdido e tentando manter a calma quando Hayden me diz que eu deveria ter parado de bisbilhotar. Que Kayla deveria me distrair do meu trabalho e falhou. Ela deveria me colocar em acordo com eles.

— Hayden atirou no meu estômago e depois me deu um sorriso tão maligno que eu sabia. Eu simplesmente sabia o que ela faria a seguir. Kayla também, porque a última coisa que ela gritou foi um eu sinto muito! *Eu te amo!* — Hayden puxou o gatilho um segundo depois.

Eu estremeço com a memória do corpo de Kayla caindo naquela cadeira.

— Então ela colocou uma bala no estômago de Kayla, como se a bala em sua cabeça não fosse suficiente. — Eu aperto e afrouxo minha mandíbula. — Ela estava grávida de três meses.

A voz de Kate está cheia de tristeza.

— Oh, Hunter.

— *Isso é o que você ganha por foder com a gente.* Ela disse. Lembro-me de não entender e ela apenas riu. Então ela me disse: *‘Isso mesmo. Nós. A Máfia Dixie que você está tão decidido a derrubar.’* Ela trocou a arma por um tubo de metal fino e me bateu com tanta força na mandíbula que eu quase desmaiei de dor por causa disso e do ferimento de bala. *Como se sente?* Ela perguntou, me batendo tantas vezes que perdi a conta. *‘Tentando ser um herói? Mas agora, todos vão acreditar que você matou sua noiva e seu filho ainda não nascido. Que você não poderia lidar com isso, então você se matou no final.’*

— Ela estava irritada com a decisão do pai de entregar as rédeas ao irmão. Acho que ele não confiava em sua princesa para liderar a organização criminosa como ele queria. Então, ela planejou

me usar para provar seu valor ao pai.

— Ela pensou que poderia me convencer, que eu investiria em suas operações e ela poderia usar meu sobrenome como alavanca.— Faço uma pausa, refletindo sobre o quão conflituoso eu me sentia naquela época.

— Eu estava lutando com um pressentimento sobre ela. Nenhum dos meus colegas ou meu chefe ouviu, mas algo parecia estranho, e eu estava prestes a cavar um pouco mais fundo quando recebi a ligação dela.

— E ela sabia que estava sem tempo. Que ela não poderia mais te enganar. — Kate interrompe.

— Sim. Ela não poderia ter seu pai sabendo sobre esse fracasso dela, então ela precisava de mim fora do quadro. — Com um suspiro, esfrego a mão pelo rosto, o cansaço se instalando em reviver isso. — Finalmente, ela jogou o tubo de lado e atirou em mim novamente no ombro.

— Eu estava praticamente engasgando com meu próprio sangue neste momento, então quando ela me disse que tinha ligado o lugar com explosivos e planejava detoná-los assim que ela partisse, eu não tinha certeza se tinha vontade de tentar sair de lá.

Meus olhos perdem o foco quando me lembro do medo e do desamparo.

A dor agonizante.

— Ela me deixou lá para morrer. Baleado e sangrando, espancado até o inferno depois de vê-la assassinar minha noiva.

Eu amasso meus lábios juntos contra a dor da emoção que me invade.

— Para minha sorte, ela não era tão habilidosa em lidar com explosivos quanto seu pai e sua equipe. Não sei como fiz isso, mas, de alguma forma, consegui usar minhas pernas para me empurrar até a porta e passar pela soleira no momento em que um dos detonadores disparou.

— Felizmente, aquele primeiro não disparou corretamente, e eu rastejei o mais longe possível do armazém, ainda algemado à cadeira de metal dobrável. Muitas coisas estavam confusas, mas consegui pegar meu celular. Estou surpreso que ainda funcionou desde que eu sangrei sobre ele, mas eu liguei para o meu amigo Warren, que trabalhava no escritório comigo. Ele tinha sido o único que não tinha pensado que eu estava louco quando eu disse que estava recebendo uma vibração estranha sobre ela. Ele me disse que eu deveria investigar um pouco mais.

Ela me encara surpresa.

— *Detetive Warren?*

— Sim. Se não fosse por ele me pegar quando o fez, eu teria

morrido. Ele já havia recebido uma ligação no caminho, alertando-o para ficar de olho. Evidentemente, o FBI tinha sido avisado de que eu havia perdido o controle, aparentemente incapaz de lidar com o estresse do meu trabalho, e eu matei Kayla antes de me matar. Eles ainda não tinham uma localização.

Em uma tentativa de sufocar minhas emoções crescentes, limpo minha garganta.

— Eu sabia que parecia ruim. Que eu parecia culpado, mas jurei a ele que não fui eu. Contei a ele o máximo que pude sobre o que aconteceu e quem Hayden realmente era. Como alguns dos meus dentes foram arrancados quando ela me bateu com aquele tubo, Warren percebeu que poderia ser evidência suficiente para parecer que eu morri. Ele de alguma forma conseguiu me arrastar para sua caminhonete e me ajudou a entrar em sua caçamba para que eu não deixasse manchas de sangue em seus assentos. Ele nos tirou daquele lugar antes que os últimos explosivos detonassem, e nós tivemos muita sorte desde que eles abalaram aquele lugar.

— Warren cobrou um grande favor que um cara devia a ele. Um velho informante que tinha sido um dos médicos de plantão para alguns figurões da máfia. Ele fez uma cirurgia de emergência e me remendou. — Eu pressiono uma mão sobre a velha ferida no meu estômago, há muito tempo curada.

— Warren me ajudou a sair de área e transferir meu fundo fiduciário onde não podia ser facilmente rastreado. Então eu usei esse dinheiro para assumir uma nova identidade. Fiz uma cirurgia plástica para fazer algumas mudanças para que eu não fosse tão facilmente reconhecível e comecei a usar lentes de contato de cor escura.

Esmago os lábios com a memória.

— Foi assim que Andrew McNair morreu e foi desonrosamente removido do FBI. — Minha mandíbula treme e a fúria inunda minhas veias. — Eles me incriminaram pelo assassinato de minha noiva e filho ainda não nascido, e ninguém respondeu por mim. Exceto por Warren, e em um piscar de olhos, a agência citou algumas besteiras sobre cortes orçamentários e o expulsou de lá.

— Fiquei de olho em Warren, e quando eu vi que ele tinha se candidatado em alguns trabalhos em vários distritos policiais, eu fiz um pouco — um sorriso sem humor puxa nos cantos dos meus lábios — se limpeza, se preferir.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Você mexeu em alguma coisa na inscrição dele para as delegacias?

— Não. Ajustei algumas das outras aplicações. Fez com que parecessem contratações potenciais menos desejáveis em comparação com ele. — Dou de ombros. — Era o mínimo que eu podia fazer.

Traço meu polegar ao longo do tecido grosso do edredom que cobre seus pés.

— Quando fiquei curado, eu estava determinado a voltar para provar minha inocência. Mas quando vi as pessoas para quem trabalhei, e com quem, desistir de sua integridade e moral por causa da ganância e fechar os olhos para tudo o que a Máfia Dixie fez, mudei meus planos.

— Eu sabia que, para vencê-los em seu próprio jogo, eu tinha que me tornar um deles. Me tornar alguém temido entre os monstros mais terríveis lá fora. Eu sabia isso acabaria me levando a ele, uma vez que eu tivesse um bom currículo.

— Então, eu tenho aceitado contratos, eliminando parte da escória deste mundo em nome de alguns caras bons, alguns questionáveis e alguns realmente ruins. Mas cada passo me levou mais perto deles. Cada morte bem-sucedida me conectou com mais pessoas conhecedoras da Máfia Dixie.

— Eu tenho esperado meu tempo, sabendo que não poderia deixar meu passado ou minhas emoções se sobreporem ao que eu preciso fazer. Que eu preciso planejar de forma metódica e cuidadosa.

— Eu seguro o olhar dela. — Até que este trabalho caiu no meu colo.

— E eles pediram que você descobrisse quem era o responsável pelos ataques — ela fornece.

— Sim. — Eu a estudo. — Eu realmente pensei que você era apenas mais um leão tentando atormentar o rei e assumir como líder.

Seus lábios se achatam em uma expressão sombria.

— Não. Eu só quero me vingar dos idiotas que roubaram tudo de mim. — Raiva brilha em seus olhos. — Eu quero que eles morram assim como minha família.

— Então vamos garantir que isso aconteça.

Kate

MAIS DE UMA SEMANA E MEIA DEPOIS

Nos dias seguintes à nossa conversa, houve uma mudança na forma como Hunter age ao meu redor. Claro, ele ainda anda tão furtivamente que muitas vezes não percebo que ele está perto até que ele de repente se materializa na minha frente ou está lá quando eu me viro, mas houve uma mudança notável na maneira como ele me trata.

Eu o peguei me observando enquanto faço meus abdominais habituais, ignorando seu olhar descontente e murmurando reclamações de que estou forçando meu corpo muito cedo. Eu sei que ele provavelmente percebeu a maneira como eu tentei controlar minhas feições através do ligeiro protesto que minhas contusões e ombros fizeram.

Foi o que ouvi esta manhã, durante o horrível horário das quatro da manhã que ele normalmente sai para correr. Através da porta rachada do quarto, sua voz foi silenciada enquanto ele falava com Kujo.

— Você vai correr com ela à noite, ok? — Kujo soltou um pequeno grunhido e me peguei imaginando mais uma vez o quanto aquele cachorro entende. Ele parece tão inteligente, possuindo mais de uma consciência aguda do que o canino médio. — Bom garoto! Porque temos que cuidar da nossa ga...

Hunter interrompeu abruptamente, mas era tarde demais. Não há nada que possa apagá-lo da minha memória.

Porque temos que cuidar da nossa garota.—

Meu coração se torceu enquanto uma torrente de saudade me engoliu, porque faz uma eternidade desde que eu era a garota de alguém.

Desde que outra pessoa tentou me proteger.

Minhas defesas começaram a desmoronar por causa deste homem.

Nunca pensei que me sentiria assim novamente, que eu poderia sentir qualquer coisa depois de perdê-los. Mas Hunter está fazendo o que eu considerava impossível; ele está nutrindo uma parte de mim que eu pensava estar morta.

Dói agarrar-me a esse sentimento com súbito desespero, porque no fundo do meu cérebro, dentro da minha alma, reconheço a singularidade dessa situação, de nossos mundos colidindo.

Um fio de esperança se desenrola dentro de mim e, por mais tênue que pareça, não posso ignorá-lo.

Quando a noite cai, e eu me preparo para minha habitual

corrida noturna, os olhos de Hunter rastreiam meus movimentos enquanto eu puxo o moletom preto com capuz.

— Se você está determinada a correr — ele interrompe, uma carranca severa manchando suas feições bonitas — mesmo que eu ainda ache que você deve ter calma, você precisa levar Kujo com você.

— Tá bom. — Isso é tudo que eu digo porque, honestamente, uma parte oculta de mim aprecia em como ele está tentando me proteger e ainda me conceder o que eu quero. Que ele entenda que não posso ficar sentada, especialmente com um ataque à Máfia Dixie no horizonte.

A descoberta do traço protetor de Hunter faz um calor florescer no meu peito. Depois que revelamos nossos horrores um ao outro, isso desbloqueou um desejo feroz que estava preso dentro de mim. Não posso negar a intensa conexão que sinto com ele. Muito mais do que qualquer coisa que senti com Deacon.

Talvez o universo esteja finalmente me dizendo que tudo bem, que eu mereço experimentar uma conexão profunda com alguém que suportou horrores que a maioria dos outros nunca poderia imaginar.

Hunter levanta a mão sobre a cabeça raspada, parecendo agitado, como se estivesse preocupado que algo pudesse acontecer comigo.

Um desejo avassalador de acalmar sua preocupação me bombardeia, levando-me a dizer.

— Eu vou ficar bem. — Meus olhos caem em Kujo, com o rabo balançando animadamente, antes de voltar para encontrar o olhar escuro de Hunter. — Ele vai cuidar bem de mim, tenho certeza.

Seus lábios se apertam como se fosse preciso uma força considerável para segurar o que quer que ele queira dizer. Estou morrendo de vontade de sentir seu toque, mesmo algo tão minúsculo como um roçar de seus dedos contra o meu. Mas ele não faz, e não posso deixar de me perguntar se talvez ele não me veja mais dessa maneira.

Talvez agora que ele sabe quem eu sou e o que tenho feito, a atração não exista mais.

Ao pensar nisso, uma parte de mim murcha por dentro, mas eu a sufoco.

— O quê? — O estrondo profundo de sua voz me fez endurecer, e franzo a testa em dúvida. Seu olhar é intenso, examinando enquanto ele me estuda. — O que foi esse olhar?

Pânico me invade.

— Que olhar? — pergunto com cautela.

— Você parecia desapontada com alguma coisa.

Merda. Desvio os olhos, olhando para a hora no meu relógio.

— Eu preciso ir.

— Diga-me. — É uma exigência, e não é incomum vindo desse homem, mas a maneira como sua voz fica rouca, com o que quase soa como uma estranha combinação de ansiedade e preocupação, e penso *‘que se dane’*.

Eu tento um tom sem compromisso e espero ter sucesso.

— Eu estava apenas... pensando em você não estar mais interessado em mim. Agora que tudo está — eu gesticulo vagamente entre nós — fora.

O silêncio paira entre nós, e é tão estranho e grosso que eu quase engasgo com ele. Virando abruptamente, eu corro para fora com.

— Vejo você daqui a pouco.

Forçando-me a caminhar calmamente até a porta, eu me repreendo por minha estupidez. Por tornar as coisas estranhas.

Ele tem ficado aqui, com a intenção de garantir que eu esteja me curando adequadamente, mas tenho certeza de que ele terá suas coisas arrumadas e prontas para ir quando eu voltar com Kujo.

Droga, a ideia de estar nesta casa sem os dois tem meu estômago balançando. Porque quer eu queira admitir ou não, vou sentir falta deles.

Sentirei falta dos grunhidos de desaprovação de Hunter quando passar pela minha calistenia habitual quando ele me der um olhar repreensivo sobre minhas tendências de coruja noturna. Como ele faz meu mingau de aveia com a quantidade exata de água que eu prefiro e como ele insiste em reaplicar a fita KT às minhas contusões, o que, para minha surpresa, ajudou muito.

Vou sentir falta do jeito que ele é tão cuidadoso em compartilhar a única cama da casa comigo, não querendo me cutucar acidentalmente de uma maneira que possa me causar desconforto. Ou que ele de alguma forma detectou que algumas tiras dos pimentões vermelhos que ele normalmente corta para um lanche haviam desaparecido dois dias seguidos depois que eu os peguei para mim, então agora ele corta dois pimentões inteiros e os coloca em uma tigela, e nós dois fingimos não perceber quando eu roubo alguns.

Principalmente, é quando estou presa no meio de um pesadelo, suor gelando meu corpo enquanto sou forçada a testemunhar o corpo de Willow deitado em uma poça de sangue, que ele me aproxima e me envolve no calor de seus braços. Sentirei falta dele me segurando com força com a batida constante de seu coração batendo sob minha bochecha.

Eu me pergunto se ele simplesmente se sente protetor comigo. Talvez, de uma forma indireta, ele esteja tentando cuidar de mim, prometendo me manter segura porque não foi capaz de salvar sua noiva.

Assim que minha mão toca a maçaneta da porta, ouço-o murmurar um palavão baixinho antes que sua voz gutural diga.

— Pare.

Congelando com o metal frio da maçaneta da porta sob a palma da minha mão, não me atrevo a me virar enquanto ele me persegue com passos quase silenciosos. Mesmo quando sinto o calor irradiando de seu corpo atrás de mim, permaneço em silêncio, esperando.

— Você acha que eu não estou interessado em você? — Com uma voz rouca, suas palavras soam como se estivessem sendo arrancadas de sua garganta sem sua permissão. — Que eu não estava morrendo de vontade de te tocar?

O braço dele corre em volta da minha cintura, trazendo minhas costas contra a frente dele, e *ohhh...*

É seguro dizer que uma certa parte dele definitivamente me quer. O comprimento de aço sob suas calças incita uma dor feroz entre minhas coxas. Ele leva a boca ao meu ouvido, roçando a carne sensível, e seu hálito quente provoca arrepios.

— Eu não quero te machucar. — Seus lábios percorrem minha pele a cada palavra. — Eu preciso que você se recupere. — Ele solta seu aperto em mim e se afasta. — Vai correr. Se cuida.

Respirando fundo, puxo a porta e a fecho atrás de Kujo e de mim. É uma luta para me forçar a percorrer alguns quilômetros e usar o tempo necessário para introspecção e pensamentos tempestuosos.

Porque quase todas as moléculas do meu corpo estão me pedindo para voltar e me atirar em Hunter.

CAPÍTULO 47

Hunter

— Absolutamente *não*! — Minhas palavras são forçadas entre dentes cerrados.

Kate me encara com um olhar escuro que faria o homem comum tremer nas botas.

— Eu não estava pedindo permissão.

Eu mordo o grupo de palavrões pairando na ponta da minha língua e belisco a ponte do meu nariz. *Foda*. É exatamente por isso que eu trabalho sozinho. Porque faço tudo sozinho.

— O mesmo. Aqui. — Suas palavras são cortadas e frias, alertando-me para o fato de que expressei meus pensamentos.

— Você ainda não está completamente recuperada, porra! — Eu aceno com a mão, gesticulando para englobar seu corpo. — Seu ombro ainda precisa provavelmente de mais uma semana ainda. — Quando me aproximo, nossos olhos se chocam. — E não me diga que suas costelas estão bem. — Agitado como o inferno, esfrego a mão na cabeça raspada.

Quando ela voltou de sua corrida parecendo corada e bonita, eu lutei contra o desejo de pressioná-la contra aquela maldita porta e provar seus lábios. Meu pau passou de zero para cem em três segundos com a ideia.

Então ela abriu a boca e me contou seus planos para o golpe, e meu pau quase encolheu com a ideia de ela se colocar em perigo mais uma vez.

— Estou bem. — Sua voz mantém uma borda dura.

— Minha bunda que você vai! — A raiva me inunda como uma chuva torrencial. — Você está tentando se matar?

Seu rosto fica tempestuoso, a voz enfurecida enquanto aumenta vários decibéis.

— Esse é o maldito ponto! Uma vez que isso estiver feito, é isso! Estou acabada! Não adianta mais nada. Não é como se eu pudesse começar uma nova vida, como se eu quisesse! Minha família está morta, Hunter! Eu não tenho mais nada. — Sua voz se quebra, e eu observo como ela parece murchar diante dos meus olhos.

— Qual é o sentido de viver sem eles? — Ela olha para as mãos. — Sem segurar a mão da minha filha nunca mais. Ou abraçando-a com força. — Quando ela levanta os olhos para os meus, eles ficam vítreos enquanto as lágrimas ameaçam transbordar. — Eu nunca vou ouvi-la dizer que me ama.

Eu toco seu rosto suavemente, desejando que ela me ouvisse.

— Eles estão mortos, Kate, mas você não. Você não entende?

Você ainda pode seguir em frente depois disso.

Olhos castanhos claros, livres do disfarce de suas de contatos coloridos, um pedido anterior meu, procuram os meus.

— Com quem?

Cada molécula do meu ser me implora para dizer, Comigo.

Mas eu não sei. Não posso porque estou muito arraigado nesta vida.

Mas ela não está. Ela ainda tem a chance de começar de novo depois disso.

Descanso minha testa na dela e fecho meus olhos, lutando contra a onda de emoção e a maneira como estou hiperconsciente de tudo sobre ela. O quanto estou morrendo de vontade de beijá-la de novo.

Que meus lábios anseiam por traçar aquela tatuagem ao longo do pescoço e ombro dela.

Que eu simplesmente anseio por ela.

— Você precisa se curar primeiro. — Meu sussurro rouco é mais um apelo do que uma ordem, o que é uma novidade para mim.

Sua teimosia nunca termina, rivalizando com a minha.

— Estou recuperada o suficiente.

Lentamente, levanto a cabeça e me inclino para trás, esperando que aqueles olhos castanhos se levantem para os meus.

— Então prove.

Não dou nenhum aviso a ela quando golpeio com um *uppercut*, mas ela desvia e se vira, dirigindo o cotovelo em direção ao centro do meu peito. Nós lutamos e lutamos, mas ainda tenho cuidado para não bater no ombro recém-curado dela.

Ela é uma visão maldita para ver agora, seu rabo de cavalo arremessando a cada movimento, seu corpo elegante envolto em calças de corrida que são disformes, mas não podem disfarçar essa bunda que eu estou ansioso para colocar minhas mãos mais uma vez. Seu sutiã esportivo simples por baixo de um moletom me irrita porque eles cobrem o que eu quero ver mais.

Eu avanço, e ela é rápida, mas não tão rápida quanto precisa ser. Especialmente se ela planeja acabar com a porra do chefe da Máfia Dixie e o segundo em comando.

Quando eu a surpreendo prendendo-a contra a parede, eu suavizo meu toque.

— Você desiste? — Nossos rostos estão apenas um centímetro de distância.

A julgar pela forma como seu peito se levanta e sua falta de estremecimento ou dor amarrando suas feições, eu tomo isso como um bom sinal de que suas costelas realmente estão melhores. Ela olha teimosamente para mim.

— Não.

Aproximando-me, mergulho a cabeça para passar meus lábios na pele lisa de sua bochecha, deleitando-me com sua respiração aguda.

— Tem certeza disso?

Não tenho o direito de fazer isso. Na verdade, não falamos sobre o que aconteceu na minha casa, mas nunca se desviou da vanguarda da minha mente. Tudo o que sei é que tocá-la, mesmo da maneira mais mínima, me faz sentir como imagino que um viciado se sente quando toma uma dose.

Eu segurei sua mão, alisei seu cabelo e mudei a bandagem em seu ombro, mas nada mais. Ela está se recuperando, e não vou me forçar a ela.

Meu pau endurece tanto que temo que logo mostre a marca do meu zíper. Ela amplia a postura, abrindo as pernas, me encorajando a pressionar contra ela. Seus dedos deslizam por baixo do cós da minha calça, e ela me puxa ainda mais perto.

Ela vira a cabeça, os lábios roçando meu queixo.

— Me toque, Hunter. — Quando ela sussurra — Por favor — não consigo conter um gemido. Kate belisca minha mandíbula e meus quadris balançam reflexivamente contra ela.

— Eu estava desejando que você me tocasse. — Sua voz soa baixa, e eu odeio a hesitação nela, como se ela não tivesse certeza se eu quero.

— Você está se curando. — Falo contra a pele dela, dando beijos leves ao lado do pescoço. Quando puxo a gola do moletom dela para afastar minha língua para provar a borda de sua tatuagem, seus dedos apertam minha cintura e ela arqueia em meu toque.

Ela sibila.

— Não se segure — antes de beliscar meu queixo.

— Eu não quero machucar... — Ela me pega desprevenido, empurrando contra mim para mudar nossas posições, e pressiona minhas costas contra a parede. Sua boca se funde com a minha, e um gemido ressoa no fundo de mim com o contato. Eu sou um homem faminto, devorando-a, incapaz de obter o suficiente.

Isto não é só um beijo. É o tipo perigoso que arruína uma pessoa. Um que é devastador. Um que tem meu coração batendo no centro do meu peito, como se estivesse desesperado para chamar minha atenção e me dizer algo.

Kate pressiona seu corpo contra o meu como se não conseguisse se aproximar o suficiente, e o contato envia um estremecimento através de mim. Eu apalpo a parte de trás de sua cabeça e coloco minha outra mão sobre sua bunda, incitando-a a balançar contra mim.

Agarrando um punhado da minha camisa, ela a desabotoa

grosseiramente, depois mergulha sob o tecido e desliza meu abdômen com as palmas das mãos. Meus músculos do estômago se contraem com o toque dela, e quando ela abruptamente interrompe o beijo e se afasta, eu estaria mentindo descaradamente se eu dissesse que não me inclinei em direção a ela, perseguindo o que meu corpo quer a cada último suspiro.

Seus olhos brilham com calor enquanto percorrem meu corpo, persistindo na minha virilha, onde estou ostentando uma enorme ereção.

Ela se afasta em direção ao quarto, os olhos nunca deixando dos meus. Um leve rubor floresce ao longo de suas maçãs do rosto como se ela estivesse lutando com nervosismo.

Com a garganta dolorosamente apertada, meu cérebro me diz para memorizar este momento. Para enraizar a imagem da época, uma mulher com inúmeras cicatrizes de batalha, visíveis e invisíveis, se abriu para alguém como eu.

Um homem que não passa de um assassino.

Minha voz fica rouca quando ordeno.

— Vá tomar banho. — Segurando seu olhar, acrescento baixinho. — Esperarei por você.

CAPÍTULO 48

Kate

Hunter tem muito mais autocontrole do que eu jamais poderia.

De banho tomado, com a toalha enrolada ao meu redor e meu cabelo úmido e penteado escorrendo pelas minhas costas, paro na porta do quarto para estudar Hunter. Ele está sentado à mesa, concentrando-se no laptop à sua frente com fones de ouvido no lugar enquanto monitora qualquer conversa que os *bugs* ativados por voz que eu plantei possam ter detectado. Atormentado com vincos profundos entre as sobrancelhas, ele olha para a tela do laptop.

Indo até a cômoda, agarro a alça da gaveta superior e a abro para pegar um par de roupas íntimas.

Antes que eu consiga pegar uma calcinha, Hunter surge de repente na porta do quarto.

Eu mal resisto ao desejo de me mexer enquanto seus olhos percorrem meu rosto. Seu olhar permanece brevemente no meu ombro recém-recuperado, depois passa por cima da minha tatuagem antes que ele se aproxime de mim. Cada passo subsequente envia uma dose de adrenalina disparando através de mim, e minha respiração se aloja no meu peito em antecipação.

Passando por mim, ele fecha a gaveta antes de colocar as mãos na minha cintura. Ele me guia para trás, mas quando a parte de trás dos meus joelhos bate na cama, eu congelo, de repente atormentada pela incerteza.

Pode ser estúpido, mas isso é muito diferente do que antes.

Agora, ele sabe quem eu sou. Ele sabe o que me fez assim.

Que não sou mais apenas uma mulher aleatória que ele conheceu em um bar... aquela que não tem um passado cheio de morte e engano.

Não só isso, mas eu o vejo de forma diferente agora também. Ele não é mais um estranho tão intensamente perigoso e intrigante. Como eu, ele experimentou a dor transformadora que a perda e a traição tão barbaramente proporcionaram.

Hunter acaricia minha mandíbula, as pontas de seus dedos calejados roçando minha pele de uma maneira que causa deliciosos arrepios. Olhos brilhando com algo que não consigo decifrar, seu olhar me mantém cativa enquanto ele abaixa a boca para capturar a minha. O beijo é devastadoramente quente e terno, me enredando ainda mais em uma tênue teia de desejo, e eu agarro sua camisa, apertando o material enquanto arqueio nele.

Arremesso minha língua contra seus lábios, implorando para que ele aprofunde o beijo, e ele concorda. Enquanto nossas línguas se

encontram, um raio de luxúria ricocheteia pelo meu corpo, provocando uma onda de umidade entre minhas coxas. Com um frenesi de necessidade, puxo sua camisa, empurrando-a para cima para colocar minhas mãos em sua pele nua. Ele se mexe, interrompendo o beijo para estender a mão e agarrar a parte de trás do colarinho, tirando-o apressadamente sobre a cabeça.

Quando eu passo meus dedos ao longo das ranhuras de seus abdômen plano, ele respira fundo, o olhar ardendo de luxúria. Aqueles olhos escuros me empalam, segurando um anseio intenso que faz meu batimento cardíaco fraquejar.

Suas mãos grandes seguram o topo da minha toalha, seus dedos cutucam a borda que eu coloquei para dentro, e ele a solta com uma lentidão agonizante. Quando cai no chão, seus olhos flutuam sobre minha carne exposta como se meu corpo fosse uma visão hipnotizante.

Com as narinas ligeiramente dilatadas, seus olhos seguram um traço de algo indecifrável enquanto eles percorrem ao longo da velha ferida de faca e deslizam sobre meus outros hematomas. Meus dedos se contraem com o desejo de me cobrir, mas seu olhar fica mais quente, mais derretido.

Em vez de me desanimar com minhas inúmeras imperfeições, isso me encoraja.

Este homem me trata como se eu fosse um artefato inestimável e frágil, seu toque tão gentil e carinhoso. Mãos que tiraram incontáveis vidas – muito mais do que eu poderia imaginar – me toca com uma reverência de tirar o fôlego. Olhos que podem parecer tão frios e sem emoção agora brilham com algo quente e possessivo quando eu pressiono meu peito nu contra o dele.

A palma da mão dele agarra a parte de trás da minha cabeça, os dedos passando pelos meus cabelos, para guiar minha boca até a dele. Nossos lábios colidem em um beijo que mantém um tom de desespero, duro e insistente, com um gosto profundo.

Eu puxo impacientemente suas calças, e ele rapidamente assume o controle, arrancando a boca da minha e provocando um gemido de mim com a perda de contato. Uma vez que ele está nu, ele solta um assobio baixo quando eu alcanço seu pau onde ele se projeta entre nós, tão grosso e duro, a fenda na cabeça alargada chorando com uma gota de umidade.

A necessidade desesperada de prová-lo me assalta. Quando envolvo meus dedos em torno de seu comprimento rígido, acariciando a pele lisa aveludada sob minha palma, ele solta um gemido baixo, segurando a parte de trás da minha cabeça antes que sua boca caia na minha. Seu beijo me incinera por dentro, fazendo com que um estremecimento de excitação percorra toda a extensão da minha espinha.

Com terna consideração, ele se afasta e cuidadosamente me guia para a cama. Seus olhos brilham com preocupação e do que um profundo recesso do meu coração acha que pode ser afeto. Mas agora, não quero que ele me trate com cuidado. Eu quero tudo dele. Agora que revelamos nosso passado, não quero que nada se interponha entre nós.

Eu seguro o lado do rosto dele enquanto ele se inclina sobre mim, apoiado em seus antebraços. Ele se inclina para o meu toque instintivamente, ao que parece, antes de congelar. É como se ele estivesse tão condicionado a não ceder a nada relacionado a emoções ou conexões pessoais.

Nossos olhos colidem.

— Eu quero você — sussurro.

Espero desesperadamente que ele entenda o que não estou dizendo. Que eu o quero, *tudo dele*. As partes dele que são O Caçador e qualquer outra que possa restar de Andrew. Não quero que ele se esconda de mim, e não quero sentir a necessidade de me esconder dele. Com cada grama do meu ser, anseio ser a única pessoa com quem ele se desapegar. Que ele confie em mim para mantê-lo seguro.

De alguma forma, esse homem entrou em mim para agarrar algo que eu achava que estava morto há muito tempo.

O que quer que seja dentro de mim que anseia por ele, é algo que eu não posso ignorar. Quando estou com ele e ele me toca, eu incendeio como nunca antes.

Ele vira a cabeça para pressionar os lábios no centro da minha palma em um beijo leve antes de beliscar suavemente a ponta de um dedo. Então ele o puxa para a boca, sugando com força antes de soltá-lo com um leve estalo. Inclinando-se, seu hálito quente me lava enquanto ele murmura.

— Eu preciso de você.

Suas palavras contém uma ponta de desespero e fome flagrante, e elas se enrolam ao meu redor, agindo como uma camada escaldante de calor, proporcionando alívio depois de ficarem presas no frio amargo. Quando ele afasta alguns fios de cabelo perdidos do meu rosto com tanta ternura, seus olhos traçam o movimento como se o memorizassem, algo perigoso se contorce dentro de mim.

— Então me pegue — sussurro entrecortada, mal conseguindo pronunciar as palavras antes que sua boca capture a minha. Tão rápido quanto começa, ele desacelera com a mesma rapidez. O beijo fica mais lânguido, como se ele tivesse todo o tempo do mundo para beliscar meus lábios em um ritmo preguiçoso.

Cada gosto, cada golpe de sua língua, cada deslizamento de seus lábios nos meus sinto como se meu peito se abrisse ainda mais, revelando-se a ele. Simultaneamente, sinto como se, pedaço por

pedaço, ele estivesse se expondo e permitindo que eu o visse todo.

Sofremos uma traição amarga que deixou as cicatrizes mais profundas incrustadas em nossa carne e nossos corações transformados em cinzas. Mas quando nos reunimos assim, nos transformamos em fogo fundido.

Juntos nos tornamos algo perigoso, mas atraente.

Algo tão quente que você não se atreve a tocá-lo com medo de incineração.

Ele arranca os lábios dos meus e envolve os dedos ao redor da base de seu eixo grosso. Guiando a cabeça contundente até minha entrada, ele a arrasta pelas minhas dobras molhadas, cutucando meu clitóris sensível.

Olhos escuros se erguem brevemente antes de retornar à visão erótica entre nós.

— *Foda*, Kate. — Sua voz é rouca, grave. — Adoro como você está molhando meu pau.

Eu gemo enquanto uma excitação ardente percorre minhas veias.

Ele traça outro caminho através das minhas dobras escorregadias com a ponta de sua excitação espessa, acumulando mais umidade e deixando seu pau brilhante.

Sua mandíbula aperta, suas narinas dilatam, uma voz rouca que dança sobre minha pele, eletrizando cada parte de mim.

— Não consigo o suficiente, porra. — A luxúria cneessitada me mata, e eu me arqueio contra ele, minhas coxas se espalhando mais em um apelo silencioso. Os olhos dele se voltam para os meus. — Você me quer dentro de você?

— Por favor. — Não me importo que estou implorando ou que eu pareça desesperada como o inferno.

Mantendo meu olhar cativo, ele lentamente pressiona dentro de mim, centímetro por centímetro delicioso. Com os antebraços apoiados acima de mim, ele penetra mais fundo. Eu agarro os músculos firmes de suas costas que se transformam em granito quando ele enterra seu pau dentro de mim, profundamente.

— *Foda* — Seu som gutural tem todas as terminações nervosas de meu corpo crivado de desejo. — Observe-nos — ele comanda, puxando para fora de mim, e seu pau brilha, revestido com minha umidade escorregadia. — Veja-me afundar dentro daquela linda boceta.

Paralisada, não consigo tirar os olhos da visão enquanto ele desliza de volta para dentro com lentidão dolorosa. Quando eu balanço meus quadris, seus olhos se fecham como se ele estivesse com dor, e um músculo se contrai em sua mandíbula. Meus músculos internos se contraem reflexivamente, e seus olhos se abrem, me

queimando com o calor.

Ele arrasta o pau quase todo para fora, sua voz é rouca, carregada de luxúria.

— Você está tão molhada.

Com um impulso poderoso, ele se enterra mais uma vez e encaixa a boca na minha, devastando-a, sua língua procurando a minha.

Um som áspero ressoa no fundo de sua garganta quando nossas línguas se emaranham, enviando prazer cintilante através de mim.

Minha fome por ele aumenta cada vez mais, e meus movimentos se tornam desesperados e frenéticos à medida que a pura necessidade assume o controle. Eu tento incentivá-lo, abrindo minhas coxas e balançando meus quadris, mas ele mantém o controle.

Cada terminação nervosa no meu corpo grita por mais... para ele perder o controle e empurrar descontroladamente, mas ele não faz.

Em vez disso, ele interrompe o beijo e entra e sai em movimentos suaves e constantes, seus olhos nunca se desviando de mim. Eles vagam sobre minhas feições, procurando, mas não tenho certeza do que eles procuram.

O que eu sei é que, com cada deslizamento profundo de seu pau, Hunter não está simplesmente me fodendo.

Ele está me arruinando.

Ele está tomando e dando até que eu seja incapaz de decifrar quais partes são minhas e quais são dele. Onde está a separação. Quem pertence a quem.

Seu toque me marca notavelmente diferente de antes, porque tem uma qualidade de ternura que me torna indefesa. E eu sei, em um instante, que nunca mais serei a mesma. Este é o nosso corpo se unindo com uma compreensão mais profunda, com compaixão, transbordando de esperança ao encontrar alguém que está igualmente marcado e ferido.

Meu corpo se funde com o dele como se fosse para ser; como se fôssemos duas metades finalmente se reunindo para nos tornarmos uma. Seus bíceps flexionam a cada impulso, mergulhando profundamente dentro de mim. Seu toque me afeta até a medula dos meus ossos enquanto minha mente, alma e coração clamam simultaneamente por mais.

Quando ele coloca a mão entre nós para aplicar a quantidade perfeita de pressão no meu clitóris, isso me faz contorcer. Meus mamilos roçam seu peito duro, não consigo conter um suspiro agudo com a sensação. Ele dá um leve beslício no meu clitóris sensível antes de puxá-lo. Meu orgasmo passa por mim, meus músculos internos espasmando em torno de seu comprimento rígido. Só então seus impulsos se tornam mais selvagens, mais desenfreados.

Com a respiração saindo rápida e áspera, ele dá mais três estocadas profundas antes que todo o seu corpo fique tenso. Enterrando seu rosto no meu pescoço enquanto tremores poderosos o alcançam, ele me enche de sua libertação.

Um arrepio sacode seu corpo, e quando ele lentamente levanta a cabeça para olhar para mim, seus olhos brilham com algo que eu não consigo decifrar. É como se estivéssemos nos expondo um ao outro, crus e vulneráveis, e a emoção mantida nas profundezas de seu olhar é abrangente.

Anseio pelo poder de congelar este momento e me permitir memorizar cada nuance, a maneira como sua expressão difere de sua expressão normalmente fechada, fria e sem emoção. Embora ele possa não estar me oferecendo uma visão livre, este é um vislumbre. Isso me permite ver uma pitada de emoção cuidadosamente escondida atrás da máscara habitual que ele usa. Embora seja uma vista fugaz, vou apreciá-lo como o presente inestimável que é.

Seu toque revela algo que eu não sabia ou suspeitava: um abismo enterrado no fundo de mim que estava à espreita, esperando desesperadamente ser descoberto. Esperando ser nutrido.

Entendido.

Eu nunca poderia esperar que o único homem para amenizar isso seria ele.

O Caçador.

CAPÍTULO 49

Hunter

Já se passaram anos desde que tive uma mulher enrolada contra mim na cama assim. Ter o corpo de Kate pressionado para o meu lado, meu braço apertando-a contra mim, e a palma de sua mão descansando sobre o topo do meu peito parece muito perfeito.

Ela me intriga como nenhuma outra. Eu me vejo querendo saber tudo o que posso sobre ela, e não simplesmente o que pode ser encontrado nos relatórios policiais.

É por isso que eu acabo perguntando.

— Como ela era? A sua filha.

Seu corpo enrijece antes de expirar lentamente. Ela relaxa uma fração, como se ela estivesse disposta a isso. A mão que ela tem no meu peito se move e ela começa a traçar um padrão aleatório ao longo da minha pele.

— Willow era... — Ela faz uma pausa antes de terminar — Um fogo de artifício e uma alma velha, tudo em um — O carinho em sua voz é palpável. — Ela podia ser teimosa como o inferno, mas era uma criança tão atenciosa e gentil. Ela dizia às pessoas no supermercado *‘Tenha um ótimo dia!’* quando estávamos empurrando nosso carrinho de compras. Então ela sussurrava: *‘Mamãe, eu fiz o dia daquela senhora porque ela parecia triste até que eu sorri para ela e disse para ter um ótimo dia.’*

— E ela tinha apenas seis anos? — Há um aperto estranho no meu peito.

— Sim, ela era outra coisa. Tão astuta. Adorava nos fazer rir. — Há uma mudança em seu tom, e sua voz soa como se estivesse sendo forçada a sair. — Ela sempre foi carinhosa e adorava se aconchegar.

Kate fica em silêncio, e se eu achasse que meu peito estava apertado um momento atrás, não é nada comparado a como ela se sente quando diz.

— Às vezes eu acho que ela teria vergonha de mim agora. Se ela pudesse ver o que eu me tornei.

— Não. — Com um dedo sob o queixo, inclino seu rosto para cima, esperando que ela encontre meus olhos. — Ela ficaria surpresa com o quanto você se sacrificou por ela. Em sua memória. Ela veria o quão corajosa você é. — Eu afasto o cabelo dela do rosto, silenciosamente desejando que ela acreditasse nas minhas palavras. — Quão forte você é.

— Acha mesmo?

— Sim.

Seus olhos examinam meu rosto brevemente antes que ela

pressione um único beijo no meu peito, depois recua com a bochecha apoiada em mim.

— Se você tivesse a chance de começar de novo depois disso, para onde você iria?

As pontas de seus dedos percorrem um caminho ao longo de várias cicatrizes e velhas feridas, e ela cantarola pensativa.

— Sempre quis ir para a Costa Rica. Ter um lugarzinho na praia. Nada extravagante... apenas longe da maior parte dos turistas. Algum lugar tão quente que eu nunca sentiria frio novamente.

— Parece perfeito — murmuro.

— Sim — ela concorda suavemente.

Olhando para ela, a maneira como seus cabelos se espalha ao longo do meu ombro, pergunto hesitantemente.

— Como você e Deacon se conheceram?

Deslocando-se ligeiramente, ela descansa o queixo na mão apoiada no meu peito.

— Deacon e eu estudamos juntos, mas nunca estivemos nos mesmos círculos. Ele estava sempre no lado mais calmo, ainda mais quando estávamos no ensino médio. Ele tinha muito mais coisas para fazer do que um aluno comum quando sua mãe morreu durante nosso último ano do ensino médio. Ela era mãe solteira, e ele fazia malabarismos com o trabalho e a escola quando o resto de nós ia aos jogos de futebol nas noites de sexta-feira ou ao cinema.

— Ele foi para a faculdade comunitária depois disso, e eu fui para o estado dos Apalaches. Papai contratou Deacon na loja porque os negócios haviam aumentado consideravelmente. Mas quando mamãe morreu — Ela para abruptamente, soltando um suspiro lento. — Pegou todos nós de surpresa.

— Como ela morreu?

— Ela teve um aneurisma um mês antes da minha formatura na faculdade. Papai a encontrou desmaiada na cozinha.

Eu aumento meu aperto nela.

— Sinto muito.

— Eu tinha algumas ofertas de emprego diferentes, mas sabia que não podia deixar o papai sozinho. Ele ficou arrasado. Então, cheguei em casa e comecei a trabalhar na loja.

— E você e Deacon se reconectaram. — Eu forneço gentilmente.

— Sim. As coisas meio que se encaixaram. Ele foi uma surpresa que eu não esperava, mas nós simplesmente nos demos bem. Ele me ajudou a voltar à vida depois que mamãe faleceu. Me fez sorrir de novo. — Seus lábios se contorcem em um sorriso tingido de tristeza. — A próxima coisa que eu soube foi que pisquei e nós nos casamos e tivemos um bebê no caminho.

Passando meu polegar em seu lábio inferior, gostaria que sua boca se curvasse em um sorriso. Que a nuvem de tristeza pairando sobre esta bela mulher diminuísse.

— Ele era um homem de sorte.

Sinto sua necessidade de mudar de assunto antes que ela se levante e encaixe a boca na minha. Então seus lábios deslizam ao longo do meu queixo e descem pelo lado do meu pescoço logo abaixo do meu lóbulo da orelha. Ela belisca a pele ali, e eu estremeço em resposta, meu corpo instintivamente se contorcendo antes de travar meus músculos com força.

Sua cabeça se ergue de surpresa.

— Você sente cócegas?

Eu tento educar minhas feições.

— Não.

Um sorriso lento se espalha por seu rosto, e toda a minha respiração se aloja no meu peito com a visão.

Porque, porra, ela fica ainda mais bonita quando sorri.

— Você sente.

A maldade ilumina seus olhos antes que ela coloque outro beijo no mesmo local, e um som desconhecido irrompe do fundo de mim. Parece enferrujado, e eu percebo que é uma pequena risada. Uma de verdade.

Ela dá pequenos beijos nos cantos da minha boca e, quando os encontra ligeiramente curvados, fica imediatamente imóvel, recuando ligeiramente.

— Você está sorrindo — ela sussurra, olhando para mim com uma expressão de admiração. Um de seus dedos traça meus lábios, hesitando no lado direito. — Seu sorriso está um pouco torto aqui. — Sua boca se estende mais, e seus olhos se iluminam no que só pode ser descrito como alegria. — É perfeito.

Enrolo meus dedos em seu cabelo, guiando sua boca até a minha para um beijo rápido.

— Você também. — Passando a palma da mão sobre seu quadril, eu agarro sua bunda.

— Você está planejando ter sorte novamente, hein?

— Talvez. — Eu sorrio para sua respiração aguda quando meus dedos mergulham entre suas coxas e traçam o vinco de sua entrada. — Você está pronta para isso?

— Eu posso estar — ela responde sem fôlego, os mamilos apertando meu peito enquanto eu afundo duas pontas dos dedos dentro de seu calor úmido.

— Hmm. — Eu a guio de volta, observando o aperto dos mamilos, como se estivesse em antecipação. — Eu preciso fazer um pequeno desvio primeiro.

Colocando-me entre suas coxas, eu apoio meus antebraços em cada lado dela antes de abaixar minha boca para capturar um mamilo rosa perfeito na minha boca. Ela sibila meu nome, seu corpo arqueando instintivamente, e uma intensa onda de luxúria percorre minhas veias.

Brinco com o bico apertado, provocando-o com movimentos da minha língua antes de sugá-lo com força. Mudando para prestar a mesma homenagem ao outro, continuo até que eles fiquem brilhantes e rosados da minha boca.

Deslizando pelo corpo dela, abaixo a cabeça e dou um beijo de boca aberta em sua boceta. Eu uso meus polegares para espalhar seus lábios externos para mostrar melhor seu clitóris inchado. Encaixando minha boca em torno dele, eu chupo suavemente e intermitentemente e movo com minha língua.

— *Hunter.*

A necessidade urgente em seu gemido faz meu pau quase abrir um buraco no maldito colchão. Suas mãos se agarram aos lençóis enquanto ela pressiona sua boceta insistentemente contra minha boca.

Eu enfio dois dedos dentro do calor úmido dela, e quando seus músculos internos se contraem ao redor deles, eu quase perco a cabeça. Não consigo conter um gemido enquanto chupo e lemo seu clitóris com ferocidade. Isso a faz gozar, seu corpo ficando tenso antes que ela espasme em volta dos meus dedos, uma onda de umidade os cobrindo.

Uma vez que seus tremores diminuem, eu gentilmente retiro meus dedos dela e os chupo, meus olhos se fechando enquanto aprecio seu gosto.

Foda.

Não tenho certeza se vou me cansar dessa mulher.

— Vem cá. — Sua voz rouca me fez subir e encaixar minha boca na dela em um beijo firme. Ela estende a mão entre nós para enrolar os dedos no meu comprimento. — Preciso de você.

Eu preciso de você, também.

O sentimento me assusta, então eu o empurro para o lado, enterrando-o profundamente enquanto me afundo e me perco em seu corpo apertado.

Meus impulsos crescem mais rápido, mais urgentes. Olhando para Kate, para o brilho do suor cobrindo seu corpo lindo e a sugestão de um sorriso sexy puxando seus lábios, sei que terei essa imagem dela neste momento gravada em minha memória nos próximos anos.

CAPÍTULO 50

Kate

PLANEJAMENTO FINAL

— Ainda não está confiante?

Hunter me estuda e, embora o fato de me conhecer bem o suficiente para detectar o meu desconforto e decepção envie uma emoção correndo através de mim, eu também odeio o que estou prestes a admitir.

— Não. — A frustração se instala profundamente em mim enquanto me resigno ao fato de que não poderei usar meu arco e flechas. — Meu ombro ainda não está bom, e eu simplesmente não posso arriscar.

Expirando lentamente, estudo as armas meticulosamente colocadas na mesa da sala de jantar. Garantimos que tudo está em ordem.

— Vou precisar carregar mais munição para minhas armas. — Então eu o olho com um olhar aguçado. — Prometa-me que você não vai interferir.

— Estou nisso para encontrar Hayden. É isso. Todos os outros são seus.

Um breve indício de conflito cintila em seu rosto, mas rapidamente desaparece antes que ele passe a mão pela mandíbula. Eu entendo a luta dele. Ele nunca teve nada parecido com um parceiro em uma luta como esta. Ele faz isso sozinho desde o dia em que se tornou O Caçador.

Também não me escapa que ele não me respondeu a minha pergunta diretamente, mas suponho que seja o melhor que vou conseguir dele.

Analisamos o plano e aponto para o esboço do armazém, batendo com o dedo em uma das saídas traseiras.

— Eu vou passar por lá. Será uma vantagem para mim que eles estejam realizando uma pequena reunião e não planejam ter muitos homens guardando o lugar. Além disso, Cash estará lá.

Pegamos essa informação útil através dos *bugs* que eu plantei. É evidente que eles querem o menor número de olhos ao redor para testemunhar o segundo em comando fazendo sua entrada.

— Estou esperando apenas cerca de uma dúzia de homens na melhor das hipóteses, mas vou planejar mais, por segurança.

Hunter assente.

— Eles estarão em alerta por causa de seus outros ataques, mas também há uma chance de que sejam descuidados, já que você está escondida. Você não pode contar com isso, mas seria útil. — Ele

entrelaça os dedos no topo da cabeça, olhando para as especificações do armazém com uma carranca severa. — Ainda não tenho um bom pressentimento sobre esse segundo em comando indo para lá.

Inquieta-me também, mas não podemos nos dar ao luxo de pensar nisso, então eu sigo em frente.

— Assim que eu desativar as câmeras de vigilância e passar por seus asseclas, vou encontrar os dois homens.

— Você quer que eu conte a Warren tudo isso?

Eu levanto meu olhar para o dele.

— Não. Acho que ele vai entender tudo depois... — Não consigo expressar as palavras restantes e as deixo no ar.

Acho que ele vai perceber tudo depois que acabar.

Quando Warren entrar no armazém e encontrar os corpos. Todos eles.

Inclusive o meu

Antes de conhecer Hunter, eu sabia que a etapa final da busca por justiça provavelmente seria o meu fim. Que fixar meus olhos na vingança era o equivalente a uma sentença de morte. Agora, porém, é muito mais difícil reconhecer desde que me apeguei a esse homem. Desde que ele de alguma forma violou minhas defesas para capturar meu coração.

Eu nunca me permiti considerar as hipóteses. As perguntas que atormentam meu cérebro, deixando um rastro traiçoeira de medo e esperança.

E se eu sair dessa viva?

Eu poderia realmente começar minha vida de novo?

Ele gostaria de começar de novo comigo?

Se ele não fizer isso, eu poderia fazer isso sozinha?

Será que eu iria querer?

Eu sufoco essas perguntas divagantes, empurrando-as profundamente porque não posso me dar ao luxo de me distrair. Esta noite é muito importante.

Esta noite é quando espero colocar os últimos pregos nos caixões. Para acabar com isso. Para finalmente conseguir a justiça que minha família merece.

Derramaram o sangue das pessoas que eu mais amava.

Agora é a minha vez de pintar esta cidade com o sangue deles.

CAPÍTULO 51

Hunter

Ela hesita ao lado da cama onde eu fico parado, mantendo minha respiração uniforme, de olhos fechados. Ela está vestida para ir para sua corrida noturna com Kujo.

Eu sinto sua agitação interior e indecisão, mas isso pode ser porque eu estou sentindo isso também. Essa mulher me fodeu de todas as formas.

Quando ela finalmente sussurra, é tão fraco que estou parcialmente inseguro se a ouvi corretamente. Mas quando as palavras são absorvidas, preciso de tudo ao meu alcance para evitar que meus olhos se abram em estado choque.

— Eu amo você.

Então ela se vai, saindo de casa com meu cachorro, deixando-me imaginando se suas palavras suavemente faladas realmente aconteceram ou se foi uma invenção da minha imaginação.

Eu amo você.

Essas palavras me atravessam, me cortando até o âmago, me expondo a emoções que não sinto há anos.

Porra.

Saindo da cama e indo até uma das minhas malas, pego um celular descartável. Passando a mão pela minha mandíbula, olho para a tela, sabendo que meu instinto nunca me desviou do caminho, o que significa que preciso ouvi-lo agora. Mesmo que isso facilmente estrague tudo, tem que ser feito. Já passei por isso na minha cabeça um milhão de vezes, e é a única maneira.

Quando disco o número, ele toca duas vezes antes que alguém atenda.

— Aqui é o Caçador. Eu tenho uma pista sólida para o seu chefe.

— Você pode nos contar. Vamos repassar as informações.

Eu endureço meu tom.

— Eu só informo as descobertas diretamente ao seu chefe.

— Agora, escute aqui, seu pequeno...—

— Devo desligar e deixar você ser a única razão pela qual seu chefe não descobre quem está por trás dos ataques? — Meu tom casual desmente a ameaça que é muito clara.

O silêncio do outro lado me diz que esse mijão percebe que está preso entre a cruz e a espada. Quando ele finalmente responde, parece que é forçado através dos dentes cerrados.

— Certo. O chefe ligará de volta em uma hora. Nesse número?

— Sim. — Eu termino a ligação abruptamente e sento e espero.

Dentro de uma hora, uma ova. Leva apenas um minuto e meio antes do meu telefone tocar. Quando atendo, sou recebido com uma voz masculina rouca, com a qual não estou familiarizado, e a arrogância me diz que esse homem está acostumado a ser mantido em alta autoridade. Mas algo me diz que ele ainda não é quem eu preciso.

— Você tem informações para nós?

Meu instinto se agita, e é por isso que espero um pouco, deixando o silêncio pairar entre nós para que ele entenda que não estou brincando.

— Eu disse especificamente que queria falar com o chefe.

Sua resposta me dirá tudo o que preciso saber, e meus instintos estão gritando para mim que estou trilhando o caminho certo.

Diminuindo a velocidade do meu discurso para que pareça que estou falando com um simplório, eu digo.

— Eu tenho o que você pediu, e agora preciso que você me conecte com seu chefe.

— Eu não sei quem diabos...

— É simples assim — interrompo-o, meu tom pingando de condescendência e encerro a ligação.

Um momento depois, o telefone toca e uma voz diferente saúda meus ouvidos. Uma mistura desenfreada de satisfação, desânimo e fúria colide em meu peito, mas eu calmo e exponho minhas exigências.

Ignoro o tremor em minhas mãos quando termino o telefonema. Minha consciência me rói como um filhote de cachorro não desmamado, mas eu rapidamente a deixo de lado.

Está na hora.

CAPÍTULO 52

Kate

A TAREFA FINAL
20 de DEZEMBRO

Poucas casas nesta parte da cidade foram decoradas para o dia de Natal, e aquelas que o fizeram exibem uma pequena quantidade de luzes.

O armazém fica em meio ao estacionamento pavimentado com inúmeras rachaduras e crateras, ervas daninhas brotando até a altura do quadril em alguns lugares. É um edifício menor do que os usados para suas outras operações, o que significa menos lugares possíveis para eu me esconder ou me proteger. Mas depois que Hunter e eu saímos uma noite para avaliar, me senti mais confiante.

Na borda da enseada de Seaside, na fronteira com a parte mais acidentada de Wilmington, oferece outras indicações de que foi abandonado por um bom tempo, a julgar pela hera agarrada que sobe em algumas das laterais, e a fiação de merda para a vigilância montada do lado de fora. Como bônus, notei apenas oito guardas no local.

— *Tenha cuidado.*

As palavras de Hunter mais cedo me envolveram, cobrindo-me em um calor reconfortante que eu não tinha há muito tempo. Balancei a cabeça para ele e dei a Kujo um pequeno arranhão atrás de sua orelha esquerda, do jeito que ele gosta, e me virei para sair.

Foi quando Hunter agarrou meu pulso, me puxando silenciosamente para um beijo.

Meu coração acelerou porque eu não tive ninguém que se preocupou comigo e ainda entendesse completamente no que estou trabalhando.

Não até Hunter.

Quando ele concordou em me deixar cuidar das coisas sozinha, minha mente e meu coração dispararam porque isso indica que ele confia e tem confiança em mim.

Agora, enquanto me dirijo para o ponto cego do prédio, um sem câmeras à vista e cercado por sebes grossas e cobertas de vegetação que o separam do vizinho mais próximo, eu garanto que minhas emoções estão sob controle e eles não vão tirar o melhor de mim. Preciso ficar de guarda o tempo todo.

Uma vez que eu desativo a câmera abaixo da entrada, eu sei que é apenas uma questão de segundos antes que eles notem. Preciso agir rápido. Protegendo a pequena bomba pegajosa com C-4 na porta do armazém, eu disparo uma distância segura e miro minha arma

silenciada no pino para detoná-la.

A explosão reverbera através de mim, praticamente sacudindo o pavimento abaixo dos meus pés, e arranca porta como planejado. Com ambas as armas na mão e meus dedos enrolados ao redor dos punhos, espero uma fração de segundo, e não fico desapontada quando o idiota número um vem com um HK45. Mas não lhe dou a chance de puxar o gatilho.

Com um *pop* suave! ele cai como uma tonelada de tijolos da bala que perfura sua têmpora.

Tenho sorte com os próximos alvos fáceis. Eles são inexperientes, arrogantes e descuidados, e eu faço um trabalho rápido com eles antes de caminhar cuidadosamente pelo implacável chão de concreto do armazém, procurando por ele.

— Você tem algumas bolas bem grandes para vir aqui.

A provocação de Cash não faz nada para me impedir de me aproximar dele, seguindo o som de sua voz até que eu veja a sombra ao virar da esquina do corredor estreito que leva aos três escritórios.

— O que você acha de lidarmos com isso, de homem para homem? Sem armas.

Ele está me dando a oportunidade de machucá-lo com minhas próprias mãos?

Oh, claro que sim.

Eu me aproximo e aprofundo minha voz.

— Você primeiro.

Ele emerge lentamente, passeando como se não tivesse nenhum interesse no mundo, e a fúria pulsa em minhas veias.

— Primeiro, tenho uma pergunta.

Ele tira sarro.

— Já está enrolando? — Quando ele não consegue obter uma resposta, sua boca se abaixa em uma expressão amarga. — Qual é a porra da pergunta?

Eu seguro minhas armas e flexiono meus dedos enquanto nos rodeamos em uma dança milenar. Ele pode me superar, mas eu tenho muito mais a ver com isso do que ele jamais poderia.

— Por que diabos você traiu seu melhor amigo?

Algo indecifrável brilha em seus olhos, mas desaparece quando ele se lança, seu punho apontando para o meu rosto. Eu me esquivo do golpe, golpeando com um forte soco em seu queixo. Antecipação e adrenalina passam por mim, e mal registro a dor que irradia dos meus dedos. Sua cabeça cai para trás, mas ele permanece firme em seus pés, os olhos se estreitando de irritação.

— O que há com a porra da balaclava? Ainda é muito maricas para mostrar seu rosto? — Ele está ganhando tempo com essas perguntas. Eu vejo isso. Ele pode pensar que está sendo discreto, mas

quando ele desliza a mão direita no bolso, eu sei o que está por vir.

Soco inglês é a arma de um covarde. Aparentemente, ele sente a necessidade de aumentar a aposta.

Eu dou outro golpe, apontando para o nariz dele, e ele mal o desvia. Eu dou mais dois golpes rápidos em sua mandíbula antes que seu punho aponte para o meu rosto. Eu me viro, dando um soco em seu intestino assim que seu punho roça meu ombro ainda curado. A dor da náusea atravessa-me quando o soco inglês se conecta com a minha carne, e eu luto contra o desejo de choramingar.

Atacando, dou vários socos bem sucedidos, fazendo com que ele tropece para trás em sua tentativa de se esquivar mais dos meus golpes.

Eu torço o pulso dele, empurrando-o primeiro contra a parede.

Eu puxo o braço dele para trás e arranco o soco inglês dele, fazendo-os bater no chão. Quando eu pulo para trás, ele se vira e eu o pego com mais dois socos no rosto.

A visão de sangue escorrendo confusamente de sua boca é gratificante.

Mas minha gratificação é interrompida quando ele me agarra pela garganta com força. Eu apertou seu pulso com as duas mãos e uso o impulso para a frente para avançar até ele, pegando-o de surpresa. Prendendo meu ombro bom contra seu corpo, eu o bato contra a parede.

Seu aperto afrouxa, mas ele retalia, tentando um soco que eu mal consigo evitar. O calor abrasador do golpe que atingiu minha bochecha parece que está pegando fogo, mas eu torço um pouco, enfiando meu cotovelo em seu estômago. Ele cambaleia e eu dou outro soco rápido em seu rosto, sangue jorra para fora do impacto.

Ele morrerá em minhas mãos. O homem que traiu meu marido. O homem cujas mãos puxaram o gatilho e mudaram minha vida para sempre.

Antes que eu possa dar outro golpe em seu rosto, ele me dá uma cabeçada tão violenta que sinto uma onda de dor. Eu suspiro, piscando rapidamente através da desorientação repentina, e ele se aproveita do meu desequilíbrio momentâneo empurrando as duas palmas das mãos para mim.

Eu tropeço contra a parede, e ele me prende com o peso de seu corpo, seus antebraços grossos pressionando meus ombros, impedindo-me de alcançar minhas armas. O peso de um braço agrava minha ferida no ombro, e eu grito contra o ataque de dor antes que ele segure as mãos em torno da minha garganta, os dedos apertando com força como a algema mais implacável.

Eu o agarro enquanto manchas brancas dançam na minha visão. Torcendo freneticamente, estou desesperada para arrastar

oxigênio para meus pulmões em chamas.

Merda não.

Eu não vou descer ainda. Não desse jeito. De jeito nenhum.

Abaixando as mãos, permito que meus joelhos se dobrem abaixo de mim e tento canalizar a força persistente que está diminuindo rapidamente. Felizmente, ele interpreta minha súbita falta de resistência como uma vitória, e isso o distrai dos meus próximos movimentos.

As palavras de Kru Namsaknoi piscam no fundo da minha mente.

Sua confiança também pode ser sua maior fraqueza. É quando você ataca.

Forçando os efeitos da falta de oxigênio, pego minha arma no coldre e aponto o cano para Cash.

No nosso último encontro, ele teve sorte. Ele não vai sair tão fácil agora porque eu puxo o gatilho à queima-roupa e a primeira bala entra na garganta dele.

Não presto atenção ao sangue derramado entre nós. Tudo o que me importa é quando o aperto dele afrouxa e eu me afasto, minhas pernas e braços instáveis demais para o meu gosto.

Ele agarra sua garganta, puro terror revestindo suas feições.

Inclinando-me contra a parede para tentar me firmar, miro diretamente na testa dele.

— Morra, seu filho da puta — digo antes de puxar o gatilho.

Seu corpo sacode com o impacto das duas balas perfurando buracos redondos em sua testa antes que ele caia, caindo no chão com seu sangue e massa cerebral agora ao seu redor.

Eu enfio minha arma no coldre enquanto luto para arrastar o oxigênio necessário para os meus pulmões. Minhas pernas ainda estão trêmulas, e eu apoio minhas mãos contra a parede quando oscilo instável.

O som de um aplauso lento me pega de surpresa. Ele viaja pelo corredor, e como um único som pode carregar um poder tão sinistro me confunde.

— Bom trabalho! Agora, permita-se ser escoltado até aqui para que possamos nos conhecer adequadamente — a voz de uma mulher comanda de dentro do escritório. Mas não é isso que me faz congelar devido a uma combinação de choque e alarme, meu coração apertado no peito.

O pavor frio enche minhas veias enquanto sou dominada por uma sensação de traição tão visceral que incorpora uma sensação de derramamento de sangue diretamente do meu coração. Porque as armas cujos canos estão pressionados contra minha têmpora e a latreal do meu corpo são seguradas por um homem que reconheço, mesmo

debaixo da balaclava que ele usa.

É o mesmo homem que me ajudou a planejar esse ataque.
Hunter.

CAPÍTULO 53

Kate

— Você será uma querida e largará suas armas, é claro — a voz feminina suave instrui em um tom carregada de diversão mal velada.
— Trave-as e jogue-as de lado.

Droga!

Bile sobe na minha garganta com a percepção de que eu falhei. Falhei com a minha família.

Não só isso, mas fui feita de idiota por Hunter. Eu sussurrei palavras de amor para este homem, o mesmo que me mantém cativa com duas armas, os dedos posicionados nos gatilhos.

O mesmo homem que fez meu corpo e alma ganharem vida.

O homem que me fez sentir de novo.

Hunter se bordou no meu coração sem permissão, assim como ele lida com sua vida.

Agora, sua traição fica marcada como uma marca ardente na minha carne, permanente e agonizante, embutida na minha pele para sempre.

Uma mistura tumultuada de dor e fúria colide dentro de mim, girando em minhas entranhas enquanto jogo minhas armas de lado. Hunter dá um forte empurrão com o cano de suas armas, me pedindo para me mover na direção do escritório.

Assim que entramos no grande espaço com pouca iluminação, a mulher se senta atrás de uma mesa com um laptop, celular e arma apoiados na superfície lisa.

Ela parece estar em algum lugar em seus trinta e poucos anos ou quarenta e poucos anos com cabelos loiros escuros perfeitamente estilizados, maquiagem impecável e vestida com uma blusa de seda fina e sem mangas, como se ela fosse imune ao frio.

Os diamantes brilham em seu pulso e pescoço, e imagino que ela esteja mais à vontade tomando sol em algum iate enorme enquanto é servido caviar e champanhe em vez de sentar em um armazém abrigoando atividades comerciais ilegais.

O brilho ameaçador em seus olhos azuis gelados me fez desejar ter a capacidade de cuspir fogo. Eu acenderia todo o meu entorno em um piscar de olhos, deixando para trás incêndios violentos e destruição cinzenta. Inclinando-se para trás em sua cadeira, ela encosta os dedos e me inspeciona da cabeça aos pés como se eu fosse o espécime mais curioso conhecido pela humanidade.

Seu olhar muda por cima do meu ombro para se concentrar em Hunter.

— Gastei um bom dinheiro para descobrir quem esteve por trás

desses ataques. — Ela bate as pontas dos dedos em campanário lentamente. — Eu não tinha certeza se você era idiota ou brilhante para tentar negociar comigo.

— Eu trouxe a pessoa responsável. Sem matá-lo. — A voz de Hunter está cortada, um tom gelado. — Como eu disse antes, isso não é o que eu faço.

— E por isso, sou grata. — Seu olhar curioso viaja sobre mim enquanto ela continua falando com Hunter. — Eu admito, o que você sugeriu tem suas vantagens, mas se ela não concordar...

— Então você ainda vai me ter.

Seus olhos se voltam para ele, e eles brilham com interesse, pois aposto dinheiro que não é estritamente profissional. Eu me ressinto da ardente queimadura do ciúme que inflama dentro de mim.

— O Caçador — ela reflete com um sorriso tortuoso. — Trabalhando apenas para mim. — Inclinando a cabeça para o lado, ela estreita os olhos. — Como nunca nos curzamos no passado, acredito que este poderia ser o início de uma maravilhosa relação de trabalho.

Uma sensação estranha formiga ao longo do comprimento da minha coluna.

Sinto que outra pessoa está nos observando, mas não consigo virar a cabeça para procurar vestígios de vigilância colocados na sala.

Não com a arma do Hunter pressionada contra a parte de trás do meu crânio.

Ela lança um olhar em minha direção antes de ordenar a Hunter.

— Deixe-me ver com quem estamos lidando.

— Traga para fora quem você tem escondido primeiro, e eu o farei.

Eu deveria saber que Hunter iria perceber isso também.

Suas sobrancelhas perfeitas sobem um pouco.

— Você é bom.

Sem desviar a atenção de Hunter, ela pega seu celular e, em poucos segundos, fala sobre ele.

— Querido, venha e junte-se a nós adequadamente.

CAPÍTULO 54

Hunter

Ainda bem que Kate está na minha frente porque não tenho que testemunhar seus olhos me apunhalando com raiva. Sei que seu olhar castanho se agita como uma tempestade que se aproxima rapidamente, pronta para desencadear sua fúria total.

As pontas dos dedos bem cuidados da mulher tocam as teclas do laptop na frente dela, e a arma ao lado dela na mesa indica que ela não hesita em fazer algum trabalho sujo, se necessário.

Algumas coisas nunca mudam. Hayden Carter Boyd sempre gostou de brincar com as pessoas, mesmo naquela época.

— O dinheiro foi transferido em conformidade.

Eu assinto secamente.

— Já que estaremos trabalhando juntos, você não acha que é seguro mostrar seu rosto?

— Não exatamente. — *De jeito nenhum!*

A irritação por não conseguir o que quer é quase palpável, crepitando no ar entre nós.

— Eu insisto.

— Acostume-se com a decepção.

Hayden solta uma risada irônica. O peso de seu olhar desliza sobre mim da cabeça aos pés antes de voltar para onde meu rosto está coberto por uma balaclava semelhante à de Kate.

— Você me lembra alguém que eu conheci uma vez.

Eu não respondo.

— Se há uma coisa que aprendi com meu pai, é que a maioria das pessoas é dispensável. — Seu olhar passa por cima de Kate. — E você me fez um favor ao se livrar de Cash. Ele estava ficando muito ganancioso ultimamente. — Ela inclina a cabeça para o lado, os olhos se estreitando em mim. — Mas você... você tem poder de permanência. Eu gosto disso em um homem. — Ela franze os lábios como se tivesse provado algo azedo. — Ao contrário do meu pai e irmão.

Hayden confirma meu palpite. Ela removeu os dois homens da foto, permitindo-lhe governar a organização por conta própria.

— Agora. — Ela acena com a mão novamente, gesticulando para Kate. — Deixe-me ver quem está por trás dos ataques aos meus homens.

Eu cutuco Kate com a arma na parte de trás de sua cabeça, pedindo-lhe para remover sua balaclava. Lentamente, cautelosamente, ela a tira e a joga de lado.

Surpresa brilha no rosto de Hayden, sobrancelhas se inclinando

juntas antes que suas feições se transformem em um escárnio. Ela se inclina para trás na cadeira, batendo com um dedo perfeitamente bem cuidado nos lábios.

— Bem. Eu não esperava isso. — Sua boca se achata em uma linha irritada. — Achei que minha mensagem estava bem clara quando matei sua família. Embora seja uma pena que não tenha morrido com eles. Eu certamente não esperava que alguém como você se transformasse em um assassino. — Hayden ergue o queixo um pouco, e seus olhos brilham com uma calma gelada. — Eu sou muito mais refinada. Eu tenho poder e dinheiro. Talvez seja por isso que eu sou mais atraente.

Que porra é essa...?

A última parte da resposta dela não faz sentido. Mas antes que Hayden possa continuar sua arrogante diatribe, Kate cospe nela ela, e isso se espalha ao longo da superfície da mesa.

— Você é uma maldita assassina!

Eu enfio o cano da arma no lado de Kate como um aviso silencioso, e sua mandíbula se contrai, seu corpo enrijecendo.

Os olhos de Hayden brilham.

— Você precisa se lembrar de suas maneiras quando falar comigo. — Ela gesticula para si mesma. — Eu sou a pessoa que tirou sua família de você. Eu tenho todo o poder.

Meus ouvidos se animam com o som de passos se aproximando, e os olhos da mulher passam por nós. Ouvindo a maneira como o homem se comporta e julgando por seus passos, ele não está tão em forma como eu esperava se este for o segundo em comando.

Mas eu suponho que ele não precisa dar muitos golpes pesados.

Uma vez que ele dá um passo à frente, porém, e a luz atinge seu rosto, eu faço guerra comigo mesmo para não reagir visivelmente. E agradeço à Kate por não poder vê-lo de onde ele está.

Putá merda.

É preciso toda a minha força de vontade para não enfiar uma bala no crânio dele.

Kate não tenta se virar para ver o recém-chegado, não com minha outra arma pressionada contra a parte de trás de sua cabeça. Sua única atenção é treinada na mulher enquanto ela explode com fúria.

— Foda-se! Vocês são todos uns malditos assassinos! Cada um de vocês.

— Caitlin, *pare*.

O corpo dela congela, tenso com o som da voz dele.

Hayden ri, seu sorriso cheio de malícia.

— A expressão no seu rosto é impagável. — Ela assente para mim, e eu me afasto de Kate.

Kate vira a cabeça lentamente para olhar para o homem parado ao lado e seus lábios se movem, mas nada sai.

— Isto certamente é épico — diz Hayden. — Reunidos, mas com uma reviravolta.

— Eu vi você morrer. — As palavras de Kate soam como se tivessem sido forçadas a sair de uma garganta seca. — Como?

Vestido com um terno caro e bem costurado e sapatos pretos elegantes, ele até tem um maldito lenço de bolso.

Hayden parece muito satisfeita consigo mesma.

— Diga olá ao meu segundo em comando.

Kate

Não. Não pode ser.

Internamente, eu luto com a realidade que estou enfrentando.

Com os olhos colados no homem parado aqui, minha mente corre, procurando respostas de como isso poderia ser possível.

O chumbo enche meu corpo, pesando-o para baixo, e estou enraizada no local, incapaz de me mover. Incapaz de acreditar na visão diante de mim.

Ele não se parece em nada com o meu marido que preferia jeans ou calças cáqui, juntamente com camisetas de algodão simples. Não... diante de mim agora está um homem que parece à vontade em um terno caro e sapatos brilhantes como se fosse uma segunda pele.

O luto é uma vadia implacável. Ela ataca quando você menos espera, arrancando suas entranhas com as garras mais afiadas até você sangrar.

Mas quando confrontado com uma traição desse calibre, quando confrontado com o homem pelo qual chorei, o homem com quem eu construí uma casa, a visão do que ele se tornou, e a percepção de que ele voluntariamente desistiu de tudo, de mim e Willow, por dinheiro e poder, isso me atinge com um dilúvio de náuseas que tem meus joelhos balançando.

— Caitlin!

Eu recuo ao som do meu nome saindo de seus lábios porque, de alguma forma, soa diferente de antes, servindo como um lembrete de que esse pesadelo distorcido é muito real.

— Como... — fico boquiaberta ao vê-lo, lutando para formar palavras. — Mas eu vi você. — A descrença e o choque colorem minha voz. — Você morreu naquele dia.

— Eu nunca quis que ninguém se machucasse. Mas seu pai não concordava com as coisas, e ficamos sem tempo. — Expressão plácida, a voz de Deacon parece aborrecida, como se ele estivesse recitando algum tipo de roteiro. — Eu não sabia que eles estavam planejando fazer isso.

— Você. Morreu. — Eu digo cada palavra como um fragmento com respiração suspensa. — Nossa. *Filha.*

Choque e desgosto percorrem minhas veias, incinerando quaisquer sentimentos restantes por meu marido.

Não.

Ele não é meu marido. Este não é o Deacon Ashford.

Ele não é o homem por quem me apaixonei e casei. Não é o homem com quem fiz um lar ou aquele com quem tive uma linda

filha.

Este homem é um monstro.

Suas feições endurecem.

— Às vezes, sacrifícios têm que ser feitos.

Uma mistura de fúria e descrença passam por mim enquanto eu trovejo.

— Willow foi um sacrifício para você?! Nossa filha?!

Sem perder o ritmo, ele continua.

— Você e eu não estávamos mais nos conectando, e Hayden me ofereceu a chance de fazer parte de algo maior. — O olhar de Deacon se desloca para a mulher como se ela fosse o maior presente debaixo da árvore no dia de Natal, e ela lhe dá um aceno de aprovação. — Ela me mostrou que eu poderia ter mais.

— Então, você matou nossa filhinha e depois? Fodeu seu caminho para o topo? — Falo entre dentes cerrados, meu tom cheio de puro veneno.

Todo o seu comportamento muda em um piscar de olhos, transformando-se em um homem que exala um ar sinistro sugador de almas.

O tapa me pega desprevenida; o contato ardente de sua palma dura faz minha cabeça estalar para trás do impacto.

O calor irradia onde ele me bateu, e eu levanto meu queixo com um olhar desafiador. Se ao menos eu pudesse desejar que ele se icinerasse ali mesmo.

Meus olhos nunca deixam os dele.

— Você me bate de novo e vai se arrepender.

Linhas profundas prendem a boca de Deacon enquanto ele me encara sombriamente.

— Minha Caitlin nunca usou uma linguagem assim.

— Eu não sou mais seu nada, seu pedaço de merda!

Um fio de satisfação permeia minha raiva quando seus tiques mandibulares se irritam com o meu uso contínuo de palavrões.

— Olha — Hayden interrompe facilmente. — Vou facilitar as coisas para você. Você provou ser um adversário digno, o que significa que seríamos estúpidos em não oferecer a você a chance de se juntar a nós. — Seus olhos brilham astutamente. — Mas você deve entender que seu casamento não é mais válido.

Como se eu quisesse o bastardo traidor. Enrugo o nariz de desgosto.

— Você quer que eu me junte a vocês?

Deacon se aproxima, me avaliando com olhos frios e mortos.

— Você mudou. — Seu olhar cai no meu peito, e um leve sorriso puxa seus lábios. — Pena que não das maneiras que contam.

Filho da puta.

Eu me aproximo dele, pegando-o desprevenido com um soco rápido na garganta e um golpe com a palma da mão em seu nariz, o osso fazendo aquele barulho doentio revelador à medida que se quebra. Ele uiva de dor, o rosto ficando vermelho de raiva e retalia mais rápido do que eu esperava com um soco feroz. Eu mal me esquivo, seus nós dos dedos ainda se conectando com o lado da minha mandíbula com força suficiente para fazer minha cabeça estalar para trás e me desequilibrar. Meu corpo é jogado de volta contra o peito implacável de Hunter.

Meu olhar se choca com o de Deacon. Sangue escorre de seu nariz, e meu coração e cérebro simultaneamente se revoltam com a visão do homem que permitiu que sua própria família fosse assassinada.

Com os olhos brilhando com desprezo, ele retira um lenço de aparência cara e apalpa o nariz. À medida que ele pronuncia cada palavra, elas me atacam com desdém.

— Hayden viu meu potencial. Ela sabia que eu era capaz de mais.

— Então, era tudo sobre dinheiro? — solto uma risada áspera. — Bom para você. Espero que você esteja feliz pelo inferno que eu passei para você conseguir tudo o que você sempre quis!

O tom calmo de Hayden serve como um forte contraste com nossa partida de gritos.

— Eu entendo por que você me escolheu, querido.

Querido.

O termo carinho tem bile subindo na minha garganta.

— Se serve de consolo — Hayden continua indiferente — Deacon não estava ciente dos meus planos. Mas você entende que eu tive que remover todos da foto. Como ele disse, sacrifícios tinham que ser feitos. Eu tive que sacrificar meu pai e meu irmão para chegar ao topo, onde eu merecia estar, e Deacon teve que fazer o mesmo. — Seu olhar varre Deacon. — E ordenei que usassem balas de borracha nele. — Seus lábios se espalharam em um sorriso satisfeito. — Foi muito genial, na verdade. Pedi aos meus homens que administrassem uma droga para diminuir a frequência cardíaca do Deacon para que ele parecesse morto. Depois que cuidamos para que o detetive Warren fosse detido, garanti que o detetive Clairborne estivesse lá para lidar com fotos da cena do crime antes que Deacon fosse removido em um saco de cadáveres em um de nossos veículos de transporte.

Uma carranca repentina estraga suas feições, e ela acrescenta.

— No entanto, Cash não conseguiu se livrar de você como instruído, então isso serviu como outra razão para permitir que você nos livrasse dele.

As sobrancelhas de Deacon franzem enquanto ele,

descuidadamente, joga de lado seu lenço ensanguentado.

— Maldito Jeremiah ainda atirou em mim.

Meus dedos se flexionam enquanto luto com o desejo de me atirar nele e arrancar seus olhos. A arma de Hunter voltando a pressionar contra a base do meu crânio me fez hesitar porque ele puxaria o gatilho antes que eu me movesse um centímetro.

Porra.

— Hayden. — O som repentino da voz profunda de Hunter quase me fez chorar com a forma como todo o meu corpo reage a ele. A qualidade rouca tem arrepios subindo na minha pele, e eu internamente xingo a mim mesma por deixar minha guarda para baixo com ele.

Então, de repente, me dou conta. Tão distraída com o reaparecimento de Deacon, eu não tinha percebido o nome que ele usava para ela. O mesmo nome pelo qual Hunter se dirigiu a ela.

Hayden.

Foi ela que traiu Hunter e o deixou para morrer. Ele não pode estar falando sério sobre trabalhar com ela, a mulher que matou a noiva e o feto... pode?

Com a garganta dolorosamente apertada, eu engulo em seco e permito que uma sensação de calma passe por mim, ignorando o fato de que Hunter está discutindo meu destino com a mulher que deu a ordem de matar minha família e eu.

Não é bem assim que imaginei que tudo terminaria, mas pelo menos sei que um fator é garantido: não sairei disso viva e estou à vontade com esse conhecimento. Estou pronta porque não há mais nada para mim aqui.

Meus olhos se concentram no monstro a poucos metros de mim. O mesmo que eu deitava ao lado todas as noites, e eu luto para não deixar minhas emoções tirarem o melhor de mim. Com as mãos ao meu lado, diretamente acima dos bolsos especiais que eu costurara em minhas calças pretas para abrigar minhas outras armas, flexiono as pontas dos dedos.

Ele pode ser o segundo em comando de Hayden, mas com certeza não treinou como eu. Também não é alimentado pela fúria, a mágoa e a vingança que pulsa como lava ardente em minhas veias.

Eu uso cada grama do meu treinamento para controlar minha respiração e me concentrar no meu entorno e nos meus oponentes.

Deacon é meu primeiro alvo. Assim que as pontas dos meus dedos rompem os bolsos onde guardei minhas estrelas ninja, a voz profunda de Hunter explode novamente, quase me assustando.

— Eu preciso apresentá-los ao meu parceiro.

— Você nunca mencionou um parceiro. — Ela faz uma careta para ele, os olhos se apertando de irritação. — Você sabe que eu não

gosto de surpresas.

— Eu acho que você vai gostar desta.

Ele assobia, o som agudo perfurando o ar um momento antes de Kujo atravessar a porta. Hunter comanda em um tom escuro e letal.

— Ataque!

No instante em que o cão se lança para a garganta de Hayden, eu arremesso uma estrela em Deacon. Tiros crivam nosso entorno, fazendo meus ouvidos zumbirem dolorosamente.

Deacon vira para o lado na hora, mas ele não tem tanta sorte com a segunda estrela. Ela incorpora em seu bíceps esquerdo, e ele mostra seus dentes em dor óbvia.

Droga, essa maldita lesão no ombro está me ferrando.

A dor persistente e a incapacidade de mover meu braço e ombro livremente estão afetando meu objetivo.

Pegando a faca da bainha do tornozelo, avanço sobre ele enquanto os tiros continuam disparando nas proximidades. Deacon balança rapidamente o punho direito e acerta meu queixo com força.

Eu cambaleio para trás com o impacto, e seus dedos envolvem meu pulso em um aperto quase estrangulado. Lutando para manter minha mão na faca, dou dois socos fortes em suas costelas antes de agarrar seu pulso esquerdo e empurrá-lo em direção ao bíceps. Usando o máximo de força que posso reunir, pressiono seu braço dobrado contra a estrela ninja ainda profundamente incrustada em seu braço.

Ele solta um rosnado baixo de dor quando as pontas afiadas do aço perfuram seu antebraço e seus olhos se tornam estrondosos. Meu corpo treme de esforço enquanto eu luto contra seu aperto violento no meu pulso enquanto a dor irradia do meu ombro.

Foda.

Sinto minha força diminuindo e luto para conseguir avançar. Assim que ele afrouxa seu aperto em mim e eu me preparo para enfiar a faca em sua carne, ele me pega desprevenida, dirigindo seu joelho para cima para bater entre minhas pernas com ferocidade brutal.

Eu cambaleio de dor, oprimida pela sensação de que ele acabou de quebrar meu osso púbico. Agarrando minha cabeça em suas mãos, ele bate meu crânio contra o batente da porta.

Então tudo fica preto.

CAPÍTULO 56

Hunter

Esvaziando um pente, minhas balas perfuram o corpo de Hayden enquanto ela estremece com o impacto de cada golpe. Meu prazer vingativo diminui no instante em que me viro e vejo Deacon bater a cabeça de Kate contra o batente da porta de aço com força suficiente para que seu corpo fique frouxo e ela caia no chão. Flores vermelhas em sua têmpora, e o sangue escorre de seu nariz.

Eu não penso; apenas me lanço no bastardo. Cada vez que meu punho se conecta com seu corpo inútil e o som de ossos esmagando atinge meus ouvidos, isso não faz nada para me satisfazer.

Só me concedem uma fração de prazer quando ele cai no chão, sibilando e choramingando depois que eu o derrotei. Sua mandíbula parece deslocada, e seu braço está dobrado em um ângulo anormal. Não há como dizer quantas costelas dele eu quebrei.

Deixando Kujo para ficar de olho nele, vou para o lado de Kate. A quietude de seus olhos, a maneira como eles permanecem tão sem vida, envia meu coração para uma enxurrada de batidas rápidas, ameaçando pulsar direto para fora do meu peito. Quando não consigo encontrar o pulso dela sob as pontas dos meus dedos trêmulos, um rugido irrompe do fundo do meu peito.

— Você não pode me deixar! Não desse jeito!

Arrancando seu colete, eu a avalio rapidamente em busca de ferimentos.

Quando não detecto nenhum, além de seu ferimento no ombro e rapidamente formando uma protuberância em sua cabeça, inicio a reanimação, desejando que ela volte para mim.

Trinta compressões torácicas e duas respirações.

Trinta compressões torácicas e duas respirações.

O desespero, diferente de tudo que já conheci, me agarra enquanto olho para o corpo imóvel dela.

— Maldição, volta para mim!

Meu peito parece estar pegando fogo enquanto eu imploro, minha voz soando como se tivesse sido varrida por cascalho.

— *Por favor, Kate.*

Recusando-se a desistir, continuo com a RCP.

— Por favor, droga — eu grito com cada compressão no peito.
— Volte para mim.

CAPÍTULO 57

Kate

Abrindo os olhos para a luz branca e a névoa que me cercam, olho em volta com medo antes de perceber que não sinto mais dor. Em vez disso, fico com uma sensação de leveza.

Assim que a névoa se dissipa, meu coração fica preso na minha garganta com a visão diante de mim. Nada poderia me impedir de correr para eles.

O cheiro familiar da colônia Old Spice do meu pai me dá as boas-vindas tanto quanto os braços de Willow me envolvendo quando me abaixo para abraçá-la com força. A queimadura do ataque das lágrimas me faz fechar os olhos.

— Senti tanto sua falta, querida — Enterro meu rosto em seu cabelo e sussurro irregularmente — Eu te amo.

— Eu também te amo, mamãe.

Deus, ouvir sua pequena voz mais uma vez é melhor do que todas as minhas memórias juntas.

Assim que ela me solta, eu me endireito e me viro para o meu pai, cujo sorriso está cheio de tristeza.

— Menina, ainda não é a sua hora.

Confusão e negação me golpeiam.

— O que? O que você quer dizer?

Ele se aproxima e coloca a mão no meu ombro.

— Estamos bem aqui. Você fez o que precisava fazer por nós. Para você. Mas não é a sua hora. Você ainda tem algo pelo que viver. Prometa-nos que você fará essa vida valer a pena.

Seus olhos se enrugam nas bordas, e a visão faz meu coração balançar.

— Esperaremos você! — Ele coloca a mão no ombro de Willow e sorri para ela antes que seus olhos voltem aos meus. — Estaremos cuidando de você.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, escorrendo desordenadamente pelos cantos dos meus lábios.

— Mas eu quero ficar com vocês. Por favor — imploro. — Por favor, deixe-me ficar com vocês. — Meus olhos cheios de lágrimas suplicam silenciosamente ao meu pai, mas é Willow quem fala.

— Mamãe. — Voltando meus olhos para minha linda garota, dobro meus joelhos e ela coloca as mãos nas minhas bochechas. — Você vai acordar, mas como vovô disse, vamos vê-la novamente.

— Prometa-nos, garotinha — diz meu pai, com o tom de urgência pesado. — Prometa que você fará a sua vida valer a pena.

Minha voz é fraca, oscilando mesmo quando respondo com:

— Eu prometo — A tristeza me assalta enquanto sussurro cada palavra sentindo como se estivessem sendo empurradas por uma garganta cheia de lâminas de barbear. — Mas eu sinto tanto a falta de vocês dois.

— Nós também sentimos sua falta. Mas está na hora. — Willow me dá o mais doce dos sorrisos. — Quer que eu lhe dê doces beijos de bons sonhos antes de você ir?

Eu engasgo com um rouco '*Por favor*' e fecho os olhos.

Ela dá um beijo minúsculo em uma pálpebra.

— O mais doce dos sonhos. — Então ela dá outro beijo na minha outra pálpebra. — O mais doce dos sonhos. — Um beijo na minha testa. — Bons sonhos, meu amor. — Então ela diz em um leve sussurro — Eu te amo, mamãe.

Antes que eu possa abrir meus olhos, algo me puxa com tanta força que meus pulmões queimam uma fração de segundo antes que a dor abrasadora bombardeie meu corpo.

— Eu estou aqui — uma voz masculina me diz. — Fique comigo, Kate. *Por favor*. Fique comigo.

O desespero presente no tom do homem e em seus apelos parece que me puxam fisicamente. Uma vez que encontro a força para piscar meus olhos abertos e foco, é Hunter que olha para mim.

Alívio sangra em suas feições.

— Obrigado, porra.

Com mais gentileza do que eu esperava, ele alisa meu cabelo da minha cabeça, e eu estremeço enquanto ele roça uma área macia.

— Aquele filho da puta bateu sua cabeça no batente da porta. — Seu peito arfa como se ele tivesse corrido uma maratona. — Eu não conseguia encontrar seu pulso e... — Ele corta abruptamente, fechando a boca em uma linha plana.

Eu me sento, olhando-o com cautela.

— Pensei que você tinha... — Eu sei. — Uma pitada de remorso enche seus olhos. — Eu tive que agir pelas suas costas e armar isso porque senti que era a única maneira. — Sua garganta funciona enquanto ele engole em seco. — Sinto muito.

— Você não ia...

Sua expressão se torna feroz.

— *Foda não*. Eu morreria antes de trabalhar para eles.

Eu olho além dele para onde Deacon está caído no chão. Seus olhos estão fechados, mas seu peito ainda se move com respirações superficiais, o que é muito mais do que ele merece.

Agarrando a faca deitada ao meu lado, rastejo até o corpo do bastardo traidor, ignorando o incessante bater na minha cabeça e a dor ardente no meu ombro.

Minhas palavras são apenas para ele, ditas com fúria e entre

dentos cerrados.

— Isso é por Willow, seu bastardo.

Com as duas mãos segurando a faca, eu a enfio em seu pescoço antes de arrastá-la para o outro lado, indiferente aos sons borbulhantes que ele faz enquanto se engasga com seu próprio sangue.

Retirando a faca, eu o apunhalo no peito, seguindo-o para baixo quando ele se inclina de lado e continuo esfaqueando seu corpo mole. Minha visão se estreita e fico furiosa, precisando que ele experimente a agonia que causou.

— Isso é pelo papai. — Outra facada forte enquanto ignoro os músculos tensos em meus braços, a dor agonizante que se irradia por todo o meu corpo a cada movimento.

Esfaqueio.

— Isso é por mim.

Esfaqueio.

— Isso é pelas vidas que você arruinou.

Cada vez que o empalo com a lâmina afiada, ela afunda em seu corpo mais facilmente do que a última. Meus movimentos são imparáveis agora enquanto eu repetidamente perfuro sua carne com a faca.

Não percebo as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas que começam a encharcar o terno caro de Deacon até que grandes palmas cortam minha visão turva para apertar meus braços, minhas mãos encharcadas de sangue. O peito firme e familiar nas minhas costas me faz endurecer antes de relaxar.

— Acabou. Você conseguiu.

A faca cai do meu aperto, e eu desabo contra Hunter, deixando-o me envolver em seus braços enquanto me permito realmente chorar pela primeira vez.

Choro por meu pai ter perdido a vida cedo demais.

Eu choro por como Willow foi roubada de ser capaz de crescer.

Choro pelo homem que pensei ter conhecido e amado.

Choro pelo futuro que imaginei para nós.

Choro pela vida que tive uma vez. Para a mulher que eu já fui.

Porque neste momento, eu finalmente a coloquei para descansar.

CAPÍTULO 58

Hunter

TRÊS DIAS DEPOIS

— Tem certeza de que ela está bem?

Sei que perguntei isso várias vezes, mas não posso evitar. Ela me assustou pra caralho.

Doutor Hogue me dá um sorriso paciente.

— Ela ficará bem. É uma concussão de terceiro grau, então ela precisa continuar evitando a luz brilhante e ficar dentro de casa e descansar. Os primeiros dias são sempre os mais importantes quando os pacientes precisam ser cuidados. E ela já passou por aquela janela, felizmente.

Solto um suspiro lento de alívio.

— Beleza. Obrigado.

Olhos azuis astutos repousam sobre mim.

— Você se importa com ela.

Inclinando a cabeça na direção da porta, forço um grunhido.

— Te acompanho até a saída.

O homem mais velho ri.

— Não precisa. — Solícito, ele diz — Ligue-me imediatamente se a condição dela mudar.

— Pode deixar. — É irritante para mim ter outro homem fazendo exigências sobre ela, inflamando alguns malditos instintos de homem das cavernas, mas eu sei que o velho doutor se importa. — Obrigada de novo.

Eu tranco atrás dele e volto para o quarto, onde Kate está, seus cabelos escuros se espalhando no travesseiro branco. Ela parece muito melhor, mas ainda estou preocupado com ela.

Ela olha para mim, uma pitada de diversão entrelaçada em sua expressão.

— Por favor, me diga que é a última vez que você o fará vir aqui e me ver.

Eu franzo a testa para ela.

— Você sabe que concussões não deveriam...

— Ser levadas tranquilamente — ela termina para mim. — Sim, eu sei. — Retirando as cobertas, ela se aproxima do banheiro, chamando por cima do ombro. — Estou indo tomar banho. Talvez você possa esfregar minhas costas?

A maldita mulher está atrás de mim, fazendo meu pau doer tanto que juro que minhas bolas estavam ficando roxas. Mas eu não quero arriscar machucá-la enquanto ela está se recuperando.

Ela cuidadosamente remove a camiseta que ela roubou de mim

junto com seu pequeno shorts de dormir. Eu amarro meus dedos em cima da minha cabeça e solto um gemido, observando enquanto ela liga o chuveiro, ajustando a temperatura antes de pisar atrás da cortina do chuveiro.

Porra.

Ela é minha maldita criptonita.

Tirando minhas próprias roupas antes de entrar no banheiro, agarro a cortina do chuveiro e a puxo de volta para ver a água escorrendo pela curva de sua coluna. Eu passo atrás dela, e seu suspiro ecoa dentro das paredes do chuveiro quando eu deslizo minhas mãos para cima de seus lados para segurar seus seios.

— Senti sua falta — diz tão baixo que o som da água quase abafa.

Cuidado para não roçar seu ombro ferido onde Doc aplicou cola na pele há alguns dias, eu pego seu cabelo molhado de lado antes de pressionar minha boca para o lado de sua garganta. Eu planto beijos suaves ao longo da curva de seu pescoço e ela arqueia, pressionando meu toque.

Brinco com seus mamilos, o desejo correndo furioso em minhas veias pela maneira como se apertam sob meus polegares.

Maldição, ela é perfeita.

Ajusto as pontas novamente antes que ela guie minha mão sobre seu estômago e para baixo.

Quando eu arrasto um dedo grosso através de suas dobras, ela respira.

— Eu preciso de você, Hunter — antes de deixar a cabeça cair contra o meu ombro suas palavras enviam uma onda de excitação estremecendo através de mim, e meu pau se contorce, implorando para deslizar dentro dela.

— Preciso ser gentil. — O chuveiro pulsa água sobre nós enquanto eu circundo seu clitóris.

— Foda-se a gentileza — ela protesta, pressionando sua bunda firmemente contra minha ereção furiosa. — Preciso de você.

— Droga.

Estendo a mão entre nós, guiando minha cabeça larga entre suas dobras, e cutuco suavemente. Kate apoia as mãos contra a parede do chuveiro, ampliando a postura, e cada um de nós solto um assobio no instante em que afundo a ponta para dentro.

Eu fecho os olhos e cerro os dentes.

— Você é tão gostosa. — Eu me aprofundo. — Porra, sim.

Com meu aperto em seus quadris ancorando-a no lugar, eu pressiono lentamente, centímetro por centímetro, mais fundo, mais profundo, mais profundo, até... *porra.*

Seus músculos internos se contraem ao meu redor, e eu cerro

minha mandíbula para conter o desejo de fodê-la imprudentemente. Não é disso que ela precisa.

Abro meus olhos, meu olhar viajando ao longo de sua espinha, observando as cicatrizes ao longo do topo de seu ombro e na lateral do seu corpo. A maneira como as gotas de água espirram contra a tatuagem enrolando do pescoço ao ombro. A maneira como ela vira a cabeça para olhar para mim com os olhos brilhando de luxúria e carinho.

É um olhar que eu gostaria de poder ver para o resto da minha vida.

Quando me retiro lentamente, ela geme e vejo meu pau afundar de volta para dentro. Eu vou devagar, mesmo que ela me inste, dizendo que quer mais e mais rápido. Eu quero desenhar isso. Preciso saboreá-lo.

Quero saboreá-la.

Com cada impulso, dirigindo meu pau para dentro e para fora dela, tento mostrar a ela com meu corpo o que não posso dizer com palavras.

Ela é como Katniss, uma guerreira feroz que não percebe quanto poder ela tem.

Encaixando minha boca ao lado de seu pescoço, sobre sua tinta colorida, eu roço meus dentes ao longo de sua pele e gemo quando seus músculos internos se contraem ao meu redor em resposta.

Traço meus lábios até o lóbulo da orelha dela.

— Nunca mais me assuste assim de novo. — Meu comando rouco é pontuado com outro impulso, e ela suspira. Com uma mão no peito, brinco com o mamilo dela, amando a onda de umidade que reveste meu pau.

— Então não me deixe fora dos planos — ela consegue dizer sem fôlego.

Sua boceta parece tão boa, seu calor cercando meu comprimento duro.

— Eu tinha que manter as coisas sob controle.

— Não, a menos que você esperasse que minha concussão — ela interrompe com um suspiro quando eu rolo meus quadris — acontecesse.

Mulher teimosa. Eu belisco seu pescoço e dou um impulso superficial, deleitando-me em seu gemido. Sua boceta se aperta ao meu redor, mas eu sei que ela precisa de mais. Meus dedos encontram o clitóris dela, e eu a atormento pra caralho, meus impulsos se tornando erráticos enquanto ela se aperta ao meu redor antes de se despedaçar.

— *Hunter*.

Empurro fundo, enterrando meu pau dentro dela. Sua boceta

tem espasmos ao meu redor, meus quadris sacudindo enquanto eu derramava dentro dela. Minha visão fica embaçada quando seus músculos internos ordenham cada gota de mim, meu coração trovejando tão forte no meu peito, praticamente ameaçando se libertar.

A água cai sobre nós, e eu pressiono meus lábios contra a tatuagem dela, murmurando as palavras que não consigo dizer.

Eu amo você.

São dez da noite, e nós dois precisamos descansar. Enquanto me deito de costas, Kate automaticamente se enrola ao meu lado na cama, com a cabeça no meu ombro e a palma da mão sobre o centro do meu peito.

Com meu braço frouxamente ao redor dela, tenho cuidado com o ombro em recuperação. Fecho os olhos sabendo que tenho um dia cheio amanhã. Marquei uma reunião para Warren e dois caras que Doc Hogue havia sugerido do escritório da polícia federal.

Claro, eu tinha certeza de examinar os homens primeiro, e foi um alívio quando tudo mostrou que eles não estavam sujos e envolvidos até o pescoço na Máfia Dixie. Vou deixar cair o laptop que confisquei de Hayden com Warren por segurança.

— Depois de tudo... — Kate começa suavemente, sua respiração quente lavando minha pele. Ela limpa a garganta. — Então para onde você vai?

Olhando para o teto escuro, luto para saber como responder. Internamente, uma batalha de cabo de guerra ocorre, mas a lógica vence no final, mesmo quando o braço que eu envolvi ao redor dela se aperta instintivamente.

— Voltar ao trabalho como de costume.

Seu corpo fica tenso um pouco abaixo do meu braço.

— Você nunca pensou em talvez... se aposentar?

Minha boca se achata antes de forçar uma resposta em um tom uniforme.

— Você mata o mal suficiente neste mundo, eventualmente você se torna o mesmo mal que você está eliminando. — Minha voz cai mais baixo, e sangra arrependimento. — Não há saída para mim.

— Nem mesmo se... — Eu sei o que ela não está dizendo, mas eu não a estimulo a terminar. Kate se aconchega mais perto, e eu fecho os olhos, prometendo memorizar isso.

Porra, vou memorizar cada maldito momento com ela, marcando no meu cérebro para que eu tenha algo para me confortar nos próximos anos.

Para me lembrar que eu tinha um pedacinho do céu no meio do

inferno.

Eu forço as palavras através de uma garganta seca.

— Descanse um pouco — Planto um beijo leve no topo de sua cabeça, sussurro. — Boa noite, Katniss.

É só quando o sono começa a me puxar para baixo que ouço o mais fraco sussurro.

— Eu te amo, Hunter.

E com ela em meus braços e aquelas três palavrinhas entre nós, tenho uma das melhores noites de sono de todos os tempos.

CAPÍTULO 59

Kate

VÉSPERA DE NATAL

— O que você está fazendo?

Paro de arrumar minha bolsa e me viro para encará-lo. Tendo finalmente retornado depois de fornecer o laptop a Warren e fazer qualquer tarefa de vigilância que ele havia planejado, Hunter fica na porta do quarto com uma mão apoiada em cada lado da abertura.

Suas sobrancelhas franzem, os lábios apertados de preocupação, e minha respiração se suspende dolorosamente no centro do meu peito ao ver aquele queixo esculpido, o mesmo que beijei dezenas de vezes.

O rosto do homem que estou deixando.

Expirando uma respiração trêmula, molho meu lábio inferior nervosamente.

— Estou arrumando minhas coisas para ir embora.

— Mas sua concussão...

— Estou bem — interrompo, antes de continuar — Doc me falou. E eu estarei viajando principalmente durante a noite, então eu não tenho que me preocupar com a luz forte me incomodando. — Acrescento — Coloquei as chaves na mesa da sala de jantar. O aluguel está pago pelos próximos meses, se você precisar do lugar.

Seus olhos fixam-se nos meus como se estivessem procurando respostas para o que eu não estou dizendo. Isso me faz decidir expressá-lo. Se eu aprendi alguma coisa com tudo isso, é que a vida é muito curta para ter arrependimentos. Para não dizer o que você quer dizer. Para não compartilhar como você realmente se sente sobre alguém.

— Eu nunca te contei sobre uma placa que vi há um tempo. — Forço um tom de conversa, virando as costas para ele enquanto dobro mais algumas coisas e as empilho ordenadamente, preparando-as para serem embaladas. — Ela dizia: ‘Viva uma grande história. A vida é muito curta para desistir antes do fim.’ É isso que eu quero.

Lentamente, viro para encará-lo, implorando interiormente que ele responda ou ofereça pelo menos um pouco de reação.

Em vez disso, não recebo nada.

Eu respiro fundo antes de seguir em frente.

— Eu quero uma grande história, e a única maneira de fazer isso é começar de novo. — Levantando meus olhos para os dele, continuo — Eu pensei que você poderia querer...

— Você pensou o quê? Que eu iria apenas me juntar a você? — Voz afiada como aço, suas palavras possuem uma mistura devastadora de finalidade e dor, desintegrando qualquer esperança que eu possa

ter deixado. — Eu não sou esse homem. E nunca serei.

O silêncio paira entre nós, e eu não deveria implorar, eu sei que não deveria, mas não posso evitar as palavras que passam pelos meus lábios em um leve sussurro.

— Mas você poderia ser.

Sua expressão se fecha naquele instante, e é toda a resposta que eu preciso.

— Você tem mais medo de estar comigo do que continuar vivendo assim? — Minha voz sobe em volume. — Isso não é viver! Você não percebe? Você está nas sombras, e eu só... — Eu perco o ímpeto, a força da minha voz diminuindo gradualmente, a emoção fazendo minha garganta inchar. — Eu só queria que você andasse comigo no sol.

Quando ele permanece em silêncio, abaixo meu queixo, odiando ter me aberto para ele. Talvez eu deva ficar sozinha... é minha penitência por tudo isso. Mesmo sabendo que fiz algo de bom, ainda tirei vidas.

— Eu não sou esse cara, Kate. Eu não sou quem eu era antes. Você merece esse cara. Aquele que trabalhou duro para alcançar seus objetivos e sonhos. Aquele que achava que estava fazendo a diferença. — Suas feições se tornam torturadas, a voz ficando grossa de emoção. — Aquele cara merecia você. Mas não sou assim. Eu tenho muito sangue nas minhas mãos.— As feições de Hunter se transformam em granito. Eu mato para viver. Não há cercas e bebês no meu futuro.— Um lampejo de remorso percorre seu rosto, mas em um piscar de olhos, a expressão dura se instala no lugar. Em outra vida, eu poderia me juntar a você. Naquela praia na Costa Rica... — Ele vacila, mas então seus lábios pressionam em uma linha plana enquanto ele engole com força. — É tarde demais para mim, mas você tem a chance de começar de novo. Ser quem você quiser. Ter exatamente o tipo de vida que você quer.

A resignação brilha nas profundezas de seu olhar.

— Qualquer um ligado a mim está em risco, e eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com você. — Ele dá um passo para trás, e até mesmo esse pequeno ato envia ondas sufocantes de pavor sobre mim. — Você precisa começar de novo longe daqui.

À sua maneira, Hunter me mostrou quem ele era e quem ele é agora, pensando o tempo todo que isso mudaria minha mente. Que eu determinaria que ele é exatamente quem ele acredita que é: um monstro que prospera na escuridão. Um alimentado pelo mal, que extingue toda a luz e tudo de bom no mundo.

E talvez ele tenha conseguido de certa forma porque eu o vejo, mas não da maneira que ele pensa.

Eu vejo o homem que se importa o suficiente comigo para

tornar meu plano de vingança possível da única maneira que ele sabia.

Vejo o homem que se preocupou tanto com a minha segurança que ele enviou seu cachorro junto comigo quando eu corri.

Eu vejo o homem que me segurou através de pesadelos sem um pingo de hesitação.

Ele é o homem que me tocou com todo o seu coração, mesmo que não acredite que ainda tenha um.

Deixá-lo vai doer, sem dúvida, mas agora sei que sou feita de coisas mais fortes. Sou filha do meu pai e uma guerreira como Katniss. Corajosa em face da adversidade esmagadora.

Vou sobreviver porque há algo mais para mim lá fora. Não sei exatamente o que é isso, mas fiz uma promessa ao papai e à Willow, e com certeza planejo cumpri-la.

Isso não significa que eu não vou lamentar a perda do homem que me mostrou o tipo de amor que eu nunca soube que precisava. Do tipo que eu nunca soube que existia. Do tipo que sei lá no fundo, até a medula dos meus ossos, que nunca mais vou encontrar.

Permito que meus olhos percorram seu rosto, memorizando cada curva e linha dura enquanto meu coração se contorce. *Deus*, este é um tipo de agonia que parece que está me esvaziando, deixando-me com nada além de um deserto estéril no lugar do meu coração e alma.

— Então acho que isso é um adeus. — Eu luto comigo mesma, usando cada grama de esforço para conter minhas lágrimas. — Eu acho que é apenas um daqueles milagres sobre a vida e o amor. A maneira como um coração pode curar quando você não pode imaginar que é possível. — Minha voz falha. — Você fez meu coração voltar à vida. Por isso, eu agradeço.

Sua mandíbula se contrai em uma luta visível antes de forçar palavras estranhamente gentis.

— Você me deu o sol em toda a minha escuridão. Mas se você ficar, ele vai ultrapassar você também. É melhor deixar pra lá.

— Faça-me um favor? — Minha voz está entrecortada pela emoção, e eu sei que ele a detecta. Ele é muito perspicaz para não fazer isso.

Seu tom é abafado, hesitante.

— E o que é?

— Mantenha esse sorriso. É só um pouquinho torto. — Minha garganta ameaça fechar, e eu abaixo meu queixo, olhando para o chão. Minhas próximas palavras mal passam. — Mas é perfeito.

Ele não me responde. Em vez disso, ele enrosca os dedos nos cabelos da minha nuca e gentilmente cutuca meu rosto para olhar para ele. Assim que o faço, meu coração balança dolorosamente no meu peito porque sua expressão é como nenhuma que eu já testemunhei. É bem diferente em relação ao que conheci, mas me

aquece até o meu núcleo. Parece muito com... *amor*.

Todos os pensamentos cessam quando sua boca captura a minha em um beijo devorador que incendeia meu corpo. Mas assim que começa, ele se afasta, dando um passo para trás.

— Adeus, Kate. — Hunter se vira e sai da sala.

Kujo senta-se do lado de fora da porta e eu saio do quarto, incapaz de arrancar os olhos da visão agonizante das longas pernas de Hunter comendo o chão antes de parar na porta da frente para esperar por seu cachorro. Quando Kujo não o segue imediatamente, sem se virar, a voz de comando de Hunter acena para o cão.

— *Kujo*.

Eu me abaixo para abraçar o doce cachorro.

— Vou sentir sua falta — sussurro entrecortada, lágrimas escorrendo pelo meu rosto e caindo em seu pêlo preto e macio. — Cuide bem dele por mim, okay?

Kujo solta um pequeno gemido, cutucando meu queixo com o nariz antes de trotar para Hunter.

Eu me endireito, meus olhos acompanhando Hunter enquanto ele atravessa a porta na noite escura e a fecha silenciosamente atrás dele.

Meu coração maltratado implora desesperadamente para que ele mude de ideia e volte.

Mas ele nunca o faz, e meu coração se fratura no meu peito enquanto eu olho para a porta fechada.

Pressionando o punho contra a boca, fecho os olhos contra a dor debilitante que irradiava através de mim. Mas eu luto contra isso, porque sei que não é o fim. Não é a conclusão do meu livro. Ainda tenho uma vida para viver.

Eu sou a porra da Katniss, assim como ele disse, e esta próxima metade do meu romance, da minha vida, está apenas começando.

CAPÍTULO 60

Hunter

VÉSPERA DE NATAL

Eu estava certo o tempo todo. Ela é uma maldita princesa guerreira. Não só ela estava matando desculpas imundas para os seres humanos, mas ela matou meu maldito coração junto com eles.

Todo esse tempo, pensei que não tinha mais coração e alma.

Eu tinha entendido tudo errado. Eles estiveram aqui comigo, escondidos nas profundezas, quase sem vida, com a pulsação mais escassa.

E eles foram capturados pela mulher que deixei naquela casa.

A mulher de quem me afastei porque só trago a morte onde quer que vá. Ela merece o conto de fadas, mas eu não sou o homem que pode entregá-lo.

Kujo e eu ficamos a dois quarteirões de distância antes de parar repentinamente. Ele olha para mim, suas orelhas se animando como se estivesse se perguntando o que diabos eu estou fazendo.

Sim... foda-se como se eu soubesse. Mas algo me faz virar, correr pela grama, meus sapatos mal fazendo barulho, e sou grato pela cobertura da escuridão.

Aproximo-me cuidadosamente de um local onde posso vislumbrar sua casa. No momento em que ela sai silenciosamente, puxando a porta para trás, cerro os dentes com tanta força que meus molares começam a doer enquanto pura angústia queima através do meu peito. Cada molécula do meu corpo chama a dela, a dor física de estar longe dela é quase debilitante.

Ela passa a mão em uma bochecha antes de endireitar os ombros. Agarrando a alça de uma mala e uma bolsa grande que notei que ela havia escondido na parte de trás de seu armário, ela sai na direção oposta.

Observando como ela desaparece silenciosamente na noite, eu me permito sussurrar a verdade, deixando as palavras se afastarem no ar frio da noite.

— Eu te amo.

CAPÍTULO 61

Kate

Saio furtivamente da clínica depois de deixar o bilhete na mesa do Doc.

Prezado Doc,

Não existem palavras que possam expressar minha gratidão por tudo o que você fez por mim. Você poderia ter escolhido olhar para o outro lado e não me ajudar, mas você correu um grande risco de qualquer maneira.

E eu sei que é covarde como o inferno, mas eu não suporto dizer adeus cara a cara.

Olhe Javoris por mim, por favor.

Ele é um bom garoto, e ele poderia usar um modelo como você.

Você me ensinou tanto. Como por exemplo, como alguém pode cuidar do filho de outra pessoa sem esperar nada em troca.

Quando finalmente decidir se aposentar, venha me ver. Terei uma grande prancha esperando por você.

BJ

Quando me aventuro em direção ao prédio e o vejo sentado em seu lugar habitual na varanda da frente, fiquei parcialmente surpresa.

— Feliz véspera de Natal.

Javoris quase morre de susto.

— Você sempre me assusta pra caramba!

— Sinto muito. — Faço uma pausa por um momento. — É Véspera de Natal. Você não sabe que deveria estar na cama ou Papai Noel não vai visitá-lo?

Ele bufa.

— Papai Noel não é real.

Dou de ombros.

— Bem, então, lá se vai a minha história.

Ele olha para mim.

— Que história?

— Aquela em que eu digo que o Papai Noel me pediu para lhe trazer isso.

Pego o que coloquei atrás dos arbustos e cuidadosamente coloco a bolsa e a caixa na frente dele. Ele olha para a caixa por um minuto, sua mandíbula lentamente se abrindo.

— *OhMeuDeus*. Isso é...?

— Sim — eu digo suavemente. — Mas lembre-se de fazer com que Doc lhe mostre como funciona, está bem?

Ele acena com a cabeça tão rápido que temo que ele tenha deslocado.

— Eu tenho praticado com ele em seu arco quando ele tem tempo.

Javoris olha para a caixa com tanta admiração que meu coração balança.

É uma sensação de admiração estranhamente semelhante que Willow teve quando lhe demos esse arco. Então ele espreita para dentro da bolsa e olha por um momento antes de levantar os olhos para se abrir para mim.

— Você nos deu jaquetas? E sapatos para minha mãe? — Ele volta seu olhar surpreso para o conteúdo da bolsa novamente. Com uma fungada, ele desliza bruscamente para o rosto, voz grossa de emoção quando pergunta — E uma mochila nova para mim?

De repente, desconfortável, eu me afasto.

— Bem, tomem cuidado.

— Espera!

Ele salta de onde está sentado e corre para mim, os braços se estendem e me abraça com força. Sua voz está abafada contra minha jaqueta.

— Obrigado, Ceifadora.

Acaricio suas costas.

— De nada.

Afastando-me, levanto o queixo, gesticulando para a porta de sua casa.

— É melhor entrar e descansar um pouco se você quiser estar na melhor forma para praticar com ele amanhã.

Ele assente lentamente, me olhando especulativamente.

— Está indo embora?

A palavra parece que gruda na minha garganta.

— Sim.

Sua expressão fica preocupada.

— Voltarei a ver você?

Engolindo o nó de emoção na garganta, balanço a cabeça.

— Não. — Com sua expressão ferida, eu corro para acrescentar — Mas Doc vai checar você para mim enquanto eu estiver fora.

Ele simplesmente observa enquanto eu me afasto e me viro para sair. Eu dou um passo quando algo me obriga a parar.

— Ei, Javoris? Me prometa uma coisa.

— O quê?

— Prometa que você sempre estará atento ao seu redor.

Há uma pausa, e eu sei que ele não entende, mas eu tenho esperança em Deus que isso permaneça com ele, que eu esteja deixando-o com algo útil.

— Eu prometo.

— Verifique os bolsos dessas jaquetas.— Enchê-los com algum dinheiro extra era o mínimo que eu podia fazer. Eu me afasto na calçada cheia de buracos e grito suavemente por cima do ombro. — Feliz Natal, Javoris.

Sua voz grita atrás de mim em um tom silencioso atado com tristeza que perfura meu coração.

— Feliz Natal, Ceifadora.

CAPÍTULO 62

Kat

PRAIA COCLES, COSTA RICA

Dezessete Meses Depois

Comecei minha própria pequena estufa ao longo do lado da minha propriedade para ervas e algumas frutas e legumes. Estou agradavelmente surpresa por ter um punhado de pés de maracujá, florescendo também.

Os surfistas que viajam em grupos muitas vezes alugam meu outro prédio que está separado dos meus aposentos por uma pequena passarela coberta. Claro, eu examino todos que desejam ficar no local. Há algumas coisas das quais você não pode fugir.

Não sou nada além de extremamente cuidadoso. Mesmo agora, com minha nova identidade.

Esta casa pode ser um pouco grande para uma pessoa, mas a vista do oceano e as ondas pacíficas todas as noites são o que a tornam perfeita para mim. Eu estaria mentindo se dissesse que não me sentei do lado de fora algumas noites, contente como a noite escura me esconde, enquanto meus pensamentos se desviam para ele.

Os envelopes começaram a chegar pelo correio três meses depois que me instalei aqui. Um envelope branco simples sem endereço de retorno contendo um recorte de jornal fechado. Cada um detalhava outro revés para a Máfia Dixie. Não foi difícil determinar de quem eles eram.

Afinal, ele era chamado de Caçador por uma razão.

Uma manchete, em particular, se destacou.

Charleston, SC, operações da Máfia Dixie e o FBI estão sob investigação

Membros da notória organização criminosa enfrentam várias acusações ao lado da exposição simultânea de corrupção local e federal

Seguro aquele recorte no peito quando o alívio surge em mim de que Hunter finalmente estava recebendo justiça por onde tudo havia terminado e começado para ele.

Quando dois outros recortes foram entregues com as manchetes **Coletiva de imprensa Créditos Fonte anônima, essencial para revelar o círculo de corrupção da Máfia Dixie** e o detetive Samuel Warren promovido a chefe de polícia, meu coração e minha alma se alegraram.

Eu me senti mais leve sabendo que a justiça estava prevalecendo desta vez.

E que talvez eu tenha ajudado um pouco dando um chute

rápido na bunda das coisas.

Quando os detalhes foram vazados para a mídia nacional de certos policiais locais e federais corruptos, isso criou uma cacofonia de protestos não apenas de funcionários públicos, mas também de cidadãos comuns exigindo que fossem tomadas medidas.

O desmantelamento de uma organização criminosa do tamanho e alcance da Máfia Dixie não vai acontecer da noite para o dia ou mesmo dentro de alguns meses, mas parece que quando um homem está determinado a fazer uma mudança, ele certamente faz merda. Duvido que eles sejam extintos completamente porque não há como erradicar todo o mal deste mundo. Ela continuará a existir; algo tão antigo quanto o tempo. Mas pelo menos um holofote foi direcionado sobre a corrupção, assassinatos e atividades ilegais como nunca antes.

Enquanto eu dobro as toalhas recém-lavadas para me preparar para o meu próximo grupo de surfistas que deve chegar tarde amanhã, não posso deixar de me perguntar se ele está bem. Depois de receber esses envelopes, um vislumbre de esperança surgiu dentro de mim de que talvez houvesse uma chance de Hunter voltar para mim... algum dia.

O aperto repentino na minha garganta e a maneira excruciante como meu coração aperta com a ideia me fazem balançar a cabeça ironicamente para mim mesma.

Quando os envelopes pararam de chegar, me fez pensar se ele estava me dizendo para fazer exatamente o que ele me disse: seguir em frente.

Eu tenho feito exatamente isso. Eu comecei uma nova vida para mim mesma, e é uma que eu estou orgulhosa... mesmo que eu esteja atormentada com uma dor profunda por um homem que eu nunca poderei ter na minha vida. Mesmo que eu seja assombrada por seu sorriso torto e pela maneira como ele me abraçava à noite.

Mas no fundo, há outra parte de mim que questiona se as cartas de Hunter pararam porque... ele está morto.

Minhas mãos tremem ao dobrar a toalha, minha respiração se aloja dolorosamente no meu peito com o pensamento.

Tive tempo de sobra para contemplar tudo e perceber que, embora conhecesse Deacon há anos, nunca o conhecera de verdade. Ele nunca me fez sentir como Hunter fez. Nunca senti como se meu coração chamasse Deacon. Como se nossas almas reconhecessem a contraparte uma da outra.

Quando mamãe morreu e estive com o papai, Deacon tinha sido o único a me confortar e se manteve firme quando ser forte para o papai me empurrou para além do limite.

Quando meu coração sucumbiu a fraturas e fissuras, Deacon as encheu. Acho que talvez eu tenha me apaixonado pela segurança que

Deacon ofereceu. Que eu tinha confundido com o tipo de amor que uma pessoa não pode viver sem.

Enquanto Deacon preencheu aquelas fraturas e fissuras, Hunter não preencheu. Em vez disso, ele reforçou a base do meu coração com algo mais forte e mais fortificado. Selado com força, sem nenhuma maneira de ser violado ou rachado. Então ele deu algo que precisava desesperadamente para curar essas fraturas e fissuras por conta própria.

Um amor diferente de qualquer outro.

Um sorriso melancólico puxa meus lábios enquanto termino de dobrar as toalhas, e fecho os olhos, esperando internamente que, onde quer que Hunter esteja, ele saiba que meu amor está com ele.

O som de alguém se aproximando de chinelos tem meus olhos se abrindo, a marcha fácil e casual do indivíduo tem a marca registrada de um surfista. Aqueles que vagueiam de um local para outro ao longo desta costa, perseguindo as ondas, ouvem sobre o meu lugar de moradores e muitas vezes me pedem acomodações de última hora.

Infelizmente para este indivíduo, estou com reservas sólidas para o resto do ano, uma vez que não só é a nossa localização privilegiada para as ondas, mas minhas comodidades estão entre as melhores ao redor.

— Peço desculpas, mas não terei nenhuma vaga até... — Eu me viro para encarar o indivíduo, e meu aperto na toalha imediatamente deixa os nós dos dedos brancos. Toda a respiração é roubada de mim, meu coração batendo erratically contra minha caixa torácica enquanto o homem para a poucos metros de distância. Recuperar uma aparência de compostura me leva muito mais tempo do que eu gostaria de admitir.

Bronzeado, corpo magro. A barba clara espalhada ao longo de sua mandíbula e quase cabelos loiros-brancos em sua cabeça cortados nas laterais com um pouco mais de comprimento no topo. Com uma camiseta Billabong envolvendo seu peito largo, shorts sentados nos quadris e chinelos bem gastos nos pés, ele incorpora totalmente a aparência de um surfista. Nenhuma lente de contato colorida atrapalha a visão daqueles olhos azuis penetrantes. Seu nariz e lábios são ligeiramente diferentes; a ponte agora é estreita e cinzelada, enquanto seus lábios parecem mais afilados.

— Oi. — Sua voz rouca me alcança como um amigo há muito perdido, e minhas entranhas se apertam com uma mistura perigosa de esperança e anseio. — É, uhm... — Ele desliza as mãos nos bolsos de seus shorts em uma estranha demonstração de nervosismo. O sorriso levemente torto quase me dobrou os joelhos. — Eu me perguntei se você precisava de alguma ajuda por aqui. Eu sou novo na área e estou

procurando trabalho.

— Não pretendo contratar alguém que esteja planejando sair depois de um ou dois contracheques. — Minha voz fica mais forte enquanto endireito meus ombros. — Eu preciso de alguém confiável. Para longo prazo. — Eu examino suas feições, tentando ler sobre ele.

Ele se aproxima.

— Definitivamente seria eu.

— Você tem referências?

— Isso pode representar um problema desde que eu, uh... — Ele coça a mandíbula com uma careta. — Eu me certifiquei de que não houvesse vestígios de nada que pudesse servir de referência.

— Como posso acreditar em você? — Digo em um sussurro baixo. — Que você não vai simplesmente desaparecer sem uma palavra?

Suas feições se aproximam quando ele dá mais um passo.

— Porque eu fiz isso. Deixei tudo para trás para a única pessoa que me fez perceber que era possível, que começar uma nova vida era possível. Que eu pudesse ter uma com ela.

Seu olhar é incerto, e eu nunca testemunhei esse homem ser nada menos do que confiante.

— Eu estraguei tudo e deixei ela ir embora. Mas agora estou aqui. Para ficar o tempo que ela me quiser. A não ser... — Sua boca estampa em uma linha fina antes de terminar com um som quase inaudível — A menos que algum surfista já a tenha levado.

— Não. — Lágrimas enchem meus olhos. — Acontece que eu meio que tenho uma queda por homens perigosos.

— Homens perigosos? — Seus olhos examinam minhas feições. — Ou um em particular?

Minha voz falha.

— Só você — eu sussurro. Arrastando uma respiração fortificante, continuo. — Mas eu quero para sempre.

— Então para sempre é o que você vai ter.

Largando a toalha, fecho a distância entre nós, jogando meus braços em volta do pescoço dele e encaixando minha boca na dele. Nosso beijo é implacável em seu calor, cheio de paixão e promessas.

Ele me levanta, me abraçando com força, e eu envolvo minhas pernas em torno de sua cintura. Sua boca trabalha febrilmente sobre a minha, como se ele estivesse tão desesperado e faminto pelo meu toque quanto eu estive por ele.

Quando finalmente nos separamos, ambos sem fôlego, seus olhos encontram os meus.

— Eu amo você.

— Hunter — sussurro entrecortada, raspando meus lábios nos dele. — Eu te amo tanto.

— John.

Meus olhos se voltam para os dele, e as bordas de sua boca se voltam ligeiramente para a minha confusão.

— Meu nome é John Wilson

Com um sorriso suave, murmuro.

— Prazer em conhecê-lo, John. Eu sou Kathryn, mas você pode me chamar de Kat.

Ao ouvir a menção do meu apelido, a luz em seus olhos é tudo.

E eu sei que ele se lembra de me comparar com Katniss de Jogos Vorazes.

— Só há mais uma coisa. — Ele estremece, mas há uma pitada de malícia por trás disso.

— O quê?

— Eu sou uma espécie de pacote nos dias de hoje.

Que estranho.

Um pacote?

Ele vira a cabeça e assobia. Um momento depois, Kujo se aproxima de nós.

Hunter – John – me coloca de pé, e eu me abaixo, estendendo meus braços para Kujo, que não decepiona em sua saudação.

Ele me sufoca com beijos de cachorrinho, soltando grunhidos felizes. Eu o acaricio e digo o quanto senti falta dele, e quando me levanto lentamente, ele sai para inspecionar seu novo ambiente.

Os olhos de John colidem com os meus, e sua voz está cheia de emoção.

— Pronta para começar para sempre?

Pode levar tempo para me acostumar com seu novo nome, mas uma coisa é certa: ele é o homem que eu amo, e eu não me importo com o nome dele, desde que eu possa passar o resto dos meus dias com ele.

Meus olhos ardem com lágrimas não derramadas de alívio e felicidade.

— Pode apostar que sim.

Eu pressiono minha boca na dele, e ele assume o controle do beijo, enfiando os dedos no meu cabelo. Este beijo é mais do que uma reunião emocional. É cheio de promessas. Com esperança.

São nossas almas se unindo enquanto silenciosamente juramos forjar um novo futuro.

Eu acredito que ele voltar para mim é a prova de que duas pessoas perdidas e feridas podem encontrar a redenção e começar de novo, afinal. E sei que viveremos uma grande história porque ambos aprendemos uma lição crucial.

A vida é muito curta para desistir antes do fim.

CAPÍTULO 63

John

PRAIA COCLES, COSTA RICA

Um Ano Depois

Sentado na areia quente e observando o céu mudar de cor enquanto o sol se afunda mais baixo ao longo do horizonte, não posso deixar de apreciar a paz sempre presente que me rodeia. Do tipo que se infiltra, profundamente, na vida que tenho com a mulher em meus braços. A mulher que sorri para mim com tanto amor gravado em seus traços que tem meu coração batendo mais forte.

Faz um ano desde que deixei tudo para ela. Uma vez que ela se foi, não demorou muito para eu perceber o quão vazia eu era por dentro sem ela.

Inferno, até mesmo Kujo andava deprimido.

Depois que fiz minha parte para garantir que aqueles ligados à Máfia Dixie, incluindo meus ex-colegas de trabalho no FBI, quando recebi a devida punição, decidi erradicar todos os vestígios da minha existência. Para garantir que nada pudesse conectar *O Caçador* com minha nova identidade, fiz uma pequena cirurgia estética. De forma alguma eu poderia me dar ao luxo de ser descuidado, porque isso significava colocar a mulher que eu amo em perigo.

Eu sabia que era um risco procurá-la depois de mais de um ano e meio, mas tive que fazer. Eu era uma casca de um homem, esperando que a mulher que possuía meu coração me perdoasse por deixá-la ir, esperando egoisticamente que ela não tivesse encontrado outra pessoa. Esperando que ela entendesse que havia coisas que eu tinha que fazer para garantir que pudéssemos criar uma vida juntos, longe do mal cruel em que eu estava entrincheirado por tanto tempo.

Kat é a única razão pela qual lutei para sair da escuridão. A lembrança de seu rosto, de seu toque e de seu beijo serviram de motivação para deixar para trás as sombras e me juntar a ela no calor do sol.

Com as costas contra o meu peito, ela solta um suspiro contente, e alguns fios perdidos de seu cabelo marrom-dourado são despenteados pela leve brisa. Eu os aliso suavemente quando seus olhos se arregalam, e ela suspira com um pequeno sorriso.

Ela se vira de onde está sentada entre minhas pernas no grande cobertor da praia e me encara antes de agarrar minha palma para espalhá-la pelo lado de seu estômago redondo. No instante em que nossos olhos se encontram, quando sinto o forte baque sob minha mão, meu sorriso reflete o dela.

— Ele é animado. Igual ao pai. — Seus olhos castanhos brilham

de felicidade e carinho, e eu me esforço todos os dias para manter essas emoções lá. Mas nunca poderia ter imaginado receber um presente como este.

Um filho. Um que eu sei que será tão forte e amoroso e tão incrível quanto sua mãe.

Com cuidado, levanto a bainha de sua camisa, mostrando seu estômago e suavizo uma mão sobre ela com admiração. Abaixando a cabeça, dou um beijo suave em sua pele antes de me endireitar para encontrá-la me observando com olhos ligeiramente brilhantes. Então ela sussurra as palavras que acalmam minha alma toda vez que ela as diz.

— Eu amo você.

Salpicando um beijo em seus lábios, eu sussurro de volta:

— Eu te amo. Sempre – antes de orientá-la a se inclinar contra mim novamente.

Segurando-a com força, tenho todo o meu mundo em meus braços. E eu envio um agradecimento silencioso a tudo o que levou nossos caminhos a se cruzarem.

Ela é minha luz. Meu amor. A única que poderia fazer os anos que passei no inferno valerem a pena.

Porque no final, eu a peguei.

Minha Katniss.

Doze anos depois

Cara Ceifadora,

Esta é a última carta que vou enviar, já que Doc decidiu ir para o sul para se aposentar. Não sei como ele está recebendo minhas cartas para você, mas não importa. Ele só me diz que você está recebendo-as, e faz você ficar feliz em saber de mim. Ele disse que você não pode me contatar, e acho que entendi, mas ainda é uma droga.

De qualquer forma, eu queria que você soubesse o quão grato eu sou por você.

Onde quer que esteja, preciso que saiba disso. Você ajudou minha mãe e eu quando ninguém mais poderia ou faria. Você me fez acreditar no bem das pessoas, mesmo que elas parecessem intimidadoras como o inferno.

Bem, tenho ótimas notícias. Eu me formei na Academia Naval no fim de semana passado (aqui está uma foto minha de uniforme como prova fotográfica de que eu não estou totalmente enganando você) e eu realmente não acho que eu poderia ter feito isso sem você ou Doc. Espero que esteja orgulho do que consegui. Nunca esquecerei você, sua bondade e suas palavras.

Eu ainda me lembro de estar sempre atento ao meu redor, assim como você disse.

Obrigado por tudo. Estou falando sério. Espero que qualquer vida que você esteja vivendo seja uma que te trate bem.

Atenciosamente,

Javoris Gasden

CAPÍTULO 64

PRAIA COCLES, COSTA RICA
ANOS DEPOIS...

— Você já teve algum arrependimento?

Somos só nós dois pondo a mesa para o jantar. Eu aprecio esses momentos com ela desde que eu estive fora por mais tempo do que eu preferiria, mas é uma parte do meu trabalho. Quando não está comandando muito do meu tempo ou quando é uma ocasião especial, como hoje, já que é Natal, sempre faço questão de estar aqui. *Lar*.

Quando ela vira a cabeça para olhar para mim, seus olhos brilham de carinho.

— Nenhum. Porque me trouxe até aqui. E me trouxe tudo isso.

Ela gesticula para o nosso entorno, para a casa à beira-mar adornada com fotos emolduradas nas paredes. Ela ainda é tão bonita, seu sorriso radiante, mesmo agora que ela está em seus mais de sessenta anos.

— E isso me trouxe você.

Ela emoldura meu rosto com as mãos como sempre fez desde que me lembro. Então ela pressiona um beijo na minha bochecha, ao longo do lado direito, ela sempre diz que é o seu favorito por causa do meu sorriso ligeiramente torto. Uma parecido com o do meu pai.

— Como eu poderia me arrepender de alguma coisa? — sussurra, seus olhos cheios de emoção. — Isso significaria que eu me arrependo de conhecer seu pai e ter o filho mais incrível.

Minha garganta fica apertada porque essa mulher passou pelo inferno e voltou; da mesma forma, meu pai também passou. Isso me fez mais grato por cada dia que eu passo nesta terra e pelo tempo gasto com os dois.

Olho pela janela para onde papai se aventura em direção à casa ao lado de Doc, que o ajudou a colher o maracujá que mamãe pediu. O velho é teimoso e pode estar desacelerando agora que ele está em seus oitenta e poucos anos, mas ele está afiado como sempre e continua sendo uma das minhas pessoas favoritas. Ele me comprou meu primeiro arco e flecha, e eu tenho sido viciado em arco e flecha desde então.

Papai parece muito diferente de como mamãe o descreveu quando se conheceram anos atrás: mortalmente sombrio. Ambos têm linhas de riso e sorrisos fluidos, e eu nunca passei um dia questionando se eu estava seguro ou amado.

Embora possamos parecer uma família comum para todos os outros, não somos. Não confiamos facilmente. Sabemos que o mal está lá fora, constantemente à espreita. Entendemos como é crucial

permanecer vigilante e forte, não apenas no corpo, mas também na mente e no espírito. Sabemos como proteger a nós mesmos e aos outros por todos os meios necessários.

Acima de tudo, porém, reconhecemos a importância de não subestimarmos a nossa vida ou a das pessoas que amamos para concedido.

— Eu te amo, mamãe.

— Oh, Will — diz ela baixinho, os olhos enrugados nos cantos, o sorriso cheio de calor. — Eu também te amo, querido.

Continuando com sua tarefa, ela coloca os talheres em cada guardanapo.

— Agora, me conte mais sobre essa garota que você tem visto. Como vocês se conheceram?

— Bem — começo. — Nós nos conhecemos no campo de tiro com arco.

Os olhos de mamãe se aproximam dos meus e, embora tenham um leve brilho, sua expressão está cheia de alegria.

— Eu já gosto dela.

FIM

SOBRE O AUTOR

Gosta de longas caminhadas na praia, correr, ler, observar as pessoas e cantar karaokê. Se você está no clima para alguns mojitos caseiros assassinos, não consegue se lembrar da letra de uma música dos anos 80 em particular, ou apenas precisa ficar em torno de um não-conformista que fará quase qualquer coisa por uma risada, ela é sua garota. RC adora ouvir de seus leitores em rcboldtbooks@gmail.com.

Para as últimas atualizações sobre os próximos lançamentos de livros, você pode encontrá-los aqui:

Bookbub: <https://www.bookbub.com/authors/rc-boldt>

Facebook: <https://goo.gl/iy2YzG>

Website: <http://www.rcboldtbooks.com>

Twitter: <https://goo.gl/cOs4hK>

Instagram: <https://goo.gl/TdDrBb>

Facebook Readers Group: <https://www.facebook.com/groups/BBBReaders>



A Editora nasceu em 2019 e, em agosto de 2020 atravessou o país, literalmente indo do Sul ao Norte. Essa mudança trouxe não só uma nova administração, mas, com ela, nasceram novas ideias, novos objetivos sem perder sua essência que é proporcionar aos leitores o melhor da literatura nacional e, agora também, da literatura estrangeira. Uma

editora que aos poucos conquistou o Brasil, seus leitores e autores, que respeita seu público e que abre portas para novas oportunidades. Acreditamos que há um imenso mercado literário a ser explorado e vamos investir nisso: em diversidade, qualidade e representatividade. Cada lançamento será especial e único, pensando especialmente em você, leitor.

Contato:

sac@grupoeditorialreserver.com.br

Site: www.reservereditora.com.br

Instagram: @selo_lovestory

@selo_reservereditora

[1] Símbolo usado em alguns carros para identificar quando o carro está ficando sem combustível.